

Carla Patrícia Acioli Lins  
Carlos Eduardo Ferrazo  
Daniela Nery Bracchi  
Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida  
(Orgs.)

# Vidas em redes e escritas de si:

outros possíveis para pensar a pesquisa com os  
cotidianos da Educação - **Vol. 2**

**Vidas em redes e escritas de si:  
outros possíveis para pensar a pesquisa  
com os cotidianos da Educação**

**Volume 2**





**Carla Patrícia Acioli Lins  
Carlos Eduardo Ferrazo  
Daniela Nery Bracchi  
Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida  
(Organizadores)**

**Vidas em redes e escritas de si:  
outros possíveis para pensar a pesquisa  
com os cotidianos da Educação**

**Volume 2**



**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Carla Patrícia Acioli Lins; Carlos Eduardo Ferraço; Daniela Nery Bracchi; Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida [Orgs.]**

**Vidas em redes e escritas de si: outros possíveis para pensar a pesquisa com os cotidianos da Educação. Vol. 2.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 300p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-2169-4 [Impresso]  
978-65-265-2170-0 [Digital]**

1. Pesquisa. 2. Educação. 3. Cotidiano. 4. Redes. I. Título.

---

CDD – 370

**Capa:** Marcos Della Porta

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2025

## Sumário

<b>Carta-apresentação</b>	9
Rafael Ferreira de Souza Honorato	
<b>Apresentando o livro</b>	13
Carla Patrícia Acioli Lins Guaraná	
Carlos Eduardo Ferraço	
Daniela Nery Bracchi	
Lucinalva Andrade Ataide de Almeida	
<b>Construções e apontamentos sobre uma pesquisa...</b>	15
Allyne Paula do Nascimento Combé	
<b>O Que Pode um Corpo-Pesquisado-Pesquisador?</b>	25
<b>Infâncias, Diferenças e Escrevivências</b>	
Amós Santos	
<b>Ser eu foi a coisa mais difícil que eu fiz</b>	37
Antônio Edson dos santos Barros	
<b>Vidas sencientes e a experiência da subjetividade humana e animal</b>	47
Cássia Bruna Pereira Laurentino	
<b>Mesmo com Medo, Caminhemos</b>	51
Daiany de Oliveira Santos	
<b>Costurando memórias: por uma pesquisa atravessada pelo tempo</b>	61
Dalila Otilia Sales Santos de Araújo	

<b>A Voz Que Veio da Margem</b> Déborah Maria da Silva	75
<b>Atravessamentos de saber e luta em um cordel curricular</b> Douglas Ferreira da Silva	81
<b>A arte das <i>arpilleras</i> numa linguagem pedagógica da denúncia e resistência feminista: conversas com as experiências das mulheres atingidas por barragens do Ceará</b> Fábia Roseana Souza Oliveira da Silva	89
<b>Carta às infâncias e a quem se apaixona todos os dias pelo processo de brincar e aprender...</b> Francielly Falcão da Silva	107
<b>Voando alto: HBLYNDA em TRANSito</b> HBlynda Morais de Holanda	113
<b>Aprender a desaprender através do desenho: caminhos desobedientes para a pesquisa acadêmica</b> Heloísa Germany	125
<b>“João de Barro: o menino que nasceu na aldeia e voou com o vento dos sonhos”</b> Iglésio de Jesus Silva	135
<b>Cartografias de mim: movimentos rizomáticos de uma pesquisa que me afeta</b> Jessica Villiana da Silva	147
<b>Cartografias literárias: submarinos, deuses, vampiros, igrejas e leões. O afeto das leituras da vida</b> João Cláudio Rodrigues Florêncio	155

<b>Outros possíveis modos de escrita de si, de detalhes das pessoas que observam e sentem as encantarias da vida e da formação docente: as sutilezas das experiências</b>	<b>161</b>
Kélvia Kione de Lima	
<b>Memórias e narrativas sobre a inquietação a respeito do ser e seus territórios</b>	<b>171</b>
Luana da Costa Santos	
<b>Deslocamentos de si provocados pela arte da pesquisa</b>	<b>185</b>
Márcia Cristina Xavier dos Santos	
<b>Práticas pedagógicas como ato político na formação cidadã e no fomento de justiça social</b>	<b>197</b>
Maria Eugênia de Andrade Silva	
<b>A influência de influenciar criança à experienciar</b>	<b>213</b>
Maria Tayná Margarida da Silva	
<b>O encontro de Deleuze com a sensação</b>	<b>223</b>
Marília Almeida Oliveira	
<b>Escola em Poesia</b>	<b>237</b>
Samanta Gabriely Alves dos Santos	
<b>Caminhos em construção: um encontro com a educação integral</b>	<b>243</b>
Sarah Porto da Paixão Barbosa Pereira	
<b>Pelos fios da escrita, eu me refaço</b>	<b>257</b>
Victor Eduardo Calado Bezerra	

**Notas de uma pesquisa que não se separa da vida: 267**  
**escrevendo a formação docente atravessada pelo**  
**bordado manual**

Vitor Gabriel Moura Firmino da Silva

**A Escrita como Instrumento de Resistência dos Povos 277**  
**Indígenas: eu sou, porque nós somos**

Wyne Nogueira de Souza

**O pensar-fazer educação pela arte 289**

Gabriela Cipriano Guerra

## Carta-apresentação

João Pessoa, 20 de fevereiro de 2025.

Querida leitora, queride leitor e querido leitor,

Receber o convite para escrever esta carta foi, ao mesmo tempo, um acontecimento e um deslocamento. Acontecimento porque toda escrita carrega em si a potência do inesperado, do que irrompe sem aviso e nos convoca a dizer. Deslocamento porque a escrita, aqui, não se dá sob o signo da explicação, mas do convite ao jogo, ao risco, à experimentação.

Confesso que hesitei. O que dizer quando se trata de um livro que não apenas interroga a escrita, mas a faz escapar? Como apresentar algo que, desde o início, se insurge contra a lógica da apresentação? Mas a hesitação logo se converteu em alegria, pois a escrita é sempre um encontro – com aquilo que nos atravessa, com o que nos escapa e com o que insiste em retornar de modos imprevisíveis.

Foi nesse movimento que optei pela carta. Escrever-lhe assim me permite escapar da formalidade disciplinar e criar um espaço de endereçamento aberto, onde a escrita não se dobra às amarras do que se espera dela. É um gesto que não se reduz a um capricho estilístico, mas que carrega um compromisso ético, estético, político e poético.

– É ético, porque se recusa a aceitar a neutralidade como um pressuposto e assume a escrita como um campo de disputa.

– É estético, porque tensiona as formas e se move na imanência do que se cria, sem a segurança de molduras fixas.

– É político, porque desafia o regime da previsibilidade acadêmica e abre frestas para modos outros de dizer e pensar.

– É poético, porque se deixa atravessar pelo ritmo, pela imagem e pela força do que não se deixa capturar.

E foi também um deslocamento porque me vi reconhecendo, na escrita deste texto, vestígios do que tem atravessado minha própria trajetória: a recusa das formas estabilizadas, a insistência na escrita como campo de forças, como jogo de tensões e invenções.

Se a escrita acadêmica, tantas vezes, se constrói sobre protocolos que normatizam o que pode e o que não pode ser dito, este livro propõe outra cena: a da escrita como acontecimento, como fluxo que se abre ao imprevisível, como gesto que transborda os limites do que se pode representar. Não há aqui um centro organizador, nem um compromisso com a coerência cartesiana. Há rastros, desvios, intensidades. Há o que se move.

As provocações nietzschianas, nos lembram da importância de pensar para além das amarras da representação, de fazer da escrita um campo de errância e de experimentação. É esse o chamado deste livro. E, se a escrita aqui se dispersa em multiplicidades, se atravessa diferentes estéticas e materialidades, não é por mero jogo formal, mas porque essa é a própria matéria de que é feita a pesquisa quando não se submete à lógica da verdade fixa.

O que se movimenta, no entanto, não é apenas a escrita. O que se movimenta são os modos de existir do conhecimento. A escrita nunca é neutra. Ela é sempre um campo de disputa, de forças que se tensionam, de gestos que se inscrevem como atos de existência e de resistência. Escrever, aqui, é afirmar a potência da vida como invenção.

Logo, se cheguei até aqui sem lhe apresentar o livro nos moldes tradicionais, talvez seja porque essa apresentação, como o próprio livro, não busca oferecer um caminho pronto, mas convocar ao errar – no duplo sentido de errância e desvio. Talvez seja porque, como você, também estou atravessado pelo desejo de pensar de outro modo, de escrever de outro modo, de viver de outro modo.

Então, como disse no início, a proposta deste livro não é oferecer um caminho pronto, mas abrir uma trilha. Uma trilha que,

ao invés de nos guiar, nos convida a nos perdermos. Cada texto, com sua errância, oferece um pedaço desse movimento, dessa busca que se nega a ter um fim determinado, mas que se alimenta da dúvida, do desvio, da invenção. E é nesse movimento que eu, e talvez você, nos encontramos.

É isso que esta carta lhe entrega: um convite ao risco.

Com afeto e inquietação,  
Rafael Ferreira de Souza Honorato



## Apresentando o livro

É com muita alegria e afeto que apresentamos a vocês o livro “Vidas em redes e escritas de si – outros possíveis para pensar a pesquisa em Educação”...

Uma alegria que se mistura e se confunde com a sensação de dever cumprido, fazendo transbordar a admiração, o respeito e o carinho por todas, todos e todes que participaram desta obra...

Uma alegria que se institui em meio a escritas de si, na produção-criação de vidas tecidas em redes, fazendo valer uma estética da existência como força da pesquisa em Educação...

Ao mesmo tempo, um sentimento de afeto, que vai bordando os capítulos, e se fazendo presente na composição de uma força que se quer transgressora pois, como disse Espinosa, o conhecimento é o mais potente dos afetos.....

Um afeto-força-conhecimento-transgressão que, aos poucos e na invisibilidade da vida cotidiana, vai disseminando-contaminando possíveis para pensar-fazer uma escrita acadêmica outra, a partir de diferentes estéticas escriturísticas...

Estéticas escriturísticas outras que fazem vazar as existências de estudantes do nordeste, que resistem e re-existem em poéticas da imanência ao afirmarem uma dimensão ético-estético-política de suas vidas...

Desejamos que a leitura dos capítulos possam inspirar outros possíveis para a produção da pesquisa em Educação...

Outros possíveis da pesquisa em Educação que insurjam-apostem nas forças do encontro, da solidariedade, da diferença e da arte...

E possam tecer muitas manhãs...

Como na poesia de João Cabral de Melo Neto...

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.  
E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entreendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Caruaru/PE, junho de 2025.

Carla Patrícia Acioli Lins Guaraná  
Carlos Eduardo Ferraço  
Daniela Nery Bracchi  
Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida

## Construções e apontamentos sobre uma pesquisa...

Allyne Paula do Nascimento Combé

### Primeiro ato de escrita: Introdução

Pensei em como começar  
Enfim, me deixei levar  
Não havia fórmula de como iniciar  
Como poderia continuar?  
Resolvi na minha impertinência  
Deixar-me abrir à criação

É na poesia que me encontro  
Esqueço problemas, faço dessa vivência  
Momento de encontro com um eu tão adestrado  
Regado e polido, que não esquece  
Que na luta do dia a dia, descobre um novo jeito  
De fazer valer uma nova escrita

Sempre fomos tão regulados e disciplinados  
Mas, é fato que nem sempre nos conformamos  
Com os ditames impregnados  
Na carne, no espírito, no modo de funcionar  
Tinha que haver lugar  
Para de outras formas, a gente se apresentar

Na inquietude do dia,  
Foi preciso esquecer o que foi pregado  
A duras penas, ensinado...  
Foi necessário se despir

Das amarras que não condizem com quem somos  
Para que o novo possa assim insurgir

Diante de um mistério a se desenrolar  
Como colocar sem ser com referências e citações?  
Como traduzir em palavras?  
O que só sentindo se pode entender  
Sem nem mesmo mensurar, nem quantificar  
Não há variáveis a destacar

O próprio pesquisar, para mim, remete a se deixar levar  
Fluir, nos campos em que nos encontramos inseridos  
Na tecitura de uma teia de significados e significações  
Surgiu assim, uma ideia de um professor certa vez  
Para ser científico não precisa só agradar a academia  
Porque é no dia a dia que se faz a poesia

Como a borboleta que entra no casulo  
As metamorfoses acontecem nos cotidianos  
Estamos sempre nos defrontando  
Com a novidade das descobertas  
Mas, ao mesmo tempo, com quem somos  
Diante dessas modificações

Que bom que não somos estáticos  
O devir se faz presente na caminhada  
O vôo pode ser possível  
E mesmo nas imposições da lida  
Irrompe o acontecimento na estrutura fixa  
A ruptura transforma o círculo  
Estamos assim, voltados ao eterno aprendizado



Foto: Arquivo pessoal

### **Segundo ato de escrita: Justificativa e objetivos**

Participar de uma pesquisa é por si só  
Subverter uma lógica de opressão  
É ocupar um lugar que é de luta  
Luta política, lugar de fala e vivência  
Lugar muitas vezes do não ser  
Sem dúvida, lugar da resistência

Se atenha meu amigo, ao meu relato  
O objetivo é chamar atenção a outros fatos  
De formas diferentes em uma linguagem outra  
Desconsiderada de fato, mas, subversiva e inclusiva  
Permeada por construção afetiva  
Experiências que são contadas numa rama de amor

Como justificar o que se constrói no olhar?  
Como reescrever o que só se pode viver?  
A pesquisa acontece nessa atmosfera  
Do indizível, inenarrável, sonho sonhado sozinha  
Mas, que passa por muitos olhares  
Julgamentos que ferem a poesia

Não se pode duvidar  
Que no meio desse lugar  
A vida sempre se renova  
Encontra outras formas  
De se perpetuar  
De se consagrar e assim comunicar...

Porque escrevemos e pesquisamos, então?  
Se tudo é tão regulado...  
Será que não se pode de fato  
Estabelecer novas conexões  
Através da rima e da desconstrução  
Pautar o olhar em novas significações

O objetivo é simples  
Traduzir de formas outras  
O que não se pode delimitar  
Nem sempre conseguiremos nos fazer entender  
E revelar significações contrárias ao aceitar  
Sempre trarão, formas duras de expressar

Não posso me intimidar  
Sei que fazer é desmistificar  
Enfrentar e se rebelar  
Indo sempre na contramão  
De um sistema de opressão  
Pois já não dá mais pra aceitar

Busco assim enfatizar  
Que as palavras podem florescer  
Diante de formas outras de saber  
Na multiplicidade do afeto  
Na revelação do não palpável  
Surge uma via imaginável

Vamos enveredar  
Deixar-se transformar  
Pois estamos sempre na correria  
Esquecendo de olhar as particularidades  
Que um simples caminhar  
Pode nos proporcionar



Foto: Arquivo pessoal

### **Terceiro ato de escrita: Referenciais teóricos**

A impertinência nos leva  
Ao questionar das instâncias  
Ao divagar das reflexões  
Do estímulo ao ato de subversão  
Do tato e do gesto  
Da escuta e do compartilhar

Pergunto se posso me referenciar  
Posso me citar sem medo  
Da crítica e do retrocesso  
Que só a hegemonia pode nos pregar  
Precisamos cada vez mais  
Deixar-nos libertar

Não podemos mais nos calar  
Silenciar diante da opressão  
Tendo em vista que a própria ciência  
É caminho de divagar  
De desfrutar do descobrimento  
Que só se abrindo, pode-se alcançar

Pensei em como trazer vários tópicos  
Deixei, no entanto, fluir  
Porque não queria mais uma vez  
Deixar-me reprimir ou reforçar  
Escrever como um padrão  
Que vem há muito estabelecido

Esse padrão que dá respaldo  
Que nos diz o que é certo e consagrado  
A custa da revelia  
De quem coloca tradição  
E mistura com ousadia

Fazendo da rima  
Encontro e (des)construção

Venho aprendendo ao longo de meu processo  
Com várias e vários autores  
Que existem muitas ideias  
Que ajudam na caminhada  
Mas nem sempre se deve  
Fixar uma métrica como concreta

Não podemos nos anular  
Achar que nossos pensamentos  
Não podem colaborar  
Para novas construções  
E com isso deixar de repensar  
Que a nossa produção

Pode sem dúvida promover construção  
Desconstrução e novas possibilidades  
Como uma teia de significados  
Que vai se ramificando  
Enraizando e proporcionando  
Algo novo, uma nova criação



Foto: Arquivo pessoal

### **Quarto ato de escrita: Considerações sobre uma pesquisa**

Chegando ao quarto ato, não podia finalizar  
Não tinha como reduzir ou não enfatizar  
Que o rumo de uma pesquisa  
É tão incerto quando diverso  
Que só podemos nos permitir  
Resistir e persistir

Acredito que me fiz entender  
Em muitos momentos tentei sinalizar  
Que podemos ir sempre além

Progredir sobre uma lógica  
Que recai na academia  
E perpassa o dia a dia

Com nossas obras vamos subvertendo  
Perpassados por cuidado  
Conosco e com o mundo ao redor  
Educar em Direitos Humanos  
É também lançar o olhar  
Ao que não podemos modificar

Mas mesmo nas estruturas rígidas e fixas  
Surtem rupturas que marcam  
Nos corpos dissidentes  
Nas vidas subjugadas  
Nas teias quebradas  
Novos olhares de inquietação

Podemos assim pensar na alegria  
De pesquisar mesmo nas dificuldades  
Com novas formas de escrever  
Que podem também se revelar  
Formas outras de pensar  
Nem por isso menos importante

O que se une ao coração  
Mente, corpo e conexão  
Não deixa de respaldar  
A ciência e profissão  
É construção de afetos  
Tradução de percetos  
É no devir que se faz desconstrução

Chegando nesse final, que vamos renomear  
Trazendo abertura ao novo

Você que se faz leitor  
Convido a reflexão  
Vale mesmo a manutenção  
De uma norma que pratica exclusão?

Vale ressignificar e reinventar  
Todo dia na ousadia  
Da escrita e subversão  
Podemos ir sempre além  
Do que se é esperado  
Pois se não somos de fato  
Temos nosso lugar de existência

É na marca da resistência  
Que se faz essa reflexão  
Fazer poesia é mexer com palavras  
Traduzir num caminho  
De uma grande caminhada  
Seguir é visibilizar e poetizar

Deixar-se inquietar e não se calar  
Sigamos na poesia que transforma o dia a dia  
Que marca a emoção surgindo na contramão  
Promovendo essa alegria que só se faz  
Em constante desconstrução

## O Que Pode um Corpo-Pesquisado-Pesquisador? Infâncias, Diferenças e Escrevivências

Amós Santos

Qual é a língua que se fala quando se quer falar do mundo que fascina e se experiencia?

e-ou

Qual ou como seria a escrita possível dessa língua quando o que fascina não cabe ou não se encaixa no registro da palavra escrita?

Talvez entenda algum possível estranhamento do leitor ao perceber que essa história se inicia com indagações, ou mesmo que possa parecer uma aparente rudeza estilística contra os aceitos modos de escrita “dignos de leitura” de um curto texto-conto-crônica — em que se há de encaixar isso que se escreve aqui?. Deixemos isso de lado para os gramáticos preocupados com a forma decidirem; antes, continuemos às margens, emaranhados nos fluxos e linhas de fuga de uma escrita que sempre escapa. Esqueçamos um pouco forma e formato e voltemos à estória; afinal, nem só de histórias vive o ser humano, mas de toda palavra que sai da boca de sua consciência inquietante.

Certo dia, sentado em uma padaria e usufruindo da companhia do segundo melhor casamento gastronômico nordestino que a sapiência sertaneja foi capaz de criar, pamonha e queijo coalho, ouvi uma conversa aleatória entre dois amigos sentados na mesa ao lado. Como sempre busquei colocar em bom uso e dar valor à herança curiosa advinda de minha mãe,

habilidade essa que ela e as amigas de rua também às vezes colocavam em boa aplicação nas tardes nada monótonas de “reflexão popular” sobre os casos e causos da vizinhança, comecei a prestar atenção e ouvir discretamente a história alheia dos amigos professores (descobri a profissão de ambos após 20 segundos de espionagem alheia).

Entre conversas aleatórias que versavam sobre tudo que se pode imaginar, ouvi exatamente aquelas perguntas que abriram essa história aqui narrada, indagações que fizeram parte por meses do acervo mental de um dos dois amigos sentados à mesa — um mestrando em educação, em formação e escrevendo sua dissertação. Rapaz musculoso, alto, barba cheia, parecendo sempre uma aproximada definição de alguém que vive naquele meio-termo aristotélico<sup>1</sup>: meio menino, meio rapaz, meio amadurecido, meio distraído.

Pude notar, pelo modo que Silva agia e falava, um certo carregar de uma infância-criante que ninguém conseguiu arrancar e tirar, vivendo entre o “mundo da lua” e o “mundo do dever dos adultos responsáveis”, como quem envelheceu ouvindo incessantemente: “Desce desse mundo aí, menino! Quando tu vai crescer de verdade?”. Com aparência de alguém de uns 30 anos de idade, ouvi que seus pais camponeses o deram o nome de Silva. Sim, Silva era seu nome — nome comum que é o dele, embora não só dele — e que, por ser brasileiromente corriqueiro, não pertence apenas a ele; o que faz Silva às vezes pensar sobre tal nome com certo orgulho popular brasileiro. Afinal, são muitos *Silvas* por aqui — talvez também filhos e filhas de muitas outras Terezinhas agricultoras por aí.

Seguindo na conversa com sua amiga sem nome — ou, ao menos, sem nome por eu ainda não ter conseguido o captar —,

---

<sup>1</sup> “A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a **mediania relativa a nós**, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática” (ARISTÓTELES, 1973, p. 30 grifos nossos).

Silva falava da sua investigação e temática de mestrado, e a atenta amiga apenas o ouvia, entre um gole de café que já aparentava estar morno e um pedaço de bolo de rolo — o tradicional, com goiabada, como se manda no Recife. Silva relatava suas angústias e aspirações sobre como iria escrever em sua dissertação e das inquietações que a escrita exigia.

Dentre tantas questões, pude ouvir: “Como pensar em linguagens e escritas possíveis que possibilitem aos Outro(s) participantes da pesquisa dizerem sobre o fascínio do cotidiano vivido? Como escrever sobre algo que não cabe em palavras, que transborda da experiência e escapa por entre os dedos, entrelaçados de sinais e gestos, para além de um modo específico de escrita acadêmica? Como ir pelas pistas e linhas de fugas no devir-pesquisar para cartografar as percepções inventivas sobre diferença e infância de crianças surdas que possam fazer pulsar infâncias de afirmação da Diferença?”

Posso agora dizer aqui que percebi que havia nos relatos de Silva, no seu tom preocupado e apreensivo, uma busca sincera, delicada e arrebatadora. Não por um mero rigor técnico-metodológico ou nem mesmo por certa busca por verdade sobre algo; corramos para longe desse ímpeto castrante das experiências da vida que é o querer desvelar verdades, como já nos alertava aquele filósofo acusado por declarar a morte de Deus<sup>2</sup>. E, após um momento que me pareceu um suspiro mais longo que os outros, a amiga de Silva, ainda sem nome, continuou ouvindo — e eu, sem querer querendo, também.

Naquela conversa de assuntos diversos e de tempos múltiplos, que mais parecia uma peça de costura sendo bordada entre migalhas de bolo, silêncios de uma amizade atenta, recordações de

---

<sup>2</sup> “O amor pela verdade que nos conduzirá a muitas perigosas aventuras — quantos problemas já nos colocou! E problemas **singulares, malignos, ambíguos!** [...] Admitir que o **não-verdadeiro é a condição da vida**, é opor-se audazmente ao sentimento que se tem habitualmente dos valores. Uma filosofia **que se permita tal intrepidez se coloca, apenas por este fato, além do bem e do mal**” (Nietzsche, 1992, p. 11-13 grifos nossos).

falas de literósofos e histórias do passado-presente que talvez reverberariam no futuro, com seus tempos a serem redescobertos<sup>3</sup> em possíveis recriações da arte, Silva começou a contar à amiga como e quando essas dúvidas sobre como iria pesquisar e escrever o sobrevieram:

Sentado em frente a uma barraca de tapioca, com o barulho de uma mediana chuva do mês festivo que todo sertanejo nordestino aguarda com alegria (o junino), como que de supetão, após ser agitado pelas gotículas de água que borravam minha visão através dos meus óculos amigos da leitura, gotas que também molhavam minha cabeça — de onde dizem ser o ponto gerador do pensar — me sobreveio o seguinte pensamento e pergunta (como já dizia Nietzsche, as ideias nascem assim, jogadas a nós do nada, no meio do mundo em que se lança): “Como que entrarei nesta jornada de investigação e escrita para dizer como e quando ela começou e por quais caminhos vivenciais ela tem passado para chegar até aqui?”

Dentre tantas estórias e histórias que fui ouvindo — umas contadas por Silva, outras quase sussurradas pela minha memória difusa —, nos tornamos andarilhos e parceiros nessa viagem. Fui me dando conta de que não escutava apenas relatos aleatórios de agora ex-estranhos em uma tarde chuvosa de junho.

As conversas eram mais que apenas sons, faziam gerar e (re)generar memórias e pensamentos que ecoavam outras memórias e pensamentos. Em cada andança narrada, em cada devaneio partilhado, percebi o erigir de um espelho embaçado no qual eu também me via e via minha trajetória de estudante-pesquisador-filosofador. Nos tornamos, sem prévio aviso ou apresentação formalizada, andarilhos de uma aparente mesma estrada — confesso que foi a custo que me segurava para não me intrometer na conversa dos amigos da mesa ao lado.

---

<sup>3</sup> “[...] os signos da arte nos trazem um tempo redescoberto, tempo original absoluto que compreende todos os outros. [...] só a obra de arte é que nos faz redescobrir o tempo: a obra de arte é o “único meio de redescobrir o tempo perdido” (DELEUZE, 2006, p. 43-44).

Naquela conversa específica acerca de pensar com o corpo, lançar-se ao mundo para com o corpo pensar, tive o que alguns chamam de epifania, outros de experiência de redescobrir e re(viver) o tempo, quando lembrei das aulas-experimentações que havia tido com um professor capixaba de sobrenome sugestivo, nome expressivamente imbuído de existencialidade paradoxal, chamado por todos de “Ferraço”. Sobrenome que me fez pensar, inicialmente, na sua peculiar construção lexical: ferro + aço. Como quem seria, em aula, devido a matéria consistente do nome em sua dureza e rigidez, um professor-distribuidor molar de conhecimentos centralizados nele e nós, estudantes em formação, meros “ajudantes-de-ordens”<sup>4</sup>.

Tendo ao fundo, na memória revivida, o ecoar do que dizia o poeta<sup>5</sup> na letra de uma das músicas favoritas de minha vó sertaneja, verso que eu a ouvia cantarolando baixinho enquanto preparava o mais saboroso xerém com galinha guisada que já provei, percebi que quase nada do que previa sobre possível rigidez metodológica e didática aconteceu nas aulas de Ferraço. Senti-me, pelo contrário, ao ser impactado pelo acaso do encontro com o inesperado, impelido a escrever.

Nesta expedição ao acaso das falas, dos encontros-desencontros, dos cenários, dos sabores, das memórias de aulas e textos lidos em algum momento, ouvindo os diálogos de Silva com sua amiga sem nome e lembrando as aulas de Ferraço, me sobreveio, de todos esses signos pulsantes, instigante coação para escrever ali mesmo um texto. E assim, mesmo sem saber em que estilo e gênero textual ele se encaixaria, peguei celeremente uma caneta e comecei a redigir em meu caderno-agenda-diário-ateliê no qual quase tudo que me atravessa costuma re(pousar)

---

<sup>4</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1996. v.3. p. 97.

<sup>5</sup> “Se avexe não, amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada. Se avexe não, toda caminhada começa no primeiro passo. A natureza não tem pressa, segue seu compasso. Inexoravelmente chega lá. Se avexe não” (JOSÉ, Flávio. *A natureza das coisas*. Letra. Brasil: BMG, 1996).

momentaneamente. Escrevi e, após me atrever sem ter sido convidado, entreguei um retalho recém gestado à colcha viva da conversa dos amigos professores. Comecei a declamar em tom firme, como quem lê um cordel:

Disse um bigodudo profeta pagão,  
Martelo na mão, pena a escrever na mesma direção:  
“Não creio no pensar que nasce sentado,  
**Mas sim no mundo, ao corpo entregado.**  
Os músculos dançam, as ideias se lançam,  
O pensar que vibra é o que mais alcança”.

Foi Nietzsche quem disse isso, em tom provocador,

Poeta que é, um santo-profanador.

Intercessor de Deleuze, pensador errante,

**Que o corpo pensa como signos vibrantes.**

Agora aqui neste chão presente, de futuro-passado,

**Que pode o corpo potente, sem ser silenciado?**

Quando este é tomado por um dar-se a pensar,

Que signos ele faz brotar?

Que tempos ele busca decifrar?

Há corpos que pensam ao coser tecidos,

mãos-corpos que bordam sentidos,

Trançam o mundo com linha, sangue, suor,

Esculpem a vida no retalho, no barro, na dor.

**Pensar não é só o que a mente diz:**

É toque, é gesto, é cicatriz.

Viver? Não seria isso um devir-decifrar?

Que ao corpo os signos da Arte,

Com suas coações e acasos nos jogam a interpretar?

Cheiros, sons, traços, sabores,

Sinais que falam, tatos e suas cores.

**Como quem pensa com o corpo inteiro,**

Como quem vive a Arte da Vida em devaneio.

Silva permaneceu atento em silêncio durante toda minha tentativa não ensaiada de ser um ator errante de cena

improvisada, guiado apenas pelo vivo impulso daquele acaso-encontro. Após alguns minutos, com olhos marejados fitos em mim, como quem encontra passageiro alívio nas palavras do outro, disse: “Que podem então os corpos potentes das crianças surdas fazer pensar sobre Diferenças e Infâncias quando não são silenciados, quando esses corpos afetam e são afetados nas experimentações do dar-se a pensar?”

Naquele instante, essa dúvida que atravessou os séculos, “O que pode o corpo?”, inicialmente proposta filosoficamente por um racionalista excomungado polidor de lentes<sup>6</sup>, e mais tardiamente ampliada por um francês<sup>7</sup> amoral que buscava fecundar um pensamento a partir do pensamento do outro, gerando assim um “filho-monstro conceitual por trás”<sup>8</sup>, ressoava agora nas vidas partilhadas de três pernambucanos curiosos provocados ao pensar pela “força do encontro”<sup>9</sup>: Silva, sua amiga inominável e eu.

Silva continuou indagando, agora em uma conversa a três:

E por quais caminhos e trilhos percorrer para se pensar com — e escrever com — esses corpos pensantes e potentes, tendo que fazê-lo com palavras moldadas no formato de escrita acadêmica, ainda que tomando emprestado um extenso e diverso repertório de modos de escrever-existir? Como irá reter, no fluxo da letra, pausar na aparente temporalidade inerte do texto escrito, esses ou aqueles

---

<sup>6</sup> “O fato é que ninguém determinou, até agora, **o que pode o corpo**. [...]. Isso basta para mostrar que **o corpo, por si só**, em virtude exclusivamente das leis da natureza, **é capaz de muitas coisas que surpreendem a sua própria mente**” (SPINOZA, 2009, p. 100 grifos nossos).

<sup>7</sup> “Ninguém sabe o que pode um corpo. [...] Isto parece-nos uma tese extraordinária, o limite de toda a experiência: **ninguém sabe de antemão o que pode um corpo**, em uma situação dada, uma afeição, uma combinação, uma transmutação, uma ação” (DELEUZE, 2002, p. 220 grifos nossos).

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*, 1972-1990. tradução de Peter Pál Pelbart. - São Paulo: Ed. 34, 2017. p. 183 (Coleção TRANS).

<sup>9</sup> “[...] se **o pensamento só pensa coagido e forçado**, se ele permanece estúpido enquanto nada o força a pensar, aquilo que o força a pensar não será também a existência da besteira, a saber, que **ele não pensa enquanto nada o força?**” (DELEUZE, 2006, p. 364 grifos nossos).

agenciamentos, sinais, movimentos movidos e vividos, conversas aparentemente desconexas que escapavam ao “conteúdo do texto da aula”, aulas ou(vidas), sons sentidos ou não(ouvidos), olhos que viram e veem existências que aspiram, que se esforçam por reafirmar suas falas-sinais, gestos-dizeres?

Silva lembrou, após continuar sua conversa com seu mais novo amigo filosófico, adicionado ao círculo de amizades após o súbito encontro poético, que precisaria visitar alguns intercessores teóricos lidos nos tempos de graduando em Pedagogia. Pensadores aos quais deram o nome de “filósofos da diferença”: provocadores do pensar que, por serem herdeiros nietzschianos na busca pela superação das dualidades que atravessam e fundam a tradição filosófica e perpetuam a lógica das essências e dos fundamentos, instigam os trilhares de caminhos-outros nos diversos campos das pesquisas nas ciências humanas, mobilizando o pensamento em desconstruções e (re)construções, em (re)criações que se diferenciam em si mesmas, rompendo com a ideia de universalidade, unicidade e totalidade do conhecimento (SILVA, 2019).

Silva galgava continuamente, ao se lançar em cartografar um fazer-pensar sobre Diferenças e Infâncias que caminha pelas entre-linhas inventivas e des(continuanes) das multiplicidades das crianças surdas em suas percepções, sinais-dizeres e experimentações, experienciar os (des)contínuos agenciamentos que os intercessores das filosofias da diferença, com suas tessituras e pistas-linhas teóricas, poderiam mobilizar para a escrita-mapa inacabado em sua dissertação. Tão logo se tornasse possível escrever sobre esses turbilhões de multiplicidades existenciais, que são muito mais além do que apenas palavras escritas em um pedaço de papel ou em um programa de processamento de texto, tudo, em toda parte, remetia Silva àquelas experiências de criar, (re)criar, imaginar possibilidades, pensar, repensar, emendar e coser correlações diversas.

Eram emaranhados de experimentações que pareciam compor, ao menos naquele instante em que Silva conversava com seus amigos sobre sua pesquisa e escrita, todo esse devir pesquisador-professor-estudante que o fazia torna-se aquilo que se é ao tentar pensar sobre o próprio ato de escrever — esse aparente absurdo prazeroso da(s) existência(s) o mobilizava, aspirava e impulsionava-o no pensar de outras escritas e modos de fazer-falar-movimentar o que as crianças-surdas-desejantes re(criam) e expressam sobre o que são infâncias, diferenças, alteridades e acolhimento da multiplicidade na educação a partir das experiências e vivências em seus mundos múltiplos.

Para nosso jovem pesquisador, com seu nome comum de um menino campesino comum, em sua imaginativa curiosidade incomum pelo mundo e seus fascínios, todas essas inquietações pareciam querer convergir para que nosso asmático mancebo talvez abrisse mão de continuar experimentando escrever com as pessoas e temáticas que tanto o mobilizam. Todavia, mesmo após um episódio de vertigem que o sobreveio ao se ver diante da multiplicidade e infinitude das possibilidades que suas escolhas poderiam trazer, Silva, por hora, sossegou-se ao ser transportado por sua mente àquele sentimento bom da infância criativa: da curiosidade, da descoberta, do querer ao menos tentar participar do caos que se é buscar se situar no mundo com Outros que buscam o mesmo.

Tudo isso, e muito mais não-dito aqui, afetou — e ainda parece afetar — nosso pedagogo-costureiro-filosofador-pesquisador, filho de costureira-agricultora, ousado em desejar coser outras colchas de retalhos com textos, sinais, gestos, dizeres, leitura-imagens, filmes, experi-vivências, na tentativa talvez de fissurar em si um pouco mais, ainda que por um momento, por que tanto o mundo e as pessoas, com suas línguas e falas, seus rastros e movimentos, traços, linhas de fuga, expressões, histórias, multiplicidades o fascinam de modo profundo e incontornável, como se houvesse algo sempre escapando, insistindo em não ser nomeado.

E talvez eu acabei revelando agora, impelido por certa impulsividade não contida, no inacabado final deste “conto-crônica-escrevivência-delírio-escrito” (ou apenas uma tentativa de escrita?), quem aqui narra e convive há meses com esses e muitos outros pensamentos-personagens-escritos que vibram sob e em Silva — Por vezes me atravessam, ora se disfarçam em mim, todavia, continuarei tentando fazer escorrer em palavras todas essas experimentações existenciais e estilísticas que me movem a escrever, mesmo quando há tempos nos quais não sei ao certo se escrevo ou se estou sendo escrito...

## Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1996. v.3.

\_\_\_\_\_. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Luiz Orlandi e Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Rev. Téc. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. *Conversações, 1972-1990* / Gilles Deleuze; tradução de Peter Pál Pelbart. - São Paulo: Ed. 34, 2017. 232 p. (Coleção TRANS).

ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Tradução de Tomás da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NETO, Accioly. *A natureza das coisas*. Intérprete: Flávio José. Brasil: BMG, 1996. Disponível em: Spotify. Acesso em: 13 jun. 2025.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 407–424, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/hqyyhLhZ3g8n3bwXhctZ3cq>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, Amós Santos. *A filosofia de Jacques Derrida e suas implicações ao debate educativo sobre a inclusão*. Monografia (Pedagogia) Universidade Federal do Pernambuco. Caruaru, 2019.



## Ser eu foi a coisa mais difícil que eu fiz

Antônio Edson dos santos Barros

Esta não é uma carta comum.

Não tem data, endereço, nem remetente esperando resposta.

É uma carta poética.

Fora dos padrões.

Talvez fora de mim – ou talvez mais dentro do que nunca  
consegui dizer em voz alta.

Uma carta que não segue o formato, mas segue o sentimento.

Porque foi assim que encontrei um jeito possível de contar sobre  
mim:

por entre as frestas do que escapa da norma, como sempre foi  
comigo.

Talvez porque a carta me lembre o que há de mais íntimo entre  
duas pessoas:

o gesto de confiar palavras ao tempo, ao papel, ao outro.

A carta não precisa ter todas as respostas – ela só precisa ser  
verdadeira.

Não escrevo para me justificar, muito menos para explicar o que  
vivi.

Escrevo porque preciso deixar escrito.

Porque o silêncio me fez companhia por anos.

E hoje, ao olhar para minha própria história, percebo que é  
pelapalavra que reencontro partes minhas que um dia escondi.

A carta me permite falar como quem conversa baixinho,  
como quem escreve no caderno guardado na gaveta,  
ou como quem olha nos olhos sem precisar se defender.

Aqui, não estou escrevendo como pesquisador, como acadêmico  
ou como alguém que entende de teoria.

Escrevo como quem sente.

Como quem viveu.

Como quem sobreviveu.

Como quem precisou aprender a existir por dentro do que  
machuca –

e por isso mesmo, a carta me serve.

Foi escrevendo assim, desse jeito mais aberto, mais de dentro, que  
percebi que meu campo de pesquisa – que passa pelos estudos  
de gênero e sexualidade na Educação – não está separado da  
minha vida.

Pelo contrário: ele nasce dela.

A escolha de pesquisar esses temas não foi intelectual, foi  
existencial.

Antes de ser campo, foi cicatriz.

E é por isso que essa escrita não poderia ser neutra, nem seca, nem  
distante.

A carta me permitiu costurar minhas memórias com meus afetos,  
meus medos com minhas perguntas.

Me permitiu juntar pedaços:

o menino e estudante da escola do campo,

o jovem que fingia desejo por meninas,

o adulto que hoje tenta se amar por inteiro.

Me deu permissão para compor não só uma narrativa, mas uma  
vida escrita com o que sou.

Por isso, se você me lê agora, saiba:

eu escrevo para você como escreveria para alguém que quero  
bem.

Não sei quem você é.

Mas te considero íntimo só pelo gesto de chegar até aqui.

Tomara que essas palavras te toquem com o mesmo cuidado com que foram colocadas no mundo.

Agora, deixo que você leia o resto com o coração aberto.  
Porque o que vem a seguir é um pouco da minha história –  
contada com a calma de quem já chorou muito por ela,mas hoje  
escolhe escrevê-la com ternura.

Esta não é só uma carta: é um corpo que fala.  
É rio que insiste.  
Sou eu.

Nasci no Agreste de Pernambuco, onde a vida tem cheiro de terra  
molhada,  
onde o tempo anda mais devagar, mas os julgamentos correm  
depressa.  
Filho da terra, de agricultores com as mãos calejadas e os sonhos  
contidos.  
Meus pais não concluíram a educação básica.  
A vida pediu pressa: era preciso alimentar antes de aprender.  
Cresci entre o pó vermelho da estrada, o cheiro do feijão no fogo,e  
o peso de um segmento religioso que não me compreendia.  
E naquela casa pequena, sustentada por fé e silêncio,os pilares  
eram o trabalho duro e o machismo.  
Não havia espaço para o diferente.  
Tudo parecia já escrito:  
como o homem deve andar,  
como deve falar, desejar, amar.  
E eu, menino de passos estranhos ao roteiro,logo soube:  
havia algo em mim que precisava ser escondido.  
Mesmo sem nome, eu sentia –  
sentia que meu jeito de existir era lido como errado,muito antes  
de qualquer palavra sobre desejo.

Minha infância foi entre paredes que cuidavam do corpo,

mas não sabiam lidar com o que fugia da norma.  
Minha mãe – mulher de força silenciosa – fez o que pôde  
enquanto esteve presente em corpo físico.  
E mesmo sem saber nomear, me amou como sabia.  
Ela foi colo, mas também foi susto.  
Tentou me proteger do mundo, às vezes me protegendo de mim  
mesmo.  
E eu entendo. Porque o mundo é cruel com quem escapa dos  
moldes.

Sempre tentei ser forte.  
Todos os dias.  
Mas a gente cansa de ser forte todo dia.  
Cansa de se fazer de pedra quando por dentro tudo é água  
querendo desaguar.  
Cansa de vestir armadura sem nunca ter tido escolha.

Na escola, eu era o menino que não cabia na linha reta.  
Andava diferente, falava com leveza demais para o mundo bruto.  
Minha voz era fina – diziam.  
Meu jeito, errado – repetiam.  
Me chamavam de bicha como quem crava uma sentença,  
e, no começo, eu tentei desmentir com o corpo.  
Depois, com o silêncio.  
E, por fim, com a tentativa de ser o que esperavam.  
Fui vestindo personagens.  
Fui moldando meus gestos como quem apaga rastros.  
E, sem perceber, fui sumindo de mim.

Passei a acreditar que ser eu era um “erro de fábrica”.  
Uma falha que precisava ser corrigida.  
Fingia.  
Fingia com tanto afinco que minha verdade começou a morrer  
sufocada.

Cada vez que imitava o que não era, uma parte de mim se calava por dentro.

E isso... isso dilacera.

Dói como só dói aquilo que é contra a natureza do nosso existir.

Dói viver exilado do próprio corpo.

Dói não caber na própria pele,

como se ela fosse uma roupa emprestada por um mundo que nunca me quis inteiro.

Muitas vezes, quando me ofendiam, eu guardava aquilo só para mim.

Não por falta de confiança na minha mãe,

mas porque eu sabia: se ela descobrisse, não viria consolo.

Viria bronca, repreensão, ameaça.

E então, eu me calava.

Aprendi cedo que certas feridas era melhor esconder – porque doíam ainda mais quando reveladas.

Era menos doloroso carregar o peso sozinho do que enfrentar o julgamento de quem me queria bem, mas não sabia lidar com o que eu era.

No silêncio, eu me protegia do mundo... e da casa.

Fingia normalidade, ensaiava gestos, como quem aprende a sobreviver entre as frestas.

Entendi, cedo demais, que minha dor precisava ser pequena, disfarçada, quase imperceptível.

Porque ser visto por inteiro também era arriscado.

Foi aí que a dor ficou funda demais.

Um dia, cansado de me esconder,

de pedir perdão por ser,

de tentar existir sem me odiar,

eu tentei desistir de tudo.

Tentei silenciar meu corpo de uma vez por todas.

Mas não consegui.  
Ou talvez – ainda bem – tenha conseguido falhar.

Não foi coragem, foi cansaço.  
E mesmo assim, naquela queda, algo em mim soprou vida.  
Como se dissesse: “não agora”.  
E naquele sopro, devagarinho, comecei a voltar.

A educação foi rota de fuga.  
Fui estudar como quem procura saída, não diploma.  
Saí de casa com a desculpa da universidade, mas o que eu queria  
mesmo era me desaparecer.  
Esquecer o menino que inventaram para mim.  
Mas ele veio junto.  
Veio no corpo, nas memórias, nas feridas.

Com o ingresso na universidade, fui me infiltrando nos livros  
como quem procura ar.  
Ali, conheci outras vozes –  
Judith Butler me mostrou que o gênero é uma performance.  
Uma atuação.  
Uma repetição.  
Um teatro em que fui forçado a atuar.  
Mas também entendi que nas falhas da performance nasce a  
liberdade.

Joan Scott me ensinou que o pessoal é político,  
que minha história é também política.  
E que contar minha história é também denunciar estruturas,  
o que quiseram que eu não fosse.

Michel Foucault me fez ver o poder nas entrelinhas –  
nos gestos, nos silêncios, nas punições cotidianas.  
Me ensinou que o poder se infiltra em tudo:  
no modo como andamos,

no que calamos,  
no que nos mandam temer.  
Mas ele também me ensinou que há brechas.  
E é pelas brechas que a gente escapa.

Guacira Lopes Louro falou dos corpos que aprendem a resistir nas  
salas de aula – e eu pensei no meu.  
Tão vigiado, tão corrigido.  
Mas que, mesmo assim, aprendeu a sonhar.

bellhooks me deu coragem de amar.  
De me amar.  
De amar outro homem com liberdade.  
E, quando eu já nem esperava, o amor chegou.  
Chegou recente, com passos mansos e olhos atentos.  
Veio de outro estado, com outra história,  
mas com a mesma fome de verdade.  
Chegou me vendo inteiro.  
Me escutando sem pressa.  
Me respeitando nos detalhes.  
Me ensinando que posso amar –e ser amado –  
sem ter que pedir desculpa.  
Sem ter que ser forte o tempo todo.  
Com ele, descubro que sou possível.  
Que sou digno.  
Que posso, sim, ser feliz – sem me esconder, sem pedir  
licença,sem apagar o brilho de quem sou.  
Com ele, descobri que o toque pode ser leve.  
Que o corpo não precisa se encolher para ser aceito.  
Que existe um tipo de amor que não fere.  
E tantas outras vezes me puxaram pela mão e disseram: “você não  
está só” .

Na universidade, para além destas autoras e deste autor,  
encontrei espelhos.

Vozes que soavam como a minha.  
Corpos que também foram moldados por medo,  
mas que se reinventaram na força do coletivo.  
Ali, resistir deixou de parecer delírio –  
virou partilha, virada, política.  
Hoje, caminho pelo mestrado como quem não só pesquisa, mas  
respira.  
Lá, encontrei gente com potências e dores parecidas,  
com palavras que doem e curam.  
Gente que escreve como quem sangra,  
mas também como quem dança por dentro.  
O mestrado, para mim, não é só um título.  
É lugar de pertencimento.  
É terra onde eu não preciso mais pedir desculpas por ser quem  
sou.

Agradeço às bolsas, aos auxílios,  
a todo pedaço de política pública que me manteve de pé.  
Sem eles, eu não teria permanecido.  
Não teria resistido.  
Não teria escrito.  
A educação, para mim, que um dia foi repressão, hoje é palavra  
que salva.

Ao longo do caminho, ganhei algo que nunca pedi em voz alta –  
mas que, quando chegou, foi abrigo:  
o olhar da minha irmã.  
Não mais um olhar de quem “tolera”,  
mas de quem escolhe amar com inteireza.  
Com o tempo, com as conversas, com os silêncios que viraram  
ponte,  
ela começou a me ver de verdade – ou quase;  
Eo amor do meu sobrinho, que sempre esteve ali –  
livre de regras, sem cobrança, sem manual.  
Era amor leve, sincero, firme.

Como se dissesse: “você não precisa se moldar para caber aqui.”  
Hoje, somos nós:  
uma pequena família refeita,  
um ninho erguido sobre os escombros de tantos silenciamentos.  
Uma casa de afetos, reconstruída com cuidado e permanência.

E com os amigos, aprendi que família também se inventa.  
Teve gente que chegou devagar e ficou.  
Que me viu quando eu nem sabia me ver.  
Que me chamou pelo nome com afeto.  
Que me deixou ser, sem manual.

Hoje, estou no mestrado.  
Pesquisa sobre educação, gênero, sexualidade.  
Mas, mais do que isso, pesquisa sobre mim.  
Não há separação entre o pesquisador e o homem que escreve esta  
carta.  
Minha pesquisa é cicatriz que se recusa a infeccionar.  
É ferida que virou voz.

E se há algo que aprendi com Deleuze, é que resistir não é  
confrontar com violência.  
É escavar com constância.  
Como o rio que fura a rocha não pela força, mas pela insistência.  
Eu sou esse rio.  
Eu escavei.  
Com palavra.  
Com silêncio.  
Com amor.  
Com ausência.  
Com cada passo que dei fora da curva.

Se você chegou até aqui,  
obrigado por me ler com o cuidado que eu não tive por muito  
tempo comigo mesmo.

Escrevo porque é o que posso dar.  
E porque, no fundo, tudo que eu queria era isso:  
ser lido sem julgamento,  
ser visto sem correção,  
ser ouvido como quem oferece o coração.

Hoje, não sou só sobrevivente.  
Sou vida que insiste.  
Sou amor que desafia.  
Sou palavra que não se apaga.

Hoje carrego meu nome por inteiro.  
Um nome que abriga o menino e o homem,  
que honra o caminho com as marcas que o tempo deixou.  
Um nome que pisa firme no chão de onde veio,  
com a cabeça erguida  
e o coração aberto ao que ainda florescerá.

Com afeto,  
com dor,  
com tudo,  
Ser eu foi a coisa mais difícil que eu tentei fazer.

Antônio Edson dos Santos Barros

## Vidas sencientes e a experiência da subjetividade humana e animal

Cássia Bruna Pereira Laurentino

A poesia chegou até mim ainda na infância, através dos livros da estante da minha mãe. Muito me interessava aqueles textos bonitos e com certo tom de mistério. Na adolescência, em fase de muitas mudanças, emoções e transformações, a poesia emergiu na minha própria escrita. Diante dos afetos, do afetar e ser afetada, escrever se tornou um refúgio, uma forma de externar o amor e a angústia e, assim, esvaziar-me do peso da intensidade de viver. A poesia me atravessa como uma necessidade de cura; ela preenche o vazio, é presença na ausência e escuta na solidão. Através da poesia, posso manifestar como penso, sinto e existo, sendo então uma linguagem, uma arte e uma forma de se colocar no mundo. A poesia também é um ato de resistência e a ação de ser porta-voz de si; a palavra expressa em poesia é a extensão do próprio ser.

Com minha sensibilidade, fui tocada pelo sofrimento animal também enquanto criança, nas minhas vivências do campo, pois fui criada no sítio Flexeiras em Serra Negra de Bezerros-PE. Naquela época, eu pouco sabia compreender ou expressar meu sentimento de pesar por aquelas vidas perdidas e exploradas a vista dos meus olhos e ao som dos meus ouvidos. Alguns anos depois, com acesso a mais informações e maior capacidade de reflexão, iniciei minha trajetória com o vegetarianismo, seguida do veganismo e de um posicionamento firme em relação à proteção animal e à preservação ambiental.

Simultaneamente a essas experiências, despertei para o caminho da espiritualidade, o que me levou, em 2017, à comunidade Hare Krishna da Ecovila Vraja Dhama, localizada em

Serra dos Cavalos, Caruaru-PE. Não apenas pela minha busca espiritual mas também pela minha afinidade com o princípio da alimentação vegetariana, minha chegada à ecovila trazia um significado e um propósito: a aspiração por pertencimento e a busca por uma egrégora de paz através da conexão com a natureza, no interior do campo e do nosso próprio ser.

Foi assim, durante toda a minha vida, que me tornei defensora dos animais e do meio ambiente. Desenvolvi essa consciência pela compaixão, pela empatia, e sobretudo por ter sede de justiça e um profundo desejo de que todos possam ser livres para existir em sua plenitude, com direito ao próprio corpo e à vida, além do desejo de que as próximas gerações de humanos e animais também possam encontrar um lugar para viver.

Pensando as minhas temáticas de pesquisa, deixo a seguir dois poemas: *“Sou Vida”*, que reflete parte das minhas concepções espirituais inspiradas pela minha imersão no movimento Hare Krishna, e o poema *“Amar sem Medidas”* escrito como um chamado ao despertar da consciência de libertação animal, com o objetivo de promover uma reflexão sobre nossa relação com os animais não-humanos e incentivar uma postura ética, antiespecista, postura contrária ao especismo, definido por Peter Singer (2010, p.11) como o “[...] preconceito ou atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outras”.

### **Sou Vida**

Sou uma longa história, sem começo nem fim  
Da qual lembro apenas um capítulo.  
Sou alma espiritual, ser vivente  
Permanente, intelectual.

Sou tudo aquilo que não sei, mas ousar conhecer  
Transmutação e evolução, nesse percorrer, e correr,  
Para alçar voo.

Procuro ser mais do que meus olhos podem ver:  
Ser vivente, resplandecente, transcendental  
Que luta, que chora, sorri e se apavora  
Sou humana demais para compreender.

Não sei quem fui, mas sei quem objetivo ser  
Longe de designações, pretendo minha alma enaltecer.

Estou sendo o que me aproxima disso  
E não preciso me preocupar; sou aprendiz, sou errante  
Nessa ilustre vida que penso desfrutar.

Sou estudante, audaciosa, curiosa  
Imersa na ilusão, buscando libertação.

Sou vida  
Sou obra-prima do mestre superior,  
Que aprecia a pureza da essência divina.

O princípio é Krishna, Krishna é o amor  
Logo sou amor, filha do absoluto  
Experienciando energia material.

Sou a luz do que Deus ilumina  
Sou completa luz divina, parte integrante  
Eterna filha da sabedoria universal.  
Sou vida.

### **Amar sem Medidas**

Os animais tocam o coração  
Reverberando conexão  
Como terra e semente.  
A natureza é linda, sábia e divina.

O veganismo vem e ilumina  
Por consequência da expansão contínua  
Da nossa consciência que se modifica  
A cada novo olhar, a cada nova vida!

Assim, a humanidade é resgatada...  
Aos poucos, aos prantos, aos gritos:  
De cada bicho que sofre e se livra da morte  
Em meio a esse delírio.

Precisamos pensar no coletivo  
E não esquecer dos amigos  
Que possuem patas  
Que possuem sentidos.

Quem cresce não retorna  
O veganismo é consistente e sem volta  
Salva e purifica, energiza nosso presente  
Onde brilha contente, pela beleza da vida.

Esta que é rica e perpetua magnitudes;  
Só precisa ser aquecida  
Por quem tem a atitude de amar inteiramente  
Sem medidas e com virtudes.

## **Referências**

SINGER, Peter. *Libertação animal*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

## Mesmo com Medo, Caminhemos

Daiany de Oliveira Santos

Caruaru, 15 de junho de 2025.

*A todas as mulheres que ousam sonhar, mesmo com o coração trêmulo,*

Escolhi escrever em forma de carta porque é nesse gênero que me sinto inteira. A carta permite que minha voz se expresse com intimidade, afeto e política, não como quem fala do alto, mas como quem convida para caminhar junto. Esta estética de escrita nasce do meu pertencimento, a mundos que, por muito tempo, não foram autorizados a ocupar a palavra pública: mulheres, filhas, nordestinas, professoras, pesquisadoras da vida cotidiana. Escrever de mim é também escrever com as outras e é por isso que, ao longo desta carta, entrelaço memórias pessoais, afetos, dores e descobertas que compõem o chão de onde falo e pesquiso.

Esta escolha estética não vem de um gosto aleatório, mas de uma necessidade política: romper com o silenciamento imposto às mulheres em espaços de produção de conhecimento, especialmente na academia. Ao escrever de forma sensível e situada, resgato experiências que, muitas vezes, foram invisibilizadas ou deslegitimadas como “subjetivas demais”, “emocionais demais”. Mas é justamente nesse excesso, de sentir, de lembrar, de resistir que minha escrita se fortalece.

É nesse território narrativo que meu campo de pesquisa também se insere: investigando como as violências de gênero, especialmente aquelas atualizadas nos ambientes digitais, atingem os corpos e as subjetividades femininas. A carta, aqui, não é um desvio

metodológico, mas uma escolha ética e estética que potencializa minha investigação. Escrever assim me permite compreender o impacto das violências não apenas como dado estatístico, mas como ferida viva e possibilidade de elaboração coletiva.

O que apresento a seguir não é apenas um relato pessoal. É uma escrita convite que pretende produzir deslocamentos e reverberações, como nos propõem as epistemologias feministas e as pedagogias da resistência. Que esta carta, portanto, seja também uma convocação: para escavar silêncios, transformar dores em saberes e reinscrever nossas histórias nos espaços onde tantas vezes tentaram nos apagar.

## **Parte I – O Silêncio que nos moldou**

Antes de tudo, acredito ser importante iniciar um movimento de apresentação, me colocar em palavras, contar de onde venho e, talvez, para onde tenho desejado ir.

Mas confesso: falar de mim nunca foi fácil. Sempre que tento nomear quem fui e quem estou me tornando, as palavras parecem insuficientes. Há algo em mim que resiste aos rótulos, aos resumos prontos, aos títulos formais.

Talvez por isso, eu prefira me apresentar pelas memórias que me habitam, pelas sensações que me atravessam, pelas marcas que me trouxeram até aqui.

Sou a filha mais velha de três irmãos. Ao olhar para a minha infância, reconheço que vivi momentos bons, e seria injusto ignorá-los. Tive uma infância com cheiro de bolo no forno (a minha mãe ainda tem esse costume até hoje) e os sons de passos apressados no corredor. Lembro das manhãs preguiçosas de sábado, quando o desenho começava cedo na televisão e o tempo parecia parar. Havia brinquedos espalhados pela sala, bonecas com nomes inventados, carrinhos que dividíamos entre nós, e aquela caixa velha onde guardávamos o que chamávamos de “tesouros”: tampinhas, figurinhas, papéis coloridos.

As brincadeiras ao ar livre eram um mundo à parte, corríamos descalços, inventando histórias com espadas de galho e coroas de flores. A fantasia era parte do cotidiano, toalhas viravam capas de super-heróis, lençóis viravam tendas, cadeiras empilhadas se transformavam em castelos. Havia riso fácil, brigas rápidas e reconciliações improvisadas, como só irmãos sabem fazer. A infância, naquele tempo, parecia um lugar seguro e mágico, mesmo quando o mundo ao redor dava sinais de que não era sempre assim.

Mas, por trás dessa leveza, havia camadas mais profundas que só agora consigo reconhecer. A magia da infância convivía, muitas vezes, com silêncios espessos e sensações que não sabíamos nomear. Mas hoje compreendo que muitas das experiências que enfrentei foram moldadas não apenas pelas decisões das pessoas ao meu redor, mas também por uma estrutura maior, por valores herdados, normas culturais silenciosas e ensinamentos transmitidos como verdades absolutas. Silêncios e práticas que se repetem por gerações e quase sempre sem questionamento.

Quando começo a escavar essas camadas, é o medo que aparece primeiro. Não qualquer medo, era aquele que chegava devagar, mas firme, como quem já conhece o caminho. Para muitos, o domingo representava descanso e preparo para a semana, para mim, sempre trouxe uma ansiedade silenciosa. Era nesse dia que meu pai costumava se embriagar, e a casa mudava. A leveza ia embora. No lugar dela, se instalavam a tensão, o silêncio forçado, o receio de qual seria o clima daquela noite.

Eu temia a hora em que a porta se abria e a paz se desfazia em gritos, ameaças ou gestos que nunca combinariam com o que se espera da palavra “família”. Era um medo constante, doloroso porque vinha de alguém que, em teoria, deveria representar segurança e cuidado. A figura paterna que me ensinaram a admirar incondicionalmente era também aquela que mais me fazia querer desaparecer nas noites de domingo.

Cresci tentando entender essa contradição: como amar alguém que também é a origem do seu medo? Como respeitar quem fere? Como não carregar culpa por sentimentos que, em outras casas,

parecem simples, mas que em mim sempre vieram acompanhados de dúvidas, feridas e silêncio?

Essa é uma parte da minha história que, por muito tempo, guardei calada — como tantas outras meninas e mulheres que aprendem a normalizar a dor em nome da família. Mas hoje, ao revisitar essas memórias, quem fala não é mais o medo. É a consciência. E com ela vem a coragem de romper ciclos, de reconstruir sentidos outros para o que é ser filha, irmã e mulher.

Ao iniciar minha adolescência, percebi que, mais do que viver essa fase, eu era constantemente moldada por expectativas alheias. Ouvi muito sobre como deveria ser: o que fazer, como me portar, onde ir, com quem falar, como vestir, como me expressar, mesmo sendo uma pessoa naturalmente expansiva e alegre, especialmente com quem me conhece de verdade. Era como se o mundo dissesse, ao tempo inteiro, que minha espontaneidade precisava ser domada.

Foi também nessa fase da minha vida que conheci alguns homens que, em vez de somar, acabaram confundindo ainda mais minha percepção sobre mim mesma, sobre os afetos, sobre o respeito. Relações que me mostraram que nem sempre o que chamam de amor vem acompanhado de cuidado e respeito. E nesses tropeços, comecei a refletir, cada vez com mais clareza, quem eu não queria ser.

Essa pergunta **“Quem eu não quero ser?”** passou a me guiar mais do que qualquer outra. Porque cresci em um contexto em que o machismo, o racismo, a homofobia e tantas outras violências simbólicas e explícitas circulavam com naturalidade, com tons de piadas muitas vezes. E mesmo tendo sido atravessada por tudo isso, escolhi o enfrentamento. Me comprometi com o desconforto de olhar para dentro e dizer: eu não quero perpetuar essas estruturas. Não quero ser instrumento de opressão.

Entendi que a construção de quem sou passa também pela recusa consciente do que me foi ensinado como norma. Pela escolha diária de romper com o que me feriu e, muitas vezes, feriu também quem estava ao meu lado. É um processo contínuo, de aprendizado e desaprendizagem, que ainda estou vivendo. Mas é também um

gesto de responsabilidade afetiva e política com o mundo que desejo ajudar a transformar.

Falo que é um processo de aprendizagem e desaprendizagem porque, honestamente, eu também erro. Eu também estou, aos poucos, aprendendo a ser amada. E a amar de volta com menos defesas, menos espinhos. Por muito tempo, estive condicionada a sobreviver, a me proteger, a ocupar os espaços com dureza para não ser engolida. E nesse movimento, às vezes fui aquilo que não queria ser.

Nesses processos, confesso que nem sempre fui a melhor versão de mim mesma, especialmente com quem me ofereceu cuidado de forma sincera. Houve momentos em que, envolta nas amarras cômodas do que já conhecia, acabei sendo ríspida, impaciente, até mesmo injusta. Fui rude, sim. Fui dura com quem só quis me acolher. Recebi o afeto como se fosse ameaça, porque um amor sem jogos, sem violência, sem cobrança, era um território desconhecido. E o que é desconhecido, muitas vezes, assusta.

Hoje compreendo que o afeto exige disponibilidade. Que ser amada requer vulnerabilidade, e isso nem sempre me foi ensinado. Estou aprendendo que o amor não é um prêmio que se conquista com perfeição, mas um lugar que se constrói com presença, com escuta, com o compromisso de estar, mesmo quando ainda se está aprendendo como. bell hooks<sup>1</sup> me ensinou que o amor não deve ser entendido apenas como um sentimento, mas como uma prática contínua, uma escolha ética que envolve responsabilidade, ação e intenção. Sempre que volto aos seus escritos, especialmente *Tudo Sobre o Amor*, relembro que amar é uma escolha, uma ação.

## Parte II- Inspirações

Neste momento da escrita, desejo abrir um espaço especial para apresentar algumas das mulheres que me inspiram

---

<sup>1</sup> A adoção das letras minúsculas na grafia de seu nome constitui um gesto político deliberado, alinhado à sua visão crítica sobre estruturas de poder e identidade.

profundamente. É importante dizer que, ao longo da vida, também encontrei homens que me ensinaram, me escutaram e me impulsionaram a seguir. Mas por se tratar de uma carta dedicada às mulheres e às muitas formas de ser mulher, são elas que irão ocupar este lugar. Com a força, a sensibilidade e a potência que carregam, são elas que dão sentido ao meu caminho.

E nesse percurso, que é feito de encontros, desvios, encruzilhadas e descobertas, penso nas mulheres que seguem comigo neste barco da vida. Mulheres que remam ao meu lado mesmo quando a correnteza pesa. Mulheres com quem luto, por quem luto, e que lutam por mim. Mulheres com quem compartilho alegrias, silêncios, cansaços e recomeços.

Minha mãe, Adriana.

Minha irmã, Geisi.

Minha tia, Gracione, que me deu o presente de ser madrinha do Pedrinho, e com isso, um novo tipo de amor.

Minhas amigas de infância, Leila e Bárbara, que guardam comigo as primeiras versões de quem fui, e que continuam presentes.

Minhas amigas de vida, Adrieny, Hemyllé, Jéssica, Milena e Paula, que me atravessam com afeto e me devolvem ao mundo quando ele parece demais. Com elas, o tempo se reinventa, e o vínculo se fortalece mesmo nos intervalos da correria.

Cada uma dessas mulheres carrega em si uma história que me toca, me ensina e me fortalece. São presenças reais, concretas, que me lembram diariamente que não estou sozinha e que, sim, é possível construir um caminho coletivo, sensível e politicamente consciente.

Na vida acadêmica, também encontrei outras mulheres que me instigam a seguir, mesmo quando o caminho se torna difícil. Mulheres que, com sua trajetória, sua escuta e sua coragem, tornam visível o que tantas vezes nos disseram ser inalcançável.

Minha orientadora, Allene Lage, é uma dessas presenças raras e potentes. Uma mulher que, ao nosso redor, faz parecer possível

aquilo que, por tanto tempo, nos ensinaram a duvidar. Mais do que uma professora, ela é uma referência viva de força ética, rigor intelectual e compromisso com a transformação social.

Sua trajetória acadêmica impressiona não apenas pelos títulos – Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra, Pós-doutora em Direitos Humanos pela UFPE e em Educação pela UFRGS – mas, principalmente, pelo sentido político, afetivo e coletivo que perpetua em tudo o que faz. Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste, em Caruaru, ela transforma o cotidiano da universidade pública com coragem, sensibilidade e presença.

Allene é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (qual faço parte) e coordena, desde 2007, o Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina. Foi professora visitante da Universidade de Salamanca, na Espanha, e tem uma produção intelectual que circula entre Brasil, Argentina, Cuba, Portugal e Espanha, com foco nas lutas emancipatórias dos movimentos sociais, nas epistemologias do Sul, nas temáticas de gênero, sexualidades e feminismos.

Mas Allene é, acima de tudo, uma mulher que caminha ao lado. Que escuta com atenção. Que acolhe com firmeza. Que aponta caminhos com generosidade e ousadia. Sua presença me mostra, todos os dias, que ocupar espaços de saber, como a universidade, pode ser um gesto insurgente, feito com cuidado, pensamento crítico e compromisso com quem está fora dos grandes centros, fora dos manuais, mas dentro das lutas.

Na academia, também tenho o privilégio de conviver com outras mulheres incríveis, com quem compartilho o doutorado e tantas reflexões da vida. Mulheres que, além de pesquisadoras comprometidas, são mães presentes e amorosas: Allyne (mãe do Davi) e Fábria (mãe da Gigi). Com elas aprendo, diariamente, sobre força, resistência e sobre o delicado equilíbrio entre cuidar de uma criança e trilhar o próprio sonho.

Com elas entendi que a resistência também tem rosto, nome e cotidiano. E que é possível reinventar o que nos foi imposto como limite.

Ao escrever esta carta, não busco apenas me apresentar. Escrevo para me afirmar, me reconhecer, me narrar com as palavras que, tantas vezes, nos foram negadas ou distorcidas. Contar a própria história é um ato político, sobretudo quando vivemos em uma sociedade que insiste em silenciar vozes que não se encaixam no padrão. Hoje, mais do que nunca, quero ser autora da minha trajetória e, ao mesmo tempo, afirmar o quanto é urgente abrir caminhos para que mais mulheres também possam escrever as suas.

Quero reconhecer, com responsabilidade e respeito, que mulheres negras, indígenas, periféricas, filhas, mães têm travado há muito tempo essa luta por visibilidade, por voz, por pertencimento. Lélia Gonzalez (1982) já nos lembrava que não há como pensar uma sociedade justa sem enfrentar o racismo e o sexismo. Sueli Carneiro (1996) nos ensinou sobre a importância de disputar a autoria da própria existência. Djamila Ribeiro (2018) reforça que a escuta, o reconhecimento dos lugares de fala e a construção de alianças conscientes são parte fundamental da transformação. E Allene Carvalho Lage (2013) traz um olhar fundamental sobre como a educação e os movimentos sociais são espaços de resistência e de construção identitária, especialmente para as mulheres, destacando a importância da pedagogia da luta como ferramenta para empoderamento e afirmação.

E para quem tem interesse em aprofundar essas discussões, recomendo algumas leituras fundamentais: nos textos de Sueli Carneiro, como *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*; em Lélia Gonzalez, especialmente no ensaio *Lugar de Negro*; nas obras de Djamila Ribeiro, como *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* e *O que é Lugar de Fala?*; no livro de Allene Carvalho Lage *Educação e Movimentos sociais*, que destaca a pedagogia da luta como caminho para o empoderamento das mulheres; e também em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak. Essas são algumas das

vozes que iluminam e fundamentam reflexões sobre raça, gênero, identidade e resistência.

Escrevo, portanto, convidando: que sigamos ampliando os espaços onde mais mulheres, de todas as origens, possam se reconhecer como protagonistas de suas histórias. Mesmo quando fizeram vocês acreditarem que não podiam.

### Parte III- A voz que se levanta

É aqui que sinto ser importante dizer: **a coragem que hoje me move teve início na academia**, nesse espaço que tantas vezes pareceu inabitável, mas que, aos poucos, venho desvendando, ocupando e ressignificando. Foi aqui que comecei a romper muros internos, a desafiar as vozes que diziam que eu não pertencia, que meu lugar era outro.

E essa coragem não nasceu do nada. Ela tem sido nutrida pelas leituras que me atravessam, pelos debates que me desestabilizam e pelas autoras e autores que me lembram, com delicadeza ou contundência, que o hoje sempre pode ser um ponto de virada. Que transformar não é um destino reservado a poucos, mas uma construção coletiva e contínua.

Hoje, com e na universidade, consigo enxergar que, apesar de todos os “nãos” que ouvi (explícitos ou velados), apesar das vezes em que fui levada a duvidar da minha capacidade, **o conhecimento pode ser uma forma de libertação**. Especialmente quando desmascara as falácias que nos ensinaram como verdades, como a ideia de uma meritocracia que ignora contextos, trajetórias e desigualdades históricas.

Porque a verdade é que a meritocracia, como é vendida, não nos contempla. Ela não alcança as distâncias que percorremos, não escuta o cansaço das mulheres que estudam depois de cuidar de filhos, de limpar casas, de sobreviver a violências. Nossas realidades ecoam a quilômetros de quem sempre teve a escuta aberta, a cadeira garantida, o tempo inteiro disponível.

Mas seguimos. Como diz o poema de Conceição Evaristo que “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. E não morrer é também seguir estudando, pensando, escrevendo, ocupando. Com nossas vozes, com nossas histórias, com o que somos e o que desejamos transformar.

Hoje, minha voz não treme como antes.

Ela ainda carrega cicatrizes, sim. Mas aprendeu a ecoar onde antes só havia silêncio.

É nesse contexto que venho me dedicando a compreender como as violências que enfrentamos também se atualizam no ambiente digital. Embora ganhem novas formas nas redes, essas violências carregam marcas antigas, enraizadas em estruturas que insistem em silenciar, deslegitimar e ferir.

Minha pesquisa caminha, assim, com a perspectiva feminista como horizonte, um campo onde educação, resistência e coletividade se entrelaçam. Tenho buscado entender como, diante do que fere, as mulheres constroem estratégias de enfrentamento, redes de apoio e práticas de politização que transformam o espaço digital em território de luta e de cuidado.

Cada passo nesse percurso tem sido uma tentativa de compreender não apenas os mecanismos da violência, mas sobretudo as potências da ação coletiva. Porque estudar, nesse caso, é uma forma de acender luz onde muitas vezes só encontramos sombra.

Que outras mulheres também encontrem essa fresta por onde a luz entra.

Que caminhemos, mesmo com medo, porque coragem não é ausência de medo, é persistência apesar dele.

E que esta carta sirva de farol, ou ao menos de fósforo. Que acenda algo. Que ilumine o próximo passo.

**Costurando memórias:  
por uma pesquisa atravessada pelo tempo**

Dalila Otilia Sales Santos de Araújo

*A Lagarta e Alice ficaram olhando uma para a outra algum tempo em silêncio. Finalmente a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela numa voz lânguida, sonolenta.*

*“Quem é você?” perguntou a Lagarta. Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então (Carroll, 2009, p. 55).*

Correlacionando a experiência da pequena Alice em uma realidade paralela com realidades distintas e a fluidez das constantes transformações, brincando com os conceitos de tempo e mudanças, Alice tenta buscar uma resposta simples, mas suas memórias são prova de que o passado já não é e o presente está apreendido em um instante fugaz, que se dissolve antes mesmo de ser percebido. Na obra *Confissões*, Santo Agostinho (2019), faz a seguinte reflexão: “O que é, então, o tempo? Se ninguém me pergunta, o sei; se preciso explicá-lo a quem pergunta, não o sei.” nesse sentido, o desafio de compreender o *eu* do presente torna-se um desafio complexo e utópico, visto que o presente só se torna compreensível ao se tornar passado e compor as memórias do sujeito.

Retomando a história de Alice, lembro do primeiro contato com a obra, e essa é uma das memórias mais antigas que retenho. Lembro de uma Dalila criança, sentada no chão da sala de minha casa no sítio, o piso gélido de cimento queimado. – Se fechar os

olhos ainda consigo sentir o cheiro do cuscuz e café fresco que minha mãe preparava, o som do meu pai e meus irmãos conversando no curral enquanto cuidavam das vacas e riam de alguma coisa que eu não sei o que era, enquanto a antiga TV de tubo amarela exibia a animação de Alice no país das maravilhas – Ainda não sabia ler ou escrever e a idade que tinha naquela época foi borrada da memória ou simplesmente não fazia parte dos pensamentos de criança, que costumava passar o tempo brincando de subir em árvores ou construindo casinhas embaixo delas.

Obra cinematográfica produzida pela Disney, o filme é um clássico atemporal, no entanto eu não entendia muito sobre as regras do que seria um filme clássico ou mesmo uma obra de arte, cuja fidelidade com a obra de Lewis Carroll, ou melhor dizendo Charles Lutwidge Dodgson, era outra informação que tampouco conhecia.

Recordo de me identificar com a menina que gostava de animais, uma vez que eu mesma vivia rodeada deles e adorava fazer carinho e conversar com todos como os melhores amigos que alguém poderia ter. Na época, meu sonho era ser veterinária para cuidar de todos eles e prolongar seu tempo de vida. Por esse motivo, o mundo de Alice não parecia tão diferente do meu próprio mundo, mas a história tinha muitos conflitos que me agitavam por dentro. O medo de crescer, assim como a angústia e receio de não saber voltar para casa, foram sentimentos que recordo ter compartilhado com ela.

Agora, um pouco mais crescida em idade e estatura, a história me atravessa de outras formas impensadas por aquela criança que assistia e criava mundos para si. *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* é uma obra que subverte os conceitos de normalidade pragmática e racional, suscitando um mundo dos absurdos e despropósitos. Em uma realidade paralela – onde o que não existia passa a existir e o que existia, toma outras formas e papéis – a garotinha expõe questionamentos pertinentes sobre a vida e sua própria existência. “Será que eu era eu mesma quando acordei hoje de manhã? [...] Se eu não sou mais a mesma, a pergunta inevitável

é: quem, neste mundo, eu sou?” O livro é repleto de enigmas que brincam com as dicotomias do racional/irracional, real/abstrato, normal/absurdo. Em um mundo invertido, tudo se transforma e o convencional não explica nada.

As aventuras de Alice movimentam o pensamento, que se abrem para perceber a fluidez da própria existência. Não se trata apenas de uma ficção, mas de um mundo inventado, fértil, fecundado pela imaginação. No momento em que escrevo, percebo essa história como uma obra filosófica de muitas facetas, que se modifica a cada novo encontro que tenho junto a ela.

Para pensar essas metamorfoses a partir de outra perspectiva, Henri Bergson (2010), associa a existência do *eu* à própria necessidade imanente de mudança. Para ele, o passado não passou, mas perdura e coexiste no presente por meio da memória. Em sintonia com essa perspectiva, percebo-me afetada em um espaço singular em que me encontro em constante processo de transformação. Assim como Alice, há uma complexidade entre a essência do *eu*-criança, o *eu*-mulher, o *eu*-docente, o *eu*-pesquisadora, o *eu*-mãe e tantos outros “*eus*” que me acompanham e se delineiam nessas linhas que me compõem.

Nesse sentido, tomamos o *eu*, não como um indivíduo fixado em um tempo linear, mas como zona de passagem de afecções, corpo intensivo atravessado pelo tempo, forças e potencialidades de existir. “A verdade é que estamos mudando sem cessar e que o próprio estado já é mudança” (Bergson, 2010, p.16). Ainda que o movimento se repita, essa repetição sempre resultará na diferença, uma vez que o tempo não volta e as memórias são marcas dessas passagens de um passado que coexiste no presente.

“A repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla”. Essas palavras de Hume, que se fazem presentes na escrita de Deleuze<sup>2</sup>, dialoga com a perspectiva de Bergson (2022), quando ele fala sobre a durabilidade da matéria e as variações do tempo duração. Ainda

---

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Ed.5º, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2024.

que tentemos repetir o mesmo movimento, esse não seria o mesmo, uma vez que o tempo não retrocede, portanto, a repetição implicada no tecido variável do tempo, produz a diferença.

O tempo é um elemento que não depende da matéria para existir, mesmo que frequentemente o associemos às transformações da matéria e o estado das coisas. Ao conceituar o tempo duração, Bergson o associa a experiência, à memória espiritual, uma vez que a duração atinge diferentes intensidades e variações em conformidade com os acontecimentos. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Larrosa, 2002, p.21).

Em meus percursos vivente, não foram poucas as pessoas, lugares, momentos ou objetos que me afetaram. Tantas histórias que conheci, tantas personagens que imaginei ser e que de alguma forma fui e ainda sou. Momentos e pessoas, aquela cena que marcou e nunca consegui esquecer, os conselhos de minha mãe ou as histórias de minha avó, frases proferidas nas brechas do tempo que propiciaram lições, mudanças, outras rotas, atalhos e desvios que compõem as veredas de uma cartografia que devém muitas vidas.

Meu percurso acadêmico se iniciou muito antes de me perceber professora. Vagas são as lembranças de meus primeiros passos para a escola, Joaquim Vieira de Souza, onde fui matriculada aos seis anos, para apenas saber como era estar em uma escola. “Ela fica como ouvinte e no ano que vem ela repete a primeira série”, foram as palavras da tia Graça, esposa do meu tio e também professora do grupo escolar que faz parte de minha história. O que ela não imaginava é que a menina conversadeira, desatenta e que gostava de olhar os livros na estante no canto da sala, estaria alfabetizada antes do término do ano.

Passei de ano! A professora era a mesma, pois minha sala era multisseriada, mas agora eu faria 2ª série. 1ª... 2ª. Uma ruptura: outra professora. 3ª... 4ª. Outra ruptura. Era chegada a hora de mudar de escola, pois aquela à qual estava acostumada, não oferecia uma turma para mim. Começava outro trajeto, o grupo

escolar de duas salas e arvores ao redor, composto por primos e amigos que moravam próximos, fora substituída por uma escola maior e mais distante, com mais salas e pessoas desconhecidas. Os muros nos quais eu costumava caminhar por cima, foram trocados por grades de ferro e os espaços de areia que circundavam a escola, agora era composto por pisos enrijecidos. Ali, ninguém brincava com pés descalços nem pulava os muros da escola para comprar doces. Muitos professores, muitas disciplinas, colegas zombeteiros... e um sinal.

Um sinal que marcava o tempo de cada aula, fragmentados em minutos os quais precisariam ser administrados. Acorde mais cedo; pouco tempo para chegar ao ponto do ônibus; se chega atrasada, não entra na escola; espere até a próxima aula; escreva rápido, antes que a professora apague o quadro para receber o próximo professor. Esses imperativos diagramavam uma nova rotina. Provas, trabalhos, horários, demandas, o tempo... Foi a partir daí que comecei a perceber a existência do tempo. Aquele tempo que corria constantemente para controlar as ações e tarefas que precisavam ser realizadas, não combinava com meu tempo de criança.

O tempo da criança é um tempo inventivo, curioso e aberto à novidade. Tempo que se estende, que se deixa perceber e sentir; tempo que indaga, que permite escutar a si e ao outro; que se irrompe e interrompe. O tempo das crianças é o da experiência, o da intensidade da vida. (Araujo; Costa; Frota, 2020, p.4).

No sítio o tempo era diferente. Não havia sinal de alerta para o tempo. As aulas eram distribuídas de um jeito que não se notava os impactos do término de uma aula para o início da outra. As tarefas de casa se multiplicaram e eu já não fugia para fazê-las no pé de umbu, pertinho de casa. Agora, precisava terminá-las rápido para ajudar minha mãe nas atividades domésticas e no cuidado com os animais. O sol e o canto do galo não eram páreo para os compassos do relógio.

O primeiro tempo era reservado para a reunião obrigatória de todos os alunos na quadra aberta. Ali, sob o calor implacável do sol, cantávamos uma sequência de músicas religiosas e orações, intercaladas, às vezes, pelo hino nacional ou o da escola. O sol aquecia nossas cabeças com intensidade, mas não era permitido permanecer na sala de aula ou em qualquer outro espaço que não fosse aquele. Tantas imposições nos cercavam: chegar pontualmente, manter o silêncio durante a solenidade, vestir o fardamento completo e impecável – "calça azul escura, não clara, escura! Blusa da farda e sapato preto!".

Apesar de todos os conflitos, gostava daquela escola. Vivenciei experiências ruins e outras maravilhosas, as quais fazem parte da pessoa que estou me tornando. A gentileza das professoras, o afeto do Espedito, que nos deixava entrar escondidos quando estávamos atrasados, Lurdes, Maria e "Docarmo", que nos deixavam repetir a merenda... até o gestor que era visto como um homem rígido devido a meticulosidade das regras, era tomado por sorrisos, brincadeiras e conselhos, que tornavam aquela escola um ambiente mais agradável.

Com o passar do tempo, foram se cristalizando outros hábitos e fui me percebendo em transformação. Chegada minha adolescência, na mesma escola, iniciei o Normal Médio. Com a influência de minha mãe, que também havia sido professora, eu e minha irmã iniciamos outra jornada repleta de desafios. Foram quatro anos em uma turma composta, em sua maioria, por mulheres, cercada de tantos afetos que se construíram em nossas errâncias por estágios, projetos e trabalhos escolares. Apesar das intermitências que atravessam uma vida entrelaçada a tantas outras, como nos diz o saudoso Belchior,

Presentemente, eu posso me  
Considerar um sujeito de sorte  
Porque apesar de muito moço  
Me sinto são, e salvo, e forte  
E tenho comigo pensado

Deus é Brasileiro e anda do meu lado  
E assim já não posso sofrer  
No ano passado

Das andanças de minha existência, foram muitos os encontros que me tocam considerar que a sorte anda do meu lado. O ano era 2013, quando iniciei o curso de pedagogia. Sem muitas expectativas em relação ao que me aguardava e frequentemente considerava desistir daquele caminho. Mas, confabulo com Deleuze (2002) ao falar sobre o Espinosa, e perceber que meu corpo elevou as potências entre tantos movimentos e encontros de composição com outros corpos. Recordo que um desses momentos aconteceu durante uma aula-encontro em que falávamos sobre as infâncias, um diálogo guiado pelo professor Everaldo Santos, novato no curso de pedagogia. Não foi o texto propriamente dito, nemunicamente o professor em questão, mas acredito que a composição do encontro que aconteceu durante aquela aula. Um espaço de tempo que se deslocou dos limites cronológicos ao ponto de não sentirmos as horas passarem. O brilho nos olhos do professor ao falar em algo que acreditava, alguns comentários meus e de meus colegas que fluíram outras conexões. A composição daquele encontro impulsionou o desejo; fui afetada de tal modo que a partir daquele momento, me tornei outra pessoa e essa queria continuar.

Escrevendo essas afecções, vou me dando conta de tantas memórias guardadas e tantas linhas que vão se conectando. As músicas presentes na desgastada cartilha do sindicato, as conversas que os adultos desenvolviam sem se importar com a criança que os escutava, os filmes e novelas que assistia com minha mãe, e tantos outros diálogos que tivemos nas madrugadas, enquanto tomávamos um café com bolachas. Todas essas memórias vão se costurando como em uma colcha de retalhos de minha vida.

Alguns anos após a graduação, inicia-se um novo trajeto com o mestrado, aquilo que por anos foi o meu medo tornou-se o melhor desafio da minha vida. Como as máquinas desejantes que

cortam os fluxos, que negam as redundâncias do “fazer porque tem que ser feito”, o mestrado provocou mudanças, outras rupturas, o alvoroçar dos desejos. A semente plantada na infância, germinou durante a graduação e passou anos esperando o momento para florescer em um devir-pesquisadora, que tem em suas memórias, atravessamentos que pouco a pouco vão se deslocando e forjando outras perspectivas.

Dentre os movimentos de territorialização e desterritorialização, o encontro com a filosofia da diferença e os conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari revelou-se, em princípio, um desafio complexo. Acostumada a buscar o significado das coisas, vi-me frequentemente enredada em uma postura assimilativa, que tendia a reproduzir sentidos já cristalizados. No entanto, à medida que me adentro nas intrincadas tramas de suas obras, vou desconstruindo-me, deslocando-me gradualmente da busca por raízes de significados fixos para perceber movimentos e conexões.

Essa transformação revelou-me a importância de compreender os fluxos e as linhas de fuga, o devir de criação e existência. Um modo novo de perceber e ser no mundo. Assim, esse encontro não apenas ampliou minhas perspectivas, mas também abriu caminhos para a experimentação de pensamentos errantes, nômades, constante movimento. Os territórios conhecidos foram sutilmente desterritorializados, e as perspectivas se desintegrando nesse processo de decodificação.

Nesses movimentos, ocorreram encontros com minha orientadora, e, desses encontros e conversas nas quais compartilhamos inquietações, que fecundaram outros movimentos da pesquisa. Como no “repouso cortado por longos silêncios” em que nasceram ideias (Deleuze, 2016), encontramos uma na outra, a conexão do tempo. Como canta e nos encanta Gal Costa, “O tempo não para e, no entanto, ele nunca envelhece”. Esse tempo que está em tudo começava a se tornar elemento relevante para tecer o campo problemático do que vem se desenhando na cartografia da pesquisa. Um verdadeiro mar aberto em que tentamos aguçar

nossos instintos para explorar as nuances desse plano imanente onde o acontecimento acontece.

Se recorremos a Bergson para elucidar o acontecimento que nos trouxe até este presente — que logo se torna passado antes mesmo que eu escreva estas palavras —, então as memórias do passado continuam a pulsar no agora, constituindo uma memória ontológica sempre em movimento. Lembro da minha escrita acanhada, na qual falava do tempo e tentava esconder esse desejo, com medo de que fosse algo irrelevante. Mas os encontros com a orientadora tornaram reais essas conexões. Como o ritornelo que ritmou o caos para a criação, nossas conversas produziram um ritmo próprio, conduzindo o acontecimento. “O tempo é muito importante, só que ninguém olha para ele.” Uma frase dita em meio às conversas, mas que fecundou o desejo da pesquisa.

O tempo está em tudo. É o tecido que se expande sobre toda a existência. Não há existência fora do tempo e não se pode ter controle sobre ele. Paradoxalmente, esse elemento onipresente é constantemente despercebido. Esquecido no canto da casa onde quase ninguém lembra de passar, mas que em algum momento da vida, esse encontro inevitável vai acontecer. Quantas vezes paramos para pensar no tempo que passa enquanto passamos por ele? Acordar cedo. Estar atrasada. Tudo muda em questão de segundos. Mas será que nossa existência deveria estar amarrada ao tempo cronológico como uma corrente e bola de chumbo, presa ao tornozelo, a qual estamos condenados a carregar pela vida? O que fazer quando não temos tempo? Será mesmo que o tempo acabou, simplesmente porque o calendário está sinalizando que estamos velhos demais para fazer alguma coisa?

Gosto de pensar o tempo de outra maneira. Não quero o tempo que se esvai entre os dedos, mas o tempo que me permita escapar das garras do maldito relógio. Viver não seria isso? — escapar para viver. Mas como criar esse outro tempo dentro de uma realidade que nos captura e gerencia cada instante?

Lembrando o famoso debate entre Einstein e Bergson, Luz Horne (2025), nos chama a atenção para a relação entre o tempo

cronológico explicado pela física e o tempo filosófico da duração, que se configura campo de tensão, que vem sendo palco de discussões há bastante tempo. Para o físico, os pequenos momentos são irrelevantes e o tempo filosófico não existe. Bergson por sua vez, chama atenção para um tempo vivido, aquele que não se mede em relógios nem se calcula nas fórmulas científicas. “A ciência explica a matéria, diz Bergson, mas a vida lhe foge fugazmente” (Horne, 2025, p. 14).

Confabulando com Bergson, o conceito de duração ou o entre-tempo em Deleuze são um convite a pensar a existência, um modo de vida criativo de libertação do organismo de uma máquina social, cujo tempo possui funções específicas que mais parecem castigos do que registro. Diferente do cronos, a duração não é um conceito que se possa capturar. Nela o tempo não passa, ele acontece. A afecção do desejo que emerge em infinitesimais de segundo. São espaços que não cabem no relógio, o instante já de Clarice Lispector – aquele momento em que a sofrida Macabéa pode enfim experimentar a felicidade de um destino que não era o seu. Em uma brevidade fecundada de futuro, sentiu pulsar em seu corpo, emoções para toda uma vida – em *A Hora da Estrela*. O acontecimento não precisa pedir permissão ao cronos, pois ele habita nos intervalos que se fazem dos entre-tempos.

Nesses intervalos, no tempo que dura, que são tecidos os encontros, mostrando que a pesquisa não é um exercício solitário, mas uma composição que acontece na relação entre diferentes agenciamentos – um movimento de costurar-compor com singularidades que em dados momentos se encontram e se conectam de diferentes maneiras. Para tanto, é preciso que a pesquisadora seja corpo intensivo, um campo aberto para o inusitado. Pesquisar é também se aventurar pelas incertezas, errâncias e descaminhos.

Como bem diz o Chico César, “caminho se conhece andando, então vez em quando é bom se perder”. Nessas errâncias do caminhar, vou me encontrando atravessada pelos desafios da pesquisa, que mais do que atividade científica, é movimento de

um corpo que sente, pulsa, hesita, teme, se frustra, mas também se encanta e se deixa afetar. Pesquisar é caminhar em territórios dinâmicos e intensivos, é mergulhar no caos e se permitir conhecer e criar.

É neste dançar com os ritmos e se compor com espaços no tecido do tempo, que se configura o pesquisar. Pensando com Manoel de Barros, acredito que pesquisar é caminhar entre as incertezas e despropósitos – como o menino que gostava de carregar água na peneira, nem sempre é sobre encontrar respostas ou significados exatos. Vazios são maiores, as vezes até infinitos, e esses vazios podem preencher espaços outros, que talvez os cheios jamais alcançariam. Como aprendi com o livro *A Culpa é das Estrelas*, alguns infinitos são maiores do que outros. E talvez, seja nesses infinitos de multiplicidades, que a pesquisa encontre as afecções para fecundar as potências da vida.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

ARAUJO, Janice Débora de Dlençar Batista; COSTA, Rebeka Rodrigues Alves da; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. M. M. C. (2020). De chrónos à aión: onde habitam os tempos da infância? *Childhood & Philosophy*, 17, 1–24. <https://doi.org/10.12597/childphilo.2021.56866>

BARROS, Manoel de. O menino que carregava água na peneira. In: *Exercícios de ser criança*. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávia Dumont sobre os desenhos de Demóstenes. São Paulo: Salamandra, 1999. Disponível em: <https://prosped.com.br/arte/poema-o-menino-que-carregava-agua-na-peneira-de-manoel-de-barros/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BELCHIOR. *Sujeito de sorte*. In: Alucinação. Fortaleza: Ceará Music, 1976. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/344922/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo. Ed. UNESP, 2010.

BERGSON, Henri. *A Ideia do Tempo: Curso no Collège de France*. São Paulo. Ed. UNESP, 2022.

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Zahar, 2009.

CÉSAR, Chico. *Deus me proteja*. In: *Francisco, forró y frevo*. São Paulo: Biscoito Fino, 2008. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-cesar/1281067/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora 34, 2008. 144 p. (Coleção TRANS). Tradução de: *Le bergsonisme*. ISBN 85-7326-137-4.

DELEUZE, Gilles. *Conversações:1972-1990*. 3. ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Ed.5º, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2024.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GREEN, John. *A culpa é das estrelas*. Tradução de Renata Pettengill. São Paulo: Intrínseca, 2012.

HORNE, Luz. *FUTUROS MENORES: filosofias do tempo e arquiteturas do mundo*. Tradução Luciana Di Leone e Diana Klinger. São Paulo. N-1edições, 2025.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 23. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2023.

VELOSO, Caetano. *Força estranha*. Interprete: Gal Costa. In: *Gal Tropical*. Rio de Janeiro: Philips, 1979. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gal-costa/discografia/forca-estranha-1984/>. Acesso em: 15 jun. 2025.



## A Voz Que Veio da Margem

Déborah Maria da Silva

Aproximo-me desta temática, atravessando barreiras de um processo de colonialidade que marca quem sou, perpassando por processo de uma decolonialidade, através dos estudos pós-coloniais. Estudante de uma graduação em Pedagogia, na UFPE/CAA, dedicada a quebrar barreiras, me encontro neste período, passando pela luta de me reconhecer e me aceitar quanto Mulher negra. Diante de tantos muros impostos pelo racismo, pela imposição da identidade europeia e pela demonização do Ser Negro, me vejo dentro de um dilema – lutar contra quem sou, ou, aceitar minha identidade – diante desse fato, assumo minha Identidade, colocando-me não só nesta posição, mas também, na posição de Mulher Negra que irá compor a linha de frente de uma Luta social e histórica, é ir em busca de equidade, respeito e o fim do racismo.

Parafraseando Walter D. Mignolo, me coloco na posição desse “Outro”, não porque me dizem ser outro, mas por me considerar desta forma, vendo-me como ser de autonomia da minha própria história. Fomentada pela ideia de constituir novos saberes, fazer-se reconhecer os espaços e o conhecimentos que surgem da margem.

Através das discussões realizadas neste processo formativo, percebo-me diante dos livros didáticos, que, silenciam a história a imagem e a presença das mulheres negras, em específico, nestes materiais didáticos. É através desses materiais que começo minha caminhada de luta e resistência, fazendo frente a um diálogo de necessidade de pertencimento em todos os espaços escolares, desde as representações imagéticas dos livros.

É através da escrita de cordéis, reconhecendo que a literatura é um dos maiores recursos da cultura humana, ao carregar a base do ser, que irei discorrer sobre esse meu processo, me aproximando de um gênero de escrita que traz consigo resquícios de uma cultura colonialista, ao ser um processo de escrita, aqui no Brasil, junto aos portugueses. No entanto, ao acessarmos espaços do cotidiano nordestino, os cordéis fazem parte uma cultura de resistência, assim como discorre Meneses, U. T, (p.229) *“O cordel é um mundo de extraordinária fluidez e extensibilidade, que não pode ser apreendido por nenhum campo disciplinar autônomo: antropologia, história, literatura, linguística, comunicação, artes visuais, psicologia, economia, geografia, pedagogia, etc. etc”*.

A escrita cordelística, nos leva ao imaginário, perpassando por todas as disciplinas e (in)disciplinas mas, mantém-se na linha da resistência marcando o Movimento Negro, ao perceber que essa forte cultura popular pode ser grande aliada a este movimento, assim como demonstra Coelho, p. 2019, ao relatar que tem como objetivo: *“educar os seus leitores como pertencentes à raça negra brasileira através da cultura popular, e na educação ajudando constituir outros olhares sobre a formação de professores”* (Coelho, 2019). Portanto, seguiremos a tecer história, arte e resistência através da literatura de cordel.

### **A Voz Que Veio da Margem**

Peço ajuda a você  
Para juntos prosear  
Ouvir a história  
Que vem lá do CAA  
Inquietude no estudo  
Diálogo a repensar

Voltei lá pro meu passado  
Me lembro para te contar  
Da menina que crescia

Sem se reconhecer lá  
Sem saber da estrutura  
Que viria a lhe calar

E perdida na estrutura  
Daquele espaço escolar  
O racismo era silêncio  
Sem ter com quem conversar  
Tudo era voz silenciada  
Sem se ver, sem se encontrar.

Assim crescia a menina  
Querendo nos livros se achar  
Buscava um rosto espelhado,  
Mas não podia encontrar.  
Nas páginas que percorria,  
Só via o branco brilhar.

As imagens tinham um peso  
Alguém pra representar  
Mas ela não se encontrava,  
Qual lugar iria ocupar?  
Seguia à margem da cena,  
Mal conseguia se enxergar.

Construiu a sua história  
Sem saber com quem falar  
Não tinha referências  
Que a fizesse se encontrar  
Mulher preta, parda, morena?  
Não sabia onde se encaixar.

Chegou na graduação  
Não sabia o que esperar  
Porém naquele espaço

Finalmente ia encontrar  
Mulher negra, sempre foi  
Ali era o seu lugar

Via suas semelhantes  
Com espaço pra falar  
Sua voz veio da margem  
Para no mundo ecoar  
Fez dali o seu lugar  
Pra semente plantar

No curso de pedagogia  
Um espaço para contestar  
A estrutura que oprimia  
Era hora de enfrentar  
Momento de travar luta  
Pro sistema trasmudar

Tantas negras como ela  
Fizeram a ciência andar  
Seu povo tinha história  
Mas o livro não quer contar  
O eurocentrismo impera  
Sem deixar o negro brilhar

Conceitos a refletir  
Saberes pra renovar  
Um mundo oculto ali  
E seu povo sem brilhar  
Era todo um esquema  
Pro homem branco reinar

Um grupo chama a atenção  
Fazia a margem falar  
Por meio dos seus estudos

Espaços iam ocupar  
Se identificou com a luta  
Quis com ela caminhar

Começaria pelos livros  
Para o conceito mudar  
Ali é espaço para todos  
O eu, tinha que validar  
Livro é espaço de mudança  
Para o racismo minar

Ela viu no seu estudo  
A chance de transformar  
Mudar a estrutura  
Pra juventude ajudar  
E no momento da escola  
A identidade se afirmar

Quando fez o seu projeto  
Começou a repensar  
Olhou pra seus semelhantes  
Viu que não podia parar  
Pois seguiria na luta  
E no mestrado ingressar.

Com a ajuda do mestre  
Que ensina para libertar  
Que mudar o mundo inteiro  
Começando do seu lar  
Sua cidade precisa  
O livro reformular

Aqui vou me despedindo  
Vou sementes germinar  
Do silêncio faço fala

Pra história recontar  
O branco não me silencia  
Racismo não vai me parar

## Referências

COELHO, Janete Lainha. O antirracismo no livro de literatura de cordel traquinagem de criança desafios para a educação. *Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade*, v. 1, n. 2, p. 373-379, 2019.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Brasil, n. 72, p. 225-244, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i72p225-244. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157058>.. Acesso em: 30 abr. 2025.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

## Atravessamentos de saber e luta em um cordel curricular

Douglas Ferreira da Silva

Esse cordel é uma inspiração que se despertana minha dissertação de mestrado que tem como título “Produção curricular na educação do campo: uma análise dos discursos dos/as docentes à luz das redes associacionistas”, e que foi apresentada ao PPGEduc/CAA/UFPE no ano de 2021. Assim, convido à todas as pessoas que tiverem interesse pelos significantes mobilizados na pesquisa, bem como pela literatura de cordel a, juntamente comigo, viajarmos nessa locomotiva poética tão nordestina que é a literatura de cordel. Pois bem,

Eu venho de pé no barro,  
Com palavra bem rimada,  
Falo agora de ensino  
Numa forma engajada.  
Currículo é mais que lista,  
É disputa que persiste  
Na escola ou na estrada.

Currículo é narrativa,  
Nunca é neutro ou só razão,  
É disputa pelo mundo,  
Pelo rumo da nação.  
E Laclau já nos avisa:  
Discurso nunca é camisa  
Que se veste sem tensão.  
Laclau traz uma ideia forte:  
Que o saber se articula,

Todo termo tem sentido  
Na medida em que circula.  
Não existe o natural,  
Todo ensino é desigual,  
Pois o poder sempre regula.

Currículo é construção  
Que se dá na diferença,  
Entre o mestre e o aluno  
Há disputa e há presença.  
Quem domina, quem resiste?  
É o discurso que persiste  
Numa luta sem licença.

Diz Ernesto, com firmeza,  
Que o discurso é construção,  
Não há verdade absoluta,  
Nem saber de salvação.  
É na luta pelo signo  
Que o poder acha o seu pino  
Pra moldar educação.

Currículo, assim se mostra,  
Não neutro, mas posição,  
É disputa entre sentidos  
Na arena da nação.  
É palavra articulada  
Com história enraizada  
No poder da dominação.

Não se trata de roteiro  
Com começo, meio e fim,  
Mas de texto em movimento  
Que é tecido assim, sem fim.  
É sujeito que se inscreve,

Na escola, onde se escreve  
O que a história diz de mim.

E nos diversos campos do mundo,  
Onde o povo faz plantio,  
Também há educação,  
Mas nem sempre há desafio.  
Com Caldart e com Arroyo,  
O saber não vira apoio  
De um saber vazio e frio.

Molina canta a canção  
De uma escola enraizada,  
Feita com participação  
E memória cultivada.  
É saber que tem sentido,  
Com o tempo repartido  
Entre luta e jornada.

No campo o saber semente,  
É cultura, é labor,  
Arroyo diz com confiança  
Que o chão é formador.  
Caldart reforça a história,  
Molina, a partir da memória,  
Propõe escola com calor.

Educação “do” e “no” campo,  
Não vem de fora importada:  
É raiz, canto e amparo  
Na luta emancipada.  
É saber dos agricultores,  
Com saberes sonhadores,  
Cultivando vida pluralizada.

No sertão, na roça, o povo  
Tem seu modo de ensinar,  
Com o milho e com o barro,  
Com o tempo de plantar.  
Mas a escola coloniza,  
Com saber que paralisa  
O que a terra quer gritar.

Diz Caldart com muito afeto:  
“O saber do chão é rico”,  
E Arroyo também reforça  
Com palavras sem arrisco:  
“A escola do agricultor  
Precisa ter mais sabor  
Do que um livro sem rabisco.”

E Molina nos alerta:  
“Educação do e no chão!”  
Não basta abrir a escola  
Sem ouvir a população.  
É preciso que se crie  
Uma escola que amplie  
Os sentidos da missão.

Paulo Freire nos ensina  
Que ninguém se faz sozinho,  
Que o saber que se impõe  
É dominação no ninho.  
Educar é liberdade,  
É plantar a dignidade  
No terreno do vizinho.

Na Pedagogia do Oprimido  
Tudo é troca e atenção,  
Professor é companheiro,

Não é dono da razão.  
Educar é escutar,  
É deixar o outro falar  
Com seu chão e tradição.

No sertão e nas quebradas,  
Redes surgem devagar,  
São sementes coletivas  
Que começam a brotar.  
Movimentos, associações,  
Teias feitas de paixões  
Que se põem pra transformar.

Não se formam só em sala,  
Mas nos atos do viver,  
Na partilha e na batalha  
Pelo pão e pelo saber.  
Essas redes associadas  
Formam vozes engajadas  
No direito de aprender.

A escola que o campo quer  
Não impõe sem escutar,  
Ela brota das conversas  
Do terreiro e do pomar.  
Currículo vira estrada  
Com história enraizada  
Em saber que faz sonhar.

Não se trata de impor plano  
Que em nada tem sentido,  
Mas de unir o cotidiano  
Ao saber instituído.  
Currículo, nesse chão,

Vira ato e construção  
De um futuro prometido.

No meio deste panorama  
Surgem redes associacionistas,  
Unem força, espanto e drama  
Da vida coletiva e ativa.  
Cooperam, formam, debatem,  
E no campo se equipam  
Com saber que motiva.

As redes são espaços vivos  
De resistência e construção;  
São trocas, debates incisivos,  
Têm raiz na renovação.  
Formam professores, agricultores,  
Com saberes das culturas,  
E currículo em mutação.

Que esse cordel sirva agora  
Pra quem quer se transformar,  
Professor, rede, aluno,  
Todo aquele que sonhar.  
Que o saber seja conquista,  
E não grade que resista  
O direito de lutar.

Educar é movimento,  
É disputa e construção,  
Não se faz sem identidade,  
Nem sem chão ou coração.  
O currículo que se almeja  
Não se aprende só na igreja  
Do saber sem conexão.

Seja campo, vila ou monte,  
Seja terra ou capital,  
O saber tem que pulsar  
Com justiça social.  
E quem escuta o sertão  
Vai plantar educação  
Como força essencial!

Esse cordel se despede  
Com palavras de união,  
Mas te convida a pensar  
Com mais participação.  
Que o currículo da escola  
Não seja só uma esmola,  
Mas do povo, a criação.

Que o professor reflita  
E se forme com cuidado,  
Com Freire, Laclau, Caldart,  
E Arroyo bem ao lado.  
Pra que o campo floresça,  
E a escola reconheça  
Seu saber tão respeitado.

## **Referências**

ARROYO, Miguel. *Formação de professores como profissão-política*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARROYO, Miguel. *Escola é território de estudantes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CALDART, Roseli S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola, sujeito e prática*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli S. *Educação do campo no Brasil: uma utopia possível*. Campinas: Papirus, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e Estratégia Socialista*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

MOLINA, A. D. *Educação, trabalho e construção de conhecimento*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MOLINA, Mônica Castagna. *Educação do Campo: notas para uma análise de percurso*. Brasília: MEC, 2006.

MOLINA, Mônica C.; JESUS, S. M. de. *Educação do campo e pesquisa: questões para debate*. Brasília: Articulação Nacional de Educação do Campo, 2011.

## **A arte das *arpilleras* numa linguagem pedagógica da denúncia e resistência feminista: conversas com as experiências das mulheres atingidas por barragens do Ceará**

Fábia Roseana Souza Oliveira da Silva

Eu decidi escrever este texto, para relatar uma das experiências que tive, no processo de escrita da minha dissertação de mestrado<sup>1</sup>, que dentre outros territórios, caminhou e desbravou as vivências das mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, no estado do Ceará.

A escrita do texto, foi durante o período da pandemia do COVID – 19, o qual foi muito desafiante para todos/as nós, testou os limites da nossa resiliência e particularmente, me proporcionou um mergulho profundo na minha pesquisa.

A minha pesquisa, se tornou nossa pesquisa, pois ao seu desenrolar, tive a grata surpresa de conhecer mulheres fantásticas, gentis e pacientes, que de uma forma muito orgânica e sorora, aceitaram meu convite de narrar, suas histórias e experiências.

Desta forma, eu sigo escrevendo e compartilhando, as vivências que tive, na perspectiva de fazer com que outras, tantas mulheres, conheçam o MAB, as mulheres *arpilleristas* e toda a potência epistêmica que existe entre as tapeçarias que se tornaram, o tecido da resistência feminista no nordeste do Brasil, destacando as experiências vividas pelas mulheres do Ceará, que

---

<sup>1</sup> Link de acesso ao texto completo da dissertação “ARPILLERA, O TECIDO PEDAGÓGICO DA RESISTÊNCIA FEMINISTA NO MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS – MAB: uma inspiração chilena para as mulheres rurais do Nordeste do Brasil”: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50022#:~:text=to%20this%20item%3A-,https%3A//repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50022,-Share%20on>

transformaram luto em luta, violação de direitos em resistência, sofrimento em resiliência.

O estado do Ceará, uma terra banhada pelo sol, que brilha forte refletindo suas belezas que enchem os nossos olhos, e faz o tempo parar com tantas belezas naturais.

Este tempo, deveria congelar, para sentirmos o vento em nossos cabelos passar devagar, cortando os muros de pedra imponentes da praia de Canoa Quebrada.

O nome Ceará significa literalmente o canto de Jandaia. O escritor José Alencar, diz que Ceará é nome composto de cemo - cantar forte, clamar, e ara - pequena, arara ou periquito (em língua indígena). Há também teorias de que o nome do estado derivaria de Siriará, referência aos caranguejos do litoral.

Sob a terra quente e o sol escaldante, os pés calejados dos povos atingidos e atingidas, forjam a luta do Movimento dos Atingidos dos Barragens - MAB. Sobre aquele chão, os gritos de ordem dão o enredo para a luta das mulheres atingidas, através das suas telas, cores, linhas, tecidos e suas *arpilleras*.

Sobre este enredo, queremos relatar a vida das mulheres, que decidiram a partir de tantas percas materiais, territoriais e afetivas, levantar a bandeira da luta, denunciando o avanço capitalista desenfreado, através do hidroagronegócio<sup>2</sup>.

Inicialmente, quero voltar um pouco no tempo, especificamente no período da ditadura civil militar (1964-1985) onde as primeiras ideias de criação do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB surgiram, para que só em 1991, os debates políticos e organizacionais proporcionassem a criação oficial do

---

<sup>2</sup> Sousa (2013, p.69), “o hidroagronegócio que é uma ramificação do agronegócio, e pretende priorizar a modernização da agricultura, porém de forma excludente tendo raízes profundas na monocultura e na produção voltada para o mercado externo.” Esta vertente capitalista, beneficia o latifúndio e prejudica diretamente o agricultor do campo, pois geralmente os agricultores não possuem condições financeiras para concorrerem com a agricultura irrigada, que é altamente mecanizada com altos índices de produtividade, tornando um mercado extremamente rentável para o capitalismo.

movimento, e hoje se tornasse uma das principais referências de defesa dos povos atingidos direta ou indiretamente pela construção das barragens, necessárias para instauração das usinas hidrelétricas ao longo de todo território brasileiro.

Conforme o MAB (2013, p.07), o movimento se coloca como:

Movimento nacional, autônomo, de massa, de luta, com direção coletiva em todos os níveis, com rostos regionais, sem distinção de sexo, cor, religião, partido político ou grau de instrução. Nos organizamos para a defesa dos interesses das populações atingidas pelo sistema de geração, distribuição e venda da energia e para a construção de um novo modelo energético, que esteja a serviço do povo brasileiro. O Movimento organiza lutas em torno das barragens (antes, durante ou depois de sua construção) seja para impedir, garantir ou manter o direito dos atingidos. Luta pelo cumprimento dos direitos humanos, econômicos e sociais e denuncia a violação dos direitos dos atingidos por barragens, que coloca no centro a soberania energética popular em um novo modelo de desenvolvimento social, com respeito à dimensão socioambiental. Todas essas lutas se alimentam no profundo sentimento de amor ao povo e amor à vida, em todas as suas manifestações (MAB, 2013, p.07).

O autor Dirceu Benicá (2011, p.100) salienta que o MAB atualmente está presente em 17 estados brasileiros, entre eles o estado do Ceará, fortalecendo os seus principais objetivos que são: resistir contra a construção de barragens que provocam danos sociais e ambientais; lutar para que nenhuma barragem seja construída sem acordo com a população; defender a permanência do povo na terra; reivindicar garantia de justa indenização ou reassentamento aos atingidos; proporcionar formação aos integrantes do movimento; ampliar o número de militantes; discutir e propor um novo projeto energético para o país que garanta, entre outros itens, utilização de fontes alternativas de geração, acesso à energia para todos, com tarifas populares para os consumidores familiares.

Uma das principais características do MAB, é de buscar estratégias para trabalhar com seus militantes, de forma, plural considerando as suas particularidades e buscando sempre, provocar reflexões que incluam as pautas regionais e nacionais, proporcionando a busca pelo conhecimento e fortalecimento de suas bandeiras de luta.

Especificamente com as mulheres do MAB, o movimento criou em 2011 o Coletivo Nacional de Mulheres, durante o I Encontro de Mulheres Atingidas por Barragens, que ocorreu no mês de abril em Brasília – DF.

A história das *arpilleras* dentro do MAB, surgiu no ano de 2013 e se firmou nacionalmente no ano de 2014, quando o Coletivo de Mulheres do movimento, adotaram a técnica das *arpilleras* como um instrumento de denúncia, desta forma a prática das mulheres atingidas por barragens passou a ser construída de forma coletiva, independentemente da região do Brasil. Assim tudo passou a ser decidido e executado em grupo, desde a escolha dos materiais até o próprio desenho da produção das *arpilleras* e foi desta união que veio a força deste coletivo.

Para contextualizarmos, se faz necessário citar a definição das *arpilleras*, pelas palavras de Roberta Bacic, que em 2021 concedeu uma entrevista intitulada “*Dancing Together*” <sup>3</sup>ao podcast *Homely Planet*<sup>4</sup>, e foi posteriormente publicada pelo site irlandês *BeyondSkin*, <sup>5</sup>nesta ocasião, a pesquisadora explicou um pouco sobre as *arpilleras*.

Na entrevista *BeyondSkin* (2021), Roberta Bacic diz que:

---

<sup>3</sup> Link da entrevista *Dancing Together* :<https://www.beyondskin.net/roberta-bacic-dancing-together>

<sup>4</sup> Link do podcast *Homely Planet*: [https://soundcloud.com/homely-planet/roberta-bacic-dancing-together?utm\\_source=www.beyondskin.net&utm\\_campaign=wt\\_share&utm\\_medium=widget&utm\\_content=https%253A%252F%252Fsoundcloud.com%252Fhomely-planet%252Froberta-bacic-dancing-together](https://soundcloud.com/homely-planet/roberta-bacic-dancing-together?utm_source=www.beyondskin.net&utm_campaign=wt_share&utm_medium=widget&utm_content=https%253A%252F%252Fsoundcloud.com%252Fhomely-planet%252Froberta-bacic-dancing-together)

<sup>5</sup> Texto na íntegra: <https://www.norastrejilevich.com/Materiales/Arpilleras.htm>

*Arpilleras* são tapeçarias tridimensionais de apliques latino-americanos originárias do Chile. Esses tecidos refletem as histórias de mulheres que trabalharam juntas para denunciar os abusos dos direitos humanos e a repressão da ditadura de Pinochet no Chile, 1973-1990. [...] arte de fazer *arpilleras*, uma forma de inspiração para mulheres com histórias semelhantes de conflito político, protestos contra a guerra, repressão, resistência, sobrevivência, negação, morte, desaparecimentos, deslocamentos, histórias nacionais, preocupações ambientais, terras indígenas lutas e transição para a democracia. Seu trabalho alcançou grupos de mulheres no Peru e, mais recentemente, na Espanha, Brasil, Argentina, Reino Unido, Irlanda, Alemanha, Zimbábue, Colômbia, Canadá, Nova Zelândia e Equador (Skin, 2021 – Tradução Livre).

As mulheres do MAB, se inspiraram diretamente nas *arpilleras* que já eram confeccionadas pelas mulheres Chilenas, que carregam consigo as marcas do regime ditatorial chileno. A autora Marjorie Augosin, através do seu livro *Tapeçarias de esperança, fios de amor – o movimento arpilleras no Chile*, que foi traduzido pela também escritora Ana Cecília Martínéz, nos relata um pouco sobre as *arpilleras* chilenas.

De acordo com Martínéz (2004),

Tiveram um enorme impacto na cultura nacional. Os *arpilleristas* começaram a trabalhar numa época em que ninguém ousava questionar as autoridades, numa época de obediência e autocontrole. Essas mulheres foram das primeiras a criar uma cultura de resistência e, com o tempo, foram se juntando a outros grupos: jovens universitárias e mulheres das aldeias que organizavam painéis populares e várias redes de solidariedade não patrocinadas pelo regime. Apesar de elogiar a cultura doméstica, o governo lamentou o trabalho dos *arpilleristas*, considerando-os subversivos e perigosos. As *arpilleras* também representavam o poder que inspirava um tipo de trabalho doméstico que até então era considerado marginal. Por meio das *arpilleras*, foram denunciados crimes específicos: por exemplo, a descoberta de valas comuns em várias áreas da capital e nas cidades de Calama, no norte do Chile, e Lonquén, perto de

Santiago. Os *arpilleristas* fazem parte da cultura nacional; são testemunhas e denunciadoras de uma cultura violada pela morte. Eles criam um ofício que resgata os mortos através da memória (Martínez, 2004, sp – Tradução Livre).

As mulheres *arpilleristas* chilenas são inspiradoras, pois assumiram uma identidade única na história do país e conseguiram através dos têxteis, denunciar o que foi vivido durante o regime, como forma de resistência política que reivindica a não violência diante das situações vividas, como terapia para trabalhar a dor, como forma de participar socialmente com um papel diferente daquele designado pela sociedade e como forma, também, de obter recursos para sobreviver.

A construção política através da técnica *arpillera*, perpassa por esta perspectiva, pois o bordado tecido pelas mulheres, é forma sensível e traz a valorização política e estética de suas existências, perpassando as margens de um sistema instaurado de forma intransigente e autoritária que as colocou em uma posição de resistência à ditadura.

Para visualizarmos melhor o que é uma *arpillera* chilena, segue um exemplo.

**Figura 1:** *Arpillera* Chilena “2.500 desaparecidos”



Fonte: <https://cubarte.cult.cu/blog-cubarte/arpilleras-chilenas-documentos-de-narracion-denuncia-y-memoria/>

Dialogar com as temáticas das *arpilleras* dentro do MAB, requer um olhar especial sobre a perspectiva que o movimento tem sobre as mulheres atingidas por barragens, através do seu coletivo de mulheres.

Desta forma, as mulheres *arpilleristas* do MAB, tecem através do bordado os argumentos que sustentam a sua prática política e construção pedagógica do tecido de resistência feminista dentro do movimento, construindo a identidade das *arpilleras* do MAB, que ao contrário das chilenas, que eram usadas como fonte de renda, as produzidas pelas mulheres do MAB são utilizadas como um instrumento político de denúncia.

Assim as mulheres *arpilleristas* de forma coletiva, buscam a ampliação do campo de suas experiências e criando sempre possibilidades de (re)significação em seus momentos históricos, a partir da confecção de suas *arpilleras*, que seguem em direção a desconstrução da lógica capitalista, denunciando de forma peculiar o que viviam e vivem.

Como mencionamos anteriormente, o MAB está presente no estado do Ceará, na região Nordeste do Brasil, e neste estado tivemos a grata surpresa de poder conversar com a Coordenadora Estadual do MAB, Mércia Vieira, que gentilmente nos apresentou aspectos peculiares da atuação do movimento no estado.

Inicialmente, perguntamos a Mércia Vieira, o porquê que a atuação do MAB no Nordeste, especificamente no Ceará, é diferente da atuação do movimento dos outros estados, e sua resposta foi

Aqui na região nordeste, nós temos uma especificidade que nos difere das outras regiões que tem barragens, que aí uma das pautas, além de ser contra a construção as barragens por vários motivos, que aí o problema em si não é as barragens e sim o modelo, e nós também tem a luta pelo acesso a água. Muitas comunidades nossas, nós somos tirados das nossas comunidades para dar lugar as barragens. A maioria das barragens aqui do nordeste são para acumulo de água e não para geração de energia, mais mesmo assim nossas comunidades não tem acesso a água, nós temos vários exemplos aqui

no Ceará, com a barragem do Castanhão onde o MAB nasceu aqui no estado, é o berço da organização no estado é a barragem do Castanhão, tem comunidades lá que estão a menos de 2 km da barragem e não tem acesso a água, não tem adutora, no período do verão são abastecidas por carros pipa até hoje, por isso um dos nossos pontos de luta por direito é o acesso a água, que inclusive as mulheres são sempre as mais violentadas nesse processo, são elas que lavam a louça, a roupa, quem cuida dos filhos em casa, são as mulheres, que tem que ter o trabalho de ir buscar a água são as mulheres, então esse ponto da luta pelo acesso a água, que nesse processo de luta muita coisa avançou, a luta por adutora, nós temos exemplos de conquistas de cisterna, poço profundo de algumas experiências que tiveram êxito, mais temos algumas comunidades que continuam no processo (Mércia Vieira, 2021).

A partir desta narrativa, nós a perguntamos diante desta perspectiva peculiar, como se dava o trabalho das mulheres do MAB Ceará, utilizando as *arpilleras*, e sua resposta foi explicativa

Então temos a experiência da maioria serem mulheres, as coordenadoras e quem de fato se compromete com a organização. E as *arpilleras* para nós foi uma metodologia que chegou e que acho que vai ficar no MAB assim (risos), não é uma coisa assim, um evento, as *arpilleras* é uma ferramenta que inclusive nos possibilita ajudar naquele problema inicial, que as mulheres não precisam falar, né? Para fazer uma *arpillera*, a gente trabalha os temas, essa questão das violações de direito e aí, aqui no Ceará agente trabalhou alguns temas, o acesso a água foi um tema, para construção da *arpillera*, é... a luta pelos altos preços da luz era um tema de uma *arpillera*, a participação política, cada tema elas criavam uma *arpillera* e a partir do debate as mulheres não precisavam fazer exposição, a gente usava alguns vídeos, fazia alguns debates, alguns problemas e as mulheres iam ali se dividir em alguns grupos e iam produzir sua *arpillera* (Mércia Vieira, 2021).

Especificamente sobre a construção das *arpilleras*, nós a perguntamos como ocorre o processo com as mulheres e os

materiais utilizados, e nesta perspectiva Mércia continuou sua narrativa explicando:

Então, quando a gente foi fazer as primeiras *arpilleras* aqui no estado, a gente não sabia se ia conseguir fazer, eu nunca costurei, eu não sei bordar, eu aprendi a fazer outras coisas com minha mãe, essas coisas aí eu não aprendi, mas quando a gente vai fazendo, todo mundo eu acho tem esse mesmo sentimento, mas cada uma chega e faz um pouquinho, tem uma que chega e sabe fazer um ponto bonito, outra faz a bonequinha e a gente vai se ajudando, não tem especialista em costura, não tem especialista em bordado, mais cada uma da sua contribuição e no final sai aquela peça bonita. Pois é, você acha bonito, mais de vez enquanto o pessoal da nacional fala “olha vamos dar uma melhoradinha nesse acabamento”, aí a gente fala, olha aquilo ali foi uma construção coletiva, a gente vai dar uma passadinha, pra ficar mais retinho, mais é aquilo ali. Mas eu acho que é o sentimento de todas, é a sensação que não conseguir fazer, a gente mostra as fotos, tem livretos que é a coisa mais linda do mundo, mais na hora. Assim, a base é a junta (estopa), mas o resto são tecidos. A gente fala: - Oh, a gente vai ter encontro, vamos fazer as *arpilleras*, cada um leva um pedaço de pano, uma roupa usada, roupa velha, linha” cada uma leva alguma coisa, as vezes a gente tenta coletar na comunidade, com as costureiras que tem os retalhos (Mércia Vieira,2021).

Continuando sobre esta pergunta, Mércia trouxe elementos onde ficou claro o sentimento de pertencimento que as mulheres têm pelas peças, pois elas carregam consigo suas histórias, e para nós este relato foi muito significativo.

Tem muitas que quando terminam dizem assim “Nossa vamos guardar a onda?” eu posso levar para casa?” Tipo assim todo mundo quer para si, porque a partir dali não é só um bordado qualquer, é uma história das mulheres, é o que elas vivenciaram, é as violações que elas sofreram, tá tudo ali desenhado, todo mundo quer, elas dizem “Cuidado nós vamos deixar com vocês, mas a vontade é levar para casa” todo mundo quer levar para a casa, fazer um quadro. Nós

temos uma experiência na comunidade nossa que foi feito um livro de *arpilleras*, toda história da comunidade foi feita um livro, todo o processo que a comunidade passou, quando foi atingida, o que a comunidade passou, desde o barraco de madeira até o assentamento ficar pronto, então está tudo feito no livro de *arpilleras*. Tipo assim, foi organizado um grupo de mulheres e elas não quiseram parar depois que fizeram história, fizeram outras *arpilleras* no espaço da comunidade e elas tem um vínculo muito grande com a *arpillera*. A gente quis até trazer para o nosso espaço estadual, mas não deixaram não (risos), tem um espaço na comunidade só pra guardar, elas têm um vínculo muito grande (Mércia Vieira, 2021).

Como já mencionamos anteriormente, a valorização das narrativas das mulheres do MAB, foram potencializadas pelas histórias, cores, telas, linhas e lágrimas que constroem o bordado tão forte e marcante das *arpilleras*. Porém, com o passar dos anos de trabalho com a metodologia organizativa das mulheres, precisava ser registrado.

Para exemplificar os relatos descritos, gostaríamos que convidar-lhes para apreciarem duas das *arpilleras* produzidas no Ceará, pelas mulheres atingidas.

**Figura 2:** *Arpillera* “O Reassentamento Novo Alagamar”



Fonte: Acervo virtual do MAB

**Figura 3:** *Arpillera* “A divisão sexual do trabalho e as mulheres atingidas”



Fonte: Acervo virtual do MAB

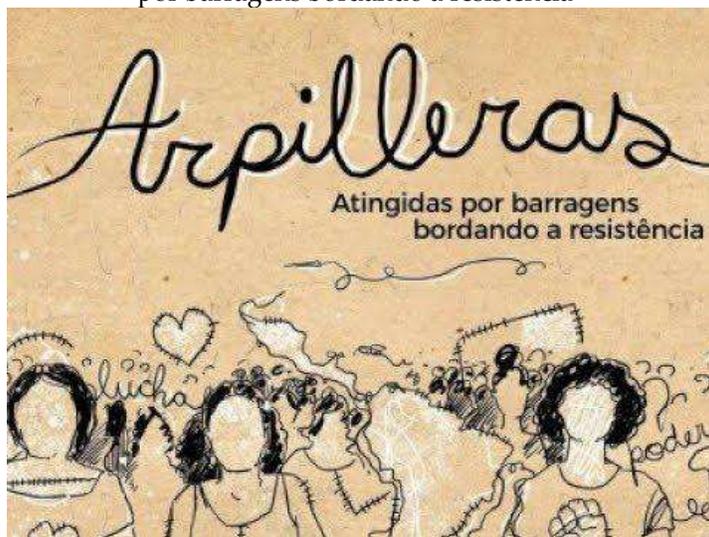
Desta forma, o coletivo de mulheres do MAB começou a produzir o documentário, que refletisse de forma legítima a narrativa das mulheres atingidas por barragens, que eram também mulheres *arpilleristas*. Mas é importante salientar que o documentário não é sobre as *arpilleras*, e sim sobre as mulheres atingidas, as *arpilleras* neste contexto são um dispositivo, como relata Esther Vital Garcia (2021).

O documentário “*Arpilleras: mulheres atingidas bordando a resistência*” lançado em 2015, foi produzido pelo coletivo de mulheres do MAB através de financiamento coletivo e dirigido por Eduardo Coutinho (1933-2014).

---

<sup>6</sup> Link para documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>

**Figura 4:** Cartaz de divulgação do documentário “*Arpilleras*: atingidas por barragens bordando a resistência”



Fonte: Site oficial do MAB

O documentário relata a história de cinco mulheres, das cinco regiões do Brasil, que foram atingidas por barragens, e encontraram através das *arpilleras* uma forma de denunciar as violações que sofreram, ao decorrer do processo de implantação das barragens.

A narrativa do documentário, segue a metodologia das *arpilleras*, pois se trata da leitura de uma carta produzida por mulheres *arpilleristas*, ao fim da produção de sua *arpillera*.

São depoimentos fortes, onde as mulheres contam as suas experiências e são interlocutoras de milhares de outras mulheres atingidas por barragens, que viveram e vivem as mesmas circunstâncias.

A memória das mulheres do documentário, nos emociona, pois, elas revisitam os seus antigos lares, que deram lugar as barragens e retiraram de suas famílias o direito de viver onde queriam e eram felizes e que hoje procuram ter vez e voz através do bordado.

O documentário nos permitiu conhecer a história da Margarida e de sua filha Marina, nordestinas e atingidas pela barragem do Castanhão-CE. Transcrevendo um trecho de sua narrativa, Margarida diz,

Eu nasci em Alagamar que faz parte de Jaguaratama no Ceará, e aprendi a amar esse pedaço de terra. Eu cresci e vi outras pessoas da minha idade crescer e mais novas. Eu testemunhei a história de muitas pessoas de superação, aqui nesse pedaço chão. Aí de repente, a gente sabia, mas talvez a gente não quisesse acreditar, mas chegou o dia de retirar as famílias daqui. Isso foi muito dolorido, o sertão virou mar, Jaguaribara virou mar e esse mar virou deserto. São muitas recordações, se a gente fechar os olhos lembra de cada coisa né? Cada pedacinho, cada historinha. Tem uma coisa que eu nunca consegui esquecer, era o cheiro da minha rede, sabe se eu fechar os olhos eu tenho a sensação de sentir, porque era uma redinha de saco, porque as coisas eram muito difíceis aí Mãe comprava o saco branco de açúcar que tinha na época e fazia, era um cheiro de amor, cheiro de Mãe, de família unida. Foram momentos de muito desespero, a água alagando tudo, o seu sentimento, a sua história sendo inundada, a água entrando dentro de casa. Tinha famílias que era a água entrando e tirando os móveis, antes que a água inundasse tudo. Eu lembro de todo esse desespero e os helicópteros da defesa civil, e como a gente não tinha pra onde ir, tinha que construir os barracos de madeirite. (Margarida, 2017)

Continuando a narrativa, Marina, filha da Margarida diz,

O rio pra quem nasce perto do rio, os ribeirinhos, o rio é parte do nosso corpo, é parte da gente, é parte da nossa alma. Então o rio, o peixe, a água, o banho no rio, a lavagem de roupa no rio, o cheiro de sabão, isso é muito intrínseco a gente, é muito parte da gente. Então ver o rio de certa forma, abafado, destruído, é muito forte dentro de quem nasce perto dele. Normalmente a gente conhece barragem pra produção de energia elétrica, mais aqui no nosso Nordeste, no Ceará, a barragem do Castanhão que é uma grande barragem, são 6,7 bilhões de metros cúbicos a capacidade, tinha esse discurso de combate a seca, de garantir a água no sertão, que é um discurso

inclusive muito difícil de se contrapor, porque a água no sertão é uma riqueza. Mas a gente vê a falência desse discurso, desse desenvolvimento, porque não resolveu o problema da seca, expulsou os ribeirinhos, expulsou as famílias que viviam a base do rio, que tinham o contato com o rio, não tinham projetos para essas famílias, inundou, se tornou um grande mar e agora não conseguiu resistir o maior período de seca, então a falência do discurso do desenvolvimento a gente vê nesse cenário, onde era rio, virou uma grande obra e agora voltou a estar seco. Do Castanhão, tem um imenso canal que é o canal da integração que leva água para Fortaleza, mas ao entorno desse canal, tem várias famílias que não tem acesso a água, é a água só pra você ver e não para usar, já teve caso de pessoas que foram presas tentando acessar a água e são impedidas, então é um dos exemplos que a obra não foi feita para as comunidades que estão sem água, que foram atingidas pela barragem. O acesso a água é para quem está nos grandes centros urbanos e as indústrias de fabricação de peças (Marina, 2017).

Margarida ainda continua,

Diante disso, a gente vê assim, quem sofre muito mais com essa política do capitalismo, das grandes empresas é as mulheres. Era uma Sexta-Feira Santa, 02 de abril, quando o pessoal veio pra fazer, pegar os dados para a desapropriação, aí veio o pessoal do estado pra fazer esse levantamento. Quando foi a noite, onze horas da noite a gente acordou, tendo um tiroteio lá em casa, quando eu acordei atordoada, achando que a casa tinha caído, porque a casa que a gente morava era cheia de rachaduras, só quando eu acendi a luz que eu percebi que não era. Aí assim, foi muito doloroso, porque a gente teve que passar um mês dormindo na casa vizinha, porque a gente não conseguiu casa, e depois a gente sabia, não tinha certeza, mas sabia quem ia mandar fazer isso. Aqui era um local muito cheio de vida, de amor, de esperança, e com a construção da barragem do Castanhão foi preciso sair, foi construído um novo reassentamento, mas as casas, as paredes, continuam aí. Olhar como ficou aqui, dá um vazio, é um sentimento que eu não sei explicar. Hoje eu vejo que foi muita luta, mas a gente conseguiu se estabilizar. Eu lembro da primeira visita das casas, foi uma festa, aquela alegria (Margarida, 2017).

**Figura 5:** Arpillera “Água para ver, mas não para beber”



**Fonte:** Acervo virtual do MAB

De acordo com as narrativas de Margarida e Marina, mulheres atingidas pela barragem do Castanhão, afirmam o que a *arpillera* acima descreveu, pois como elas descreveram a abertura de canais que levam água para Fortaleza-CE, ilustram um discurso desenvolvimentista que não se sustenta, pois, a realidade em que os atingidos vivem é totalmente diferente.

A água existe, porém, serve apenas como artifício político para que as grandes empresas e assim alimentar o sistema capitalista, enquanto os ribeirinhos que vivem ao redor do Castanhão e dos canais que levam água, continuam vivendo sem o acesso a águas sem condições de desenvolver atividades agropecuárias que são a principal fonte de renda dos ribeirinhos.

Diante destes recortes que trouxemos para compor esse texto, podemos compreender, compreendemos de forma clara que as

*arpilleras*, é uma linguagem não verbal, expressa através da técnica de bordado, que por sua vez são utilizados como metodologia de organização feminista através da educação popular dentro do MAB.

A definição das *arpilleras* como uma linguagem, para nós é algo revolucionário, pois ela foi adotada justamente por um movimento social, um organismo vivo e em movimento. Assim, acreditamos que a experiência cotidiana possibilitou justamente a potencialização dessa linguagem, como metodologia de trabalho específico das mulheres atingidas.

Trata-se da forma que as mulheres emitem para o mundo sua mensagem, que foi pensada e estruturada diante das demandas que surgiram de forma muito orgânica, legitimando as suas regiões de forma muito intencional, assim foi construído o tecido da resistência feminista muito difícil de ser rasgado.

As mulheres do MAB não começaram a bordar apenas, elas primeiro internalizaram o trabalho e depois traduziram do seu próprio jeito, elas criaram a partir do enredo de suas próprias vidas e posteriormente de forma coletiva, bordaram vida em suas telas.

A característica da coletividade, presente na metodologia utilizada pelo MAB nos parece que deu mais sentido a educação popular, fazendo com que a linguagem opressora fosse quebrada, essa forma individual de se construir algo ou até mesmo atribuir maior valor ao que é feito individualmente, ou seja, o uso da educação popular fez com que as mulheres criassem suas próprias narrativas sem interlocução.

Desta forma, seguimos compartilhando nossos escritos, acreditando na potência epistêmica das mulheres *arpilleristas*, e como elas podem apresentar uma nova possibilidade pedagógica de denúncia e resistência. Por este motivo compartilhamos um pouco sobre elas, compreendendo a necessidade de dialogarmos sobre os movimentos sociais e como esses sujeitos têm trabalhado nas trincheiras das violações de direitos emergentes e profundas, denunciando o avanço capitalista.

## Referências

BENINCÁ, Dirceu. *Energia e Cidadania: a luta dos atingidos por barragens*. São Paulo –SP, Cortez: 2011.

BEYOND SKIN. Roberta Bacic "*Daçando Juntos*". Belfast Carnival Centre. Irlanda do Norte. Disponível em: <https://www.beyondskin.net/roberta-bacic-dancing-together> Acesso em 26 janeiro 2022.

CONTI, Esther Vital Garcia. *Arpilleras y empoderamiento afectadas por represas, de víctimas a defensoras de derechos humanos*. 2016.

MAB, MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. *Política de direitos para as populações atingidas por barragens – PNAB*. São Paulo – SP, 2013.

MARTINÉZ, Ana Cecília. *Tapeçarias de esperança, fios de amor – o movimento arpilleras no Chile, 1974-1994* – Marjorie Augosín. San Diego State University. Disponível em: < <http://www.norastrejilevich.com/Materiales/Arpilleras.htm> > Acesso em: 22 de janeiro de 2022.

SOUSA, Francisco Marcos Xavier de. *Assentamento Boa Esperança, O MAB e a barragem do Figueiredo, Iracema-CE: territórios, lutas, conflitos e sobrevivência*. 2013.118 f. Dissertação (Mestrado em geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2013.



## **Carta às infâncias e a quem se apaixonou todos os dias pelo processo de brincar e aprender...**

Francielly Falcão da Silva

Garanhuns, 12 de junho de 2025.

A escrita nunca começa quando sentamos para fazê-la, há um planejamento, um encontro com as memórias, inquietações e desejos que precisam ser revelados, e esta não foi diferente. Essa carta começa antes da universidade, antes da pesquisa — ela começa no encontro com a menina que fui, *Franciellycriança*, filha de agricultores da cidade de Caetés-PE, que escrevia cartas com canetas coloridas e que ocupou a escola num momento em que o bullying com crianças de cabelos crespos era normalizado, que ocupou uma escola que não enxergava as infâncias nas suas pluralidades de corpos, cabelos, sorrisos e sonhos.

Depois ela visita a *Franciellyprofessora*, que iniciou a carreira muito cedo, na Rede Municipal de Ensino de Garanhuns – PE, vivendo a brincante experiência com a educação infantil, orientada por perguntas muito simples: Como ofertar uma escola melhor que a que encontrei na minha infância? Como a escola pode ser espaço de construção de autoestima, respeito às diferenças e, acima de tudo afeto? Não encontrei respostas, na verdade escrevi mais cartas (mérito da terapia) para a estudante que fui contando dos encontros que a educação me proporcionou e para a professora do futuro lembrando que o processo é lento e belo na mesma proporção, que a andança é mais importante que a chegada.

Por fim encontra a *Franciellypesquisadora*, que volta para a universidade como quem volta para uma conversa interrompida: vim reencontrar todos os dias as infâncias, as que ensino, as que

observo, e a que sou. Vim também para continuar esperando com Paulo Freire, buscando fazer uma educação pública de qualidade e com equidade para todos e todas desde a primeira infância.

Agora que nos encontramos, vamos dialogar um pouco sobre minha pesquisa. Arturo Escobar (2016), nos provoca a produzir “mundos e conhecimentos de outro modo”. E é isso que busco em cada gesto e em cada imagem que nasce do encontro entre crianças, materiais e espaço: uma forma de produzir saber que reconheça o corpo, a ancestralidade, a estética e o afeto como partes constituintes do conhecimento. Nesse caminho, a **Lei 10.639/03** se apresentou não apenas como uma exigência legal, mas como uma chance de mudar vidas, plantar sementes de pertencimento, de valorização e de futuro.

É com esse desejo no coração que nasceu meu projeto. Ele olha com carinho e atenção para a **Escola Municipal Professora Luzinette Laporte de Carvalho**. Inspirada na abordagem pedagógica de **Reggio Emília**, a escola aposta nas “cem linguagens” das crianças – suas múltiplas formas de expressar o mundo – para construir, dia após dia, um espaço onde cada criança possa se sentir livre, criativa, potente.

No coração dessa escola pulsa o **Ateliê Criativo Laranja Luz**, um espaço onde arte e infância se encontram para transformar o cotidiano em poesia. Ali, pincéis, argilas, cores e palavras viram ferramentas de liberdade. Ali, as crianças se veem, se sentem e se reconhecem. Ali, acontece o que Paulo Freire chamou de práxis: teoria e prática caminhando de mãos dadas para transformar a realidade.

No Ateliê Criativo Laranja Luz, as crianças criam imagens e essas imagens, mais do que representações, são produções de pensamento. Por isso, minha pesquisa se alia aos estudos da Cultura Visual (Hernández, 2000), compreendendo que as imagens não apenas ilustram, mas ensinam, dizem, perturbam, criam mundo. A cultura visual é um território de disputas simbólicas, onde se constroem pertencimentos e exclusões. E é por isso que, no contexto de uma escola comprometida com a **educação**

**antirracista**, olhar para as imagens que as crianças produzem é também escutar suas formas de existir e resistir.

Com o apoio da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2008) — que propõe uma relação entre fruição, contextualização e produção — busco uma prática que considere o olhar das crianças como ponto de partida. No ateliê, quando uma criança desenha a si mesma com orgulho, com cabelo volumoso e sorriso aberto, está, simultaneamente, produzindo uma imagem e afirmando uma identidade. Ali, o fazer artístico é também um fazer político.

E se a arte é linguagem, ela também é resistência. Como diz o cordel que escrevi em diálogo com os estudos sobre Deleuze e a filosofia da diferença:

Na terra do pensamento,  
Nas trilhas do existir,  
Veio Deleuze com vento,  
Pra nos fazer refletir.  
Não falou de resistência  
Como guerra ou insistência,  
Mas como arte de fugir.

Não é grito, não é guerra,  
Nem bandeira a tremular.  
É fazer da própria vida  
Um novo jeito de habitar.  
É sair da velha trilha,  
É dobrar, é ser faísca,  
É aula que quer criar."

Essa “fuga” não é ausência, mas criação. É o que Deleuze e Guattari chamam de linha de fuga — um movimento de invenção que se dá quando algo escapa da norma, da forma, da regra. Como diz o filósofo: “Criar é resistir” (Deleuze, 2010). E no contexto da educação, resistir é criar outros modos de ensinar e de aprender. É fazer da aula uma aula que escapa — da mesmice, do controle, do currículo engessado.

A aula está no vento,  
No corpo, no acontecer.  
E talvez ao ver de perto,  
O que se move por certo...  
Nos ensine a resistir e viver."

Minha pesquisa é uma tentativa de acompanhar essas produções — imagens, falas, gestos, silêncios — com o cuidado que merecem. Quero compreender como essas expressões visuais constroem **identidades positivas**, especialmente para as crianças negras, e como o ateliê pode se tornar um território de **reparação simbólica** e de **potência coletiva**.

Nesse processo, volto sempre ao poema das cem linguagens, de Loris Malaguzzi. Mas agora o leio com outros olhos. Vejo que há cem linguagens nas crianças — e há também nas pesquisadoras. Há a linguagem do afeto, do espanto, do silêncio, da pergunta. E, como disse na disciplina, talvez minha pesquisa seja, acima de tudo, um processo de reencontro com as minhas próprias linguagens.

Caminhar com as crianças, ouvir suas perguntas e acompanhar suas produções me fez perceber que os atravessamentos culturais, éticos e estéticos — como nos lembra Ferraço (2015) — precisam passar pelas pesquisas. E é isso que tenho feito: deixado que esses atravessamentos passem por mim, me transformem e me convoquem a responder de modos cada vez mais comprometidos com uma infância viva, potente e escutada.

Esta carta, então, não é um fim, mas uma dobra — uma passagem entre o que vivi, o que vivo e o que ainda desejo construir. É também um convite: para que possamos continuar esperando juntos, com as crianças, com as imagens, com as palavras.

Se você chegou até aqui, obrigada. Que esta carta toque também as suas memórias e esperanças. Que possamos, juntos, seguir criando frestas por onde a luz da justiça e do afeto possa entrar.

Com afeto e resistência,



Francielly Galvão da Silva

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

ESCOBAR, Arturo. *Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidades/colonialidades latinoamericano*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2016.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Pesquisa-intervenção: pesquisa-formação e a escola como acontecimento*. In: *Educação e Pesquisa*, v. 41, n. especial, p. 1107-1124, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MALAGUZZI, Loris. *As Cem Linguagens da Criança*. Reggio Children, 1996.



## Voando alto: HBLYNDA em TRANSito

HBlynda Morais de Holanda

Um dia, vivi a ilusão  
De que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino  
Tudo me daria  
Do que eu quisesse ter  
Que nada  
Minha porção mulher  
Que até então se resguardara  
É a porção melhor  
Que trago em mim agora  
É que me faz viver  
(Super-homem - Gilberto Gil)

As atuais discussões sobre gênero e sexualidade têm gerado grandes debates acerca de sua proibição dentro das escolas, onde o cenário para aqueles que estudam e abordam sobre, é bem hostil, como se caminhássemos por um campo minado. Aproximando-se do tema de pesquisa que desenvolvo no Mestrado em Educação Contemporânea<sup>1</sup> de pensar sobre vidas não binária é remar contra a maré, pois a temática ganha maiores dificuldades em não entender o que ela propõe. Com isso,

---

<sup>1</sup> Este artigo está vinculado à pesquisa do projeto guarda-chuva intitulado: Inteligibilidades docentes, discentes e a equidade social: possíveis fortalecimentos do caráter plural e democrático da escola que contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq por meio do Edital CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021.

É urgente para alguns corpos relatar as suas realidades, considerando intensidades sensitivas, vozes e escutas, tensões e paralisias. A possibilidade de escrita sobre minhas vivências e epistemes aglutinam-se às ancestralidades das que já lutaram muito antes de mim (...) Sei que foi duro que todas elas existissem e construíssem os seus corpos para que eu hoje tivesse alguns direitos e algumas possibilidades de vivência (Lustosa, 2016, p.389).

Como pessoa não-binária e historiadora, atuante na área teatral há mais de uma década, identifico a potência da aliança entre o Teatro e a Educação para promover o transbordamento de afetações. Por ser cria das artes, ela se ramifica em meu corpo, meus pensamentos e se atravessa em meus escritos.

A autora chicana, Gloria Anzaldúa, em seu texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, lança uma provocação: “Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever?” (Anzaldúa, 2000, p.230). Dentro de um Cistema que é masculinista, branco e neoliberal, todas aquelas que tentam se expressar suas escritas são impróprias. Assim, trarei poética aos meus escritos, fugindo dos moldes cartesianos para se fazer uma pesquisa. Com isso, não desassocio que a arte está em tudo em minha vida, como também faz parte para pensar nos estudos de gênero e sexualidades e foco desta escrita.

A epígrafe deste texto denota o local de onde parto e finco meus pés, “Minha porção mulher que até então se resguardara é a porção melhor que trago em mim agora. É que me faz viver”. Após muitas batalhas erguidas pelo gênero, instaladas pelo ‘Cistema’, consegui me enxergar e (trans)bordar, bordando na minha trajetória a insurgência de ser uma pessoa trans. Sentia-se perdida com as palavras. Misturando sentimentos que não conseguia decifrar. Essas mesmas palavras lhe envolviam como uma cobra faz para matar sua presa. Lhe olhava de frente e num bote mortal destilou seu veneno, com suas presas perfurando a carne o líquido neutralizava a vítima. Se enrolava em sua cintura, comprimindo o corpo, aos poucos quebrava as costelas, depois esmagando os

pulmões, fígado e coração. Com os olhos arregalados o sangue quente se esvaía por todos os poros e quanto mais se sacudia o nó se estreitava, era como as palavras lhe consumiam os pulmões, fígado e coração, estrangulando a vítima que não tinha possibilidade de escapatória, até o ar...

Essa cena que acabo de narrar poderia ser de um sonho que já tive ou de alguma conversa que já pudesse ter ouvido, mas não, ela é um desassossego que ronda a minha identidade de gênero enquanto pessoa não binária. Por não me reconhecer como homem ou mulher lacunas se abrem brechas no Sistema heteronormativo, onde tentam a todo momento encaixar o binarismo no meu ser, pois se nasce com tal sexo, pênis ou vagina, será configurado ao gênero masculino ou feminino, logo uma não identificação ou fluidez entre ambos os gêneros é inconsiderável. Então escrevo cartas para uma HBlynda que jovem não conseguia ver possibilidade para essa existência, se enquadrando em papéis sociais que não se enxergava, onde juntamente com a arte pode fazer da dor um voo e assim resistir e poder ser quem é.

Eu quero ser quem ela é  
Eu quero ser quem ela é  
Eu quero ser  
Eu não quero saber quem ele é  
Eu quero ser  
Eu quero ser saber como é que é  
Não quero ser enquadra, quadrada  
Não quero ser quadrada não  
Não quero ser enquadra, quadrada  
Não quero ser quadrada não  
Não busco ser quadrado perfeito,  
números reais ou definidos  
Prefiro a libertação  
Sou bicho solto nesse mundo  
Não quero saber de exatidão  
Sou o avesso do verso, do verbo, do ser.  
(HOLANDA, HBlynda Morais. 2025. autoria própria)

Na poesia escrita entre minhas confabulações (Hartman, 2020) para a queima do gênero desejando a quebra dos enquadramentos que me impuseram por anos, digo que o jeito é: Sabotar. Destruir. Arruinar. Incomodar. Roer. Desmoronar. Atritar. Fissurar. Derrubar. Contrabandear. Furar. Inquietar. Burlar. Esses são alguns verbos utilizados para construção deste texto pensando na reivindicação da identidade não binária, onde será necessário estabelecer pontos de intersecção entre esses verbos quando vou dizer sobre o desejo de sabotamento ao gênero e de que há outras formas de ser/existir, além da classificação binária de ser homem ou mulher.

Dia 24 às 03h da madrugada

As cartas não possuem mês e ano. É uma passagem de tempo. Às horas permanecem, possuem estado de afetação. A filosofia da diferença vai postular marcadores importantes para pensarmos fora da caixa, trocando algumas lentes que já estão gastas, utilizando outras para pensar num reflorestamento de conceitos. Um deles que trago para refletir é o fracasso, palavra que está associada a um sentido negativo, representando algo que deu errado, ligando-se ao não sucesso. Há muitas possibilidades de emprego do fracasso, seja ele, empregado ao escolar, do trabalho, ao campo sexual e afetivo, ou para nossa discussão, aos corpos dissidentes.

Jack Halberstam em seu livro *A arte queer do fracasso* (2020) vai dizer que “em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer, “inadequar-se”, não saber podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais cooperativas, mais surpreendentes de ser no mundo” ( Halberstam, 2020, p. 21).

Então, apresento confabulações que fracassaram aos olhos da cis-heteronorma, que fracassaram aos julgamentos de não se encaixar no binarismo, que vê o fracasso como invenção, possibilidade, criação de algo não pensado, que olha para o fracasso e gosta de não corresponder ao esperado e vê potência ao fracassar. Eu sou fruto desse fracasso, desse erro, desse dismantelo à ordem biológica. E digo mais, que bom que fracassei, que não segui os

desígnios divinos e sociais que foram dados ao meu nascimento, rompi esse lugar fracassando, mas fazendo desse fracasso combustão para criar minha identidade, pois "performamos o tempo todo - não só pessoas trans, todes possuímos identidades fictícias, frágeis, mutáveis. Todes somos personagens e quem diz que é real é mentiroso" (Nascimento, 2021). É neste sentido de autoafirmação, lugar de fala (Ribeiro, 2017) e autoridade para poder viver a minha expressão de gênero, temos

É possível observar os limites e borrões entre a descrição de histórias de vidas enquanto elaboração de um quadro em movimento que a todo tempo pergunta quem é travesti, quem é trans e o que seria drag? O que as difere? Quem pode dizer: tire a barba para ser mulher? Quem pode determinar a quantidade de maquiagem sobre a pele que um corpo travesti apresenta? Quem pode dizer a alguém que ela não é travesti, senão ela mesma? Quem pode autoidentificar alguém? (York, Sara Wagner; Oliveira, Megg Rayara Gomes; Benevides, Bruna. 2020, p.3).

Dia 02 às 09h da manhã

São tantas marcas que trago em seu corpo, marcas profundas desde a minha infância. Quando criança, a escola era seu lugar favorito, acordava às 05h da manhã, se arrumava e estava em frente ao portão às 05h47min; Só a espera de o sinal bater às 07 h e poder percorrer por aquele mundo cheio de palavras, letras e imaginação. Me esbaldava em cada novo assunto aprendido, sempre fui uma criança muito curiosa, cuidava dos livros e cadernos e usava canetas de tintas diferentes para perguntas e respostas e criava símbolos para itens. A minha letra era redonda e bonita. Era um dos meus orgulhos numa vida que ainda havia pouco do que se orgulhar. Até que um dia disseram que minha letra era de menina... A partir daí tudo virou uma grande confusão na minha cabeça.

Existem formatos de letra para meninos e meninas?

Ela só desejava passar e não ser notada, mas por onde passava isso não era possível. Os olhos sempre a miravam ou por sua unha cor de rosa ou era assim que as imaginava quando pudesse pintá-las ou a fitavam pelo jeito afeminado de ser. Na escola tentava passar afastada dos olhares adultos, se pudesse faria parte das paredes acinzentadas ou amareladas, cor de mofo do seu antigo colégio. Aquele bolo de mofo que cobria as paredes chamava menos atenção do que sua presença.

Eu havia sido descoberta. A minha letra tinha me qualificado a algo que eu não compreendia. A felicidade me foi retirada. O brilho que havia em meus olhos foram se apagando pouco a pouco. Na corda bamba da vida que agora passava a sofrer, entre tantos detalhes tentando fingir ser igual aos outros, eu deixei passar aquele pequeno detalhe: a letra. Passei a enfeia-la e a ser descuidada com meus cadernos. Essa foi a primeira vez de tantas outras que fui “descoberta” e tentei me cobrir. Tentava escapar de algo que eu mesmo não compreendia, só sentia e não conseguia externar. Uma criança. Uma pobre criança tentando esconder um segredo que ela não havia criado. Um segredo que nasceu somente junto a ela, e como uma bomba explode em sua vida a tirando todos os alicerces em que se mantinha. Tentava se agarrar a algo, mas não existia isso para ela. Restando a esta criança a tentativa de modificar seu jeito, seus gostos, sua voz. Tentava evitar que aquela flor que nasceu com ela ficasse frondosa e os outros percebessem.

Por muito tempo passei a me questionar sobre "ser homem", pois são tantas cobranças que fazem em poder ter postura de homem, falar como homem, agir como homem, ter práticas de homem.

Mas, afinal o que é ser esse homem?

Dia 07 às 11h da manhã

Me perguntei se eu pudesse voltar no tempo o que eu gostaria de ter ouvido aos 15 anos, às vezes seria tão mais fácil chegar à vida

adulta sabendo o que passaria, dos erros que cometeria, as dificuldades, os choros... Se neste exato momento, eu pudesse parar e voltar ao passado, entrar na máquina do tempo onde, eu pudesse encontrar aquela menina gordinha, cheia de espinha na cara, que era louca pra fazer malhação e olhando no fundo dos olhos dela e contar para aquela HBlynda tudo que ela passaria para estar aqui hoje... isso tiraria dela o prazer de se arriscar, de quebrar a cara, de se corrigir, de voar mais alto. Eu só diria para ela - Você vai ter perdas muito dolorosas na sua caminhada, vai perder mãe e pai ainda na juventude, mas você não estará sozinha, sua madrinha irá cuidar de você, seja forte minha princesa! Você será a primeira a se formar na família, vai ter uma graduação numa universidade pública, trará muito orgulho para eles, o medo que você tinha de não ser aceita, ele será transformado em amor, em exemplo a ser seguido. Você vai entrar no Mestrado e será a primeira Mestra e futura Doutora. Viajará também pela Europa, quebrando os padrões de corpos como o seu que não são ensinados a sonhar, muito menos desejar e até imaginar que poderia sair lá de Pernambuco, da cidade de Paulista, jardim paulista baixo e ir para o exterior com o seu trabalho. A sua história mostra que através dos estudos e de muita persistência nós podemos vencer, sempre acreditando nos nossos sonhos e sempre sabendo ser agradecida pelas bênçãos e caminhos abertos.

Dia 21 às 18h da noite

O Papa Francisco morreu hoje, fiquei enlutada com a passagem dele. Mas fiquei pensando, quem chora pelas nossas mortes? Há um luto por aqueles que são considerados abjetos? Num país, como o Brasil, infelizmente pelo 16º ano consecutivo o Brasil continua liderando o ranking de assassinatos de pessoas trans e travestis no mundo (Benevides, 2025). Essas mortes não cessam, só aumentam ano após anos. Nós somos partículas, microorganismos vivendo nesse Cistema. Poeira ao vento, centena de areia, toneladas. Estamos sucumbindo. Existe futuro? O presente

é agora? O que nos resta ainda a fazer? Tenho medo de morrer, de não ser lembrada, ser alguém que não deixou contribuições para outras que são como eu, mas não posso me paralisar, porque é isso que eles querem, essa necropolítica não vai nos fazer parar. Surgiremos dos bueiros, nasceremos de larvas vulcânicas, nós multiplicaremos nosso DNA e não vamos sucumbir!

Dia 09 às 13h da tarde

Quando criança aguardava um vacilo de sua minha mãe para entrar em seu quarto e poder usar seus vestidos e saltos altos, escondendo lá no fundo do quintal um vestido amarelo, cor de manga, lá era seu refúgio. Até o dia que seu pai chegou mais cedo e encontrou ela toda produzida. Não havia choro e nem vela, só se ouvia o som das fivelas do cinto de seu pai batendo e sua voz grossa dizendo: eu não fiz filho para ser mulherzinha, isso é pra você aprender a ser homem.

Menina donzela, doce néctar da manhã  
Corpo opulente feito diamante  
Seu sorriso exala feito mel  
Mas cuidado com seu fel  
Sua pele é feito doce de caju  
A boca fica seca e faz secar  
Os olhos brilhando iluminava o céu  
Sonhava uma vida perfeita  
Mas o ferrão lhe encontrou  
Os ventos empurrando seus cabelos para o alto  
Mas, fez dos palcos seu lugar  
Ah, e o amor ?  
Disseram que não era para mim  
Me iludir e acreditei  
Cresci aprendendo que para amar era só se doar  
Que tanto faz só gozar  
Ah, que amor o quê  
Não vem com essa conversinha de que tá tudo bem

Não quero te ver mais  
Sai fora, desaparece, eu não te amo mais  
Quero um amor tranquilo  
Que seja abrigo e paz  
(HOLANDA, HBlynda Moraes. 2025. autoria própria)

Dia 30 às 06h da manhã

Você é linda, mais que demais  
Você é linda sim  
Onda do mar do amor que bateu em mim  
Você é forte, dentes e músculos  
Peitos e lábios  
Você é forte  
Letras e músicas  
Todas as músicas  
Que ainda hei de ouvir.  
(Caetano Veloso - Você é linda)

No trecho explicitado as palavras “forte” e “músculos” não constroem o sujeito, ele independe do gênero. Agora as palavras “peito” e “lábios” apresentam possibilidades de uma leitura e atribuição ao sujeito, mas, se podemos construir esse corpo, como pontua Paul Preciado (2023), nesta era farmacopornográfica, com agulhas e hormônios. Esse corpo é fabricado aos desejos genuínos. E HBlynda é mais uma construção desses desejos, cooptando a palavra linda, adjetivação de beleza ao seu nome, constrói sua força (Moraes, H; Gonçalves, M. 2025, p.).

Por não ser a mesma para sempre e está em estado de dilatação de si, de escrita e vida, desejo criar atritos na norma, elaborando tensões estas que desejam afrontar, abalar, quebrar e possui o intuito de desmoronar a matriz cis-heteronormativa, sendo trabalhada uma rebeldia epistêmica através de um contrabando discursivo (Melo, 2024). Este texto é pensado e escrito por uma corpa sem juízo (Jup do Bairro, 2019), onde possui um tema em ascensão nos últimos anos devido aos debates contemporâneos

sobre a população trans e travesti, mas que tenta ganhar fôlego neste cenário, reivindicando autonomia e liberdade, pois, ao atritar e afrontar a norma, podemos materializar e abrir brechas para a criação de um fazer pesquisa na educação como lugar / espaço/ território de resistência e de assujeitamento (Rocha, 2023).

O processo de transição é um trânsito eterno, nunca chegamos ao seu fim, é como estivéssemos vendo uma ponte e essa ponte é a passagem para adquirir algo, então nós damos o primeiro passo, depois olhamos para os lados para ver se não vem ninguém, após constatar a segurança no local damos o segundo passo e começamos a andar sobre aquela ponte confiantes, paramos para beber um copo d'água e descansar um pouco, o sol do meio-dia é muito forte e continuamos a caminhar por alguns metros, o cadarço do sapato solta, nós atamos e continuamos a andar, até quando chegamos ao meio da ponte nós conseguimos enxergar o seu término e sabemos que vai ter seu fim ao chegarmos do outro lado, mas isso findaria o caminho, esvaziando as encruzilhadas. Interrompendo o fluxo possível de ir e vir. De traçar outras rotas. De mudar o caminho. De querer desistir. Quem sabe dar meia volta daquela ponte e pegar outra estrada. Outro rumo. De falar sobre V.I.D.A.S Esse processo de estar em trânsito é diário. Não tem fim. Só sei que estou voando alto e não quero parar esse trânsito nunca!

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. UFSC, 2000.

BENEVIDES, B. G. (org.). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024* / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025. 144 f. Disponível:

<https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso em: 20 jan. de 2025.

CORPO SEM JUÍZO. Intérprete: Jup do Bairro. Composição: Jup do Bairro. Realização: Matilda.my. (S.L) 21 de jun de 2019. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSlgM>. Acesso em: 10 de Abril de 2025.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020, 258p.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, 23 (3). 12-33. Disponível: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>. Acesso em: 10 de junho de 2025.

HOLANDA, HBlynda Moraes de. *Não quero ser quadrada*. [2025]. Poema não publicado.

HOLANDA, HBlynda Moraes de. *Menina*. [2025]. Poema não publicado.

HOLANDA, Hblynda Moraes de; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. Confabulando o agora para mirar no amanhã: a não binariedade como outras inteligibilidades. *Dossiê Estudos sobre a Linguagem Não-Binária*. v. 21 n. 4 (2024). Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/102445>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

YORK, Sara Wagner/GONÇALVES JUNIOR, Sara Wagner Pimenta; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. “Manifestações textuais (insubmissas) travesti”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75614, 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ref/a/D5Mthwz5BKTKhX8JTwGjJbd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

LUSTOSA, Tertualina. *Manifesto Traveco-Terrorista*. Concinitas, Ano 17, v. 1 n. 28. 2016.

MELO, Iran Ferreira de. *Contrabando discursivo e Linguística Queer*. In: LIMA, Bruno de Assis Freire de. GOMES, Maria Carmen Aires (org.). *Estilos e Discursos: uma contribuição para os estudos da linguagem*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira de. *Transfeminismo*. - São Paulo: Jandaíra, 2021. 192p. (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro).

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Editora Schwarcz-São Saulo: Companhia das Letras, 2023.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

ROCHA, Késia dos Anjos. *Manifesta por uma educação sem juízo: artivismos das dissidências sexuais e de gêneros, censuras e educação*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

SUPER HOMEM. Intérprete: Gilberto Gil. Composição: Gilberto Gil. Realização: Gege Producoes Artisticas. (S.L). 15 de ago de 1979. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=sauwSghv9Rs&list=RDsauwSghv9Rs&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=sauwSghv9Rs&list=RDsauwSghv9Rs&start_radio=1). Acesso em 03 maio de 2025.

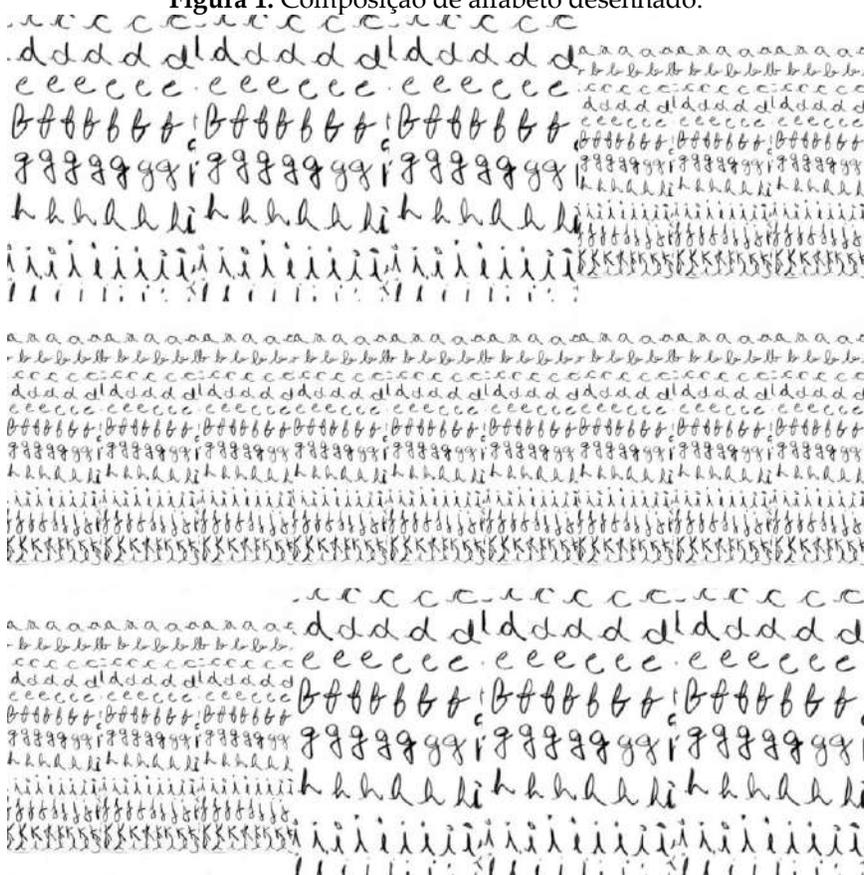
VOCÊ É LINDA. Intérprete: Caetano Veloso. Composição: Caetano Veloso. Realização: Universal Music International. (S.L). 11 de jan de 1985. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=7xMydSJy4zI>. Acesso em: 03 maio de 2025.

## **Aprender a desaprender através do desenho: caminhos desobedientes para a pesquisa acadêmica**

Heloísa Germany

Aliás, as pessoas terão que desaprender o que se lhes foi ensinado, todas estas distorções e convenções absurdas, daquilo que é considerado “bonito” ou “feio”, “certo” ou “errado”, daquilo que faz sentido ou não. Só assim poderão se redescobrir, recuperando suas capacidades sensíveis e criativas – sempre em oposição frontal aos valores correntes da sociedade. Não resta dúvida de que este é um processo de crescimento bastante penoso (OSTROWER, 1995, p. 67-68).

**Figura 1:** Composição de alfabeto desenhado.



Fonte: acervo da autora (2025).

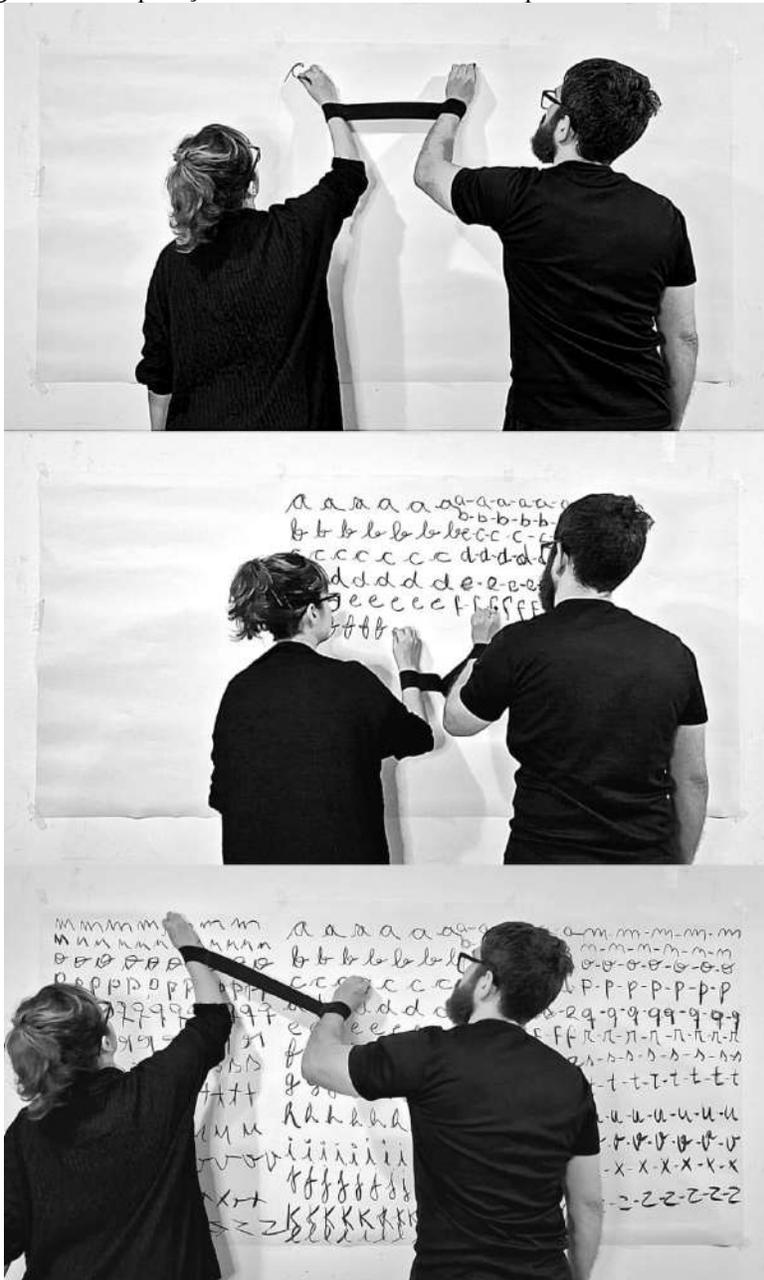
Fui alfabetizada aos seis anos, aprendi a calcular e não parei de desenhar. A arte me acompanha desde sempre como uma aliada de vida, criação e pesquisa. Nesse sentido aviso que, para mim, não existe uma separação concreta entre texto-escrito e texto-imagem porque as fotografias dos desenhos expostos fazem parte da minha narrativa que contam, dialogam junto com as palavras.. Penso que tensionar a forma enquanto metodologia de pesquisa é um jeito de demonstrar que não existe uma única forma de aprender e construir conhecimento.

Nas rotas da criação artística não existem itinerários seguros com destino certo, é um espaço aberto, inacabado e sempre sujeito a impermanência, mesmo que exista uma intenção, objetivos ou planejamento prévio. A subjetividade, nesse fluxo, não é algo, uma habilidade que se possui, pois ela é construída no caminho, na prática, na escuta do outro e do mundo: ela emerge, se desfaz e se refaz na relação com o tempo, com os materiais, com os afetos. Nunca está pronta, apenas pulsa. Cada gesto, cada tentativa, cada silêncio pode abrir um desvio, uma fresta por onde passa o novo, o imprevisível, o que ainda não tem nome.

Na arte, o processo criativo é um corpo que se deixa atravessar, onde o artista experimenta não só formas e cores, mas dúvidas e intensidades. Não existe o desejo de uma verdade única, mas de possibilidades. Criar não é apenas fazer: é se afetar, é reorganizar o sensível, é habitar o risco de se colocar em movimento. A criatividade não é da ordem da informação ou repetição, ela brinca num jogo de perguntas e respostas, titubeia e se inventa. O conhecimento, então, se torna vivo e é tecido a partir de um coletivo de experiências, equívocos, improvisos e reinvenções. É importante aguçar a sensibilidade e estar atento aos estímulos para vivenciar a experiência de criação de maneira crítica e consciente.

Nesse contexto, a criação deixa de ser um ato isolado para se afirmar como uma prática situada, relacional e processual. A pesquisa, quando atravessada pela arte, amplia seus limites e desafia os modelos tradicionais de produção de conhecimento. Ao considerar a forma como parte constitutiva do conteúdo, questiono as hierarquias entre saberes para abrir caminhos entre outras epistemologias, onde a experiência sensível, o fazer manual, o corpo e o tempo ganham potência. A construção do conhecimento passa, então, a incluir o inacabado, o experimental, o erro como parte do percurso. Essa perspectiva reposiciona o estado de atenção, pois exige escuta e presença diante do que se forma. Criar, pesquisar e aprender tornam-se ações inseparáveis, atravessadas por uma ética do cuidado, da atenção e da abertura ao que pode emergir.

**Figura 2:** Composição desenhando o alfabeto: aprendendo com o outro.



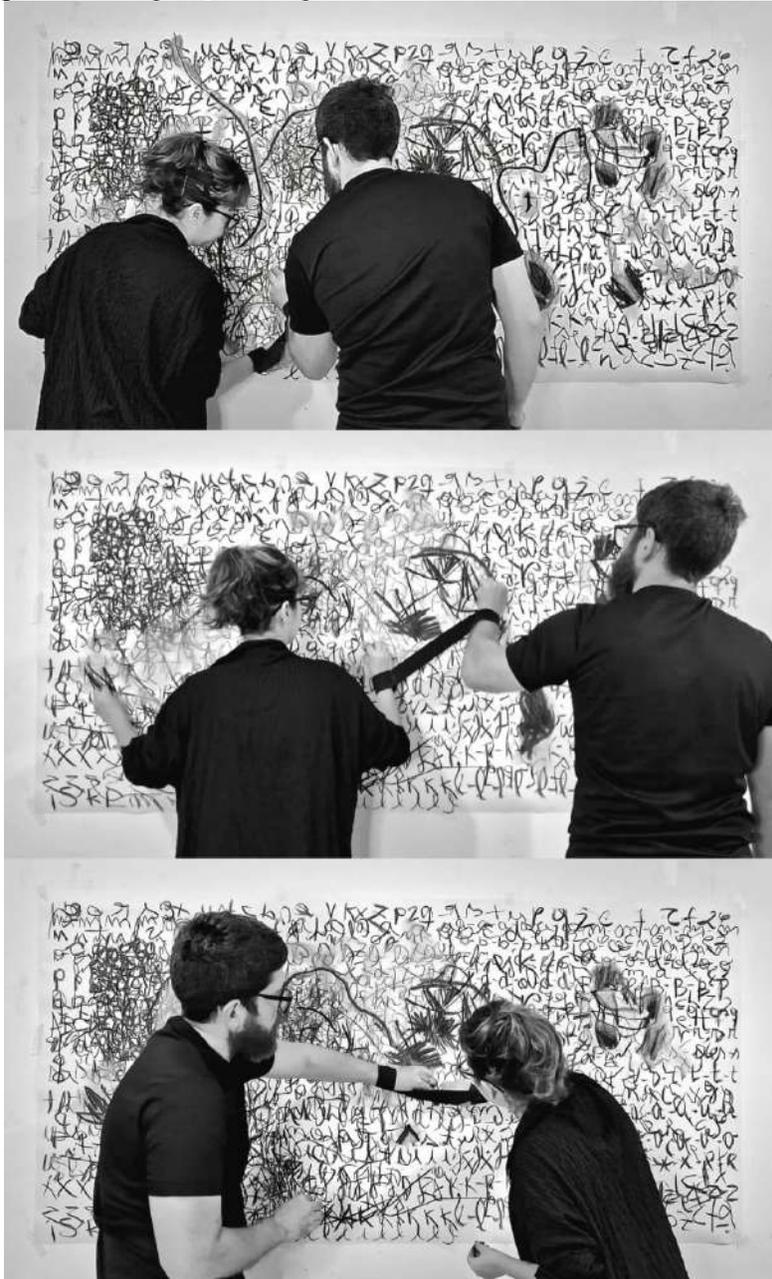
Fonte: acervo da autora (2025).

**Figura 3:** Composição desenhando o alfabeto: desaprendendo com o outro.



Fonte: acervo da autora (2025).

**Figura 4:-** Composição desprendendo o alfabeto: criando com o outro.



Fonte: acervo da autora (2025).

Figura 5 - Composição do alfabeto desenhado: etapas de criação.



Fonte: acervo da autora (2025).

Meu incômodo relacionado ao excesso de informação, excesso de telas e qualquer tipo de excesso de maneira geral foi o que impulsionou a ideia para essa experimentação artística. Foi um percurso de construção e desconstrução das letras do alfabeto que andarihou pelas memórias da minha infância, tensionou práticas gestuais cristalizadas com a ajuda de um elástico interligado aos punhos de outro artista, que desacomodou um corpo adoecido, rígido e medicalizado. Diante do papel colado na parede, a luta não era contra a limitação do movimento, da linguagem ou da produção, mas contra as normatizações que cristalizam o conhecimento. A repetição das letras causou desconforto, já a sobreposição não planejada das formas impulsionou o desejo da criação livre, sem expectativas de um produto final aprazível e a vontade de vivenciar mais a fundo essa experiência.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.<sup>1</sup> Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. (LARROSA, 2002, p. 21)

Essa vivência se transformou em um campo de experimentação sensível, onde o meu corpo, limitado pelas tensões do cotidiano, pôde encontrar outros caminhos, outras formas de expressão. Ao desenharmos as letras, deformá-las, repeti-las e embaralhá-las em gestos marcados por esforço e resistência, fomos criando nossa “coreografia gráfica”, onde o sentido não estava no que se lia, mas naquilo que se riscava. Aqui a palavra, os símbolos deixaram de ser veículo direto de comunicação para se tornarem matéria viva e instável. A criação passou a acontecer na tensão

entre o controle e o imprevisto, no gesto partilhado, na escuta do que emerge entre o cansaço e a intenção, entre a repetição e a quebra. Foi assim que a experimentação ganhou força: não como busca de forma, mas como abertura para uma experiência onde o *sentirfazer*<sup>1</sup> pudesse, enfim, criar.

E nesse sistema que insiste numa performance produtivista infinita, a exaustão assume o lugar dos corpos mercantilizados e cada vez mais os processos criativos reafirmam a necessidade e potência do inacabado. É preciso tempo, atenção e presença para escutar o que vibra nesse processo, no que ainda está se formando. Ao compreender a arte como um modo de existir e a pesquisa como um corpo em movimento, reconhecemos que aprender e criar são atos indissociáveis da experiência viva, do erro, da reinvenção. Mais do que encontrar respostas, trata-se de sustentar perguntas. Afinal, é no trânsito entre o sensível e o pensamento que se abrem os verdadeiros caminhos do conhecimento, aqueles que não cabem em fórmulas, mas que se revelam no gesto singular de quem se arrisca a criar. Dessa forma mantemos o desejo de buscar soluções que não venham prontas, mas que nasçam do encontro, da escuta e do risco de imaginar. Criar, assim, é também resistir. É manter viva a pergunta. É confiar no percurso, sem garantias de chegada, onde a subjetividade se revela e alguma transformação acontece.

## Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, 2002.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e criação artística*. Ed. Campus, RJ, 1995.

---

<sup>1</sup> Neologismo que busca expressar a integração entre o sentir e o fazer, sugerindo uma forma de conhecimento que não separa as emoções da prática.



**“João de Barro: o menino que nasceu na aldeia e  
voou com o vento dos sonhos”**

Iglésio de Jesus Silva

**Memorial de vida de um indígena Pataxó HÃHÃHÃE, Fulni-ô,  
educador e sonhador incansável.**

Lembro-me, como se fosse ontem...

O calor do sol queimando a pele, o chão de terra batida sob os pés, à ansiedade batendo forte no peito. Minha mãe, com aquele sorriso de sempre, dizia:

— Meu filho, um dia você vai conseguir.

E completava com firmeza:

— Só morro em paz quando ver você e seus irmãos formados.

Nasci dentro de uma aldeia isolada na mata, lá no município de Pau Brasil, nas terras do povo indígena Pataxó HãHãHãe. Um lugar encantado, onde o som dos pássaros e o cheiro da terra molhada faziam parte do cotidiano, e onde a vida seguia seu próprio ritmo, guiada pela natureza e pelas tradições do povo.

Naquela aldeia, havia apenas uma escola que ia da alfabetização até a 4ª série. A estrutura era simples: paredes de madeira, bancos de madeira, mas repletos de histórias e aprendizados. A merenda, quase sempre almondegas, era motivo de alegria entre as crianças. E nós éramos felizes ali. Não conhecia outro mundo, e nem imaginava que um dia precisaria sair daquele lugar que parecia conter tudo o que existia no universo.

**Minha professora Luciene Muniz de Andrade**, com suas broncas e bolinhos de palmatória, dizia: "Vai doer hoje, mas lá na frente você vai entender que é para o seu futuro". **Minha avó Dalvinha** disse ao meu pai que ele precisava me levar para o povo

dela: os Fulni-ô, de tradição forte, cultura viva e falante da línguaYããthê. Ela dizia que eu era um guerreiro e precisava aprender com humildade os saberes tradicionais. "Nem todo conhecimento está nos livros. Há o saber ancestral, espiritual, que forma sua identidade e o prepara para o mundo", dizia ela.

Enquanto muitos ao meu redor faziam artesanato e caçavam, eu era atraído pelos livros, jornais, revistas. Me perguntava: "será que isso vai nos ajudar mesmo?" Com o tempo, percebi que sim. Cresci com fome, dor, mas também com esperança e fé.

Com os pés descalços e o coração cheio de sonhos que ainda nem sabiam seu nome, ele crescia em meio aos ensinamentos dos mais velhos, às brincadeiras no rio e às noites em volta da fogueira, ouvindo as histórias dos ancestrais. Ali, formou-se sua primeira noção de mundo — um mundo onde a coletividade, o respeito à natureza e os laços familiares moldavam a vida.

Mas o tempo, esse senhor que nunca para, trouxe mudanças. Vieram os desafios, os questionamentos e, com eles, a necessidade de ir além dos limites da mata. Sair da aldeia foi como cortar um cordão invisível, mas ao mesmo tempo foi o primeiro passo para descobrir quem ele era fora daquele território protegido.

## **Memorial de Vida – Parte II**

Nasci no dia 22 de setembro de 1988, filho de dois indígenas de família humilde. Meus pais eram agricultores e artesãos. Vivíamos da monocultura, do cultivo das hortaliças, da força da terra e da esperança que brotava com cada semente plantada. Eles sonhavam com um futuro melhor para os filhos — um futuro que eles mesmos não puderam alcançar por falta de oportunidades, mas que desejavam com toda alma.

Na aldeia onde cresci, o ensino só ia até a 4ª série. Depois disso, era preciso caminhar 10 quilômetros até a cidade vizinha de Pau Brasil para continuar os estudos, da 5ª série até o 3º ano do ensino médio. Um dia, olhando nos olhos da minha mãe, perguntei:

— Mãe, agora que terminei a 4ª série, como vamos fazer pra eu continuar estudando? Eu não sei andar sozinho na cidade grande, não conheço ninguém, e a gente não tem dinheiro pra alugar uma casa... E ainda por cima, as aulas são só à noite, porque de dia eu tenho que te ajudar na horta e, no sábado, ir pra feira vender. Mas eu quero estudar, mãe...

Ela me olhou com firmeza e disse:

— Meu filho, eu vou reunir as outras mães. E todos os dias a gente vai levar vocês pra escola.

E assim foi. Todos os dias, às cinco horas da tarde, minha mãe, (Helena Rodrigues de Jesus) e outras guerreiras se encontravam no portão da aldeia. Cada uma com seu filho e um facão na cintura, como proteção no caminho. Seguíamos juntos rumo à cidade, com fome no estômago, barro nos pés e esperança no coração. Às vezes, no meio da estrada, a gente comia goiaba do mato pra enganar o vazio. A caminhada era longa e cansativa, mas o destino era certo: a escola Rômulo Galvão, onde precisávamos estar antes das sete da noite.

Eu pensei que o mais difícil seria o caminho. Mas o mais doloroso era o preconceito.

Quando chovia, a estrada virava um rio de lama. A gente caía, levantava, e chegava molhado, com as roupas sujas, as sandálias cobertas de barro. E ali, naquela escola, onde eu sonhava aprender, fui recebido com rejeição. Chamavam-me de "João de barro", de "nojento". Eu chorava calado. Não pela lama na pele, mas pela dor das palavras que sujavam mais do que qualquer barro.

Mas existia um sonho dentro de mim. Um sonho maior do que aquela estrada, maior do que o cansaço, maior do que o preconceito. Eu queria aprender. Queria crescer. Queria mostrar que aquele menino da aldeia, com os pés sujos e o coração limpo, também podia chegar longe.

### **Memorial de Vida – Parte III**

Naquela época, eu nem sabia direito o que era dinheiro. Só sabia o que era sonhar. Sonhar com um futuro diferente, com o

orgulho estampado no rosto da minha mãe, do meu povo. Meu avô costumava dizer: “Nós, os velhos, já fizemos a nossa parte. Agora é você que precisa aprender o conhecimento dos brancos, pra poder ajudar a nossa gente a lutar pelos seus direitos.” Ele chamava a escola de “a língua dos brancos”, e acreditava que era ali, nesse lugar onde eu tanto sofria, que estava a chave pra libertação do nosso povo.

Estudando no Rômulo Galvão, a dor era diária. Às vezes, eu queria desistir. Contava pra minha mãe o que os colegas falavam de mim, as piadas, os apelidos, o desprezo. Mas ela, com aquela voz serena e firme de mulher guerreira, me dizia:

— Filho, seja forte. Você é um guerreiro. Tenha fé em Deus, que nós vamos vencer. Eu só vou morrer em paz no dia em que te ver doutor, formado, pra você não passar o que nossos antepassados passaram por não poder estudar.

E eu guardava aquelas palavras no peito, como se fosse uma oração. Seguia, passo por passo, ano por ano.

Depois que terminei a 7ª série, veio uma alegria. A Funai conseguiu uma Kombi pra nos levar até a escola. Era como se o céu tivesse aberto. Não precisar andar a pé, não sentir os espinhos na estrada, nem carregar meus livros nas costas suadas... parecia um sonho. A gente ficou feliz demais.

Mas durou pouco. Três meses depois, queimaram a Kombi na porta da escola. Meus olhos arderam, não só pela fumaça, mas pelas lágrimas que não consegui segurar. Voltamos a andar a pé. E o apelido de “João de barro” continuava me acompanhando. Às vezes eu olhava pro céu e perguntava:

— Deus, por quê tanto sofrimento?

Saía da escola às 10h30 da noite e só chegava em casa às 11h30. Cansado, triste, com os pés doendo e o coração apertado de ver minha mãe, já anciã, exausta, fazendo aquele sacrifício todos os dias por mim. Mas bastava eu abrir um livro... e ali dentro, entre palavras e histórias, a esperança renascia. A coragem voltava. E o sonho se reacendia como brasa viva.

Na aldeia, a merenda era sopa de almôndega. Na escola, a comida era boa, e isso me dava alegria. Um pequeno consolo que, pra mim, era um grande alívio.

Quando finalmente cheguei no 1º ano do ensino médio, fui para o CELEM – Colégio Estadual Luiz Eduardo Magalhães. Lá, outra boa notícia: a Funai,(Fundação Nacional Do Indio) conseguiu um ônibus. Eu pulei de alegria. Disse pra mim mesmo:

– Agora, eu não preciso mais carregar meus livros nas costas. A sacola não vai mais suar. Com o ônibus, descanso meus braços, descanso meus pés.

Mas o destino parece querer sempre testar a fé dos que sonham. Queimaram o ônibus também. Como fizeram com a Kombi.

E lá estávamos nós, novamente, a pé.

Muitas vezes, triste, com o coração doendo, sentava, olhava para o alto das árvores e via um João de Barro. Achava fascinante como ele construía sua casa no alto, com divisões, e cuidava da família trazendo alimento de longe.

#### **Memorial de Vida – Parte IV**

Escutava os lamentos dos meus tios, preocupados com a luta pela retomada do nosso território, invadido por fazendeiros. Eu chorava ao ouvir as histórias, sem saber como poderia ajudar.

Num desses momentos, o povo se reuniu para cantar, dançar, rezar, e pedir forças a Deus para retomar a terra sagrada. Queríamos plantar, preservar e dar um lar digno às futuras gerações. Eu já quase não tinha esperança. Achava que morreria na luta, como tantos ancestrais. Então, no ano de 1997, meu tio Galdino Pataxó foi a Brasília em busca de justiça, mas o inesperado aconteceu: dormindo num ponto de ônibus, ele foi queimado vivo por cinco jovens. Sofri profundamente, pois ele era uma das minhas inspirações e sempre dizia: "Grezin, meu filho, um dia você vai representar seu povo".

Com a morte dele, achei que não queria mais estudar. Mas logo o cacique Gerson me escolheu para ir à capital lutar por justiça e pela demarcação das nossas terras. Foi minha primeira viagem de avião. Em Brasília, conheci RaoniKayapó, que ao me olhar disse: "Você não pode desistir. Seu tio não está mais aqui, mas você representa ele. E só tem um caminho:

Perguntei inocente:

— Qual caminho, pajé?

— estudar no mundo dos brancos. É lá que estão as respostas.

Eu segui ouvindo os mais velhos, mesmo quando os livros e jornais começaram a me atrair. Eu queria saber mais, entender se o saber do mundo branco poderia realmente ajudar meu povo.

E assim fui plantando sonhos e colhendo coragem.

E ali comecei a compreender que voar era possível.

Eu era como o João de Barro, que constrói sua casa com barro e paciência, dividindo em quartos, cuidando da família, trazendo alimento de longe.

Eu queria ser como ele: livre, forte, sonhador.

No meio de tantas lutas e esperanças, já acostumado a ser chamado de "João de Barro" ao chegar no portão da escola, suado da longa caminhada, a vida ainda me pregaria mais uma peça dolorosa. Meu avô — meu tronco forte, minha árvore do saber ancestral — adoeceu. Faltou assistência médica. Faltou diagnóstico correto. Faltou o básico.

Teve um derrame. E o único transporte que tínhamos era um fusca velho, que quebrou no meio do caminho. Meu avô morreu ali... antes de chegar no hospital.

Naquele momento, meu mundo caiu. Mas ali, no leito do seu caixão, entre flores, lágrimas e dor, eu fiz uma promessa:

— Vovô... eu vou estudar. Eu vou lutar. Eu vou ajudar nosso povo. Nunca mais quero ver meu povo sofrer por falta de conhecimento. Eu juro.

E gritei em silêncio:

— Vovô, eu sou o João de Barro! E eu vou voar, voar até cansar, até encontrar o conhecimento, até alcançar a universidade, até

trazer pra nossa aldeia a chave da independência que o senhor tanto falava!

Algum tempo depois, ele veio me visitar em sonho. Me disse com a voz mansa de sempre:

— Meu João de Barro... vovô plantou, junto com os outros anciãos, muitas árvores, muitas sementes. Um dia, elas vão virar floresta. Esses frutos, eu não estarei aqui pra colher... Mas você vai. Não desista.

Acordei com os olhos molhados e o coração aceso.

Continuei minha árdua caminhada, passo por passo, dor por dor. Quando cheguei no 3º ano do ensino médio, o impossível aconteceu: o Estado construiu uma escola dentro da aldeia. Foi uma festa! Um dia de alegria profunda. Mas logo veio a pergunta que não calava:

E agora? Como vou ajudar meu povo de verdade?

Foi então que a professora Luciene Muniz De Andrade falou pra minha mãe, Helena Rodrigues de Jesus, sobre uma coisa chamada vestibular. E que o governo oferecia cotas para estudantes indígenas. Aquilo soou como um chamado. Fui até minha mãe e disse:

— Mãe, eu vou me inscrever nessa tal de vestibular.

Com os olhos marejados, ela respondeu:

— Filho, eu sei que você quer voar mais alto, mas a gente não tem condições de te manter lá longe... São 300 quilômetros daqui... Como vou saber de você?

Eu não fazia ideia do que eram 300 quilômetros. Só pensava na promessa feita ao meu avô. Eu só queria cumprir. Eu queria conhecer a capital. Já me diziam que universidade era gigante — e eu queria ver com meus próprios olhos.

Com a força dos ancestrais, com fé na mãe natureza e na vontade de ser gente, como dizia minha avó, passei no vestibular para o curso de Ciências Humanas no IFBA – Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Bahia.

Fui sozinho fazer a matrícula. O dinheiro que me levou até lá foi fruto das feiras que minha mãe, tia Aldenir, (Zenir) e eu

fazíamos — vendendo hortaliças, verdura, esforço. Elas juntou tudo e me deu.

Ao passar pela rua da feira, me deu saudades de uma grande companheira de longas caminhadas, que precisei deixar para seguir minha missão, a Jumenta Julieta, guerreira; montava todos sábado nela, cheia de verduras e juntos iríamos pra vender nossas verduras.

Cheguei à universidade encantado com aquele prédio imenso, com a cidade grande. Tudo era grande. Menos eu. Eu era pequeno ali. Humilde. Com a calça que a Funai me deu, sandália nova, minha sacola com o caderno, lápis, meu colchão e um forro.

Depois da matrícula, fui direto procurar o reitor.

Perguntei à secretária:

— Quem é o reitor?

— Senhor Ricardo Cunha — respondeu ela.

— Então chama ele pra mim.

— Posso ajudar?

— Não... só ele.

Quando ele veio, contei toda a minha história. Falei com o coração na mão. Pedi:

— Pelo amor de Deus, arruma um canto pra eu dormir aqui.

Eu não conheço ninguém, não sei onde ficar. Só quero estudar.

Ele respondeu:

— Aqui você não pode ficar.

Implorei de novo. Com todas as forças que me restavam:

— Por favor, professor... tudo isso é pra estudar. Eu sei que a educação, essa escola, vai transformar a minha vida e a do meu povo. Eu tenho que cumprir uma promessa pro meu avô.

Quando ele se levantou pra ir embora, pedi mais uma coisa:

— Professor, o senhor pode me arrumar todo dia um prato de comida na cantina?

Ele respondeu:

— É pago.

— Por favor, professor... eu não tenho dinheiro.

Ele não me disse nada. Mas quando ele voltou à sala, tive a maior alegria da minha vida: consedeu meus pedidos. A dona Luciana, da cantina, me chamou com um sorriso no rosto e disse:

— Venha comer, caboquinho.

Naquele momento, com um prato de comida na mão e um mundo novo pela frente, eu entendi: o João de Barro tinha começado a construir sua nova viagem.

## **Memorial de Vida – Parte V**

Daquele dia em diante, minha casa era a universidade. E meu quarto?

Era o laboratório de Química e Física, com cheiro de produtos, fios espalhados, aparelhos brilhando... e um colchão no chão, meu abrigo improvisado.

Todo dia, às 7 da manhã, eu me levantava, enrolava meu colchão com cuidado e o colocava num cantinho. Era preciso abrir espaço pros alunos “de verdade” — como diziam alguns. Eu dava bom dia na minha língua materna, o Yããthe, que fluía da minha boca como oração.

Mas o que eu recebia de volta?

— “O que você faz aqui?”

— “Lugar de índio é na mata.”

— “Tá perdido, mendigo?”

Pisavam no meu colchão. Pisavam na minha dignidade. Mas não podiam pisar no meu sonho.

Chorava sozinho. Baixinho. E cantava Kafurna, pedindo a Edjadwalha, o Deus da criação, que me desse força.

Eu sabia... esse caminho era espinhoso. Mas com fé na força dos meus ancestrais, eu ia plantar e colher flores.

E mesmo sem entender tudo, comecei a ver que o sofrimento lá de trás — ser chamado de João de Barro, carregar cadernos na sacola, andar 10 km a pé — era só um preparo. A vida estava me forjando. Me lapidando.

Na universidade, eu era o único indígena. Isolado. Invisível. Discriminado.

Ninguém queria fazer trabalho comigo.

– “Ele não tem computador.”

– “Nem pendrive.”

– “Não sabe nada.”

Eu só tinha minha sacola, meu caderno e meu lápis. Mas tinha também fé no João de Barro que nascia e renascia dentro de mim. Eu não tinha voado até ali pra desistir.

– “Vai embora, índio!”

– “Isso não é pra você!”

Mas eu dizia pra mim mesmo:

A educação vai mudar tudo.

E ficou por isso por seis meses inteiros.

Até que um dia... um dia de sol na minha alma... entrou na sala um indígena forte, sereno, de presença firme:

Professor Edson Kaiapó.

Formado em História pela PUC de São Paulo.

Ele me enxergou.

Me ouviu. Me acolheu. Me levou pra sua casa. Me tratou como filho.

Juntos, fizemos rodas de conversa, ações contra o racismo, debates sobre preconceito. Ele me apresentou outro professor, Carla Camuso, (Ivoneide Almeida, que chamávamos de Neidinha) e juntos, me inscreveram nos programas Bolsa Permanência e PIBID.

Ali, minha vida mudou.

Com o dinheiro do Bolsa Permanência:

Comprei meu primeiro computador.

Meu primeiro pendrive.

Minhas primeiras roupas boas.

E meu primeiro sapato novo.

Guardo até hoje o cartão da Bolsa Permanência e o certificado do PIBID como relíquias. Como memória viva da vitória.

Ganhei também um grande amigo, um afrodescendente chamado Idecazio Vianna. Juntos, dividimos estudos, risos, dores e conquistas.

Com o apoio do Professor Edson Kaiapó como meu orientador, defendi meu TCC com nota 9. Uma vitória que não foi só minha — foi da aldeia, dos meus ancestrais, de minha mãe, e daquele velho sábio que plantou sementes em mim.

A educação nunca foi negativa. Pelo contrário: me deu asas. O conhecimento ancestral também é ciência. Ele nos forma, nos fortalece, nos dá identidade. E assim sigo, como o João de Barro: construindo com coragem, aprendendo com o tempo, voando com sabedoria. Porque a minha luta é por educação, por memória, por território e por dignidade. E o vento dos sonhos ainda me leva cada vez mais alto.

Hoje, atendo a mais um chamado da floresta: sou estudante de mestrado em Educação Contemporânea, na UFPE, campus agreste-Caruaru. Porque como dizia meu avô, as sementes que os anciãos plantaram um dia vão virar floresta.

E eu continuo voando.

## Observações

Esta obra, se trata de um texto autoral, por isso não tem referências bibliográficas.

Minhas Referências foram essas pessoas citadas no texto, que são formados por notório saber.

## Referências

SILVA, Iglésio de Jesus. *João de Barro: o menino que nasceu na aldeia e voou com o vento dos sonhos*. In: Memorial de Vida 22-2025- ferraço-PDF.



**Cartografias de mim:  
movimentos rizomáticos de uma pesquisa que me afeta**

Jessica Villiana da Silva

Quero começar, mas não sei por onde  
Onde será que o começo se esconde?  
Será que o mundo começou em janeiro?  
Será que o amor começou com um beijo?  
Será que a noite começa no dia?  
Será que a tristeza é o fim da alegria?  
Será que o mar termina na areia,  
Ou ali é o começo de uma vida inteira?  
Taí o mistério que chegou até mim  
Será que o mundo tem começo, meio e fim?  
Quero começar, mas não sei por onde  
Onde será que o começo se esconde?  
Será que o universo um dia começou?  
E esse dia especial, quem será que inventou?  
Será que Deus um dia nasceu?  
Será que o choro dele foi igual ao meu?  
Quero começar, mas não sei por onde  
Onde será que o começo se esconde?  
(Tiquequê)



### **(Des)começos possíveis...**

Começar a escrever nem sempre é algo fácil. Por onde começar? Qual o melhor início para um texto? E quando é um texto infantil, devemos começar de forma diferente? Seria (des)começar a escrever? E o que é (des)começar? Seria começar novamente ou começar diferente? Quando começamos a escrever este texto começamos devagar, procurando o tempo da infância. Um tempo que, segundo o autor Walter Kohan (2020), passa mais devagar, um tempo aiónico. Na busca por esse tempo, encontramos uma infância que se inventa, hospeda, que está sempre pronta a perguntas, uma infância que ama e revoluciona, pois não se cansa de perguntar. Este é um texto que se propõe infantil, com uma escrita que desliza junto a infância minoritária, cheia de inquietações, uma escrita que parte de (des) começos possíveis em busca de perguntas.

Será que, na cartografia da vida, as pessoas poderiam ser mapas? Mapas que somos convidados a ler. Ou será que é possível ler esses mapas? Será que a leitura que a gente faz é sobre eles ou sobre a gente em relação a elas? Ou um pouco dos dois? Não sei. Mas, recentemente, eu fui afetada. Me disseram que adorariam me ler, e eu fiquei

pensando: será possível ler esses mapas humanos? Mapas esses que nos ferem, às vezes, nos provocam, nos mobilizam...

Quando me encontrei com os conceitos de Deleuze — rizoma, platôs, diferença, eu me reconstruí. Não como uma peça que se encaixa, mas como um corpo que se espalha. Tudo começou no meu mestrado. Naquele tempo, fui provocada pela professora Conceição Salles a repensar o meu movimento de escrita. Mas o que aconteceu ali foi maior. Não foi só a escrita que se transformou — eu fui afetada de forma tão intensa pelos textos e pelas experiências que esses movimentos atravessaram meu corpo e se instalaram na minha vida cotidiana. Foram se multiplicando. Foram criando linhas de fuga.

Na verdade os últimos anos têm sido uma reconfiguração constante. Tenho me reconectado. Me movimentado de forma diferente. Não como um caminho contínuo e linear, mas como um rizoma que se abre em mil direções. A experiência do mestrado me afetou. Me tornou outra. Me exigiu presença. Me provocou rupturas. No doutorado, tudo veio com mais potência. A escrita se tornou desafio e também travessia. O professor Ferraço me desafiou: “Escreva a partir de si”. E isso, que parecia simples, foi assustador. Escrever a partir de mim? Como assim? Por onde começar? O que é que me mobiliza? O que é que me faz seguir?

Confesso: travei. Fiquei em silêncio. Mas não era um silêncio vazio. Era um silêncio fértil. Um silêncio de quem está sendo atravessada. Entendi que a escrita não precisa ser linear. Não precisa seguir uma ordem. Ela pode, como o rizoma, surgir do meio, se bifurcar, se entrelaçar, dar voltas, retornar, perder-se, reencontrar-se.

Então comecei a escrever. Sem começo, sem fim. Apenas movida pelo que me afeta, pelo que me toca, pelo que me inquieta. E percebo: quero ser como um rizoma no mundo. Um corpo que se espalha, que se conecta, que afeta e é afetado. Enquanto pesquisadora, me reconheço nesse movimento. A pesquisa não está fora de mim. Ela sou eu. Ela é minha história, meus encontros, minhas feridas, meus afetos. O que escrevo, o que pesquiso, o modo

como me relaciono com os outros — tudo isso é pesquisa. A educação, afinal, não é apenas conteúdo. É relação. É acontecimento. É potência.

Ferraço insiste: o pensamento não é espontâneo. Ele precisa de um intercessor. Um texto, uma música, um corpo, uma imagem. Algo que nos desloque. Que nos tire do lugar comum. Que nos arraste para outros modos de ver, de dizer, de existir. E, nesse processo, fui sendo arrastada. Por textos, por conversas, por silêncios. Pela música *Caçador de Mim*, de Milton Nascimento, que Ferraço sempre traz. E eu me pergunto: enquanto pesquisadora, será que estou apenas caçando ideias, conceitos, dados? Ou será que estou tentando me encontrar? Mas será que me encontrar é mesmo necessário? E se o importante for exatamente se perder? Se perder na multiplicidade? Nos devires?

A filosofia, como dizem Deleuze e Guattari, é criação de conceitos. E todo conceito é uma multiplicidade. Ele carrega outros. Ele se conecta com outros. Ele não nasce do nada. Ele se acopla. Ele se injeta em um campo de forças. E eu gosto disso. Gosto da ideia de que tudo é movimento. Nada é fixo. Nada é definido. A diferença, por exemplo, não é uma essência. Ela é acontecimento. Ela é o que irrompe. O que escapa. O que não se captura totalmente.

E aí, quando penso meu trabalho com a deficiência, com as infâncias, com a escola, fico me perguntando: a diferença tem espaço real nesse lugar? Ou a escola ainda é pensada para os que se encaixam? Para os que seguem a linha reta? A diferença é movimento. A deficiência, também. São linhas de força que desestabilizam, que reconfiguram, que exigem do outro uma nova escuta.

No nosso grupo de pesquisa, junto com Conceição, temos tensionado essas questões. A infância, O Devir-deficiente a diferença, a escola — tudo isso nos mobiliza profundamente. Não como objetos de estudo, mas como campos de experiência. Como territórios onde nos perdemos e nos achamos. E nos perdemos de novo.

Na verdade, tenho cada vez mais certeza: não se trata de encontrar respostas. Se trata de criar problemas. Bons problemas, como dizia Deleuze. Problemas que abrem, que dilatam, que

deslocam. A pesquisa não é para dar conta de algo. Ela é para fazer pensar. E, talvez, para fazer sentir. Sigo, então, nesse movimento rizomático. Escrevendo a partir de mim. Escrevendo com o mundo. Escrevendo como quem procura e, ao mesmo tempo, se desfaz de toda procura. Porque, no fundo, ser rizoma é isso: deixar-se atravessar. Ser território e travessia. Ser mapa e também leitura. Ser afeto, acontecimento, corpo em processo.

Inicialmente, pensei que esse meu movimento rizomático tivesse começado na universidade. Mas não. Quando paro para olhar minha trajetória com mais cuidado, com mais escuta, percebo que esse rizoma sempre esteve presente. Sempre existiu em mim, mesmo quando eu ainda não sabia nomeá-lo. Venho de um território onde a educação formal parecia distante — sou filha de agricultores. Meu pai é analfabeto. Minha mãe se casou cedo e não teve oportunidade de estudar. E mesmo assim, talvez exatamente por isso, eles me ensinaram o valor da educação de maneira profunda. Minha mãe, apesar das limitações impostas pela vida, sempre leu. Muito. Religiosa, lia a Bíblia com frequência, e com isso me apresentou a força da palavra, do texto, da leitura como um ato de fé e de resistência. Meu pai, embora sem as letras, me ofereceu outro tipo de saber. Ele me deu o mato, o cheiro da terra, o silêncio da roça, o som do vento passando pelas folhas. A educação que vem da natureza. A escuta que não se aprende nos livros. Ele me deu o corpo no mundo.

Passei parte da infância no sítio do meu avô. Brincava livre, corria, inventava mundos. Eu apresentava programas imaginários, cantava para ninguém, era comunicativa quando ninguém me olhava. Mas na escola, eu me retraía. Era tímida. Guardava em silêncio o que transbordava quando estava sozinha. Ser eu, por muito tempo, era algo que só eu percebia. A potência da educação, então, surge como acontecimento. Não é uma linha reta. É uma dobra. E um dia através de uma professora fui afetada, ela me via, me encoraja e assim fui provocada de forma tímida.

Mas, são as políticas públicas que abrem caminhos. A interiorização da universidade pública que me oferece um

território novo onde pude ser — ser de verdade, ser inteira. Hoje, sou mãe solo. Sustento meu filho Henrique com meu trabalho, com a potência que a educação me permitiu cultivar. E tudo isso — tudo isso — nasce de uma infância que não cabe nos registros oficiais, mas que pulsa viva nas minhas memórias e no meu corpo.

Escrever sobre mim não teria sentido sem rememorar essa infância cronológica. As lembranças esquecidas retornam como ecos durante as aulas com o professor Ferraço, nas conversas com a professora Conceição, nos silêncios e inquietações partilhados com colegas. Essas memórias não são apenas lembranças — são forças. Elas me reconstroem. Elas me lançam de novo no mundo. A Universidade Federal de Pernambuco, onde hoje caminho, não é só um espaço acadêmico. É território existencial. É platô. É afeto. É lugar onde fiz amigos que são como família, onde recuperei a esperança, onde voltei a sentir.

Porque depois da morte da minha mãe, por muito tempo, eu deixei de sentir. Deixei de caminhar. A dor me silenciou. O luto me paralisou. Mas o doutorado me chamou de volta. Me convidou a caminhar novamente. A escrever. A existir. Hoje entendo que tudo isso é rizoma. Que minha trajetória não é uma linha, é um emaranhado de experiências, afetos, dores e descobertas. E é justamente isso que me faz pesquisadora: a capacidade de me afetar e de ser afetada. De me transformar e, talvez, de transformar algo ao redor.

Pensar tudo isso — minha trajetória, os afetos, os encontros, os textos que me atravessam, as dores e os deslocamentos — me leva a entender que este texto não é uma conclusão, mas mais um platô. Um ponto de intensidade onde as linhas que me atravessam se encontram, se misturam, se transformam. Estamos apenas no início do doutorado. Ainda não sei ao certo que tese escreverei. Mas sei que ela já começou em mim antes mesmo de eu me dar conta. Talvez, mais do que uma tese, o que busco seja um modo de me manter viva dentro da pesquisa. Um modo de não me perder de mim enquanto investigo o mundo. Um modo de continuar sendo

atravessada — por textos, por pessoas, por memórias, por perguntas que ainda não sei responder.

### **(Des)concluindo...**

Se há algo que esse processo tem me mostrado é que a universidade pode ser um lugar de potência. Um espaço de invenção, de humanização, de pertencimento. Não apenas um espaço para produzir saberes acadêmicos, mas para produzir modos de vida, para construir vínculos, para resistir ao esvaziamento e à indiferença. Neste texto, a escrita não foi linear. Foi rizoma. Partiu de lembranças de infância, de experiências do mestrado, das provocações no doutorado, de encontros com professores e colegas, de feridas abertas e de cicatrizes que ainda ardem. Escrevi como quem planta sementes sem saber o que vai brotar. Escrevi como quem caminha e vai desenhando o mapa com os próprios passos.

É isso que me interessa: uma pesquisa que não separe razão e afeto, teoria e vida, pensar e existir. Uma pesquisa que me permita continuar sendo mapa e leitura ao mesmo tempo. E talvez seja isso o que me mobiliza: me deixar mobilizar, me deixar afetar. Porque, no fundo, não se trata apenas de pesquisar sobre o mundo, mas de pesquisar com o mundo. E de, com isso, seguir me tornando — em movimento, em conexão, em diferença.

### **Referências**

ANDRADE, Edson Peixoto. Derrida e Deleuze: uma introdução à Filosofia da Diferença. *Revista Prometeus*. Ano 10, n. 24, set./dez. 2017.

DELEUZE, Gilles. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4/ Gilles Deleuze, Felix Guattari; Trad. Suely Rolnik. - São Paulo: ed. 54, 1997, 176p.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Eu caçador de mim*. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KOHAN, Walter Omar. *A devolver (o tempo d) a infância à escola*. *Infância e pós-estruturalismo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

## **Cartografias literárias: submarinos, deuses, vampiros, igrejas e leões. O afeto das leituras da vida**

João Cláudio Rodrigues Florêncio

Ler, sentir, arrepiar, fechar os olhos e respirar. Coisas simples – apenas depois de certa idade – que eu sempre fazia quando era atravessado por alguma etapa dos livros que li, alguns que degustei a maior parte, outros nem tanto. Tentar explicar os afetamentos causados através da literatura em minha vida ou ao menos me aproximar disso, é o que venho tentando demonstrar em escritas recentes, e aqui, neste espaço, busco também ampliar os limites de minhas noções.

Ir a uma biblioteca – não por vontade própria, mas sim por convite de uma amiga de infância - ainda garoto, sem saber muito bem o que estava fazendo acabou se tornando algo prazeroso, quando não tinha noção do que “gostava” de ler, ficava ali apenas folheando e lendo páginas “esporádicas” dos livros, um ou outro me chamava atenção, arrastava para perto e me debruçava para explorar as páginas. Alguns ficaram por muitos anos em minha memória, outros acabei esquecendo rapidamente.

Busco pensar as inquietações e imprevisibilidades através da Cartografia, ou melhor, Cartografias, estas que deixarão de ser apenas minhas, por acreditar que ao compartilhar, levo a outros sentimentos e atravessamentos. Para tanto, caminho junto à Suely Rolnik (2011), que nos ajuda a pensar a Literatura, através da Cartografia, para além de um arranjo tradicional e instrumentalista. Ao mesmo que pontuo sobre a imprevisibilidade creio que seja viável pontuar que as leituras de minha vida, foram as mais aleatórias possíveis, foram diversas em gênero, classificação, fama ou público alcançado. Entre as razões de

flexionar Cartografias, penso que se trata de movimentos reflexivos contínuos, onde juntamente aos livros, pretendo construir maneiras de refletir criticamente algumas práticas literárias.

No movimento de tentar perceber as relações pessoais com a literatura, acabo sendo moldado, pois preciso fazer uma revisitação ao meu percurso de vida, para só assim compreender – ou ao menos me aproximar – o que ocorre, esta mesma revisitação do caminho que já percorri traz-me novas percepções, afinal, meus “óculos de vida” estão em constante mudança. Divirto-me com leituras e descobertas (que para outros podem já ser óbvias, mas que para mim, são novidades) que me fazem literalmente arrepiar de felicidade. Ditas tantas palavras sobre a importância da literatura, dedico aqui linhas para falar de agitos e afetos que recebi:

### **Baú de afetos**

Ao ganhar uma caixa de livros – até hoje chamo de baú de tesouro – de uma amiga que nunca encontrei pessoalmente, me deparei com Mia Couto entre as tantas literaturas daquele cubo de papelão. Poderia falar aqui sobre os grandes e premiados romances desse autor – como Terra Sonâmbula -, mas o primeiro que me segurou pelas páginas foi a Confissão da leoa (2016), o romance que alterna entre relatos de Mariamar e Arcanjo, mostrando dinâmicas sociais tão distintas, mas ao mesmo tempo que se cruzam – bem como nas salas de aula -, e meios de lidar com a adversidade encontrada pelas personagens. Vivi uma situação enquanto professor que me fez visitar através da memória literária uma situação tal como representada naquela obra. O que busco aqui é tentar mostrar como a experiência daquelas leituras casuais – e de tantas outras – acabaram causando uma mudança do ser, do eu.

Nos papéis amarelados, a vida reluz  
O afeto da literatura, é o que me conduz.  
Com letras de aconchego, com estórias a encantar  
Na página em branco, a alma vem se mostrar.

Na leitura, os sentimentos dançam em harmonia  
A tristeza se despede, e a alegria é magia.  
Um livro bem escrito, faz o peito vibrar  
E um conto solitário, pode nos consolar.

Nos contos de fadas, o afeto é de criança  
Onde o bem vence o mal, e há sempre esperança.  
Nas literaturas da vida, há sempre emoção  
Com humor e entusiasmo, canta o coração.

Amizades que florescem, em páginas viradas  
Personagens que nos marcam, almas entrelaçadas.  
Em cada capítulo, um novo universo a criar  
Os afetos da literatura, sempre a nos guiar.

Assim festejo em cada escrita, esta forma de amar  
Os laços que se formam, em cada folhear.  
Literatura é vida, é abrigo, é emoção  
Um baú de afetos, pulsando no coração.

## Os lugares

Recordo firmemente de ir ao quintal de minha avó, esse que era enorme, e sentar-me em uma pedra ao lado de um limoeiro, perigoso por seus espinhos, mas era ali, com aquele cheiro e sombra que eu navegava nas páginas de livros meus e alguns emprestados. Ali, passei por tantos afetos e sensações. Viajei o mundo em épocas diferentes, mesmo sentadinho naquela pedra. Fui ao Egito, onde aprendi lições com deuses e suas mesquinhezias, ódios e amores. Fui ao fundo do mar, em um submarino que desafiava a lógica de qualquer realidade, e lá encontrei animais e seres que realmente existiram para mim, mesmo que brevemente. Fui ao espaço, essa foi viagem foi longa, e levei apenas a roupa do corpo e uma toalha de banho. A Transilvânia me causa arrepios até hoje, aquelas estradas sombrias, as pedras do castelo do Conde, que ressoavam cada passo que dei naquele infinito labirinto mortal, em que era

sempre acompanhado por criaturas maldosas. Mas também fui a um celeiro, onde conheci um vampiro mais amigável, e que me apresentou o gostode suco de pêsego – mesmo sem eu nunca ter provado tal beleza. A Grécia foi uma passagem divertida e de grandes lições, os amigos que fiz e que perdi a cada página virada. O sertão foi visitado de maneira inesperada, porque encontrei a passagem em uma caixa de lixo na calçada de uma casa que nem me lembro mais, então pude ir à Taperoá, de maneira bela e emocionante. O interior quente e seco de Moçambique foi perigoso, caçadores e leões quase me arrancaram pedaços, mas para ser honesto, eu voltaria lá várias outras vezes, para sentir o que senti, e aprender o que aprendi.

Nas páginas de um livro, eu começo a viajar  
Cruzando mares e desertos, sem sair do meu lugar.  
Uma linha me leva a terras distantes  
E o tempo é só um detalhe, nos sonhos tão vibrantes.

Em cada página, um novo horizonte,  
Encontro reinos e vilas, na mente um monte.  
De heróis corajosos a vilões temidos  
A leitura é estrada, com destinos não definidos.

Com as letras como asas, vou longe voar  
Visto-me de aventura, é hora de explorar.  
Os livros são mapas, de terras sem fim  
Cada história contada é um convite pra mim.

Assim, sigo na viagem, sem pressa de voltar  
No mundo da leitura, sempre há um novo lar.  
Entre páginas e versos, a vida a encantar  
Por onde eu vou, meu coração acha um novo lugar.

## **Alguns amigos, outros nem tanto...**

Anton e Rudiger foram alguns dos primeiros afetos, mesmo enfrentando a negação de seus pais, a amizade entre eles me fez começar a notar que mesmo entre nossa família, pode haver desafios a serem enfrentados, e as amizades nos acalantam nessa difícil caminhada. O Capitão Nemo me fez entender que o desconhecido nem sempre é tão aterrorizante quanto achamos, os monstros que imaginamos são simples e pequeninos se comparados a maldades humanas. João Grilo e Chicó me agitaram na fé, aqui me fizeram ver de uma maneira que nunca havia pensado antes, nossa relação com o sagrado. O Conde, nada amigável, me mostrou que a inveja em sua forma mais sombria, pode nos levar a cometer coisas horríveis com outras pessoas, e no final, aprendi a força que alguém consegue ao precisar salvar quem ama. Percy me levou a encontros e tantas lições que não lembro de todas, aprendi a valorizar nosso tempo com quem amamos, aprendi também que ter alguns amigos pode nos fortalecer para os momentos mais difíceis na jornada chamada vida, e me levou também a pensar no “destino”, se é que ele existe. Com Mariamar eu aprendi que uma mãe se torna uma leoa se preciso for para defender os seus, mas também aprendi lições outras que me rodearam em momentos difíceis no mundo do trabalho.

Na trama da literatura, amizades florescem  
Entre laços sinceros, os bons sentimentos aparecem.  
Companheiros de jornadas, na alegria e na dor  
Nos livros encontramos heróis, e o verdadeiro amor.

Assim, na ficção, encontramos inspiração  
Entre amizades sinceras, há aventura e emoção.  
Em cada história contada, uma lição é deixada  
Que o amor e a amizade sempre vencem a jornada.

Temos também os traidores, que as letras formaram,  
Lágrimas e sorrisos, as histórias nos tomaram.

O Conde Drácula, com o amor tão mesquinho  
Mostra que até os vilões, podem amar um pouquinho.

Por trás de cada herói, um amigo sempre está  
Com risos e desafios, juntos vão caminhar.  
E os vilões que provocam, com suas tramas perigosas  
Nos ensinam que na vida, a amizade é valiosa.

## Referências

BODENBURG, Angela S. *O Pequeno Vampiro*. WMF Martins Fontes. 1990.

COUTO, Mia. *A Confissão da Leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

STOKER, Bram. *Drácula*. São Paulo: Penguin, 2014.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

VERNE, Jules. *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Tradução de André Telles. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

**Outros possíveis modos de escrita de si, de detalhes das pessoas  
que observam e sentem as encantarias da vida e da formação  
docente: as sutilezas das experiências**

Kélvia Kione de Lima

Vertentes, 15 de junho de 2025. Querida Carla,

faço essa carta para minha orientadora, ou posso dizer minha intercessora? fica o questionamento, mas antes de tudo vou falar das minhas intercessoras antes da mesma supracitada. Tento o início com aquela letra da música de Luiz, que nos inquieta para não esquecer das raízes de onde viemos:

...Ei, gado, oi

Bom vaqueiro nordestino Morre sem deixar tostão O seu  
nome é esquecido Nas quebradas do sertão Nunca mais ouvirão  
Seu cantar, meu irmão Tengo, lengo, tengo, lengo, tengo,  
lengo, tengo

Ei, gado, oi Sacudido numa cova  
Desprezado do Senhor Só lembrado do cachorro Que inda  
chora

A sua dor  
É demais, tanta dor  
A chorar, com amor...

A Morte do Vaqueiro de Luiz Gonzaga

A letra reverbera em mim, uma escrita de si, um acalantar de que minha avó foi/é quase tudo para mim. Então, querida Carla, tudo começou antes mesmo do meu nascimento, o meu deslocamento move mulheres que vieram antes da minha chegada e, nesse primeiro ensejo, irei tecer mais sobre elas, sobre as quebradas desse Agreste que os nomes não podem deixarem serem esquecidas, dado que entre as longas narrativas e ao cultural no meu convívio familiar escrever cartas para registrar por meio de palavras aquilo que o coração está cheio para partilhar e principalmente, vibrar com as vivências dos seus que por um curto intervalo de tempo não ficou tão perto do meu cantar/dizer/escrever/esborrar.

### **Ensejo inicial**

Apesar de tudo ser tão dito e certo, os agenciamentos que vivi e viverei passam como em um deslocar de uma viagem. Pois bem, cá/aqui estou indo participar de uma formação continuada para instrumentalizar ainda mais o viés do professor formador, <participando da bolha para tentar deslocar esse olhar dentro de uma caixa, ou seja, dentro da própria bolha> e nesse sentido, me arrebatado pela criação ao qual designaram-me diante do programa para formação continuada de professores intitulado CNCA-Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Assim, aponto esse movimento de formação porque constitui a ordem circunscrita da sociedade da capacitação para a formação de professores.

Dessa forma, continuo escrevendo sobre os nomes que não podem deixar de serem esquecidos - uma mulher da década de 40, com seus filhos, labutas e muito afeto para dar e reverbera nessa avó, ao qual neste ato quero falar. Criou os seus, não acompanhou o final dos sonhos que pensamos e idealizamos juntas, não acompanhou essa fase de que tanto falei na graduação de afetar e ser afetada, mas desde lá, do tempo do sonho/idealizações, ela sentia

<tocou-me em todas as estruturas para a convivência deste ser, ser esse que se atravessa em uma não linearidade>. São afecções difíceis de se colocar em palavras e, estamos desconstruindo linearidade da qual a formação de professores não tem, ou não deveria ter. Volto a minha avó e, escrevo a você, onde estou no caminho para uma formação do CNCA, e que, ainda assim, continuamos sendo agenciadas pelo o que nos move, pelo corpo que vibra e pulsa na tentativa da forma que (des)forma, dado que essa escrita transitou alguns dias de vivências aceleradas e uma delas a formação do CNCA.

Assim como, Socorro Acioli em Oração para Desaparecer "A vida é só essa coisa atrapalhada, que passa muito rápido e as únicas pessoas felizes são as que atravessam o tempo entregues ao amor." e podemos dizer que sua xará de sobrenome, querida Carla, afetou com essas potentes palavras para traçar linhas de fugas em um movimento pela arte, já que em uma das aulas de um também querido Professor, "só a arte nos possibilita uma linha de fuga"-Ferraço, 2025. Então, uma vida, aqui nessa narrativa de espalhamentos e, através de você Professora, um agenciamento de afeto e afecções em que me possibilita uma pedagogia para multiplicidades da minha própria singularidade.

Pois bem... você emana um alongar do olhar por dentro no espalhar de fora e, professora, vou parafrasear Clarice Lispector quando diz sobre sou como você me vê, a depender de como me ver passar talvez não demonstre tanto assim, mas saiba que pouca gente vai lembrar da sua formação ou do quanto ganhamos e sim, do quanto somos gentis e que depositou confiança nessa menina que quer mudar o enredo da história dos que não tiveram oportunidades.

Pausa, ou melhor dizendo um intervalo e venho proferir para  
você Professora:

**Um viva a educação pública desse país, um viva a educação pública e interiorana, mais especificamente, um viva ao centro acadêmico do agreste de caruaru**

escrevo esse viva todo em caixa alta como momento de frisar e deixar vibratil esse espaço, os deslocamentos de todos aqueles que têm e terão suas vidas problematizadas a partir da multiplicidade de um ensino superior público que por muito tempo foi negado aos menos favorecidos, dado que já venho com outra expressão da arte musical:

...Eu não posso mudar o mundo  
Mas eu balanço Mas eu balanço  
Mas eu balanço o mundo

Balanço só por balançar Balanço às vezes por querer Balanço só pra me amostrar Balanço pra sobreviver

Botei tudo na balança, amor Tô fechado pra balanço Desde os tempos de criança  
Só ponho a mão onde eu alcanço...

Balancero, Juliana Linhares

E em continuidade, somos forças de uma terra árida, de uma terra de resistência e, que do nada secamos, e na época da chuva voltamos a molhar, a esverdear. Somos um Agreste que balança para sobreviver e, de balanço você querida Carla, tem-se balançado bem, colocado amor, suor e muito- MUITO trabalho/dedicação.

E dito isso, nesse ensejo primeiro, celebro as minhas intercessoras antes de você para lhe dizer que nas minhas melhores palavras não serão capazes de provocar os movimentos de resistência ao qual passamos enquanto nossas singularidades, grupo e a própria democratização de saberes.

## Continuação para segundo momento do ensino...

Professora, tem sido trajetos, deslocamentos complexos e problematizantes diante da multiplicidade da minha própria singularidade, uma inquietude sem limites e, que a própria narrativa, que pensando com o autor Larrosa e agenciada acredito eu por você, "...escrever é fazer experiência, não apenas relatá-la." (p.22), pois nos imprime nesse repensar de um refazer das coisas e, dela a própria escrita, assim, neste caso, a problematização dessa carta.

Pois bem... nessa carta os batimentos viram palavras, a necessidade de pensar no algo que me fez escrever, que me faz ir em busca desses modos outros de (des)formas de (des)ver o mundo perpassa a transformação de um eterno movimento de arrancar dos lugares, rasgar as peles para que eu possa voar, assim, um caminho que oscila em uma linha torta, que é viva.

Ser professora com o deslumbramento,

Ser a professora que se perde de si, já não forma: deforma. Se esquece que também é aluno, já não ensina: encena.

A pedagogia é feita de poeira nos dedos, livros abertos e joelhos dobrados. Que os olhos vejam: a beleza está nas trincheiras.

a alteridade está no serviço. a verdade está na entrega.

Assim, colocar o poema, a poesia, literatura e a própria arte na mão de filhos e filhas de trabalhadores braçais é mudar destinos que parecem já estar definidos. O pensar liberta, traz questionamentos e corrobora em um ato de resistência diante de outros sentidos possíveis para formação docente, ou seja, linhas para uma fuga e invenção de mundo. E dito isso, explano Professora algo que em seus gestos sempre me aproximou a um precisar insistentemente estudar e inventar para criar problematizações de diálogos e transformações, bem como o que precisa ser feito é um convite para que, enfim, façamos.

Vem a narrativa desta carta para nos dizer e lembrar de que a delicadeza é uma coragem bem forte.  
Dessa maneira, acredito que assim como você, gosto do tempo em que eu possa sentir, assim,  
entre os dedos.

Quero, Professora, dividir com você alguns pedacinhos das nossas sobrevivências. Entre as dores e as alegrias de cada tempo, deslocamento, há sempre a fresta que nos faz enxergar o quanto nosso céu permanece imenso. Professora, compartilhamos a docência, porque, como estudante, aprendi a ser teimosa - sonhando.

Além disso, meu lugar de encantamento está na comunicação. Ouvir o que vem de dentro é uma espécie de paisagem amplificada: como se pudéssemos tocar as perspectivas que fomos acumulando nos nossos espantos mais inesquecíveis. Sinto, na ponta dos dedos, as frases. Percebendo que, em cada uma delas, há esperanças raivosas, delicadas, promissoras.

Eu escolhi ser professora pela oportunidade de ver o ser humano de perto, na sua complexidade mais incompreensível. Consigo apenas dizer, com toda sinceridade de um coração grato, que a educação é um caminho absurdamente poderoso.

E mesmo estando acelerando, acelerando, acelerando as necessidades e, por isso, o tempo é insuficiente. Não cabe na nossa expansão material. Constantemente a sensação é a da falta. Mas, em mim, a resistência acontece na tentativa insistente de manter a delicadeza. Enquanto eu estiver me emocionando, certamente a vida estará viva.

Eu re-existo em tudo aquilo que é bem pequenininho.

Em especial, porque a gente APRENDE a conjugar a vida, sem negociar com a profundidade.

E você professora demonstrou no meio de uma terra trincada, nosso Agreste, que você não consegue desistir de espalhar sementes. Assim, aprendi que é possível entender o outro se estivermos atentos às minúcias,

porque enxergo a existência de forma inconclusa: trajetos, curvas,  
atalhos,  
vias de mão dupla.

O definitivo me acua, gosto dos rios e dos céus.

Por dentro, sou assim também:

um mapa móvel, de verbos conjugados no infinitivo.

Estudar é a minha maneira de inventar um (outro)  
mundo.

Quanto mais a gente se apaixona pelo conhecimento, mais o outro assume lugar de importância. (Des)formar tem muito da caminhada rumo ao horizonte: as linguagens do mundo se renovam em cada ponto infinito. Meu aprendizado diário, em nossas vivências, é sobre a humildade de ser conjunto. Na nossa voz há camadas dos sons que já vieram e de tantos outros que ainda estão descobrindo o seu próprio volume.

Visto esperança, enxergo sorrisos.

Estaremos - na insistência do sonho - com as mãos cheias de cores  
e o vocabulário da coragem.

Vocês leitores existem,

a gente, minha querida Carla e todos aqueles que se deslocam  
resistem, JUNTOS!

## Ensejo final, ou considerações em aberto? ...

Portanto, assim como BK em sua música sobre continuar um sonho, sobre saber aqueles que vieram antes de mim, que provoca e problematiza os (des)modos de existir faz com que reverbere esse trecho da canção:

...Eu sou a continuação de um sonho Da minha vó, do meu  
vô

Quem sangrou pra gente poder sorrir

...É assim comigo o tempo todo

Continuação de quem correu pra gente andar em paz  
Continuação de quem bateu pra gente não apanhar mais Eu fui  
até onde achavam escuro

Levantei uns da minha cor, não fiz a causa de escudo Eu fui  
além do discurso

Valeu a batalha...

venho a dizer valeu o deslocar parafraseando o artista BK  
nesse final de valeu a batalha.

Estarei

– na insistência do deslocar –

com as mãos cheias de cores e o vocabulário da coragem.

Deslocamentos:

interpretamos o mundo por meio dos significados que temos.

Passei por alguns lugares vivi experiências deixo aqui, meu  
pedacinho de olhar.

Despretensiosamente,

Kélvia Lima, uma eterna aprendiz desse mundo que se desloca para que possamos viver com a mesma coragem de fazer bem ao outro.

### **Inspirações:**

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisas com os cotidianos da Educação: problematizações e invenções de mundo. *Revista Educação em Questão*. Natal, v. 61, n. 70, p. 1-20, out./dez. 2023. <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/34627>

LARROSA, J. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor*/ Jorge Larrosa; Tradução Cristina Antunes. —1. Ed., 1 reimp. — Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas* / Jorge Larrosa. —6. ed. rev. amp, -- Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LINS, C. P. A. *"Professor não dá aula, professor desenvolve aula": mudança nas atividades docentes e o processo de profissionalização - o caso de professores do ensino médio*. Recife: O autor, 2011. Tese (Doutorado) – Orientador: Profa. Dra. Silke Weber. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Doutorado em Sociologia, 2011.

OLIVEIRA, Andréia Machado; FONSECA, Tania Mara Galli. Os devires do território-escola: trajetos, agenciamentos e suas múltiplas paisagens. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.31, n.2, p.135154, jul./dez.2006. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6849/4120>



## **Memórias e narrativas sobre a inquietação a respeito do ser e seus territórios**

Luana da Costa Santos

### **Costurando a introdução e contemplanções da escrita**

Trago as reflexões a respeito do “ser” e o “território”, oriundas das memórias, narrativas e das experiências vivenciadas através da oralidade da minha ancestral, minha avó materna Cecília Maria da Costa Silva, nascida em 14/01/1957 na cidade de Rio Tinto, localizada no estado da Paraíba, descendente do povo indígena Potiguara, encantada no dia 27/10/2024.

Primeiramente gostaria de me apresentar através das minhas matriarcas e os seus territórios, originários da cidade de Rio Tinto, que têm origem na cidade de Rio Tinto. Essa cidade é conhecida pelas águas vermelhas do rio que a atravessa e também por suas praias, localizadas no estado da Paraíba. Iniciarei com minha tataravó, cuja saída da mata para a cidade a levou ao banzo. Minha bisavó se chama Maria Júlia da Costa. Ela foi adotada pela senhora Luzia, que criou Cecília Maria com muito amor durante a infância dela. Após o falecimento de Luzia, Cecília Maria e sua mãe, Maria Júlia, passaram a viver na cidade onde cresci, Bayeux, que fica na Paraíba. É uma cidade na Região Metropolitana de João Pessoa, um lugar coberto por manguezais, localizado às margens do Rio Paraíba e de alguns de seus afluentes, como o Rio Sanhauá e o Rio Paroeira. Esta breve apresentação dos meus ancestrais e dos territórios busca refletir sobre a nossa identidade, que é formada pelo “nós” e pelos nossos “territórios”, como partes essenciais do que somos. É importante refletirmos sobre o ser social, entendendo

as questões sociais e históricas que influenciam nossas vivências e experiências ao longo da vida.

Esse resgate da memória ancestral também procura provocar o conceito de tempo, que aqui é entendido como algo dialógico e não fragmentado. O agora é parte do que já foi vivido e do que ainda será. Sendo essa conexão entre os momentos acontece de forma complementar e não separada. Portanto, Cecília Maria aqui considerada como semente, sendo essa escrita uma das muitas frutificações que surgiram por causa da sua presença na minha vida.

Busco trazer questões singulares de sua vida que se relacionam com a vida de tantas outras pessoas. São questões que me inquietam, pois acredito que uma vida é composta por tantas outras, que a afeta diretamente ou indiretamente.

Trago, de forma breve, os aspectos da vida de Cecília Maria, mulher que teve sua infância e adolescência difíceis. Ela perdeu a mãe para o alcoolismo e desde criança, teve que lidar com o trabalho e a responsabilidade de cuidar dos irmãos. Além disso, ficou grávida na adolescência e teve que doar o filho por causa da necessidade e da precariedade, visando a sobrevivência de ambos, mãe e filho. O casamento com Maurício Inocêncio da Silva, marcado pelo machismo e pela violência, levou Cecília a fugir e se separar. Desse casamento nasceram suas duas filhas: minha mãe, Jucileide da Costa Silva, e minha tia, Isaura da Costa Silva. Ambas acompanharam Cecília ao longo de toda a sua vida.

Essas questões mencionadas que fizeram parte da vida de minha avó como: a dependência de substâncias químicas da mãe, a gravidez na adolescência, a violência de gênero no casamento e a exploração do trabalho, fazem parte da realidade de tantas outras vidas, principalmente das mulheres negras, colocadas pelos colonizadores em uma posição de inferioridade, mesmo sendo as principais e fundamentais nas construções sociais. Sendo assim, a vivência de um ser de certa forma se aproxima das experiências de tantos outros seres, apesar de não serem as mesmas experiências, elas carregam as mesmas origens e se manifestam pelas mesmas problemáticas relacionadas à classe, gênero e etnia.

Sendo assim, destaco a importância e relevância dos movimentos sociais, pois se constituem justamente por identificar as felicidades e tristezas em comum, se articulando coletivamente em busca de suas conquistas, criações e preservações alinhadas aos interesses do grupo social específico. Pois é justamente através do processo de movimentar-se diante das problemáticas, do enfrentamento do que está posto que podemos lidar com os sentimentos, bem como lutar para a garantia de que os grupos subalternizados conquistem seus direitos, proporcionando que essas problemáticas não sejam normalizadas, questionando as posições de submissão, para que a autonomia verdadeiramente faça parte de nossas vidas.

Pretendo refletir sobre o que me impactou e me provoca nos relatos, histórias e lembranças da minha avó, mas sempre partindo delas para um todo social. Quero compartilhar meus pensamentos sobre as questões que me provocam intimamente, sobre como estamos conectados aos outros seres e aos territórios, e como o sistema capitalista e as heranças do colonialismo interferem no nosso “eu” e no nosso “lugar” essas heranças não só causaram, mas permanecem causando o sofrimento de tantas pessoas.

Vou me concentrar especificamente nos problemas específicos que Cecília enfrentou ao longo de sua vida. No entanto, é importante destacar que a vida de Cecília não se restringe apenas aos aspectos aqui discutidos, estando cheia de histórias, recordações, amores, sonhos e momentos de alegria.

Sendo assim, vou refletir sobre os aspectos da vida da minha avó Cecília, os quais me impactaram, justamente por serem normalizados, pois acredito que através da socialização podemos nos aproximar e pensar coletivamente medidas cabíveis de mudança. Portanto, assim como uma semente, minha avó germinou em mim, formando raízes profundas de afetos e pensamentos. Essas raízes se conectam às inquietações que também surgiram durante a minha formação acadêmica em Pedagogia da Educação do Campo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e

no Mestrado em Educação Contemporânea na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A princípio, quero destacar minha reflexão sobre o “território”, pois o seu deslocamento forçado, a saída da sua comunidade de origem, o distanciamento da natureza e a aproximação da cidade, essas mudanças bruscas, partindo da necessidade de sobrevivência interfere diferentemente no nosso “ser”, aqui compreendidos como correlacionados ao território. Esse movimento migratório, chamado por alguns estudiosos de êxodo rural, é provocado pela necessidade de sobrevivência. Isso acontece devido à má distribuição da terra e da renda, à falta de políticas públicas e à exploração do trabalho e dos recursos naturais.

O processo de colonização está presente em nosso cotidiano. Não é algo que aconteceu apenas em um dado momento específico da nossa história, mas que continua se manifestando no nosso dia a dia, pois o colonialismo ainda exerce suas formas de controle, baseadas no mito da superioridade étnico-racial e epistêmica *européia-patriarcal-branca-cristã-urbana-industrial*.

Por exemplo, trago o território da minha avó Cecília, que o Governo da Paraíba pagou em 2022 milhões à família Sueca Lundgren pela desapropriação de casas em Rio Tinto. Esse é apenas um dos milhares de exemplos no nosso país, aqui exemplificado como o processo de invasão e colonização continua lucrando às custas dos povos originários e de seus territórios, mesmo depois de vários séculos.

A reflexão sobre o eu/nós e os nossos territórios nos leva a pensar sobre a relação entre o ser e a terra, compreendidos nessa construção como inseparáveis. Essa relação intrínseca entre nós e o lugar no qual estamos situados(as), nos ajuda a compreender aspectos da nossa realidade, enxergando tanto as necessidades como também as possibilidades, fortalecendo nossas visões a respeito do eu, do nós e do mundo. O capitalismo compreende que a terra é apenas mais uma mercadoria, vista como algo a parte do que somos, como uma utilidade, para o uso e abuso do homem,

mas para os povos do campo, ela representa vida, fonte de criação, provedora das necessidades humanas, como parte do que somos.

Esse despertar tão necessário da consciência do “ser” e do “seu lugar no mundo” não ocorre naturalmente. Ele faz parte de uma construção social, precisando ser estimulada, dialogada, debatida, pensada e trabalhada durante toda a nossa vida, sendo um processo permanente e contínuo. É importante ressaltar que para que esse processo de descolonização do “ser” seja possível, é necessário que ocorra uma verdadeira participação e envolvimento de todos(as), pois as vivências dos povos subalternizados não podem ser transmitidas, partindo de quem realmente vive na pele as injustiças, para que estes façam as construções necessárias para a mudança. Necessário que tenhamos a autonomia para decidir o caminho a qual desejamos trilhar, sem que estejamos sendo expulsos(as) possibilitando a quebra de barreiras. Precisamos ter acesso aos espaços, assim como a liberdade de pensarmos sobre o espaço e problematizar, pois é esse mecanismo que permite desenvolver-se de forma democrática e inclusiva, priorizando a vida e suas várias formas de existir e ocupar espaços.

A luta por uma vida digna e por direitos básicos está sempre em disputa. Essa disputa é baseada na desigualdade de recursos, espaços e posições. Por isso, é uma disputa desigual, injusta e violenta. Esse processo de subalternizar os povos é uma das estratégias do colonialismo para apagar as identidades e a diversidade dos seres humanos.

A revoluções realizadas pelos povos do campo, das águas e das florestas no decorrer da história comprova que o enfrentamento aos colonizadores, latifundiários e fazendeiros, entre outros, é uma realidade e que utilizam-se de várias ferramentas de opressão para que as revoluções não ocorram, como alguns exemplos: Quilombo dos Palmares; Caldeirão de Santa Cruz do Deserto; Conflito do Contestado; Lutas dos Boias-frias; As Ligas Camponesas; Liga dos Camponeses Pobres (LCP) dentre tantos outros.

A necessidade de acesso à terra é a principal questão, pois essa luta envolve vários outros direitos, como educação, saúde e trabalho. Todas essas questões não podem nem devem ser vistas apenas como a favor do capital, mas devem ser consideradas como parte essencial e direito fundamental de todos.

Minha avó, Senhora Cecília Maria, enfrentou vários problemas devido à negação do direito básico à terra. Portanto, essa escrivência não deve ser interpretada apenas como a história de mais uma mulher, mas sim como uma grande denúncia ao sistema capitalista e colonial, ela almeja incomodar aqueles que se beneficiam dos privilégios gerados pelas injustiças, explorações e privilégios.

### **Confecionando a escrita**

Destaco, ao refletir sobre a relação entre o ser e o território, partindo que ambos são constituídos pelas questões sociais, culturais e históricas. Ao falarmos sobre territórios, quero destacar a luta pela terra, que é a luta mais antiga da história do nosso país. Vamos analisar o processo de desterritorialização dos povos originários, que ocorre de forma violenta e intencional, para desvincular as pessoas de seus lugares e de suas crenças, culturas e linguagens. Trago como exemplo dessa violência é o caso da minha tataravó, no caso a avó de Cecília, que foi retirada a força da mata, para ser explorada na cidade pelos donos de fábricas e senhores de engenho.

Saliento novamente que a inquietação surge do lado pessoal, mas abrange um grande coletivo, pois é uma realidade vivenciada pela maioria da população brasileira, que historicamente foi silenciada e oprimida, gerações que sofreram e ainda sofrem as barbáries negligenciadas inclusive atualmente pelo próprio Estado. Minha avó, Cecília Maria, assim como muitas outras pessoas, sofreu as consequências do processo de desterritorialização e foi explorada pelas grandes empresas e fábricas, assim como seus ancestrais. Atualmente, os donos de engenhos, fazendeiros, grileiros e “donos da terra” ou seja os mesmo responsáveis, quais

também degradam o meio ambiente, exploradores de mão de obra e que continuam se beneficiando, pois ocupam os espaços de tomadas de decisões e conseqüentemente se privilegiam, recebendo por exemplo compensações do estado, como nos casos de ocupações por trabalhadores rurais. Isto ocorre pela necessidade de ocupação dos seres prejudicados nesses espaços.

Abordar a questão da luta pela terra, relacionada ao processo de exploração do trabalho, me toca profundamente. A Lei de Terras (Lei n. 601, de 18.09.1850) foi a primeira privatização do território “Brasil” sendo um país forjado em uma sociedade de regime escravagista, a base de sua dominação. Isso me provoca a agir e me leva a essa escrita, bem como tantas outras produções, salientando a luta pela terra como fundante das questões sociais.

Irei ressaltar especificamente os povos do campo, das águas e das florestas como principais atores das ações de transformação. Esses povos, desde a colonização, atuam na contramão do sistema capitalista, colonial, patriarcal, machista, racista e misógino. As suas ações têm um caráter de confronto e representam a luta contra a hegemonia. Precisamos nos reconhecer como detentores de conhecimentos. Nós também somos formados tanto pelas vivências como por outras vidas que nos atravessam e pelas experimentações a respeito dos lugares que passamos.

Para que possamos transformar e continuar criando e construindo em prol da vida, priorizando os seres vivos e os nossos territórios, é necessário pluralizar, diversificar, frutificar e expandir as linguagens. Não devemos nos limitar a ideias binárias, mas considerar a complexidade da educação, diante da diversidade dos povos e suas culturas. Esse processo não deve ser visto como um movimento linear, mas sim como um movimento cíclico e constante.

Destaco o caráter subversivo dos movimentos sociais revolucionários, que não se limita apenas aos confrontos diretos, mas também utilizam-se das mais diversas formas de resistência, utilizando-se por exemplo da arte.

A opressão como uma rede de retalhos mofados, que apesar de esta articulada também está propensa a se desfazer se. Essa rede é composta por várias partes diferentes, que formam um conjunto de procedimentos institucionalizados. Isso inclui os aparelhamentos do Estado e o controle das instituições públicas, que são dominadas por um grupo político, ideológico ou partidário, a serviço de seus próprios interesses. A exemplo da política que é representada por sua grande maioria, pelos homens brancos, como a bancada ruralista, a bíblia, o boi e a bala, sendo o triple da opressão no campo. A ideia da moralidade que é utilizada pelo patriarcado e suas formas de opressão. O adoecimento psicológico e físico causado pela exploração do trabalho e pela negligência em relação à saúde pública. A discriminação, o racismo estrutural e a homofobia. Todas essas questões mencionadas estão ligadas à burguesia e aos seus interesses.

A respeito da reflexão sobre a relação entre educação e trabalho, entendemos que essas duas áreas estão integradas e não separadas do que somos. Temos consciência de que nosso trabalho faz parte da nossa identidade. O trabalho está diretamente ligado ao nosso dia a dia, ao mundo natural e social, em relação à organização e conscientização do trabalho humano no mundo.

Retornamos às narrativas de Cecília, que relaciona seus problemas de saúde, tanto físicos quanto psicológicos, às consequências de anos trabalhando como costureira. Portanto, o trabalho não está separado do que somos, ele também faz parte do nosso íntimo é uma parte importante da nossa identidade. A profissão de Cecília para a sua sobrevivência foi de costureira, graças a um curso oferecido por um convento de freiras. Uma história que se parece com muitas outras histórias de várias mulheres no nosso país denominado Brasil.

O trabalho está relacionado a quem somos, e como somos vistos, isso reflete também o lugar a qual ocupamos. Um bom exemplo disso são as mulheres que trabalham na agricultura, vivendo e trabalhando no campo. A maioria delas enfrenta uma grande sobrecarga de atividades, como o trabalho doméstico, o

cuidado com os animais, as atividades de plantio e colheita e o cuidado com os familiares. Essas funções, portanto, fazem parte da identidade dessa mulher camponesa, mas também retratam como a construção social interfere diretamente nas atividades desenvolvidas pelos sujeitos. O trabalho por décadas esteve relacionado às questões de classe, gênero e etnia, objetivando o privilégio dos “detentores do poder”.

Vale destacar que o trabalho está relacionado ao nosso ser social e conseqüentemente as dificuldades e vantagens em relação a nossa posição. O sistema em que vivemos determina uma hierarquia e uma classificação das relações de trabalho, isso proporciona a objetificação dos corpos e a classificação dos conhecimentos e habilidades como mais ou menos importantes ou validados, utilizando-se do gênero também como um divisor de funções.

É importante destacar que a linha de fuga para as transformações e novas criações parte da possibilidade de estarmos na contramão do que já nos é oferecido. Devemos pensar além das formas e maneiras às quais já estamos submetidos. Um exemplo é o exercício de olhar em 360 graus, observando tudo ao nosso redor. Isso nos ajuda a entender que todas as coisas que existem foram criadas e pensadas a partir da ideia de algo que ainda não existia. A organização da sociedade e dos indivíduos ocorre através de ações organizadas do coletivo que possibilitam uma maior articulação em prol da transformação, por meio de um trabalho disciplinado e comprometido em prol de condições dignas de se viver.

A respeito do nosso imaginário criativo, que é podado ao longo de nossas vidas. As cosmovisões são consideradas como “absurdas” dentro de uma lógica de pensamento limitado, convencional e reprodutivo, sendo essencial fortalecer as novas formas de viver e ser no mundo. Devemos nos permitir imaginarmos. Nossas inquietações e projeções sobre o novo e o desconhecido são ignoradas e silenciadas, esse processo de apagamento da nossa capacidade criativa acontece principalmente durante a nossa infância, devido às proibições de experimentar novas perspectivas. Assim como Cecília, muitas outras crianças

tiveram sua infância roubada. Crianças que não tiveram a oportunidade de desenvolver suas habilidades e viver novas experiências durante essa fase da vida. Consequência causada pelas formas de controle que reproduzem a tradicionalização do pensamento, especialmente pelo processo educacional, onde o olhar é “sobre” a criança e não “com” a criança, formando uma cadeia de adultos limitados a uma linha imagética do que é possível ser criado e experimentado.

Essas reflexões sobre a criação, quando pensadas em relação ao ser e aos territórios, ajudam a entender as questões que afetam diretamente as pessoas e os lugares onde vivem. Porque tudo é criação e reprodução!

Quem melhor pode compreender as questões de um bioma do que quem já vive nele? Essa pergunta não busca uma resposta fechada, mas busca problematizar a complexidade a respeito dos saberes populares, que são inválidos Saberes essenciais e necessários para a construção do conhecimento.

Ao relacionar a história de desterritorialização da minha avó junto à complexidade em torno do ser e suas singularidades. Observando problemas que abrangem um coletivo, como mencionado anteriormente, como o acesso à terra e o respeito às diferenças. Ao exemplificar essas questões sócio históricas busco dialogar com outras vidas partindo da vida de minha avó. A vida particular de um “ser” necessariamente está atravessada pelo coletivo, pois somos seres sociais e que a todo tempo estamos nos relacionando com outros(as) e com o ambiente, trago as linguagens como fundamentais na construção do conhecimento.

A necessidade de termos as condições para que possamos trocar experiências e saberes também é um fator importante, compreendendo que a possibilidade de uma socialização fora das necessárias de sobrevivência como o tempo de trabalho, muitas vezes a favor de uma empresa por exemplo. O tempo acaba sendo engolido pela alta carga horária de trabalho, isso conseqüentemente nos leva a menos tempo de descanso, lazer pensar por exemplo o direito a direitos básicos de existência como

o autocuidado, o lazer e a possibilidade de pensar para além do que está sendo dentro das nossas responsabilidades do cotidiano.

Comparo a sociedade a um sistema vivo e orgânico, que não consegue funcionar apenas pela unidade, mas que depende de outros para se manter. Para que esse sistema continue vivo e ativo, é necessária a participação e o bem-estar de todas as partes que o compõem, para que permaneça em um estado consistente, caso contrário temos uma sociedade adoecida e em declínio. É necessário, portanto, que as pessoas não sejam vistas como "objetos passivos" que recebem ordens ou realizam funções determinadas. Elas devem ser compreendidas como essenciais e indispensáveis para a construção, criação e reconstrução dos aspectos que formam a sociedade.

Essas reflexões, provocações e narrativas aqui escritas, têm como objetivo fortalecer a memória ancestral e o pensamento crítico a respeito de uma conexão de todos (as) em prol da coletividade de estarmos juntos lutando para o bem coletivo. Essa escrita utiliza-se das palavras como estratégia para expor a não naturalização da dor, problematizando as questões individuais, partindo do pressuposto da estrutura social, partindo da violência epistêmica.

Apesar de ser uma breve escrita, ela ocorre através de questões subjetivas e internas do meu ser, a construção dos pensamentos aqui transcritos, está mesclado pelas mais diversas relações construídas no decorrer de minha vida principalmente as relações familiares e acadêmicas, a respeito do "eu" e "nós" e as conexões promovidas através das dores e amores semelhantes, buscando de alguma forma apresentar, que apesar de sermos diferentes, ao mesmo tempo carregamos nossas semelhanças. Trazendo como ponto de partida aspectos que nos unem, como o silenciamento das nossas dores, e a forma a qual vivemos, submetidos(as) a um sistema opressor, manipulador e violento.

É necessário nos desprendermos das ideias rígidas e irrefutáveis. É necessário que possamos fortalecer nossa imaginação, criatividade e espírito de curiosidade para não

ficarmos estagnados. "O movimento de que nada está acabado nos permite ser impulsionados pelas nossas tristezas e alegrias." Buscando experimentar, explorar e vivenciar as várias formas de ser e viver no mundo.

Precisamos continuar criando e reconstruindo nossas maneiras de enfrentar toda e qualquer violência. Aqui, estou costurando palavras como Cecília Maria costurava seus tecidos, para que esse processo de construção ocorra. Que possamos ser impulsionadoras de novas costuras, utilizando as mais diversas formas e modos de costurar ideias, criando, abrindo e desvendando novas fronteiras. Tecendo novas possibilidades e nos costurando aos outros(as).

Portanto, essa produção busca provocar a refletirmos criticamente sobre a nossa ancestralidade e as condições em que vivemos, resultado das circunstâncias do sistema que prioriza o lucro em vez da vida.

### **Cortes e costuras das conclusões e inconclusões da escrita**

A priori gostaria de enaltecer a Conceição Evaristo e o conceito da "escrevivência" pois utilizei da escrita como ferramenta para o compartilhamento de sentimentos, memórias, narrativas e dos pensamentos que me provocam. Sendo uma das tantas "formas outras" de interagimos entre si, as linguagens utilizadas na perspectiva de humanizar-se e de humanizar. Além disso, a escrevivência pode ser vista como uma linha de desejo que se solta e cria novos mundos.

Ao considerarmos a importância não apenas da presença física dos seres, mas também das suas subjetividades, valorizando a presença de suas ideias, trajetórias e ensinamentos. "Somos construídos(as) por vários(as)" destaco a senhora Cecília Maria, mulher que me fez pensar na existência, não apenas em quem somos, mas no que podemos ser, criar ou produzir, por nós mesmos e pelos que nos antecederam.

Hoje, apesar de não termos a presença física de tantas pessoas que, de algum modo, nos formaram e nos atravessaram além do físico, suas influências ainda estão presentes. É necessário que continuemos lutando para que a subjetividade de todos nós esteja presente no mundo. Assim, nossos semelhantes podem se unir e lutar contra toda e qualquer forma de opressão, exploração e violência. Que tenhamos raízes profundas, ao mesmo tempo, possamos crescer e frutificar em nossos e em outros territórios.

Ressalto a importância da luta diária de todos os trabalhadores e trabalhadoras dos movimentos sociais, assim como a presença da arte, da cultura e do imaginário, que se juntam à criatividade e ao afeto, permitindo que possamos nos transformar e transformar o mundo que vivemos.

Essa produção também nasce de uma promessa feita a Cecília, poucos meses antes do seu encantamento. Eu queria eternizá-la além das minhas memórias, quero compartilhar sua importância e minha vida. Este texto não consegue abranger todas as reflexões que já tivemos, muito menos conseguem descrever o amor ou momentos vividos, mas é um fragmento desse amor, um flashes de luz sobre o universo que somos.

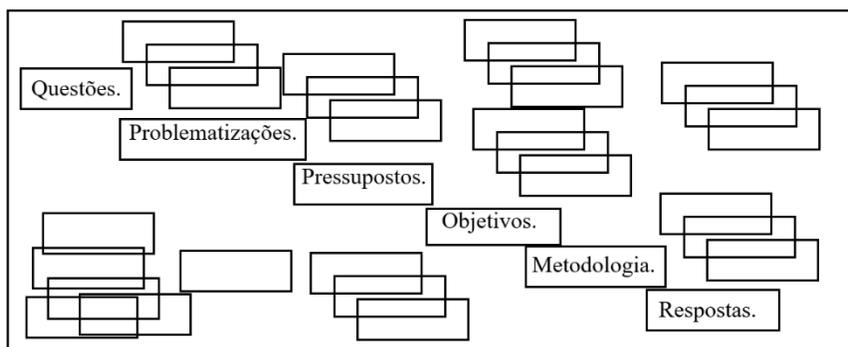
Escrever sobre esses pensamentos pois essas questões internas são responsáveis por nossas ações revolucionárias, que saltam para o nosso mundo material e atravessam nossas subjetividades. Avançamos ao mesmo tempo em que voltamos às nossas origens.

Dedico a minha formação contínua e permanente a Cecília Maria, assim como a todos(as) que lutaram e lutam por transformação social em defesa da vida e do bem viver.



## Deslocamentos de si provocados pela arte da pesquisa

Márcia Cristina Xavier dos Santos



As palavras escritas nos quadrados acima nomeiam “elementos” ou “movimentos” considerados essenciais no modo hegemônico de fazer pesquisa científica. Sem desconsiderar a importância desses movimentos, bem conhecidos por todos que pesquisam, parto dessas palavras, as primeiras que me habitaram enquanto professora pesquisadora, para pensar e conversar com outras, as que emergem das vivências com a pesquisa de doutorado e que compõem as intensidades dos afetos que me atravessam na jornada da pesquisa de tese:

*Percepções*

Arte de viver

Afectos

*Paisagens*

Cuidado de si

Caminhar

Rotzeiros

SENTIDOS

Angústias

Experiências

Essas, e aquelas palavras iniciais, compõe o movimento de ensaiar-me nesse texto, mas não sozinha e nem em primeira pessoa, o farei com aqueles (as) intercessores (as) que têm caminhado comigo na pesquisa de tese: Foucault, Deleuze, Larrosa, Rolnik, Gros, Corazza e outros que afetam minha existência de docente professora pesquisadora, e conseqüentemente as demais existências da Márcia que aqui escreve. Ensaio-me também com você (leitor/leitora), a quem convido ler este texto considerando minha menor idade nesse “negócio” de fazer pesquisa, ou usando a linguagem do nordeste que me habita, o fato de que ainda “não sai dos cueros” quando se trata de viver pesquisa, pois meu deslocamento tem sido constante, contínuo, de modo que parece que serei sempre aprendiz... E por isso, conto com sua paciência se por vezes o que ler aqui lhe parecer imaturo, equivocado, um pouco até absurdo, ou um devaneio... Porque bem pode ser tudo isso mesmo e até além... Então, vamos considerar que os modos de situar-nos no mundo são diversos, e que nossas leituras e afetos também o são, por isso cada palavra lida guardará uma intensidade diferente a quem ler... E dito isso tenho agora a esperança que você não desistirá da leitura desde texto e aceitará meu convite de pensar comigo os deslocamentos de si pela arte da pesquisa.

Considerando que você aceitou meu convite, é importante seguir dizendo que os deslocamentos iniciais foram provocados por entre as andanças da pesquisa com professores e professoras que têm pensado conosco à docência como arte de viver<sup>1</sup>. A primeira palavra que nos atravessa no processo de pesquisa de tese, a **arte de viver** como uma forma de liberdade e criatividade que compõe a nossa existência ética e política (Foucault, 2016), ética articulada a dimensão estética do existir que se refere a consciência de si e também a constituição de si enquanto sujeito moral, na qual o indivíduo circunscreve a partir dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de existir que valerá

---

<sup>1</sup> Pesquisa de doutorado vinculada ao PPGEDUC – UFPE/CAA.

como realização moral dele mesmo; e, para tal, “age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se” (Foucault, 1998, p. 28), uma existência que demanda o contínuo cuidado de si, ou seja, um princípio permanente de inquietude (Foucault, 2010), um exercício de olhar para si pelo qual se manifesta a arte de viver em suas dimensões existencial e política, essa última entendida como campo de poder e controle social, por entre o qual também nos (trans)formamos e provocamos (trans)formações.

Pensar a docência como **arte de viver**, tem provocado deslocamentos em nossos modos de pensar, fazer e, sobretudo, viver a pesquisa, somos deslocadas a olhar pra a pesquisa e as produções acadêmicas também como arte, como uma obra de arte, ou seja, como bloco de sensações de seres que valem por si mesmo, independentes do homem, sensações que existem em si, compostas de perceptos e **afectos**<sup>2</sup>, palavras deleuzianas que nos deslocam para o entendimento de que a pesquisa também independe de quem a direciona ou a quem é direcionada, a pesquisa pode transbordar forças, emoções, sentimentos de todos e tudo ao que ela toca, acontecendo como **experiência** que se conserva em si.

Em nosso estudo de tese, as conversas com os intercessores nos desafiam, desestrutura, desloca do costumávamos ser, de como nos percebíamos enquanto professoras e pesquisadoras, e por entre esses deslocamentos, nos constituímos e produzimos outros modos de existências, que vão acontecendo conforme avançamos na pesquisa de doutorado que tem a intenção de problematizar os movimentos de afirmação e produção de docências considerando tanto a regulação, institucionalização e valorização social do grupo docente, quanto a relação desses com movimentos de tornar-se

---

<sup>2</sup> Deleuze e Guattari (2010) falam que na arte: “os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentaram; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles” (p.193-194).

professor (a), entre os possíveis deslocamentos da docência como arte de viver e a biopolítica de formação.

A pesquisa tem provocado olhar para os escapes dos professores, às prescrições de seu trabalho, como movimentos de cuidado de si (Foucault, 2010) que podem produzir existências docentes que demandam pensar em outros movimentos de formação, por exemplo, uma formação ética/estética do cuidado de si, que envolveria então: “certas qualidades, que não são aptidões, que também não são exatamente virtudes no sentido moral [mas] que são antes qualidades de ser, qualidades de existência, o que eu chamaria de modalidades de experiência, qualidades que afetam e modificam o próprio ser” (Foucault, 2016, p. 30). A docência então poderia ser como movimento contínuo e atravessado por **experiências** (Larrosa, 2014) que levam o “olhar do exterior para si mesmo [que] implique uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento [...] que designa sempre algumas ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais assumimos, modificamos, purificamos, transformamos e nos transfiguramos” (Foucault, 2010, p. 12), movimentos constantes e imprevisíveis que podem mobilizar professores(as) a encarnar mais que uma profissão, a encarnar modos existir na singularidade de seu eu que se produz com o outro, e encarnar uma docência experiência, ou seja, uma docência do não-saber, não-dizer, não-poder (Larrosa, 2014), que vai além da integração de práticas pedagógicas, de prescrições, docência que incorpora o amor ao mundo.

Movimento de vida que sentimos acontecendo conosco enquanto pesquisamos, escrevemos e experienciamos ao mesmo tempo a docência e a pesquisa junto à colegas professores (as), deslocamentos de vida potencializados pela arte da pesquisa, a pesquisa que sem perder seus “elementos essenciais”, seu rigor acadêmico, se flexibiliza, sai de seus “quadrados” e segue por caminhos que se propõe cartográfico e uma escrita que se propõe ser ensaística.

O caminhar cartográfico como (des) caminhos metodológicos, como oportunidade de fuga as “comprovações do pensamento

alheio” (Gros, 2010, p.19), e possibilidade de fazer vibrar o corpo não apenas como entidade física, mas como um campo de experiências e afetos, para que “o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens preestabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existências” (Rolnik, 2011, p.11-12). Possibilidades ancoradas nos movimentos da perspectiva cartográfica, que não se prende a metodologia fixa, não segue um manual ou prescrições de instrumentos ou regras metodológicas e se assemelha a um decalque da realidade, “uma foto, um rádio que começaria por eleger ou isolar o que ele tem a intenção de reproduzir, com a ajuda de meios artificiais, com a ajuda de colorantes ou outros procedimentos de coação” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 22), “decalque” realizado também com rigor metodológico, não aquele de seguir regras, mas o do compromisso crítico em problematizar de forma diferente as questões de pesquisa. Na inspiração dessa abordagem de pesquisa, vamos sendo atravessadas, deslocadas, e vamos acontecendo e surgindo junto com a pesquisa que vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios (Kastrupe; Barros, 2015, p. 77).

Nesse cenário, a escrita ensaística, soma enquanto possibilidade de uma estética de escrita que acompanhe esse pensamento em deslocamento, soma também enquanto possibilidade de escape aos modos padronizados de investigações acadêmicas (Larrosa, 2016), uma oportunidade de potencializar em nós reflexões mais profundas e livres da busca por respostas e afirmações verdadeiras (Meneghetti, 2011), escrita que em sua (in) conclusão pode favorecer o exercício de pensar a própria existência (Foucault, 1984), uma escrita que dialoga com nossa perspectiva teórica e metodológica de olhar a docência como arte de viver e a pesquisa como obra de arte.

Olhar para a pesquisa como obra de arte é também vê-la independente de quem a fez, do local ou dos sujeitos da pesquisa, olhar para além desses elementos e na performance de ler/estudar o que está posto nela, estar atenta aos sentimentos, impressões,

reflexões e efeitos provocados por esse encontro, esse momento. Pois, considerando que “pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações (e) Pintamos esculpimos, compomos, escrevemos sensações” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 196), dizemos que a pesquisa científica é composta de perceptos e afectos na medida em que pensamos nela também como composta de elementos ou de percepções que podem afetar nossa subjetividade, elementos que ao mesmo tempo que são comuns a quem lê, também são diferentes.

É nesse cenário que os deslocamentos de si acontecem por entre a arte da pesquisa, na medida em que ela reverbera em nossos corpos também como potência de vida, isto é, como possibilidade de vida plena, criativa, intensa e livre (Deleuze, 2005). Liberdade semelhante a que Gros (2010) chama de suspensiva, agressiva e renunciante, que provoca desconexão, transbordamento de si e desaparecimento aos padrões estabelecidos pois, “a liberdade, caminhando, é não ser ninguém, porque o corpo que caminha não tem uma história, tem tão somente uma corrente de vida imemorial” (Gros, 2010,p.14) e “porque já não há necessidade de ser alguém, basta deixar-se atravessar por uma corrente ou, antes, por esse persistente riacho de existência” (Gros, 2010, p.73). E então, nesse caminhar, os objetivos de pesquisa se tornam mais que objetivos, são também **angústias** que nos movem, que impulsionam pensamentos, caminhar, transcende a busca por explicações, respostas ou soluções aos problemas ou angústias iniciais, que parece se aproximar mais de uma força que cria e faz ver outras paisagens, outros **roteiros**, outras forma de perceber, mas sobretudo de sentir o mundo e se mover nele e com ele, existindo e resistindo, por exemplo, aos caminhos do capitalismo cognitivo (Rolnik, 2011), as “cordas” do conhecimento especializado, das competências, da prestação de contas, da flexibilização, da padronização do incentivo (Larrosa, 2018) que tentam capturar e domar nossos modos de pensar, escrever e existir.

Apesar das investidas, persistimos em existir e fazer acontecer nossas docências transgressoras, que escapam e dão outros sentidos a vida docente professor (a) pesquisador (a), escapamos e transgredimos nesse trajeto também ao modo hegemônico de fazer pesquisa, e ousamos dizer: “não buscamos por respostas ou soluções”. Seguimos pistas, elaboramos e reelaboramos roteiros no caminhar, no movimento de “dar-o-que-pensar, dar-o-que-interrogar, dar-o-que-se-inquietar” como diz Corazza em entrevista a Oliveira (2013), mas esses não são deslocamentos “confortáveis” ou escolhidos, os percebo como irrupções nas existências que pensávamos já estabelecidas, irrupções que deslocam e criam: outros professores, outros pesquisadores, outras pessoas.

Outros e outras que podem ser surpreendidos por descobertas de si que achavam não existir, tal como, por exemplo, aconteceu com essa que vos escreve, entre meus deslocamentos também me permiti perceber e existir poetisa, provocada por um certo professor visitante e imersa na arte de fazer pesquisa, escrevi uma poesia que chamo de *Notas de (des) encontros* que diz

Uma professora.

Um (per) curso.

Um desejo.

Um sonho.

Obstáculos.

Sociais? Culturais? Emocionais?

O que quero?

Ouvi certa vez que a escrita de uma tese é solidão habitada...

Habitada por quem?

Por mim? Pelos intercessores a quem recorreremos para escrever?

Por ambos e/ou por outros?

Um objetivo.

Uma necessidade.

Um compromisso.

Compromisso com quem?  
Ou com o quê?  
Comigo mesma?  
Com outros que habitam em mim?

Uma vontade.  
Um querer.  
Um prazer.  
Um amor.

De onde emerge esse amor?  
O que ele significa?  
Uma escola.

Uma sala de aula.  
Eu professora.  
Desafios.  
Encontros.  
Desencontros.

Com quem?  
Ou com o quê?

Um pensamento.  
Uma proposta.  
Um objetivo.  
Qual?

A vida.  
A arte.  
A docência.  
Eu.  
Quem sou eu?  
Professora?

Ser.  
(Re) existir.  
Encontrar-se?  
Encontrei-me?  
Encontramos?

Revisitando agora, também poderia se chamar *Notas de desassossegos*, que transbordam e se organizam para fazer sentir e dizer um pouco do movimento de inflexão que nos irrompe, do exercício de constante inquietude que nos desloca para próximo de nós mesmos. Perdida em mim, em meus muitos questionamentos, em meus muitos não-saberes, em meu eu professora, pesquisadora, vou me (re) encontrando, sou deslocada novamente pelo estudo que também vai se tornando mais que uma pesquisa, vou sendo imersa num exercício de cuidado de si. E, no movimento de diálogo teórico da tese algo inesperado também me acontece: um encontro comigo mesma, com a Márcia adolescente que escolhia e era escolhida pela carreira docente, com a mesma outra Márcia agora professora da educação básica e do ensino superior, com as muitas Márcias que habitam, chegam e abandonam um corpo que forma-se de (de) forma-se no contato com os outros que encontra nessa caminhada, e também com as novas outras leituras e modos de fazer pesquisa.

Ocupada de minha existência vou percebendo os caminhos de afetos que me trouxeram à docência. Encontro-me como alguém que deseja existir mais. Mais para mim, para o outro e para o mundo. E nos movimentos dessas inflexões, vou recordando “cenas” de meu viver docente, que se entrelaçam com os desafios de existir e continuar existindo professora num contexto, que como diz Kohan (2019), somos tratados com desamor e descaso, e eu diria ainda que com certa indiferença. Indiferença as necessidades didáticas, mas sobretudo emocionais que o fazer docente demanda, as necessidades de sermos ouvidos (as) em nosso saber e não saber, em nossas (in) certezas e em nossa potência de vida docente.

Uma vida que não cabe em prescrições, que transborda os pacotes prontos, que se entrelaça e é entrelaçada por tudo a sua volta, vida docente que pesquisa, e é pesquisada, que forma, deforma e reforma modos de existências, vida que se escreve, que não dá para ser definida ou fixada. Então, parece seguro dizer que não há definições, conclusões ou explicações únicas e estáticas quando a pesquisa e a escrita se incorporam a vida docente. De modo que poderíamos dizer que nossos escritos e pensamentos (*escrivamentos*) não serão concluídos neste ensaio, ou até mesmo em nossa pesquisa de tese, uma vez que estamos falando, pensando e tentando escrever com essa vida: fluida, livre, inventiva, rebelde e imprevisível, aquela, que como disse Gonzaguinha, nos faz um eterno aprendiz, e que dizemos que por assim ser, guarda a potência de existências múltiplas.

## Referências

ADORNO, T.W., 1903-1969. *Notas de literatura II*/ Theodor W. Adorno; tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. 176p.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*/ Gilles Deleuze e Félix Guattari; tradução de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles, 1942 – Foucault/ Gilles Deleuze; tradução Claudia Sant'Anna Martins; *revisão da tradução Renato Ribeiro*. – São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Uma estética da existência* (1984). In: Foucault, Michel. *Ética, sexualidade, política*/ Michel Foucault: organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Austran Dourado Barbosa. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*/ Frédéric Gros; traduzido por Célia Euvaldo/ Título Original: *Marcher, une philosophie*. Imagens de Ana Maria Maiolino. São Paulo: Ubu Editora, 2021. 272pp.

KASTRUP, Virginia. BARROS, Regina B. de. *Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia*. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*/ Org. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

KHOAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*/ Walter Khoan. - 1. ed; 1. reimp. - Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, v.29, n.1, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe-realidade/article/view/25417>. Acesso em: 05/01/2025.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor*. Tradução: Cristina Antunes. – 1. Ed—Belo Horizonte: Autentica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Editora: Lamparina; 1ª edição (1 julho 2016).

MASSCHELEIN, Jan *Em defesa da escola: uma questão pública* / Jan Masschelein, Maarten Simons; tradução Cristina Antunes. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio acadêmico? *RAC*, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 320-332, Mar./Abr. 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em: 15/05/2024.

OLIVEIRA, Thiago. Artistagens, escreitura e pós-currículo: *bate-papo* com Sandra Corazza. *Artifícios – Revista do Difere* – ISSN 2179 6505, v.3, n.5, jun/2013.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*/ Suely Rolnik – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 247p., 2011.

## **Práticas pedagógicas como ato político na formação cidadã e no fomento de justiça social**

Maria Eugênia de Andrade Silva

O presente trabalho é uma compilação de textos escritos e arquivados no seguinte sítio eletrônico: <https://eugeniaandradejus.wordpress.com/>, criado em 30 de julho de 2015 e que tinha como introdução: *“O meu escopo na criação deste blog é escrever posts para aqueles que se dedicam ao estudo da sociedade e das possibilidades de aperfeiçoar o convívio entre todos que dela participam.”*

Ao final do meu curso de Direito, problemas de cunho pessoal e profissional me alcançaram, eu que já trabalhava desde os dezesseis anos, aos dezenove me deparei em verdade pela primeira vez - logo no penúltimo ano de graduação - com a necessidade premente de trabalho para conseguir manter minha sobrevivência material e custear obrigações com minha formação.

Eu tive a oportunidade na adolescência de realizar cursos de inglês e espanhol, nessa passagem encontrei muitos professores dedicados, cativantes e acolhedores, qualidades que sempre me foram norteadoras. Em minha cidade natal, Quipapá, localizada na Zona da Mata Sul pernambucana, possuía à época apenas duas escolas privadas onde se lecionava tão somente até o Ensino Fundamental I, na perspectiva de expandir a educação formal, a escola mais antiga que já tinha apresentado essa proposta aos pais e responsáveis, contratou-me após eu procurá-la para oferecer meus serviços. Digo com imenso sentimento de gratulação, sempre fora uma vontade lecionar; ter chance de reproduzir a forma como fui ensinada e assim marcar positivamente a vida de outras pessoas, servir de fonte de inspiração. Antecipo-lhes que esse anseio foi magistralmente atendido. Estive encarregada pela

docência do ensino de inglês e espanhol nessa escola por três anos, aos alunos do Ensino Fundamental I e II, também pude concomitante a esse período, lecionar aos alunos do Ensino Médio da escola estadual do município, ser incumbida pelo Projeto Ganhe o Mundo, que é um programa de intercâmbio internacional, aos estudantes da rede pública estadual de Pernambuco, por fim, também pude ofertar meus conhecimentos aos alunos da Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de educação.

A certeza de que a justiça social é indissociável à educação como ambiente de ensino-aprendizagem, cooperação e formação cidadã, firmou-se em meu percurso, vívida e solidamente, fazendo com que viesse a se tornar cerne de meus estudos ainda durante e posteriormente a graduação.

A constituição de práticas pedagógicas que possam reforçar a compreensão e, por consequência, a consecução da justiça social se faz premente em locais de educação formal e não formal, a maneira de ensinar – “ensinada-me” no dia-a-dia em sala de aula durante o período docente – integra a minha pessoa até hoje, ao tentar sempre trazer o interlocutor para refletir acerca de suas dúvidas, com respostas pragmáticas que venham saná-las, mas de modo que possam também o inserir como protagonistas no próprio debate com questões relacionadas ao cotidiano de suas vidas proletárias e ladeadas inevitavelmente por outras pessoas no mesmo contexto.

Tal movimento é relevante em meio à ascensão de discursos simplistas que buscam através da disputa de narrativas angariar cada vez mais pessoas para compor um secto, satisfeito com os processos de tokenização social para agir apenas na manutenção do *status quo* nos períodos de crise do capitalismo. O rompimento estrutural do que já está posto pela ordem hegemônica passa, indubitavelmente, pela educação, portanto, pelas práticas pedagógicas desenvolvidas, seja no ambiente escolar e formal, seja em quaisquer outros momentos de aprendizagem social.

## **Bullying, alteridade e humanização dos nossos estudantes: o respeito ao próximo vem de casa ou pode ser ensinado na escola?**

6 06+00:00 FEVEREIRO 06+00:00 2018

No raiar de 2018, assim sendo, dia 1º de janeiro deste ano, eu fui ao cinema com uma querida amiga para aquele típico “programa diferente” em comemoração ao primeiro dia de mais um ciclo.

Chegando lá, nenhum dos filmes que pretendíamos assistir estavam em cartaz no horário que tínhamos disponível, foi então que vimos a possibilidade de ver o filme: EXTRAORDINÁRIO. Já havia ouvido algo sobre o filme antes de ser lançado aqui no Brasil e tinha interesse em ver a atriz Sônia Braga atuando (gosto de apreciar o trabalho de brasileiros).

De antemão, imaginei que fosse me emocionar pelo enredo do filme que trata de diversos temas que ainda são “tabus” e que precisam ser desconstruídos. Entretanto, nem de longe pensei que seria tão intensamente. Sou uma pessoa crédula em astrologia, portanto por ser leonina com ascendente em libra, posso dizer que pelo menos socialmente tento transmitir apenas sentimentos alegres, ou seja, evito ao máximo demonstrar raiva, tristeza ou descontentamento em público. Mas nesse dia foi diferente, eu chorei dentro do cinema e não sabia se chorava pelo protagonista, pela história ou pela forma como estava sendo passada. Simplesmente chorei.

O filme me surpreendeu incomensuravelmente e digo mais, é o que eu precisava para iniciar bem o ano.

Durante três anos dediquei minha vida a lecionar para o ensino fundamental e posso afirmar que se tornou uma das melhores experiências que irei carregar comigo para o resto da vida.

Como professora, estudante de Direito (na época) e militante dos direitos humanos, tentei durante esse tempo inserir meus conceitos, criar um pensamento crítico e debater sobre isso em todos os níveis de aprendizagem, fiz isso por meio de diálogos, exercícios, trabalhos, tentando envolver o aluno

interdisciplinarmente para entender a importância de se posicionar diante das injustiças cotidianas e insertas nos costumes da sociedade, tentei como pude, romper com as diferenças que as crianças e adolescentes trazem à escola.

O filme mostra de várias formas como inúmeros problemas são trazidos de casa e como eles podem ser resolvidos ou piorados na escola (a depender de como lidamos com eles), como esses comportamentos podem gerar segregações no âmbito escolar, onde teoricamente é um lugar que deveria ensejar a união e fomentar o trabalho coletivo com respeito e complacência às peculiaridades de cada um, trata também do bullying, em contrapartida demonstra como as pessoas através do afeto, da amizade e da empatia podem ajudar e ter a capacidade de influenciar ao ponto de melhorar a vida de outras pessoas, sem precisar de muito, além da visualização do problema e vontade em socorrer.

Por vezes a dificuldade em ajudar, consiste na dificuldade em aceitar a possibilidade de poder um dia passar pela mesma situação ou que seu agir não possa fazer efetiva diferença, portanto é incontestável que nossos estudantes precisam de um “empurrãozinho” dos professores para saberem mais sobre alteridade e como praticá-la.

Entre tantas atividades propostas e realizadas com êxito por meus queridos estudantes, escolhi tratar de uma especial, logo adiante entenderão o porquê. Em 2016, no ápice da discussão acerca do projeto de lei “escola sem partido”, o tema proposto para tratar na parte de *interactividad* na disciplina de espanhol, seria sobre a importância das manifestações por jovens militantes. Aproveitei os acontecimentos da época como costumava fazer e criei um projeto interdisciplinar para incentivá-los a pensar sobre o assunto, expliquei a importância do professor expor sua ideia e ter o *feedback* dos estudantes, ilustrando de forma a gerar um debate pela concordância ou não daquele posicionamento colocado “à mesa”.

A seguir, a postagem que fiz na conta do meu Instagram pessoal no dia 10 de agosto de 2016:

Quem disse que escola não é lugar de política? Trabalho interdisciplinar de inglês e espanhol com uma boa dose de sociologia sobre o projeto de lei “Escola sem partido”! Fora elaborado explicações sobre o tema, embasado ao teor da crítica musical acerca da doutrinação na educação da banda Pink Floyd “Another brick in the wall” e estimulado o ativismo adolescente em causas políticas de seus anseios! Camisas pretas (cor escolhida democraticamente pelos estudantes) em forma de protesto! Fascistas não passarão! A mordança não nos será imposta!

Educação construtiva e reflexiva somente com diálogo e posição! Parabéns meus anjinhos, o objetivo da atividade foi lograda com êxito!

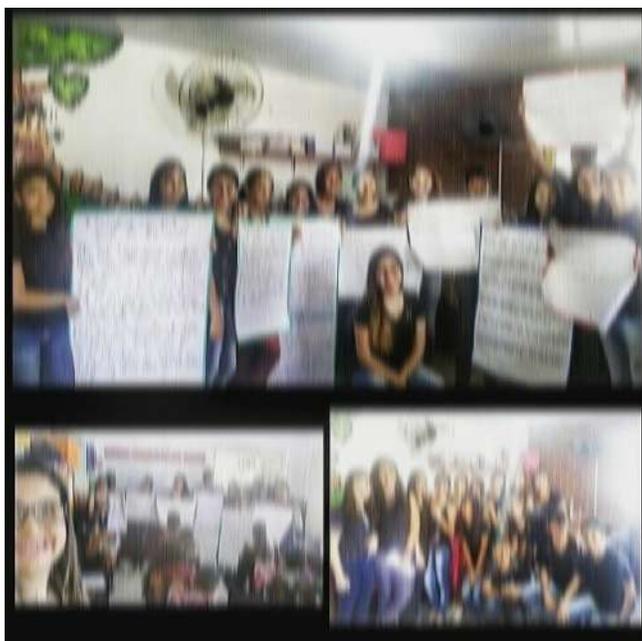


Foto: Acervo pessoal

Agora como advogada, participo de um grupo de Whatsapp com outros advogados da Zona Mata Sul pernambucana e certo

dia me deparei com uma mensagem de um “colega” que obviamente jamais acompanhou de perto a vida como docente de escola primária, jamais imaginou o quão exaustivo e mal recompensado é essa profissão, onde você acumula presumidamente além do cargo de educador, a função de um melhor amigo, aquele quem as crianças e adolescentes confiam para contar e pedir ajuda sobre tudo. Enfim, resumidamente – pois não consegui encontrá-la – a mensagem, sem noção, dizia que o objetivo da escola seria apenas repassar os conteúdos disciplinares das matérias curriculares e só! É perceptível que a pessoa que propaga esse tipo de opinião, não conhece minimamente o ambiente escolar, não entende que depois da família a escola é a instituição mais relevante para os jovens, pois é onde os alunos passam boa parte do seu tempo e vivem suas mais importantes experiências e transformações, é na escola também que conhecemos pessoas que levaremos conosco até o fim da vida. E acreditem, para muitos estudantes os valores sociais são aprendidos na escola com aquela professora que fica após o término da aula ouvindo e tentando auxiliar ao máximo a vida daquela criança que está começando a descobrir o mundo ou daquele adolescente que está na fase de transição, onde ninguém o entende, ou então com aquela professora que dedica seu tempo livre a responder as mensagens dos alunos que buscam compreensão e alento, que precisam de liberdade e freios, que saibam se posicionar, mas também saibam respeitar.

E hoje, mais um fato me fez querer escrever sobre o assunto, logo cedo a deputada Manuela d’Ávila compartilhou nas suas redes sociais um absurdo que se tornou um ato de compaixão realizado por alunos de Fortaleza, algumas pessoas que apoiam o “Escola sem partido” tentaram constranger um professor que apareceu numa foto – qual está circulando na internet – dando aula com a seguinte frase escrita na camisa: “Eleição sem Lula é fraude”, o que não se esperava era a reação dos estudantes que o acolheram com um abraço gigante e uma sequência intensa e entusiástica de aplausos. Com toda certeza, nem todos que estão

no vídeo pensam da mesma maneira sobre ideologia ou espectro político, mas todos concordaram que um docente ser intimidado, envergonhado e coagido por provocar o debate político e expressar-se em relação a sua insatisfação com o cenário político atual é verdadeiramente uma barbaridade.

Então, tendo em vista tudo o que fora exposto e demonstrado, torna-se evidente a importância de tratarmos assuntos de cunho parcial e intrínseco na escola, para que se aprenda desde logo cedo a ser tolerante e crítico, concomitantemente. Isso porque, tanto quem ensina, como quem aprende tem como inerência ser “humano” e não meros fantoches robóticos.

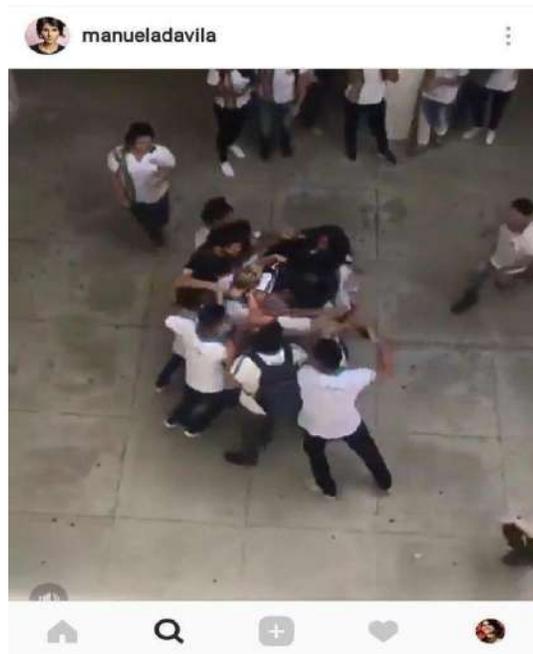


Foto: Imagem retirada da página pública do instagram da ex-deputada

### **Tsuru, docência e a arte da felicidade**

25 25+00:00 JANEIRO 25+00:00 2018

Historinha de hoje...

Mais uma vez sobre as experiências que a docência me proporcionou.

Então, muito embora essa história tenha começado há cerca de uns 12 a 13 anos atrás, sua reflexão e desfecho se prolonga até os dias de hoje. Estamos no início de um novo ciclo, assim é de relevância pessoal realizarmos nosso planejamento anual com metas que tencionamos cumprir, bem como é comum ainda estarmos envoltos da magia e encanto fraternal de fim de ano. Por isso, a história que contarei agora é uma memória que foi reavivada em episódio na sala de aula ao final de 2017.

Uma das coisas incríveis de se dar aula para turmas do ensino médio é que eles sempre estão participando de projetos que os fazem aprender alguma coisa nova interessante e eu como “guia da prática de ensino-aprendizagem”, aproveitei muito para aprender com eles também. Mas certa vez, eu entrei na sala e eles estavam encantados com um colega que havia aprendido a fazer “*tsurus*”, isto porque eles estavam tendo aula sobre origami em outra disciplina, então eu sentei peguei um *post it* no meu estojo e fiz um também, perguntei se eles sabiam o que significava e para minha feliz surpresa sabiam sim. Durante meus três anos de docência eu me peguei várias vezes ensinando aos meus alunos de ensino fundamental I e II (meu antigo 2º ano me pedia sempre que fizesse um “passarinho” para eles rrs) sobre a história por trás desse origami tão peculiar e em todas as vezes meus pimpolhos ficavam maravilhados com o fato que passarei a contar a seguir:

Eu tinha uns 9, 10 anos e após as aulas regulares da escola estudava a tarde em um centro recreativo, que posteriormente passou a chamar escola de período integral e hoje em dia não sei se houve mais alguma mudança na nomenclatura, morava em Praia Grande/SP (abrindo literalmente parênteses para agradecer, foi uma infância e adolescência esplêndida, minha educação foi muito bem cuidada pela rede pública desse município), durante o turno da tarde havia aulas complementares com atividades alheias àquelas que temos dentro da sala de aula, como caratê, dança, fanfarra, teatro dentre outras que ainda hoje tenho certeza,

é responsável por descobrir novos talentos, digo isso pois reconheço que esse lugar é essencial como parte da formação da pessoa que sou, das oportunidades e experiências que vivi. Enfim, uma das primeiras atividades que pratiquei foi o caratê (para quem não sabe sou 3º kyu no estilo shorin-ryu) e minha sensei sem dúvidas foi um dos grandes exemplos de ser humano que conheci, Cléa Alves, que nos ensinava ademais da arte marcial, de tudo um pouco, desde costura, artesanato, arte e religião japonesa (até hoje tenho um livreto sobre este assunto e guardo bem suas palavras quando dizia que jamais o colocasse em assentos, pois é algo espiritualmente valioso), origamis até o mais importante: valores humanos e sociais.

Em uma dessas aulas ela me ensinou a fazer *tsurus* e me explicou que no Japão há uma lenda de quem fizesse 1000 (mil) unidades dessa dobradura alcançaria a felicidade eterna. Lembro que fiquei encantada com a beleza e história que um pedaço de papel poderia representar, criei um vício... Também fazia dança (sim, desde sempre a dança esteve comigo, mas isso é assunto para um próximo *post*) e quando se aproximava final de ano tínhamos correntemente que nos apresentar na Feira do Nacional do Livro da Baixada Santista, eu adorava pois isso sempre me rendia alguns poucos livros e muitos catálogos (risos), um desses catálogos tinha suas folhas completamente pretas ou prateadas, quando vi aquelas belas folhas brilhantes e durinhas, não tive dúvidas: “Vou fazer *tsurus* com todas elas!”, foi então que minha saga começou, fiz mais que dezenas, fiz centenas (não chegou a mil não rsrs) desses origamis e pendurei uma linha em todos eles para servir como enfeite para árvore de natal e resolvi distribuir na rua desejando “feliz natal!”, levem em consideração que tinha apenas 10 anos e meu desejo com essa atitude era levar um sorriso que seja para pessoas que sequer conhecia, queria que de alguma forma elas soubessem que são importantes para alguém, para o mundo e confiei cegamente que aquela dobradura que havia feito as levassem alguma felicidade, como se a felicidade estivesse empregada no origami, mas não estava, estava na minha atitude

inocente de fazer pessoas felizes com o pouco que eu podia oferecer, mas na época eu queria somente encontrar a magia em tudo que fizesse.

Mais velha, além de ensinar minhas amigas fazerem, competia com elas durante os intervalos para ver quem conseguia fazer o menor *tsuru*, lembro que um dia uma dessas amigas para quem eu tinha ensinado chegou na escola com um daqueles potes transparentes que fecham com uma trava especial e dentro havia O MENORE QUASE INVISÍVEL *TSURU* VISTO A OLHO NU! Ahhh, com certeza ela ganhou de todas nós, provavelmente deveríamos ter chamado o *Guinness Book* para registrar aquele momento.

Já mais recentemente há alguns dias estava vendo *House of Cards*, série da Netflix, e a personagem Claire estava viciada em fazer origamis para passar o tempo, foi quando eu lembrei dessa história que queria ter contado aqui e ainda não tinha encontrado tempo.

O que gostaria de ressaltar é que, uma cadeia de coisas boas ocorreram comigo, graças a intercessão de uma professora esplêndida que me passou desde pequena essa mensagem de amor ao próximo e de compartilhar o melhor dos tesouros: O CONHECIMENTO! Obrigada de coração, minha eterna sensei/professora/amiga/mãezona! Tive grandes exemplos de docentes e sei o quanto isso influenciou na minha formação como cidadã, consciente das diferenças pertinentes a uma sociedade tão plural e diversa como a que vivemos hodiernamente, aos poucos vou contando minhas histórias com estas mestras que me inspiram cotidianamente. Por fim, é em razão disso que em todo momento enquanto lecionei e lecionarei não pretendo nunca perder de vista esta essência de trazer boas experiências com valores éticos que motiva ainda mais uma aprendizagem eficiente.

Seja feliz fazendo a diferença na vida de outras pessoas, é muito mais gratificante.

Crônica para uma reflexão e autoavaliação.



Foto: Acervo pessoal

### **Discussão de gênero x ambiente escolar: vivência do dia 20.09.2017**

21 21+00:00 SETEMBRO 21+00:00 2017 ~ DEIXE UM COMENTÁRIO

Preciso compartilhar essa prática, sinto que o mundo **NECESSITA** compreender a profundidade do empirismo na escola. Eu, ademais de advogada, tenho como primeira profissão a docência, algo que apareceu em um momento de transição pessoal, profissional e especialmente espiritual que me ocorreu há três anos. Sou professora de línguas estrangeiras do 2º ao 9º ano, assim, deparo-me diante das situações mais inusitadas (mesmo sendo irmã mais velha “de pai e mãe”) como educadora e responsável por tudo que eles conseguem apreender durante minhas aulas, situações que corroboram com meu sentimento de que a vida é esplendidamente maravilhosa, de que a vida é amor! Dentre as 8 salas que leciono, o 2º ano é o qual eu mais propago acerca das experiências de ensino- aprendizagem vividas, isto

porque eles me proporcionam uma alegria imensa com uma forma tão intrínseca de demonstrar em como o amor e a compreensão é algo universal, como é importante você ser quem realmente é, livre de estigmas que possam te ferir e tirar sua liberdade de escolha. Hoje, foi uma aula repleta de dinâmicas, para uma delas propus que fizéssemos um *picnic* já que o conteúdo que estamos estudando aborda o tema: *Fruit*, durante o retorno à sala, passamos por uma árvore cheia de flores, decidi pegar então algumas e ir colocando no cabelo das meninas enquanto iam passando (por estarem na fila em ordem de tamanho), as meninas estavam na frente seguidas dos meninos, quando estava passando a última menina, alguém disse: “Teacher, os meninos também vão ganhar é?” – como se fosse algo fora da sua realidade – eu tratei de logo responder: “Mas é claro, por que não? Meninos, vocês querem?!”, eles se entreolharam e em coro responderam: “Siiiiim!”. E indignada penso comigo mesma: Como uma flor pode fazer mal a eles? Quando, mesmo que por um momento, arrancou-lhes sorrisos de felicidade. São tantas intervenções na realidade que somos capazes de produzir e eu mesma coleciono uma porção delas, mas essa em especial venho partilhar com um carinho e gratidão enorme no coração, por estar moldando um futuro que terei orgulho de viver e sei que será melhor e mais tolerante para mim, para eles e para os que virão.



Foto: Acervo pessoal

### **Absenteísmo docente**

12 12+00:00 AGOSTO 12+00:00 2015

Meu primeiro post é sobre um assunto que muito interessa aos meus colegas docentes. Pouco antes de terminarmos o semestre letivo – 2015.1 – estávamos conversando, eu e Edilene na escola na qual damos aula, sobre o que seria ABSENTEÍSMO DOCENTE, na brincadeira cogitávamos inúmeras possibilidades da real acepção do termo. Isto porque, a edição no. 82 da Revista Construir Notícias veio com o tema em sua capa: “ABSENTEÍSMO DOCENTE” e atrás, uma frase relativa àquele “PROFESSOR QUE FALTA FAZ FALTA”.

Então, hoje resolvi parar um pouquinho e ler sobre o assunto, um artigo esplêndido escrito pela Ph.D. em Educação, Rosangela Nieto de Albuquerque. Em uma leitura atraente e muito informativa, pude perceber pontos educacionais, políticos e sociais que faz referência à crise na educação familiar e a mudança social acelerada que incidiu brutalmente sobre o cotidiano escolar, e um dos reflexos do seu corolário foi o dito ABSENTEÍSMO DOCENTE que é visto conforme a autora “como uma estratégia de defesa, como mecanismo de fuga da dor

e do sofrimento, aumentando o percentual de solicitações de remoção, de evasão e de desvio de função”. Ocorrências estas causadas devido a frustração do professorado ao ver suas atividades banalizadas, cujas teriam o escopo de alcançar o ideal de qualquer docente, ou seja, a crença de que a educação TRANSFORMA, gerando deste modo, uma desmotivação; um estresse laboral no educador.

O que se torna essencial ressaltar no que remete a esta matéria, é que se faz necessário uma maior interação entre gestor, professor e estudante. A este, porque como parte intrínseca do trabalho e resultado do professor, “se não sabem para onde vão, qualquer lugar serve”, ao professor cabe a conscientização de sua importância no processo educativo e na escassez de profissionais comprometidos e competentes é infelizmente a realidade nacional, por fim aqueles, são os responsáveis por mediar a relação entre educador e educando, e ao mesmo tempo que equilibra a compreensão dos problemas dos professores, demonstra firmeza para estabelecer rotinas que reduzam as ausências, segundo a autora. Os gestores têm um papel crucial também planejar uma organização que rompa com a práxis pedagógica ultrapassada e obsoleta de não ter um projeto que abarque a previsão da ausência de docentes o que acarreta o não cumprimento de atividades educacionais pelos alunos, também fazendo falta perante os alunos, tanto quanto os professores.

Não poderia deixar de reescrever o seguinte parágrafo:

Nóvoa (1999) enfatiza que os valores que sustentavam a profissão docente caíram em desuso em virtude da evolução social e da mudança nos sistemas educativos. Para o autor, o velho modelo não serve mais à ação pedagógica nem à profissão docente; os ideais da educação necessitam ser reexaminados. Os professores se veem em um enorme conflito, pois necessitam refazer suas identidades e aderir a novos valores. O que poderá contribuir para o novo fazer pedagógico é, justamente, uma reflexão crítica sobre a função de ser professor.

A autora traz metas “REINTERESANTES (leia-se em espanhol)” para se fazer realmente EDUCAÇÃO, vale muito a pena conferir.

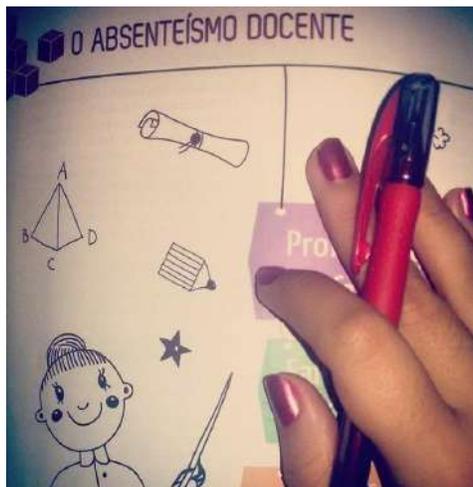


Foto: Acervo pessoal



## **A influência de influenciar criança à experienciar**

Maria Tayná Margarida da Silva

Por muito tempo, perguntei-me por que segui a carreira de professora, diante de tantas outras profissões que vislumbrei. Em uma tarde, lendo um trecho do livro *Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas*, de Larrosa (2010), o autor apresenta o conceito de experiência. Dentre tantas reflexões, o que ficou em mim foi a ideia da experiência enquanto acontecimento — aquilo que atravessa a vida, que faz o corpo pensar de forma visceral sobre si no outro, sem explicações conscientes.

Nesse caminho, pergunto-me: o que tocou minha vida a ponto de me fazer escolher e ser quem sou hoje? De imediato, não tive resposta para tal indagação.

Certo dia, eu estava preparando a capa das avaliações da turma do Jardim I, sobre as festividades juninas. Ao folhear algumas atividades antigas, encontrei minhas provinhas da 2ª série “B”. Decidi reproduzir aquela capa, imitando-a para fazer uma versão para minhas crianças. Naquele instante, me veio à memória o texto lido no mês anterior.

Passei a entender que minha professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental estava em mim — nos mínimos detalhes e em minha prática docente. O amor, a atenção, a escola, a sala de aula que ela me apresentou mudaram minha vida e a forma como tornei-me professora.

Por isso, concordo com Rubem Alves (2023, p. 40) quando diz: “Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu.” E a tia — a minha tia — mostrou-me, além da vida, a minha profissão.

Assim, deixo nestes cordéis/prosas a travessia da criança-professora...

**A criança que brinca...**

Desde muito pequena  
Comecei a me encantar,  
Brinquei de ser professora  
Querendo aos meus irmãos ensinar.  
Desenhos, letras, palavras,  
escrevia e entregava  
Mostrando com tanto encanto  
o que em mim pulsava.

De onde vinha aquele encanto,  
Aquele sede de ensinar?  
Não sei dizer ao certo,  
Só sei que fazia pulsar  
A vontade de levar a escola  
Para muito além do seu lugar.

As tarefas cheiravam a álcool,  
Do velho mimeógrafo a exalar,  
E eu ali, tão criança,  
Querendo tudo copiar.  
Era algo tão genuíno  
Que mesmo agora sentindo  
Não consigo explicar.

O brincar era singelo,  
Era minha escola de sonhar.  
Eu era a professora,  
E meus irmãos, a estudar.  
Nada explicava a força  
Que me fazia imitar

Aquela tia tão amada  
Que eu vivia a observar  
Tarefas, gestos, a forma de explicar.

Tentava escrever e mostrar  
As tarefas que a escola trazia,  
Tudo o que eu aprendia  
Parecia em me transbordar.

Será que era ela,  
A tia, minha inspiração?  
Acho que sim, pois afirmo  
Com todo meu coração:  
A escola que ela mostrava  
Ia além da obrigação.

Ela me apresentou o mundo,  
O amor, a dedicação.  
O tempo e o brincar,  
A beleza da educação.  
E eu, tão cheia de sonhos,  
Queria tudo espalhar,  
Como quem, de tanto amor,  
Precisa logo transbordar.

Ela era a escola viva,  
Que eu tanto queria imitar.

### **A professora-criança em ação**

Fui crescendo e mudando,  
Passando de séries e escolas.  
Minha escola, por um instante desapareceu  
Mas algo permaneceu,  
Como certo apogeu.

Tinha facilidade para aprender,  
Bastava o professor explicar,  
Que conseguia aprender.  
O conhecimento me tocava  
Precisava transcender.

A força da criança-professora  
Logo vinha a despertar.  
Sentia dentro de mim  
Que eu precisava ensinar,  
Ajudar os colegas da turma  
Que não conseguiam acompanhar.  
Puxava uma cadeira,  
E começava a explicar,  
Do jeito que sabia, sem muito "bê-á-bá".

Não importava o assunto,  
O importante era ajudar.  
Assumia o um papel,  
Com amor e dedicação,  
De monitora de matemática,  
Até a de redação.

Lembro que, em certos instantes,  
Tudo ao meu redor se transformava.  
Era como se um ímã invisível  
Em mim ganhasse ação e palavra.  
Eu buscava mostrar com encanto  
O que acabava de me tocar,  
O saber recém-chegado  
Que precisava compartilhar.

**A indecisão: escolha de profissão**  
O tempo foi passando,  
Chegava a hora de escolher

O que eu queria ser,  
Qual profissão me tocava.

Meu corpo, agora racional,  
Começava a decidir  
O que queria fazer:  
E que vestibular prestar,  
Que rumo na vida precisava tomar.

Vislumbrei a engenharia,  
Pois de cálculos gostava.  
Encantei-me com a psicologia,  
Que logo me revelava  
Os caminhos da mente humana  
E suas redes embaraçadas.

Vieram os testes vocacionais,  
Mil dúvidas, mil explicações,  
Aulões e apresentações  
Das mais diversas profissões.

Fiz a prova do Enem,  
Sem saber o que aguardava.  
Janeiro, tão distante,  
Parecia que nunca chegava.

Quando saiu a nota esperada,  
Chegou, enfim, a decisão:  
Era hora de escolher o rumo,  
De apontar uma direção.

Mas os cursos tão sonhados  
Tiveram que ficar no porão.  
A aprovação não veio,  
E com eles, a frustração.

A adulta que eu queria ser  
Precisou, então, esperar.  
Mais um ano de estudo  
Para passar no vestibular.

### **A criança escolheu a profissão.**

Mas um janeiro de apreensão,  
2019, o ano da decisão.  
Ao abrir a plataforma do Sisu,  
A indecisão bateu no coração.  
Numa ação quase inconsciente,  
Regada de pura emoção,  
Escolhi dois caminhos,  
Primeira e segunda opção:  
Psicologia e Pedagogia,  
Sem muita pretensão na segunda,  
Pois meus olhos irracionais  
Brilhavam por uma rota de fuga.

Na decisão final, naquela aprovação,  
As vozes da criança-professora  
Ecoaram forte em minha direção.  
Seria o universo falando?  
O que eu precisava escutar,  
A verdade que estava dentro,  
Esperando se revelar?  
Eu já sabia o resultado  
Antes mesmo de olhar,  
Meus olhos ainda fechados,  
Mas o coração a pulsar.

A criança professora me abraçou  
para nunca mais escapar.

Escolheu a profissão que fazia sua alma vibrar.  
**Será possível aprender a ensinar...**

Comecei a licenciatura  
Sem saber licenciar,  
O que me aguardava,  
O que iria me mostrar.  
Talvez expandir meu mundo,  
Mas talvez também fechar.

Aquilo que era sonho,  
Agora, era material?

Vivenciamos disciplinas,  
História da Educação,  
Ensino e aprendizagem,  
Psicologia, inclusão...  
Seria “aprender” a ensinar  
Pra ensinar com direção?  
Ou só replicar o ato,  
Sem sentido ou intenção?

Procurei por muito tempo  
E não consegui encontrar  
Teoria que fosse  
Capaz de me explicar  
O amor que aprendi cedo  
Pelo ato de ensinar.

O que eu tanto procurava  
No mundo, sem ter fim,  
Estava bem aqui dentro,  
Guardado dentro de mim.

No amor da interação,  
Na mais pura devoção,  
Naquela tia a ensinar  
A viver a educação —  
Uma escola que é abrigo,  
Muito além da instrução.

Tantas teorias lidas,  
Teóricos, percepções,  
Mas tentava encontrar  
o amor pela profissão.

Não bastavam os conceitos  
Nem a tal formação...  
Faltava o que transbordava  
Nos olhos da criança em ebulição:  
O amor pela docência  
Visto pela percepção  
Da criança que olhava  
Com sincera admiração.

Ela me ensinou o amor,  
O amor pela escola,  
Pelo ato sensível de experienciar  
O que livros e assuntos  
Foram incapazes de mostrar.

Viver além da escola  
E aprender sobre aquilo que se extrapola  
A vivência da sala de aula ou fora da escola.

A profissão como, relação,  
Como o cuidado no olhar,  
É ensinar e ser tocado,  
É também se transformar.

O que nasce em sala de aula  
Não se pode aprisionar.  
A criança se formou,  
Concluiu a faculdade,  
Mudou sua própria história,  
Transformou a realidade.  
Foi além do previsível,  
Sem temer a adversidade,  
Viveu o sonho mais fundo,  
Na sua intensidade.

O encontro com aquela tia,  
Com aquela escola amiga,  
Transformou a professora  
Que hoje aqui se abriga.  
Que eu consiga, por um segundo,  
Com amor e alma antiga,  
Tocar o coração puro  
De cada criança que me abriga.

## Referencias

ALVES, Rubem. *Por uma educação sensível*. Organizado por Raquel Alves. Jandira- SP, Principis, 2023.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PARNET, Claire; DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Editora Montparnasse, 1997. (Verbetes "P" de professor)



## O encontro de Deleuze com a sensação

Marília Almeida Oliveira

Em 1948, três anos após o fim da Segunda Guerra Europeia, murmúrios e conflitos enebriavam os discursões em toda Paris. Em meio a esse período turvo, os fragmentos das dores deixadas pelo conflito da guerra pairavam por todos os cantos. Enquanto discussões sobre eram tecidas na Palais de Chaillot, acontecia a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) que viria a aprovar a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Nesse mesmo dia, em um ponto distante, um jovem que acabara de concluir seus estudos saiu da formatura e coloca-se a caminhar sem rumo. Em meio a seus passos, decide sentar entre as lamparinas da ponte de Alexandre III, não sentia a felicidade de seu feito, estava atônito diante do bombardeio de informações que lhe atravessavam...

Sentimentos lhe cortavam  
A dor da bala que matará o soldado  
O desprezo pela vida humana  
A dor da família desconsolada  
O clamor da finitude humana  
A ausência  
O caos  
A maldade  
Sentimentos lhe cortavam  
Sem nenhuma superficialidade

Seus conflitos eram tão inquietantes que seus poros exalavam o seu desconforto, onde o cheiro do seu suor frio enebriou a

Sensação que estava passando por ali. Ela sussurrou no seu ouvido com um sopro gélido que tocou a espinha e lhe arrepiou os pelos. Apesar de sentir uma presença estranha, estava tão fora de si que não lhe deu importância.

Sensação queria apenas lhe causar um leve desconforto, mas quando percebeu que seu singelo toque não conseguiu trazer de volta aquele rapaz, decidiu sentar-se junto a ele. Sem dizer uma só palavra, ela ficou observando a frieza do horizonte, o entardecer estava cinza, pequenos flocos de neve caíam, quase não havia pessoas pelas ruas, o sol não refletia seus raios, ele era apenas uma leve claridade. Naquele dia, o inverno se confundia com o caos de sentimentos que estava ao seu lado. Não sei contar para vocês quanto tempo se passou até que Deleuze dirigiu levemente o olhar para o lado e então a viu. A princípio, não conversaram. Apenas trocaram um olhar tão intenso que Deleuze se pôs inquieto. E como alguém que parecia ler os seus pensamentos, Sensação lhe perguntou:

– O que é conhecer a si mesmo?

Confuso com aquela pergunta, ele fala de forma frígida, direta, quase ríspido:

“– Conhecer-se a si mesmo — aprender a pensar — fazer como se nada fosse evidente — espantar-se, "estranhar que o ente seja" (Deleuze, 1992, p. 15). Não satisfeito com aquela situação que lhe invadia o pensamento e com o desejo de afastar aquela companhia, questiona de forma grossa, sem esperar resposta:

– Você conhece a premissa de Sócrates: Conhece-te a ti mesmo? ela então respira, vira seu olhar para o rio e responde:

– Tive a oportunidade de conhecer... faz um certo tempo. Percebo que olhar para dentro é entender a própria existência, limitações, desejos e pensamentos.

Deleuze, naquele instante parecia desconfortável, tirado de sua introspecção, levantou-se e seguiu caminhando. Sensação lhe acompanhou. Fiquei a observar o caminhar desconfortável de Deleuze junto à imponência da Sensação, parecia que o inverno

estava sendo, aos poucos, aquecido pelos sentimentos que brotavam da presença de um junto ao outro. Onde...

Um corpo cruza o espaço  
E o meu já não é o mesmo  
Não é paixão, é variação  
Um afeto pulsa  
Sou mais do que era um segundo atrás  
Não te desejo porque me faltas  
Te desejo porque me excedo  
Não há lacunas, há caminho  
Um fluxo atravessa minha pele  
Teu movimento me desperta  
Minha alegria cresce como músculo em expansão  
Meu Eu? em ruínas  
Deixo queimar  
Sou fragmento desejante  
Máquina que canta no calor da tua imagem  
Há angústia, sim  
Não apenas pelo outro  
Mas pela prisão que resiste em mim  
Querendo conter o grito novo  
Que tu revelas sem saber  
Não és causa, és ignição  
Arte viva  
Forma em tensão  
Tua presença não consola  
Incendeia

Deleuze, ao chegar em seu destino, abriu a porta, tirou seu capote, deixou suas botas na entrada e dirigiu-se à lareira, abastecendo-a. Sentou-se em sua cadeira habitual e por algum tempo pensou na Sensação, em discórdia com os seus sentimentos, negando-os, forçando o pensamento a lembrar de outras coisas.

Então... abriu uma garrafa de vinho tinto, o cheiro da uva Grenache era tão forte, extremamente frutado, era envolto em especiarias, que exalou o aroma por todo o salão. Ele se serviu, deliciou-se, apreciou, fugiu de si, e por fim adormeceu. Ao retornar de um cochilo, deparou-se com Sensação sentada a sua frente. Incrédulo com sua visão, ele lhe perguntou o óbvio:

– Como entrastes?

Sensação não lhe respondeu. Olhou para ele intensamente, sorriu e lhe perguntou:

– Como se forma o sujeito?

Deleuze, recupera-se imediatamente das taças de vinho. Incrédulo com a presença e a pergunta, contestando com estranheza:

– Como você sabe sobre o que estou estudando? Quem é você? Como me encontrou? Está me espionando?

Com um ar de leveza estampado no rosto, ela lhe responde:

Estou sempre perto de você.

Sou o desejo, a fé, o caminho,  
Sou o amor, a angústia, o receio,  
Sou o medo, a tristeza, o carinho,  
Sou a dúvida, o receio, a esperança,

Sou a voz que ecoa no silêncio,  
O abraço que nunca se perdeu,  
Sou aquilo que vive em segredo,  
Mesmo quando ninguém percebeu,

Sou sombra e luz em seu peito,  
O que pulsa, o que fere e aquece,  
Sou o tempo que passa imperfeito,  
Mas que insiste, resiste e não esquece,

Mas...

Posso ser a fuga dos desesperados,  
Posso ser as crenças dos sonhadores,  
Posso ser o a loucura do enfrentamento,  
Posso ser o que mais te aflige.

Sem muita expressão, mas com ênfase em sua fala... ela lhe repete a pergunta:

– Como se forma o sujeito?

E ele diz:

– Talvez sua pergunta esteja equivocada, o mais adequado seria: Como se constituiu um sujeito?

Rígido olhando aquela figura diz:

– Esse é um compilado de informações o sujeito é um ser estranho

... sem identidade fixa, errando sobre o corpo sem órgãos, sempre ao lado das máquinas desejanças, definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir ou de um avatar, nascendo dos estados que ele consome e renascendo em cada estado. “Então sou eu, então é a mim... Como diz Marx, até sofrer é fruir de si (Deleuze, 2010, p.30)

Observei no olhar de Sensação que não se satisfazia com a resposta. Então após uns instantes ela lhe fala:

– Não te entendo, por que és tão subjetivo?

Deleuze, arregala os olhos, não estava habituado com a contrariedade, antes que ele pudesse responder qualquer coisa ela o despeja palavras:

– Se você ver as coisas com tanta subjetividade, a fluidez dos seus pensamentos incita a pensar que a identidade não é fixa, que ela pode ser atravessada por forças e desejos, que o viver é transformado continuamente por estados e experiências. Então, se o homem vive em constantes processos, o experienciar é também uma forma de tornar o existir um contexto que esbarrará sempre nas subjetividades!

Espantado com aquela proposição, naquele instante ele foi tocado. Este foi o primeiro dia... Semanas se passaram, enquanto em cada encontro se estabelecia mais confiança, parecia uma relação de osmose, onde os movimentos entre eles aconteciam com fluidez. Ideias, conceitos, afinidades, foram sendo estabelecidos

Diferença e Repetição não estão em paralelos

Diferença não é desvio e sim potência  
Repetição não cópia do passado  
Diferença não tem espelho que guarda essência  
Repetição não é gesto novo no mesmo traçado

Sentido e Evento não estão em paralelos

Sentido não escapa a linha tênue do tempo  
Evento não flutua leve efêmero  
Sentido não prende, ele habita o movimento  
Evento não termina sem esmero

Capitalismo e Esquizofrenia não são paralelos

Capitalismo não é o ter sem aceitar o poder  
Esquizofrenia não afeta o pensamento o expõe  
Capitalismo começa  
Esquizofrenia acaba

Mas seja qual for o paralelo, entre um ou outro, o desejo o revela  
Pois o caos não é ruína - é onde a vida desaba.

A companhia de Sensação por muito tempo lhe foi suficiente como alimento da alma e do corpo, que se banquetevavam incessantemente, cúmplices do pensamento à razão apropriavam-se do néctar que desabrochava das suas essências. Ali não havia promessas, viviam o agora com plenitude, envoltos do perfume da

afinidade. No jogo sutil das palavras, descobriram que o prazer não se encerra no ápice, se encontrava também nos intervalos dos seus encontros, no tempo e na compreensão dos olhares, no saber compartilhado na sutileza do viver. Conscientes, desfrutaram do tempo, como se ele fosse feito de instantes, que por vezes lhes pareciam eternidade.

Por volta dos anos 50, Deleuze inicia sua carreira como professor no liceu de Amiens, a calma e o equilíbrios eram fortes características de sua pessoa, nesse período ele conhece Fanny Guandjuan.

A jovem mais graciosa me olha,  
Mesmo quando seus olhos repousam,  
Há em seu cheiro uma chama,  
Que desperta em mim a calma.

Que nos meus sonhos faz alarde.

Não por alma corrompida,  
Mas pelos sonhos que a movem,  
Ela devora, sem maldade,  
Aos poucos o meu mundo a envolve.

Foram lançados meus anseios,  
Como quem não foge,  
Me entrego despido de qualquer conhecimento,  
Sou levado pelo vento por onde passa seu perfume.

Sinto meu corpo se desprender das amarras,  
Ao mesmo passo que se entrega ao despertar,  
Da lógica  
Em (S)sensação  
Encontro em ti o amar  
De uma vida passageira.

A partir daquele encontro, as relações de Deleuze foram tomando outros rumos, com o tempo, a distância entre ele e Sensação foi sendo estabelecida... seus eventuais encontros ainda eram tomados pelo vigor do êxtase de quem encontra a si, o Devir. Em suas profundas conversas, entre a degustação de um charuto e outro... em um dia que se tornou madrugada, discutiam sobre a complexidade da formação de um indivíduo, as camadas que o constituem, lhe envolvendo e que aos poucos vão moldando-se de acordo com o fluxo da vida, em uma tentativa por vezes frenética e por outras vazias de encontrar e ser a sua melhor versão, sendo uma possível busca infundável... (Deleuze; Guattari, 1995).

Eram pura conexão, em meio a conversas regadas a um forte teor psicanalítico que desabrochavam ao desenrolar das horas. Lá pelas tantas... Sensação lhe conta sobre uma viagem, onde encontrou a criança

A vi estrear no mundo fruto de uma concepção indesejada  
Em meio a chuva que pairava no sertão seco que esfriava  
Das mãos de uma parteira labrojeira, em meio ao sangrar lhe  
ajeitava  
Despertava a criança, sem camadas, mas já sem esperança  
vingava

Sua mãe, se foi ao nascer do dia e contra toda tiraria, deixou a  
vida indesejada  
Seu filho, vingado se criava sem dó, e nas pequenas coisas a  
felicidade lhe invadia  
Até que certo dia a tristeza lhe tomou o coração, encontrou seu  
pai que com toda tirania

Mostrou-lhe de uma só vez o que era hierarquia  
A criança, como um rizoma ainda não tinha raízes fez o que ele  
queria

A sua primeira camada se fecho e como a Dama da Noite  
nunca mais desabrochou.

Continuando a conversa Deleuze lhe responde:

– Não se deixe atravessar... a criança enfim morreu.

Assustada com sua resposta, percebeu o quanto ele havia mudado, foi embora decepcionada. Nesse período de distanciamento, a vida dele foi tomada por uma melancolia desgraçada, lhe faltava o equilíbrio. Por volta dos anos 1970, Deleuze se aproximou de Félix Guattari. Em meio a diálogos envolventes, que partiam de suas afinidades investigação do inconsciente, ele também passou a flertar com novas ideias. Com o tempo envolveu-se e de forma cada vez mais complexa e profunda, o pensamento Filosófico tomava forma, discutiam com intensidade o pensamento atual, perspectivas foram aprofundadas o conhecimento não retilíneo, o pensamento múltiplo, o poder e suas trancas.

Deleuze, parecia exteriormente satisfeito, lecionava, discutia teorias e produzia... estava sistematizando sua vida. Escreveu junto a seu amigo Guattari o *Anti-Édipo* (1972), *Mil Platôs* (1980), a partir de então, foram cercados pela notoriedade, sucesso, fama e reconhecimento. Ele estava no ápice de sua carreira, mas tudo isso não lhe enchia os olhos, sentia que era momentâneo. Algo lhe faltava.

De longe, Sensação sentiu os anseios do amigo. Sabia que a melancolia lhe cercava e, o mais rápido possível, retornou à sua presença. Encontrou o amigo adoecido, com tantas conquistas, mas sem alegria. Viu nele aquele jovem rapaz que encontrou há muitos anos, que não enxergava a grandiosidade da relação dos seus feitos. A dor passou a lhe tomar o corpo e a angústia sua alma. Em uma de suas tantas conversas, ele perguntou a Sensação:

– O que é a Filosofia?

Para responder sua pergunta, ela lhe fala sobre um jovem caminhoneiro que em encontrou em uma parada na estrada, ele tinha a fala afiada, com uma linguagem aguçada, o que lhe chamou atenção. Lhe falou da vida, dos filhos e do seu povo, era indígena, não andava sozinho. Mas nas voltas da vida, precisava prover o

sustento, por isso estava ali, sofria, mas no seu semblante transparecia o dever como frente dos seus objetivos, não diferenciava os saberes, lia o mundo com o via.

Aprendeu com o dia-a-dia  
Sentiu a fome que lhe afligia  
Viu o conhecimento do seu povo que aos poucos se extinguia  
Buscando novos caminhos deixou a terra que vivia  
Até que um dia, não sabendo por onde iria

A doença lhe encontrou  
Com a fé se apegou  
Razão  
Emoção  
Perdão  
Desilusão  
Introspecção  
Reflexão  
Lhe tomaram o pensamento e o coração

Quase à beira da morte  
A ancestralidade lhe chamou marcante  
Entregou sua vida a uma promessa constante  
Tamain lhe concedeu o seu pedido mais importante

Mobilizou a cada dia  
A comunidade que sofria  
E por meio da sabedoria  
Levou o povo à alforria

Buscando seu caminho retornou a seu povo e terra na qual renasceria.

Com a sabedoria do seu olhar ela então olhe devolve a pergunta, com um tom de irônica...

– E agora você já sabe? .... - Para você o que é filosofia?

Mesmo já estando acostumado com os interlaces da relação, ele já imaginava a resposta, então... lhe afirma diante de toda a convicção:

– Filosofia é conceito é a essência, imanência; ciência, lógica e arte.

Então ela lhe fala:

– Às vezes não te reconheço. Não deixe que o pragmatismo tome conta de você, não seja generalista, sempre te vi tão humano, a filosofia se dá nas relações, é isso que quero lhe mostrar, pare e observe, veja o seu redor, a Filosofia é como a arte.

Falando isso, foi embora, e como quem recebe um sopro de ânimo se coloca a produzir, mesmo quando os dias pareciam longos de mais...

A partir de então a arte passa a lhe transpassar de forma diferente, onde mesmo estando presente em sua vida, não lhe tinha um olhar de que lhe diferenciava da filosofia e da ciência, a arte passou a ser matéria que produzia desafios frente a realidade, um campo profícuo a liberdade e a criação. Com esse lugar de fala o homem tanto se cobre nas diferentes camadas quanto fica despido. E na tentativa constante de desvencilhar a tal pergunta que lhe fora feita Deleuze embarca aos poucos se fechando em si. Ainda mantinhas as relações com poucos, dentre eles Guattari, um dos seus poucos amigos com quem compartilhava a escrita e sua esposa Guandjuan.

Então a presença da melancolia volta a lhe cercar...

Foi como um véu antigo que escorreu pelos seus ombros  
Um peso que deixou de lado, mas voltou a carregar  
Os olhos nevoados do amanhecer  
O aperto no peito já cansado

Foi como a angústia da solidão sobre seus ombros  
Um sentimento pesado, difícil duro de carregar  
Os cheiros que se mesclam ao amanhecer  
O nevoar sem licença que chega calado

Foi um jardim onde as flores  
Esqueceram de abrir  
E o vento sussurra histórias  
Que ninguém mais consegue ouvir

Cansado de estar ali e cada vez mais isolado, seu apartamento na avenida Niel nº 84, próximo ao Parque *Monceau* tonou-se seu refúgio, do 4º andar, via o movimento tranquilo e elegante da Paris do início dos anos 90. As dores foram lhe tomando o corpo físico e a tristeza as outras emoções.

Em uma manhã de outono fria e úmida, onde fazia por volta de uns 3 graus, ele abriu a janela, e pediu com as últimas energias que lhe tomavam o coração em um sussurro baixinho quase inaudível:

– Volta Sensação.

As lágrimas de tomaram os olhos, ficou um tempo ali, parado... como quem espera alguém sem saber se realmente viria... Desolado, se coloca na cama, deitado, entregue ao tempo.

Distante dali ela sente o seu chamado, deixa tudo e corre com o vento em direção do seu amado. Lá encontra um velho, entregue, todo enrolado. Sem pedir licença, senta-se aos pés da cama e lhe recita um poema que estava a muito tempo guardado:

Se é certo que me amas  
Como por boca confessa  
Até o mar atravesso  
Não sinto se o fogo apruma  
As lágrimas que tu derramas  
Não deixarei ir ao chão  
Pretendo-te amor  
A mão  
O meu amor eu te garanto  
Confia na tua amante  
Descansa teu coração

Dos olhos de Deleuze as lágrimas escorriam, e em um sussurrar profundo, ele lhe falou:

Dessa vida só lhe tenho gratidão  
Foste amor, amante, concepção  
Sopraste em mim a vontade do viver  
Foste a luz para o meu escrever

Agora me encontro esgotado  
Fui tomado por aquela doença  
A fadiga e o cansaço chegaram  
Após a inconsequência

E assim, no ocaso me despeço  
Com a alma serena e o peito aberto  
Deixo aos ventos meus estudos dispersos  
Sementes lançadas num campo incerto

Se fui chama, queimar foi meu destino  
Se fui rio, corri até meu fim  
Não há tristeza em partir devagar  
Só a doce memória do que foi jardim

Onde dele sempre foste a flor mais bela

Então... abriu a janela e sentiu o vento frio, era 4 de novembro de 1995.

## Referências

DELEUZE, Gilles. *A imagem do pensamento*. Trad. Luiz Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz Orlandi. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RAZÃO INADEQUADA. Deleuze. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/deleuze/>. Acesso em: 29 maio. 2025.

TRINDADE, Rafael. *Deleuze – Do Caos ao Cais*. Razão Inadequada, 27 dez. 2017. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2017/12/27/deleuze-do-caos-ao-cais/>. Acesso em: 28 maio. 2025.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

## Escola em Poesia

Samanta Gabriely Alves dos Santos

Neste texto, trago o exercício de (re)pensar a escola a partir da poesia. A opção pelo gênero é motivada a partir da minha relação com a escola enquanto estudante, professora e pesquisadora, em que enxergo esse espaço como gerador de emoções, sentimentos, saberes, laços, relações, conhecimentos e vida, estando intrinsecamente ligada a arte de viver, expressa aqui pela poesia.

Sempre tive uma relação muito intensa com a escola desde os tempos da Educação Básica, em que já questionava a instituição. Nossa relação foi e é traçada em um misto de sentimentos de amor e ódio gerados a partir de experiências ora positivas, ora negativas. Enquanto estudante a escola me promoveu acesso a vivências com as artes, principalmente com a literatura, uma das minhas paixões. Permitiu-me acesso ao conhecimento, a pensar e refletir sobre o mundo, sobre minha existência neste. Tive a oportunidade de conhecer professores e professoras que são inspiração até hoje. No entanto, a escola também foi espaço em que tive acesso as primeiras formas de violência, não seguir um padrão popular de comportamento foi um motivo de perseguição à criança e adolescente que fui. Sofri. Todos estavam cientes, mas ninguém fazia nada, meu sofrimento durou anos. Desde então decidi que um dia voltaria a escola, mas desta vez como professora, para lutar contra as injustiças e violências que acontecem nesse espaço e que por tantas vezes passam por despercebidas ou são tratadas como “brincadeiras”, mas que ferem e marcam por toda uma vida.

Conclui meu projeto de voltar a escola, retornei como professora! Acreditava que com “poder” poderia combater as dores que podem ser geradas pela instituição. Enganei-me, conheci violências outras

que a escola pode gerar. Abusos que podem ir além das relações conflituosas entre estudantes (reflexo da sociedade). Conheci a violência institucionalizada, de currículo, de projeto de sociedade dual em que há escola para o conhecimento voltada as classes sociais privilegiadas, enquanto para as classes sociais menos favorecidas economicamente estão direcionadas políticas de cunho assistencialista, neoliberal, em que o público das escolas públicas inseridos nessa lógica são formados para o mercado, para manutenção de um projeto de sociedade desigual (Santos, 2023), (Libâneo, 2012), (Laval, 2019), (Dardot, Laval, 2016). Nesse contexto, a escola exigiu mais de mim. Fazia-se urgente me posicionar politicamente sobre a escola, voltar o olhar para ela além do que estava visível aos olhos, mas enxergá-la a partir de seus projetos de sociedade e políticas públicas direcionados a ela. Para partir de então, traçar novos modos de habitar a escola e de proporcionar ações de enfrentamento a políticas que limitam e determinam o lugar dos sujeitos no mundo a partir das posições sociais que ocupam.

Contudo, convido vocês para uma leitura poética dessas inquietações, reflexões e marcas da escola sobre a estudante, professora e pesquisadora que tenho me tornado...

### **Por onde andei, a escola encontrei**

Aos caminhos que percorri, vi e senti.  
Em um mundo complexo, cheios de devir,  
Deparei-me com que estava ali e me permiti.  
Inquietei-me, me angustiei.  
Então, questionei o espaço que habitei.

O papel de figurante, não me coube,  
Por isso, gritei!  
Da escola ouviram,  
Já não podiam me calar.

Desde então, passei a escola conhecer.

Mas antes que me achem tola, por achar que escola é tudo  
igual, digo:  
Às escolas têm vários sentidos de acordo com cada qual.

Ao olhar a escola como quem por ela foi formado,  
Percebi que dela muito tinha enraizado.  
No sentir dos seus sons, se suas faces, de seus silêncios,  
compreendi:  
Elas estão para além do visível!

São muitas vozes que ecoam ao defini-la, dizem:  
“Escola é para todos, de igualdade social”,  
Ou, escola é para o sucesso profissional!  
Ou, escola para formação humana, esse é essencial!  
Em tantas vozes, ecos e barulhos, o silêncio fez-se voz.  
Na leitura de uma crônica estudantil,  
Percebi a dor juvenil, quando um jovem questionou a escola,  
Comparando-a com o espaço fabril.  
No meio da escrita de quem vive a escola,  
O silêncio prevaleceu.  
Foi então que aprendi, o silêncio fala mais do que palavras  
podem vir.

Foi ali, no silêncio que entendi,  
Parados não podemos ficar, é preciso agir.  
Voltei à escola e perguntei, o que é a escola para ti?  
Apreendi que a escola, muito pode ser.  
Escola de fato não sei dizer,  
Pode ser isso ou aquilo,  
O dito e o não dito.  
Pode ser início, meio, fim.  
Há muito o que compreender.  
A partir de então, faço um convite a você!  
Vamos às escolas, refletir, discutir, apreender,  
Ir além do que nos é posto, temos muito a conhecer...

## **Escola, salvação ou adoecimento?**

Cresci na escola, muito vivenciei...  
Lembro dos livros que da biblioteca peguei.  
Tinha docentes incríveis de ter, outros nem tanto, mas faz  
    parte, o que hei de fazer?  
Na escola aprendi, sorri, experienciei.  
Brinquei, chorei, perdi, mas também ganhei.  
Entendi que vários lados a escola podem ter.  
Do prazer, da salvação, da suspensão, vivenciei.  
Porém, a dor, o adoecimento, também apareceram.  
Vivi vários embates por diferente ser.  
Ao meu corpo machucaram, mente adentraram e feriram  
    meu Ser.  
Até hoje os pesadelos e remorso assolam meu viver.  
Entre meus pares, fui vítima,  
Aos adultos procurei, não ouviram, desprotegida fiquei.  
Foi então que determinei: professora vou ser!  
Não deixar que repitam com outros o que passei!  
Como professora à escola retornei,  
Pensando no bem que a Educação pode fazer.  
Com o passar do tempo, compreendi, que sozinha não tem  
    como grandes transformações fazer!  
Mas, o que está nas minhas mãos, hei de fazer!  
Gerar novos sentidos, para além do que passei,  
Desejando à escola novas possibilidades de se refazer,  
Essa esperança tenho, não deixarei de ter!

## **Referências**

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* / tradução Mariana Echalar. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público* / tradução Mariana Echalar. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n.1, p.13-28, 2012.

SANTOS, Samanta Gabriely Alves dos. *Sentidos sobre a escola produzidos pelas professoras do programa de educação integral dos anos iniciais do ensino fundamental da cidade de Caruaru/PE.* / Samanta Gabriely Alves dos Santos. – 2023.



## **Caminhos em construção: um encontro com a educação integral**

Sarah Porto da Paixão Barbosa Pereira

Entre possibilidades e reflexões começo aqui problematizando.  
O que é a educação? Como se forma o sujeito?  
São questionamentos que todos se fazem.  
Na minha história respondo pelos estudos que tenho feito,  
A abordagem e tentativa de explicação se dá pela pesquisa científica,  
E vou contar essa história em cordel, que não tem pretensão em ser perfeito.

Entre linhas e palavras construídas, vou aqui contando uma história.  
Nessa forma de escrita, também me entendo como sujeito,  
Minha aproximação com a temática, pesquisa e descobertas,  
Entre possibilidades e afetos digo muito a meu respeito  
E assim eu inicio minha abordagem neste cordel,  
Da escrita eu tomo gosto e até levo um certo jeito.

Para construção desse cordel foi preciso estudar, sua forma e estrutura,  
Brincando com as palavras me possibilita experimentar.  
Pela proposta de divulgação da cultura popular, escolhi este formato,  
Mas meu intuito também é levar a reflexão e informar.  
Desenvolvendo um padrão de rimas e trabalhando o gênero.  
Desse modo, com quem lê esse cordel eu posso dialogar.

Precisei dessa introdução, mas agora apresento minha área de pesquisa,  
A Educação integral me situa no debate da Educação.  
Esse tema pode ser desenvolvido em diferentes linhas e abordagens,  
Mas estudo enquanto política educacional, pensar sobre direito e universalização.  
Poderia desenvolver outros debates e aprofundamentos,  
Pois há outras possibilidades de estudos, mas não cabe aqui minha reflexão.

Entre algumas reflexões necessárias para essa temática tratar  
Trago aqui: De que trata a Educação integral, a integralidade do ser?  
É preciso um resgate, um aprofundamento,  
Fundamentos, concepções e contribuições buscaremos compreender  
Entre autores e teorias que serão apresentados  
Em um panorama do contexto sócio histórico vamos saber.

O debate da ampliação da jornada escolar no Brasil teve início em 1920 e 1930.  
Para a população mais pobre se ofertava pouco, em horas, profissionais e espaço  
O discurso à época dizia que a “urgência” era erradicar o analfabetismo.  
O que se ofertava para a população nesse cenário era muito escasso, Era uma educação higienista-educacional, um projeto autoritário (Cavaliere, 2010).  
Enquanto direito a educação apresentava um descompasso.

Nesse cenário, foi publicado o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”,  
Elaborado por 26 intelectuais, do modelo escolar defendiam uma reestruturação.

Contou com os intelectuais Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, entre outros...

Segundo Azevedo (2006), propunham ideais como solidariedade e cooperação,

Uma ideia de educação integral relacionada a direito do indivíduo (Cavaliere, 2010)

Era proposto uma educação pública para diversas dimensões da formação.

Na década de 1950, Anísio Teixeira promoveu a educação integral no país.

Foi um defensor da escola pública com jornada ampliada.

Criou em Salvador (BA) o Centro Educacional Carneiro Ribeiro,

Incluía atividades escolares e atividades diversificadas.

A proposta curricular visava formação para a sociedade e trabalho, Compreendia educação integral como direito, assim sua contribuição foi firmada.

Já em 1983, foram criados os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps),

Um projeto de Darcy Ribeiro, localizados dentro das próprias comunidades.

Foram construídos 500 prédios, funcionando no turno da manhã e tarde,

Com aulas regulares, refeições, práticas culturais, eram várias atividades.

Ofertava uma estrutura física de qualidade, com diversos espaços.

Defendia um espaço democrático de formação e igualdade de oportunidades.

No governo Collor (1990-1992), foram os Centros Integrados de Apoio à Criança.

Atendiam creche, pré-escola e escola de 1º grau de tempo integral.

Os CIACs tinham ações na educação, saúde e assistência, com 2.337 unidades.

A proposta focava em melhoria de crianças em situação de vulnerabilidade social,  
Funcionaram em um curto espaço de tempo, devido ao impeachment.  
Era um formato voltado mais para assistencialismo, do que âmbito educacional.

Outro marco importante de redemocratização do Brasil, após a Ditadura Militar,  
Foi em 1988, com a promulgação da Constituição Federal.  
No art. 205, o pleno desenvolvimento da pessoa, preparo à cidadania e trabalho.  
Tais aspectos apontam para uma política de Educação Integral,  
Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96), ampliação do tempo escolar,  
Na Constituição e na LDB a educação integral aparece como direito educacional.

Em 2007, foi criado o Programa Mais Educação, no governo Lula.  
Com duração igual ou superior a sete horas diárias, ampliava a jornada escolar.  
Suas ações se articulavam no contraturno da escola,  
As atividades eram organizadas em macrocampos, uma proposta interdisciplinar.  
O Programa teve grande crescimento, trazendo o debate da educação integral.  
A sua proposta conseguiu expandir a oferta de educação e territorializar.

Entretanto, com o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016  
Houve um retrocesso nas políticas educacionais de modo geral.  
Aprovação da BNCC, com conhecimentos mínimos para estudantes do país.  
A BNCC foi oficializada como currículo em território nacional,

Com foco nas competências para criar o currículo de estados e municípios.

Eram propostas tomadas por forte influência do setor empresarial.

Ainda nesse cenário, o Programa Mais Educação foi descontinuado.

Em 2016, foi substituído pelo Programa Novo Mais Educação, Que ofertava uma proposta restrita de ampliação do tempo escolar, Com foco em reforço em português e matemática, e índices de avaliação.

Em 2019, o PNME foi encerrado, sem outra proposta apresentada. Assim, apresento meus estudos com a temática e a minha aproximação.

No ano de 2014 início pela UFRPE a graduação em pedagogia, junto ao Pibic

Início com o tema “O programa Mais Educação e teorias de currículo integrado”.

Assim se deu a minha aproximação aos estudos de educação integral.

Nos anos seguintes, a ampliação da jornada escolar no estudo comparado

Realizei análises documental na Argentina, Chile, Venezuela e México.

Na minha trajetória acadêmica, alguns estudos tenho realizado.

Com o interesse pela temática, realizei meu TCC.

Estudei o perfil do professor comunitário do Programa Mais Educação.

Na graduação, me voltei aos estudos para os sujeitos da pesquisa e sua prática.

As diretrizes do programa e, sobre esse profissional, a sua atuação, Limitações e possibilidades desenvolvidas que esse programa realizou.

Nesse tema desenvolvido na minha graduação, considerei a sua finalização.

Por compreender a importância da temática da educação integral, Iniciei o mestrado em Educação, Culturas e Identidades.

Entrei no programa no ano de 2022. Foram dois anos de pesquisa.

Foi ano de 2024 que defendi minha dissertação, com as suas particularidades

Sobre a política em tempo integral ensino fundamental (anos iniciais) do Recife.

Considerando, assim, a política e todas as suas singularidades.

No doutorado, programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea

No Centro Acadêmico do Agreste, em Caruaru, tenho me situado.

Continuo dialogando com educação integral/em tempo integral.

Tendo início em 2025, outras perspectivas de pesquisa tenho encontrado,

Procuro me aprofundar sobre o tema e aperfeiçoar meus estudos.

Afinal, sobre a educação integral, há 10 anos eu tenho estudado.

No governo Lula (2023), houve investimentos para ampliação da jornada escolar,

Sendo uma retomada da agenda pública para a educação integral.

Foi criado o Programa Escola em Tempo Integral, Lei nº 14.640/2023.

Objetiva apoiar criação/transformação de políticas em âmbito estadual e municipal,

Está sob a coordenação da Secretaria de Educação Básica (SEB) e do MEC.

No doutorado, me proponho a estudar outro programa federal.

Fomentar matrículas em tempo integral nas escolas públicas da educação básica,

E também, cumprir a meta 6 do PNE 2014/2024, o Plano Nacional de Educação,

Oferecer educação em tempo integral e tentar atender uma parcela dos alunos.

Além de auxílio financeiro, o programa também oferta formação, Já foram ofertadas 12 mil vagas para secretários de educação e equipe técnica.

São ações para os entes federados que do programa realizaram adesão.

Nessa trajetória da pesquisa e caminhada acadêmica

Tenho percebido que outras formas de pesquisas eu devo me aprofundar.

Com o olhar voltado para desenvolver minha tese de doutorado

Novos teóricos e perspectivas metodológicas eu preciso relacionar.

E mesmo que eu considere algumas mudanças necessárias

Ainda assim, alguns aspectos eu devo considerar.

No tocante a formação, sendo ela na oferta inicial ou continuada, Segundo Moll (2012), é tema estruturante na consolidação da educação integral.

Nesse contexto, é importante observar as condições de oferta dessas formações,

Compreender formação continuada e construção de saberes é algo relacional

Como os temas das formações são desenvolvidos e ofertados.

Se entre temáticas desenvolvidas e as disciplinas ofertadas há relação formal.

Outro ponto importante nos estudos da educação integral é o currículo.

A política curricular está entrelaçada nas relações de poder,

Há diversos agentes sociais implicados em controle e organização na educação.

Nesse sentido, qual o discurso pedagógico que vai se desenvolver.

Segundo Lopes (2004), currículo é um conhecimento construído para/pela escola.

Mas, um estudo voltado a um currículo integrado me proponho a fazer.

Nesse contexto, considerar fatores que vão além da construção pedagógica,

O currículo integrado possui uma construção de significação.

Para Davini (2009), relacionar trabalho/ensino, características do meio.

Se considera a educação um processo de experiências e reconstrução,

Essas são ideias que já estiveram em propostas citadas anteriormente.

Que se considera o conhecimento ativo na busca, na investigação.

Entre tantos fatores, há uma profunda transformação presente no mundo,

Princípios que afetam o setor público, com o neoliberalismo e reforma social,

São mudanças que afetam os valores e questões morais.

Um cenário que requer atenção e tem afetado a atividade profissional,

Formulando novos sentidos para escola e atores que dela participam,

Isso tem causado questões no desenho da política educacional.

É preciso compreender a política de educação integral e sua relevância,

No contexto da educação básica brasileira para se pensar o direito à educação.

Esse tema tem se apresentado em debates na agenda política, e é fundamental.

Entre tentativas/propostas no contexto sócio-histórico, não houve efetivação.

Mas há formas de garantir que esse direito se configure,  
Com políticas públicas democráticas e inclusivas, e sua proposição.

É preciso superar uma ideia de inferiorização moral da camada  
mais pobre.

Só assim, se pode pensar em uma inserção bem sucedida no sistema  
escolar.

Aprofundar na democracia para enfrentar desigualdades na  
história construídas,

Um combate a desigualdade educacional e social pode apontar.

A ampliação de tempo não é uma solução aos problemas da  
escolarização

Mas, uma mudança na estrutura social pode ser que venha  
possibilitar.

Construindo esse texto, entre versos e rimas

Uma outra possibilidade de escrita me possibilitou essa vivência.

Tentando aqui trazer todas as contribuições nesta trilha acadêmica

Para que assim quem for ler, tome fato e ciência.

Desejando apresentar todas as colaborações que obtive

E assim, os autores e fatos citados estão presentes nas referências.

Nesse texto, deixo registrado meus esforços e tentativas,

Pois é do ponto de partida que se sabe onde quer chegar.

No estudo, na proposição de políticas, nas concepções e  
fundamentos,

Entre tantas reflexões continuo me propondo a pensar.

Me encontro nesse ponto, uma trajetória de descobertas e sentidos,

A educação integral para mim é um caminhar!

Uma proposta de escrita que exercitou a minha criatividade,

E aqui me despeço tentando escrever um texto com significância.

Entre encontros e desencontros nessa temática,

Almejo que em nosso país a educação integral possa ter uma  
concordância.

Em minha jornada, continuarei estudando/problematizando educação integral  
Que vários estudos e projetos aconteçam na academia em relevância.

## Referências

ALBUQUERQUE, Rosevanya Fortunato de. *A educação integral em Jaboatão dos Guararapes: contextos de uma política pública educacional*. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) UFRPE/Fundaj, Recife - PE. 2017.

ARROYO, Miguel G. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. In: *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos* (Org. Jaqueline Moll et all.). Porto Alegre: Penso, 2012.

AZEVEDO, Fernando. O manifesto dos pioneiros da educação nova (1932). *Revista Histedbr on-line*, Campinas, n. especial, p.188-204, ago. 2006. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf). Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 18 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Programa Mais Educação: Passo a Passo*. Brasília, DF, 2011. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_)

docman&view=download&alias=8145-e-passo-a-passo-mais-edu  
cacao-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação*. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ SASE), 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 18 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.640, de 31 de julho de 2023. Institui o Programa Escola em Tempo Integral; e altera a Lei nº 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, e a Lei nº 14.172, de 10 de junho de 2021. *Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos*, Brasília, DF, 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14640.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14640.htm). Acesso em: 18 jul. 2024.

CAVALIERE, Ana Maria. Anísio Teixeira e a educação integral. *Paideia*, v. 20, n. 46, p 249-259, 2010. Disponível em: <[www.scielo.br/paideia](http://www.scielo.br/paideia)>.

COELHO, L. C. da C. História(s) da educação integral. *Em aberto*, Brasília, v. 22, no. 80, abr. 2009. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2420/2159>. Acesso em: 18 jul. 2024.

DAVINI, Maria Cristina. Currículo integrado. *CADRHU - Texto Apoio*, Brasília, p. 281-289, 1983. Disponível em: <[http://lagarto.ufs.br/uploads/content\\_attach/path/11340/curriculo\\_integrado\\_0.pdf](http://lagarto.ufs.br/uploads/content_attach/path/11340/curriculo_integrado_0.pdf)>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

GIOLO, J. Educação em tempo integral: resgatando elementos históricos e conceituais para o debate. In MOLL, Jaqueline et al. *Caminhos da Educação Integral no Brasil*. Porto Alegre: Penso, 2012.

LOPES, Alice Casimiro. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? *Revista Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago. No 26. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a08>>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Seminários e formações. *Gov.br*, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/seminarios-e-formacoes>>. Acesso em 04 de agosto de 2024.

MOLL, Jaqueline. A agenda da educação integral: compromissos para sua consolidação como política pública. In: *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos* (Org. Jaqueline Moll et al.). Porto Alegre: Penso, 2012.

PEREIRA, Sarah Porto da Paixão Barbosa. *O professor comunitário do Programa Mais Educação: Diretrizes e práticas*. TCC (Monografia) Pedagogia – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2017.

PEREIRA, Sarah Porto da Paixão Barbosa. *A política educacional em tempo integral para o ensino fundamental nos anos iniciais na Rede Municipal de ensino do Recife*. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) UFRPE/Fundaj. Recife, 2024.

PEREIRA, Sarah Porto da Paixão Barbosa; GALVÃO, Edilange Batista; MELLO, Rachel Costa de Azevedo. Convergências e divergências das políticas e programas de educação integral no Brasil e na América Latina: uma narrativa histórica. *Debates em Educação*, [S. l.], v. 16, n. 38, p. e17881, 2024. DOI: 10.28998/2175-6600.2024v16n38pe17881. Disponível em: <https://www.seer>.

ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/17881. Acesso em: 14 jun. 2025.

PEREIRA, Sarah Porto da Paixão Barbosa; RODRIGUES, Cibele Maria Lima. Contradições do direito à educação na política de ampliação da jornada escolar no Ensino Fundamental (anos iniciais) do Recife. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 22, 2025. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.Periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11645>.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução as teorias do currículo*. 3ed. 156 p. Belo Horizonte MG. Autêntica. 2010.

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.70, n.166, p.435-462. 1989.



## Pelos fios da escrita, eu me refaço

Victor Eduardo Calado Bezerra

Era uma vez um jovem adulto cujo nome iremos adotar como “Pesquisador”. Entretanto, este indivíduo, formado inicialmente em licenciatura em matemática, tem uma construção afetiva, social e acadêmica diversa. Muitos podem questionar se há realmente tantas possibilidades nos campos citados anteriormente, mas o que o Pesquisador diria é que somos seres diversos e que, em cada campo vivido, diversos atravessamentos nos constroem e nos desconstroem.

Durante a sua infância, o Pesquisador desenvolveu uma afinidade com a leitura, sendo essa uma parte de sua vida que se fez presente até os dias atuais que este personagem vive. Com o passar do tempo e o ingresso em um curso considerado do campo das exatas, trouxe um afastamento deste indivíduo na área da literatura, em que antes era tão próxima. Porém, mais velho, ele raciocinou e pensou em redescobrir esse sentimento, decidindo focar na escrita, mas não na escrita acadêmica, como tanto tinha foco graças a universidade. Sendo assim, esse foi o foco principal do Pesquisador enquanto também concluía sua graduação. Deste período, surgiu um livro intitulado “1692”, em que eventos reais misturavam-se à narração e à ficção de maneira sublime, um vício de escrita que o Pesquisador não abandona.

Certo dia, o Pesquisador, em suas leituras acadêmicas advindas da universidade, encontrou um texto em que se fez presente uma vivência que iria marcar para sempre sua trajetória acadêmica. Lendo-o sem pressa, seus olhos pousaram sobre uma frase que parecia falar diretamente a ele: “Escrever é parte inequívoca da vida de pesquisadores” (Moraes; Tsallis, 2016, p. 40).

Leu e releu aquelas palavras, como se nelas estivesse a confirmação silenciosa de tudo o que vinha sentindo. Ali, entre uma página e outra, compreendeu que escrever não era apenas parte do trabalho acadêmico, era, antes, um modo de existir.

Após um certo tempo, o Pesquisador entendeu que a linearidade da escrita acadêmica já não dava conta dos caminhos tortuosos que percorria em sua jornada. Era preciso outro formato, um que permitisse transitar entre memórias, afetos e incertezas sem a exigência de justificativas ou provas formais. Lembrou de sua infância, dos seus atravessamentos enquanto leitor de histórias infantis, também de sua adolescência lendo quadrinhos e de sua fase adulta imerso em livros que aguçavam seus sentidos mais diversos. Foi assim que escolheu o conto como estética de escrita: porque nele poderia entrelaçar fragmentos de vida e pensamento em uma narrativa viva, sem a rigidez das convenções. No conto, encontrou espaço para experimentar, errar, refazer e, sobretudo, para fazer da pesquisa também uma experiência de invenção.

Apesar das inúmeras tentativas de se adequar às formas tradicionais de escrita acadêmica, o Pesquisador sentia que algo sempre lhe escapava pelos dedos. As normas, as fórmulas e os formatos rígidos pareciam não contemplar a complexidade do que vivia e pensava. Aos poucos, foi se aproximando de propostas que buscavam ampliar os modos de escrever, reconhecendo a necessidade de práticas mais abertas e situadas. Afinal, como já apontava seu amigo Street (2010, p. 542), “era preciso desenvolver essas dimensões de maneira menos padronizada e mais interativa, valorizando abordagens específicas à disciplina em vez de modelos genéricos”. O Pesquisador encontrou no conto essa possibilidade: construir uma narrativa que respeitasse a singularidade de seu percurso, sem ignorar a potência criativa que habita cada pesquisa.

Ao mergulhar na pesquisa em Educação, ele logo percebeu que lidava com experiências marcadas por silêncios, deslocamentos e afetos que nem sempre cabiam em gráficos ou categorias fixas. Havia algo ali que pedia outro tipo de escuta e de linguagem. Foi nesse movimento que o conto se revelou não apenas

como forma, mas como ferramenta de pesquisa. Através dele, foi possível compor cenas, personagens e situações que, embora ficcionais, carregavam a densidade das vivências reais, passavam os estudos de maneira próxima, interessante, ainda carregada de sentido e relevância.

O conto permitia mostrar o que muitas vezes se cala nos textos convencionais: as incertezas, os desejos, os conflitos internos e externos que atravessam quem pesquisa e quem é pesquisado. Era ali, entre uma linha e outra de ficção, que a pesquisa em Educação ganhava corpo, voz e ressonância.

Desde cedo, outro pensamento perseguia o Pesquisador. A percepção de como tudo o que remetia ao lúdico era rapidamente descartado nos espaços formais da Educação. Brincar, imaginar, criar personagens ou contar histórias era visto como coisa de criança, uma etapa a ser superada em direção ao "sério" e ao "científico". Algo com o qual o Pesquisador concordou em partes, afinal, ouviu certa vez uma conversa entre Ferrari, Savenhago e Trevisol, conversa esta que o chamou bastante atenção: "Assim, pode-se dizer que é nas brincadeiras que a criança demonstra o que pensa e entende da realidade que a cerca. Ao imitar o mundo real, a criança coloca em prática a sua imaginação, evidenciando suas dúvidas, incômodos e expectativas" (Ferrari; Savenhago; Trevisol, 2014, p. 17).

Essa estigmatização da ludicidade o acompanhou durante anos, como se o pensamento só tivesse valor quando escrito em tom grave. No entanto, foi justamente ao reencontrar o lúdico, não como distração, mas como linguagem potente, que ele começou a compreender outras formas de produzir e compartilhar conhecimento. O conto, com sua capacidade de fabular o real, abriu frestas por onde passavam perguntas, dúvidas e deslocamentos que não cabiam nas estruturas acadêmicas tradicionais. Era lúdico, sim, e por isso mesmo profundamente educativo.

Ao revisitar suas anotações e leituras, o Pesquisador encontrou argumentos que fortaleciam sua escolha pela ludicidade como parte do seu modo de pesquisar. Entre as páginas de um texto que já quase se perdia entre tantos outros, destacou-se uma ideia que

parecia ecoar aquilo que ele vinha intuindo: era preciso reconhecer o papel do lazer e da ludicidade também no desenvolvimento adulto, propondo, por meio de atividades lúdicas e prazerosas, condições para que os indivíduos se tornassem mais completos como seres humanos e cidadãos. Aquelas palavras vinham reforçar que o brincar, o imaginar e o contar histórias não eram resquícios de uma infância perdida, mas formas legítimas e potentes de formação e de existência (Fernandes; Menezes, 2010).

Quando entrou na pós-graduação em Educação, o Pesquisador sentiu-se como quem chega a um território vasto, onde vozes, experiências e epistemologias diversas cruzavam os caminhos. Foi tomado por um encantamento genuíno ao descobrir que havia outras formas de pensar e fazer pesquisa, escritas que se aproximavam da vida, que narravam, que cantavam, que desenhavam o mundo com outras cores.

No entanto, logo percebeu que, apesar da beleza dessas possibilidades, ainda não era tão simples trilhá-las. Havia estruturas que resistiam, olhares que desconfiavam, editais que exigiam o mesmo formato de sempre. Mesmo assim, o Pesquisador se sentia feliz por saber que essas outras linguagens estavam ganhando corpo, tornando-se viáveis, possíveis, necessárias. Trazia consigo as marcas da Educação do Campo, um lugar onde o saber nunca foi apenas conteúdo, mas memória, território, afeto e luta. E talvez por isso, compreendesse tão bem o valor de narrativas que brotam da experiência, que reconhecem a pluralidade dos modos de existir e que recusam a lógica única de uma ciência que tantas vezes silencia o diverso.

Durante suas idas ao campo de pesquisa, o Pesquisador se deparou com olhares curiosos, mas também com silêncios moldados por uma escola que, muitas vezes, não abria espaço para a literatura interdisciplinar como experiência viva. Percebeu que os estudantes conheciam pouco sobre os diferentes gêneros literários, alguns mal sabiam que existiam outros modos de narrar além dos textos escolares que liam mecanicamente. Essa constatação o atravessou.

Passou a compreender, com mais nitidez, a importância de trazer essa diversidade literária para dentro da sala de aula, de mostrar que o conto, a poesia, a crônica, o cordel e tantos outros modos de escrita também podiam habitar aquele espaço, com suas características, ritmos e encantamentos. Era como dizia um pensamento de Araújo e Andrade: permitir que a leitura literária passe a frequentar mais o espaço da escola, e especialmente o da escola do campo, era um passo fundamental para formar leitores sensíveis, críticos e pertencentes à sua própria história (Araújo, Andrade, 2014).

O Pesquisador sabia que escolher um caminho metodológico era, na verdade, escolher uma forma de estar no mundo, de olhar para os encontros, para as perguntas, para os gestos e silêncios que atravessavam sua pesquisa. Não se tratava de seguir um protocolo pronto, mas de escutar o que o campo pedia. A narrativa, o conto, a atenção aos detalhes cotidianos passaram a fazer mais sentido do que esquemas fechados. Ele queria compreender a experiência por dentro, sentir junto, não apenas descrever de fora. Foi assim que foi se afastando das metodologias que prometiam neutralidade e precisão, e se aproximando daquelas que reconheciam o afeto, a escuta e a criação como parte do processo. A metodologia, para ele, não era mais um instrumento técnico, era uma escolha ética e estética.

Antes de qualquer pergunta, antes mesmo de pensar em técnicas ou instrumentos, o Pesquisador sabia que precisava estar presente. Ir a campo, para ele, era mais do que cumprir uma etapa metodológica, era um gesto ético de aproximação. Queria conhecer a localidade não com o olhar apressado de quem coleta dados, mas com a atenção de quem se permite ser atravessado pela paisagem, pelos modos de subsistência, pelas práticas culturais e pelos saberes cotidianos daquele território. Inspirava-se em autores como Brandão (1981), que já indicava que é preciso aprender com o povo e deixar-se afetar por aquilo que se revela no convívio. Também se apoiava na ideia de Geertz (1989), para quem uma descrição densa só é possível quando se compreende o emaranhado de significados

que sustentam a vida social. Assim, antes de escrever qualquer linha, o Pesquisador escolhera ouvir, caminhar, observar e habitar, porque só assim a escrita faria sentido.

Ao adentrar o território da escola, o Pesquisador sabia que não estava apenas diante de paredes, salas e quadros, mas de uma construção carregada de significados. Observar a estrutura física era também perceber as marcas do cuidado (ou da ausência dele), os improvisos que viram rotina, a resistência em cada cartaz colado com fita, em cada banco remendado. Mas, mais do que isso, queria compreender como aquelas pessoas, professores, estudantes, gestores, pensam e organizam o ensino. Como os tempos eram marcados, como os saberes eram partilhados, como a escola dialogava (ou não) com a vida no campo. Entendia que, na Educação do Campo, o “campo” que ele escolhera estudar, os processos educativos muitas vezes escapam aos modelos urbanos: ali, o ensinar e o aprender se trançam com a colheita, com as chuvas, com os saberes comunitários. Conhecer esse ambiente exigia mais do que observar: exigia escuta, presença e disposição para se deixar transformar por aquilo que encontrasse.

Mais do que um exercício de observação, esse gesto de escuta e imersão se ancorava em um entendimento mais amplo: o de que a escola do campo não pode ser lida a partir de modelos urbanos ou padronizados. Para o Pesquisador, fazia sentido o que dizia Caldart (2009), ao afirmar que a escola do campo deve ser pensada a partir do projeto educativo dos próprios sujeitos que vivem e produzem nesse território, um projeto que entrelaça cultura, trabalho, identidade e luta. Era preciso, portanto, enxergar a escola como extensão da comunidade, como parte viva das relações que ali se estabelecem. Do mesmo modo, a reflexão de Arroyo (2007) ecoava em sua escuta atenta: compreender a escola rural exige reconhecer a diversidade das formas de vida no campo e valorizar os saberes que ali circulam. Era esse o caminho que o Pesquisador buscava trilhar, não o de interpretar de fora, mas o de aprender com o dentro, com o vivido, com o compartilhado.

Ele sabia que sua jornada não terminava com aquela pesquisa de mestrado. Ao contrário, ali nascia um desejo mais profundo: o de atravessar as fronteiras da escrita acadêmica e explorar outras linguagens, outras formas de contar, de ensinar, de sentir o mundo. Sonhava com livros que dialogassem com a vida, que unissem a matemática às histórias, que mesclasse o rigor do número com o encantamento da palavra. Queria provocar nos estudantes o mesmo brilho nos olhos que teve quando descobriu que podia escrever de outro modo, com liberdade e sentido. Não bastava ensinar a resolver equações, era preciso também cultivar leitores, formar sujeitos capazes de ler o mundo e se lerem nele.

Percebia, cada vez mais, que ensinar matemática em um contexto campesino exigia sensibilidade e escuta. Que os conceitos precisavam dialogar com a terra, com o cotidiano, com as práticas locais. E que a leitura literária não era um luxo ou um enfeite, mas um direito, um caminho de ampliação de mundo. Ao entrelaçar disciplinas, o Pesquisador reafirmava aquilo que sentia desde o início: que somos seres culturais, que aprendemos pela relação, pela troca, pela imaginação. A sala de aula, então, tornava-se um espaço de criação, não apenas de conhecimento, mas de identidade, de pertencimento, de futuro.

Começar a ler é, muitas vezes, começar a ver. O Pesquisador ainda se lembra do dia em que as letras deixaram de ser um amontoado de sinais e se transformaram em janelas. Ler foi seu primeiro ato de liberdade, a primeira vez que sentiu que podia ir além da cerca, da rua estreita, da escola pequena. Descobriu que os livros não diziam apenas sobre outros lugares, mas sobre ele mesmo, sobre sua gente, sobre coisas que ele sentia, mas ainda não sabia nomear. Desde então, cada leitura era um passo em direção ao mundo, e o mundo, por sua vez, começava a caber dentro das palavras.

Foi nesse mesmo movimento que se construiu o professor: entre páginas e presenças, entre números e letras, entre chão e sonho. Ser professor, ele aprendeu, é também um ato de fé, não uma fé ingênua, mas aquela que Paulo Freire chamou de esperançar: “esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,

esperançar é construir, esperançar é não desistir” (Freire, 2000, p. 74). O Pesquisador carrega esse verbo no peito. Não basta olhar os estudantes e desejar um futuro melhor para eles. É preciso caminhar junto, provocar perguntas, abrir caminhos. Porque ensinar é, em última instância, acreditar no inacabado, e, mais do que isso, cultivar a coragem de continuar aprendendo com cada olhar que ainda não aprendeu a ler, mas já sonha.

O Pesquisador sabe que um dia partirá. Talvez seus passos não ecoem mais pelos corredores de cimento queimado, talvez seus olhos não reencontrem os mesmos rostos nas manhãs quentes de sala de aula. Mas o que ele semeia, com palavras, com gestos, com escuta, ficará. Porque ele não escreve apenas em páginas; escreve em pessoas. Seu esperançar se faz semente, lançada em solo fértil, nos corações daqueles que aprendem e que um dia ensinarão. Ele acredita que a educação continuará brotando nas brechas, nos encontros, nas histórias contadas ao pé da lousa ou sob a sombra de uma mangueira. E que, mesmo depois de sua partida, ainda haverá quem acredite. Porque a esperança é movimento, é travessia, e o futuro da educação se faz com aqueles que ousam caminhar mesmo sem garantias, mas com sentido.

E na pesquisa, ele espera que a caretece perca espaço para a coragem. Que mais pesquisadores possam se permitir escrever com o corpo inteiro, com emoção, memória, dúvida e desejo. Que a pesquisa em educação continue abrindo frestas, desenhando caminhos menos engessados e mais vivos, onde caibam contos, desenhos, silêncios e canções. O Pesquisador sonha com uma ciência que não tema o sensível e que, ao narrar o mundo, ajude também a reinventá-lo. Afinal, pensar diferente é também uma forma de esperançar.

Assim, ele compreende que sua escrita, seu ensino e sua pesquisa não se separam da vida que pulsa ao seu redor. Ao escolher narrar-se em forma de conto, atravessado pelas paisagens do campo e pelas vozes que encontra no caminho, ele afirma um modo de existir que não cabe nas margens estreitas do que se convencionou chamar de “acadêmico”. Ao invés disso, opta por

trilhar veredas que respeitam o sensível, o simbólico, o múltiplo, pois sabe que é justamente aí que nascem os outros possíveis para pensar a Educação. E se o futuro ainda carrega incertezas, ele já sabe por onde seguir: pelas palavras que despertam, pelos saberes que se encontram e pela fé de que educar, no campo ou na cidade, é sempre um ato de criação partilhada.

E se a pesquisa fosse, antes de tudo, um conto que se conta a si mesmo?

## Referências

ARROYO, M. Políticas de formação de educadores(as) do campo. *Cadernos Cedes*, v. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jL4tKcDNvCggFcg6sLYJhwG/?format=pdf&utm\\_source=chatgpt.com](https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jL4tKcDNvCggFcg6sLYJhwG/?format=pdf&utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 6 maio 2025.

BRANDÃO, C. R. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar. 2009.

CÂNDIDO, J, M, O, et al. *A descoberta dos gêneros textuais: um relato de experiência numa escola pública estadual*. In: Congresso internacional de educação interdisciplinar (CINTEDI), 1., 2014, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8326>. Acesso em: 06 maio 2025.

FERRARI, K. P. G.; SAVENHAGO, S. D.; TREVISOL, M. T. C. A contribuição da ludicidade na aprendizagem e no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. *Unesco & Ciência - ACHS*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 15-22, 2014. Disponível em: <https://>

periodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/4560. Acesso em: 28 abr. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MORAES, M.; TSALLIS, A. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Revista Polis e Psique*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 39–50, 2016. DOI: 10.22456/2238-152X.61380. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61380>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SILVA, L, M, F. *A importância do lazer e da ludicidade na fase adulta: proposta de programa de lazer e ludicidade para mulheres*. 2010. 57f. – TCC (Monografia) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Centro de Treinamento e Desenvolvimento, Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior, Fortaleza (CE), 2010.

STREET, B. Dimensões escondidas na escrita de artigos acadêmicos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 02, p. 541-567, dez. 2010. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-54732010000200011&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-54732010000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 abr. 2025.

**Notas de uma pesquisa que não se separa da vida:  
escrevendo a formação docente atravessada pelo  
bordado manual**

Vitor Gabriel Moura Firmino da Silva

E eu escrevo  
Escrevo porque gosto  
Escrevo porque sinto  
Escrevo porque a hora passa  
Escrevo porque me eternizo

Escrevo como o pássaro que regozija  
Escrevo como a criança que grita  
Escrevo como quem agoniza em pratos por uma vida sofrida



Como quem borda, vou entrelaçando as palavras,  
Compondo as meadas de um pensamento em devir  
Expandindo os conceitos, trazendo comigo os preceitos  
De quem primeiro me ensinou o que é sentir

Pesquisa,  
    Que se faz vida  
Pesquisa,  
    Que se faz viva





A educação e a pesquisa acontecem com o corpo inteiro. Como nos provoca Rolnik (2006), é preciso ativar em nós o **corpo vibrátil**,

aquele que sente o mundo e se afeta por ele, que não apenas representa, mas é atravessado por forças que o movem e o transformam. Esse corpo, diferente do corpo orgânico ou funcional, é um corpo-sensível, aberto às intensidades do mundo, um corpo que escuta com a pele, que aprende por contágio, por afeto, por deslocamento.

É nesse corpo que vibra que se inscrevem os fios das experiências que com o compartilhamento de territórios existenciais. Sendo assim, esta pesquisa-bordado não se separa da minha vida porque nasceu da tessitura entre práticas vividas e saberes sentidos ao logo de experiências e encontros que tive com o bordado manualde Passira-PE intermediados, na maioria das vezes, por minha mãe e avó.

Lembro-me de diversos momentos em que minha mãe e avó estavam bordando, sentadas na calçada, em frente a nossa casa, com a luz do sol no final da tarde iluminando seus gestos precisos e repetidos. Enquanto elas trabalhavam, eu, na maioria das vezes, me aventurava do lado de fora, na rua, brincando com meus amigos. Esses momentos de brincadeira eram especialmente marcantes porque dentro de casa eu não tinha a companhia de outras crianças. A rua, então, tornava-se meu espaço de descoberta, movimento e risadas, enquanto a calçada era o espaço de criação e concentração delas.

Recordo-me ainda da tranquilidade daquele cenário, de como minha mãe e avó pareciam estar em outro mundo enquanto bordavam, como se cada ponto carregasse não apenas a beleza de uma flor ou de um botão de rosa, mas também as marcas e o peso de sua responsabilidade e do cuidado com nossa família.

Suas políticas de cuidado e afetome conduzem para um caminho onde a pesquisa em educação não se deixa resumir ao simples ato de investigação de um objeto, mas se trata também de deixar-se afetar por ele, de ser atravessado por gestos que ensinam, mesmo que sem pretensão, por linhas que desenham sentidos outros e me fazem pensar em outros sentidos e possibilidades para a formação docente.

Nesse sentido, a *escrevivência* que aqui se anuncia não é um gesto técnico, mas um exercício vital; um exercício de liberdade, pois trata efetivamente de um movimento sobre nós mesmos, no sentido não só de produzir desvios diante dos formatos vigentes (muitas vezes sufocantes), mas também de liberdade e de estilização da nossa própria existência.

Assim, procuro escrever como quem borda, outras vezes procuro escrever bordando... entrelaçando memórias, saberes e afetos, como mostra a fotografia ao lado.

Decidi chamar esses momentos de *bordâncias*. São tempos em que me lancei ao bordado como forma de existência e criação. As bordâncias, muitas vezes, não obedeciam ao relógio cronológico da produtividade, mas ao tempo espiralado do sentir.

Confesso que esses momentos me convidaram a desacelerar da cobrança acadêmica que pedia de mim, naquela altura, uma agilidade que não era compatível com o movimento de pesquisa que eu experienciava e aquilo estava me tirando o sono. Esses exercícios, indicados e incentivados pela minha orientadora a professora Carla Acioli, a quem tenho muito respeito e admiração, me ensinaram a desacelerar um pouco e a perceber que o próprio pensamento precisa se assentar ao tecido das ideias, sutilmente, muitas vezes, acontecia entre silêncio, nos erros, na dúvida... nos desalinhos da pesquisa.

O compartilhamento existencial de um território atravessado pelos signos e poéticas do bordado manual, em sua multiplicidade, ajudaram a bordar essa pesquisa com uma agulha que não perfura e faz emergir possibilidades de invenções de outros sentidos para a formação docente enredados tramas dançantes do/no com o cotidiano<sup>1</sup>. É assim que procuro pensar a formação docente: não

---

<sup>1</sup> Ferraço (2003, p.160-161) afirma que, ao pesquisarmos “com” o cotidiano, “chegamos, às vezes, a nos confundir com ele, no lugar dos estudos ‘sobre’, de fato, acontecem os estudos ‘com’ os cotidianos... Então... somos nosso próprio tema de investigação”.

como um currículo fixo ou um roteiro linear, mas como um tecido em constante movimentação coletiva.



Foi pensando assim que aconteceram os encontros com professores e professora de Passira que aceitaram bordar comigo

(literalmente e metaforicamente) na pesquisa algumas problematizações em torno da formação docente e a possibilidade de deslocarmos nosso olhar para uma formação inventiva, rizomática, que denomino de trama-formação (Firmino, 2024).

Reunidos em movimentos escuta e criação, deixamos que o bordado nos conduzisse. Não chegávamos para esses encontros com algum roteiro, mas com panos, linhas e agulhas. Propúnhamos o gesto do bordar como um disparador para conversas sobre ser e estar e se perceber na docência. E aos poucos, os pontos tecidos com as mãos abriam espaço para palavras que, talvez, não emergissem em contextos mais formais.

A cada encontro, as bordâncias coletivas criavam frestas no modo como compreendíamos a formação. Bordar nos ajudava a suspender o ritmo acelerado da escola, a desafiar o produtivismo que atravessa as políticas educacionais, a dar lugar à escuta do que pulsa nos silêncios. A estética do bordado, com seus fios soltos, seus erros visíveis, seus avessos revelados nos ensinavam a valorizar o acaso o que escapa à normatividade.

Esses momentos de criação nos deslocavam. A própria materialidade do bordado ampliava nosso olhar para os modos de ser professor. Já não se tratava apenas de discutir teorias ou práticas somente, mas de nos permitir afetar pelos gestos sutis que o bordado convocava.

Alguns professores disseram que nunca tinham bordado antes, mas que, ao bordar suas primeiras linhas, sentiam-se, de alguma maneira, mais conectados com suas histórias, pois muitas delas eram permeadas pelos gestos do bordado e com os outros e com o tempo da vida.

Isso se escancara quando a Professora Merina <sup>2</sup>diz: *“Eu nunca tinha bordado assim, junto com outras pessoas, enquanto pensava sobre*

---

<sup>2</sup> O nome “*Professora Merina*” é fictício. Foi utilizado com o intuito de preservar a identidade da participante da pesquisa, sem a intenção de representá-la, mas de acompanhar os movimentos de sua narrativa.

*minha profissão e caminhos possíveis. É algo tão simples, mas tem me feito olhar de maneira diferente para coisas que antes eu nem percebia”.*



Logo depois a Professora Merina sugere que a rotina da docência, muitas vezes atravessada por exigências burocráticas e padrões rígidos, pode desconsiderar aspectos mais sutis da experiência educativa. Numa direção desviante, o bordado, ao interromper esse fluxo habitual, atua como uma experimentação do pensamento, abrindo espaços para novas formas de atenção e reflexão.

O bordado, uma prática cotidiana presente na vida de quem habita a cidade de Passira, aponta para a força dos atos cotidianos que desestabilizam a lógica institucional e permitem a criação de novas práticas pedagógicas, orientadas pelas necessidades reais do contexto escolar.

Ao mobilizar os afetos e os encontros nos processos de ensino e aprendizagem, o bordado possibilitou que os educadores percebessem a importância de considerar a formação docente como uma trama que é constantemente (re)tecida, onde os cotidianos inventados e os saberes sensíveis se movimentam e influenciam o processo de formar e ser formado.

Assim que o bordado se fez linguagem da pesquisa e da formação. Uma linguagem que nos convidava a experimentar outros modos de conhecer, outros modos de estar juntos. Nos encontros, não bordávamos para representar algo, mas para acompanhar os movimentos do sentir-pensar-fazer docente. O que nascia ali não era uma obra pronta, mas um processo: um tecido em expansão, feito de afetos, tensões e possibilidades.

## Referências

FERRAÇO, C. E. *Eu, caçador de mim*. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157–175.

FIRMINO, V. G. *A trama-formação na invenção de outros modos de sentir-pensar a docência: construções coletivas que se entrelaçam no bordado manual de Passira-PE*. 2024. 112 f. **Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea)** – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2024.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.



## **A Escrita como Instrumento de Resistência dos Povos Indígenas: eu sou, porque nós somos**

Wyne Nogueira de Souza

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (Larrosa, 2002, p.25-26).

Assim como as águas dos rios que correm livres seguindo seu curso, bem como, as árvores que se põem a balançar livremente com o tocar dos ventos, a experiência com a pesquisa na área de educação, de modo especial, no contexto da Educação Escolar Indígena foi conduzida-sentida pela força que emana dos Encantos de Luz<sup>1</sup>, embora não possa ser vista pelo campo do visível, pode fazer vibrar os corpos que se deixam tocar pela sensação de aprender com a sabedoria advinda dos(as) antepassados(as), saber esse, que inspirou e impulsionou o nosso devir<sup>2</sup> pesquisa com os(as) sujeitos(as) que tecem sua ação docente na relação com o território sagrado Xukuru do Ororubá<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Os Encantados de luz são seres espirituais que habitam o terreno do Sagrado, isto é, são os antepassados que tomaram ou se ancestralizaram na luta e que continuam emanando força e coragem para que a luta não pare.

<sup>2</sup> “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar” (Deleuze, 1998, p.10).

<sup>3</sup> O povo Xukuru está localizado na Serra do Ororubá, entre os municípios de Pesqueira e Poção/PE, microrregião do Vale do Ipojuca, no Agreste, a 215 km da capital pernambucana, sendo geograficamente organizado em três regiões distintas: Serra, Agreste e Ribeira. A população é de aproximadamente 12.000

Optamos por uma escrita que se fez/faz potência na medida em que deu/dar voz a todos(as) aqueles(as) que no processo histórico de invasão dos territórios originários foram vítimas das mais diversas violências materiais e simbólicas perpetradas pelos brancos colonizadores. Por essa razão, o modo como as histórias são reproduzidas nas inúmeras instâncias da sociedade contribuem com a reatualização do racismo estrutural, manifestado de variadas maneiras, inclusive com anegação da existência contemporânea dos povos originários, ao conferir a sua presença a um passado distante.

Ocupar os espaços da universidade, que por muito tempo negou a presença indígena, fez-nos constatar os modos de invalidação dos conhecimentos tradicionais pelos métodos cartesianos de enquadramento epistemológico, o que nos impulsionou a (re)contar e imprimir o papel os enredos que tratam das lutas e resistências dos meus antepassados, dos mais velhos(as) das nossas comunidades e que estão empermanente entrelaçamento com a minha história de vida, escrever também é resistir!

Nesse sentido, pensar a educação do povo Xukuru exigiu a mobilização dos sentimentos que me atravessam, uma vez que a formação política e crítica que tenho obtido parte do enraizamento no solo sagrado Xukuru, mas, como a ideia de educação rizomática, proposta por Gilles Deleuze, entrelaça-se e se retroalimenta dos saberes que germinam dos territórios dos povos indígenas de Pernambuco, rompendo com a lógica hierárquica do conhecimento, que concede a um local geográfico e/ou um grupo social específico a patente sobre uma episteme que se autodenomina universal. Uma educação rizomática, por sua vez, abre-se para a “multiplicidade, para uma realidade fragmentada e múltipla, sem a necessidade mítica de recuperar uma ligação, uma unidade perdida. Os campos de saberes são (...) absolutamente abertos; com horizontes, mas sem fronteiras, permitindo trânsitos inusitados e insuspeitados” (Gallo, 2003, p. 95).

---

indígenas distribuídos em 24 aldeias, tendo cada comunidade uma liderança que a representa.

Transbordada e atravessada, por afetos, sabores e dissabores que tocam diretamente minha existência enquanto indígena pesquisadora, detentora de um corpo-território marcado pelas violências coloniais impostas às minhas ancestrais, que assumi no âmbito da universidade o lugar da desobediência epistêmica, “ou seja, a oferta do pensamento descolonial como a opção dada pelas comunidades que foram privadas de suas ‘almas’ e que revelam ao seu modo de pensar e de saber” (Mignolo, 2008, p. 323) possibilidades *outras* de ver o mundo e de atuar para a sua transformação. Nesse contexto, propomo-nos a experienciar uma pesquisa comprometida com a realidade sócio-política dos povos indígenas, que ao lançar mão da compreensão desse lugar como espaço potente de denúncia das heranças colonizadoras, também busca anunciar um mundo possível em que as minorias sociais sejam vozes ecoantes e atuantes na condução dos seus projetos de sociedade.

Durante o processo de vivenciada pesquisa e da escrita uma canção me tocou profundamente, embalada por Sued Nunes, mulher negra, que compartilha comigo, mesmo que em lugares diferentes, as feridas coloniais que nos unem no combate às mazelas promovidas pelo racismo estrutural que se arrasta, na tentativa de anular nossos pertencimentos étnicos. A música “Povoada” – que nos remete à compreensão de que não só a terra é povoada, mas nós também somos terra que povoa – me inspirou a pensar a minha história pessoal, familiar e étnica, uma vez que ela trata de entoar “povoada, quem falou que eu ando só? Nessa terra, nesse chão de meu Deus, sou uma, mas não sou só! Povoada, quem falou que eu ando só? Tenho em mim mais de muitos, sou uma, mas não sou só!”.

Dei-me conta de que meu existir só é possível porque outras e outros vieram antes de mim e prepararam o terreno para que com elas(es) e suas memórias eu pudesse coexistir. Então, convicta de que a história não se desenha sozinha, mas que é alinhavada por várias mãos, as quais assumem a condução de processos que lhes garantem a contação e a escrita de uma história que na luta por

justiça, torne-se justa, que entendemos que todos(as) da comunidade estiveram enquanto autores e atores ativos na produção do trabalho de pesquisa.

Porter participado da história de enfrentamentos e (re)existências do povo Xukuru desde a década de 1990, dedicamos um capítulo da dissertação para a produção de uma narrativa que se aproximasse a uma autoetnografia, ao levar em consideração que a minha história pessoal está inteiramente imbricada com os fenômenos documentados sobre a história de vida do meu povo, uma história a partir da ótica de uma experiência pessoal, com a tradução de vivências circunscritas nos âmbitos social e cultural, que pudessem revelar realidades de uma dimensão macrosocial. A minha escrita é fruto de sentimentos e de reflexões coletivas, e ao compartilharmos os espaços de luta também compartilhamos os anseios por uma vida que, despida das imposições coloniais, seja reflexo de libertação. Como descrito por Santos (2017, p. 221, grifo nosso),

a autoetnografia é um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.

Portanto, inspirados na filosofia de vida Xukuru — que compreende a terra como lugar de morada da ancestralidade e dela são germinados os frutos da memória que guardam as marcas das lutas pela vida em liberdade, assim como pela conquista coletivas riquezas que a Mãe Terra concede como gesto de generosidade aos seus filhos(as) para que dela possa ser nutrido o corpo e também o espírito — que acreditamos que o conhecimento se constrói coletivamente, não de forma hierarquizada como nos propõe a perspectiva de educação eurocentrada, a qual trata o conhecimento

como uma produção que emerge unicamente do Norte global e, por essa razão, marginaliza os saberes *outros*. Assim, buscamos apontar para uma relação horizontal, dialógica, a qual propõe uma permanente interação entre as ciências que se manifestam nos diversos contextos sociais, políticos e culturais, de modo a promover a construção de uma ecologia de saberes (Santos, 2009).

Filiamo-nos a um tipo de pesquisa que considera os distintos espaços, tempos e sujeitos territoriais como elementos fundantes para a tessitura de uma educação que se pretende fortalecedora da identidade étnica e dos costumes tradicionais, ao romper com a exclusividade relegada a instituição escolar comotransmissora dos conhecimentos historicamente acumulados pela Europa em detrimento das sabedorias dos mais velhos(as), ao (re)afirmar os modos próprios como são inteligibilizados os saberes e fazeres do povo Xukuru, bem como, a sua materialização através da prática exercida pelo(as) professores(as) frente à realidade circundante.

Assim, ao termos consciência do intenso e massacrante processo colonialista contra os povos indígenas, o qual invadiu física e simbolicamente os seus espaços de produção de vida, os seus saberes e suas formas de usufruto coletivo da terra, que obtivemos como foco de estudo as tensões epistêmico-didático-pedagógicas na prática docente Xukuru, a partir das suas relações entre a colonialidade e a decolonialidade. A educação escolar, embora antes utilizada como instrumento a serviço do apagamento e silenciamento das culturas e modos *outros* de ser, encontrou por meio da luta indígena organizada, a partir da década de 1970 um novo rumo frente a materialização de uma Educação Escolar Indígena como mecanismo de enfrentamento às mazelas produzidas com a invasão e, com isso, de estabelecimento de um outro olhar no que se refere a elaboração dos seus processos próprios de ensino e aprendizagem.

Foi, então, enquanto fruto da Educação Escolar do povo Xukuru e posteriormente enquanto professora que percebi à luz das discussões teóricas promovidas pelos intercessores(as) do Pensamento Decolonial, a exemplo (Mignolo, 2008, p. 305), quando

nos diz que “precisamos desatar o nó, aprender a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo”, que problematizamos como necessárias as reflexões e conseqüentes reverberações nos diferentes contextos das aldeias, por meio da ótica da prática docente e de como tem sido construída. A ação docente é percebida como capaz de gerar impactos na formação dos(as) guerreiros(as) Xukuru, uma vez que o PPP das escolas do povo traz em seu texto a elucidação quanto ao papel da sua formação, quando afirma que “dessa forma, estaremos formando guerreiros e guerreiras que lutam pela terra, pelos direitos, participam ativamente da vida político-social do povo, valorizam o ritual e as festas, fazendo com que o projeto de vida Xukuru se torne sólido e garantido”(Xukuru, 2005, p.13).

Nessa caminhada, com o relato dos(as) professores(as), percebemos que a prática docente é componente basilar no que concerne potencializar o elo entre os saberes que emergem da comunidade com aqueles que advêm da base curricular, isto posto, via-se a perspectiva de uma formação holística, que pudesse formar os sujeitos(as) para viver em confluência com as diversas formas de ver e atuar no mundo. Uma educação que ao partir das raízes que nascem no chão da sua realidade se revigora com as lutas e saberes de outros povos e grupos sociais, por acreditar na possibilidade de rompimento com as bases de um pensamento que se impõe hegemônico.

Traduzir, por meio do olhar dos mais velhos(as), da Natureza Sagrada, da Força Encantada, da comunidade e dos professores(as), as significações dadas por eles(as) a prática docente, produziu não apenas a conceitualização do termo, mas a compreensão da dimensão e da responsabilidade que os(as) professores(as) carregam ao assumirem o lugar de formadores(as) críticos(as), sobretudo das gerações mais novas que têm surgido nas aldeias. Assim, por meio da escuta atenta aprendemos sobre as percepções que esses assumem no campo inteligível frente as noções próprias de povo, escola, professor(a) e conhecimento.

Por conseguinte, com o avançar do trabalho e o lapidar do olhar, vimos que o conceito de povo/aldeia é traduzido pela ideia de lugar enquanto espaço sagrado de morada da ancestralidade, onde as matas, as pedras, as águas, os animais, as pessoas e os seres espirituais coabitam formando uma integralidade, a terra é cultivada por meio da agricultura do encantamento que tem por objetivo o sustento, a subsistência da matéria, isto é, do corpo através da composição com o espírito e com a espiritualidade. A natureza que reveste o território permite a leitura do tempo, das fases da lua, do plantio, da colheita, da caça, da pesca, dos festejos e da tradição, é capaz de anunciar um ano bom ou um ano de intensas dificuldades, o que contribui para buscar coletivamente as estratégias de superação.

Fotografia da aldeia Pé de Serra dos Nogueiras



Fonte: A autora (2023)

Já a escola é o ambiente cujo papel se concentra na formação integral do sujeito(a) para a vida em comunidade, significa dizer que o ensino estará voltado para fortalecimento da identidade

étnica, por meio da valorização dos costumes, crenças e tradições, materializa-se como espaço físico, mas rompe com essa representação e avança no sentido de considerar os terreiros de toré<sup>4</sup>, os roçados, os rios, as serras, as rodas de contação de histórias como uma extensão do entendimento do que se instaura sobre a cultura indígena como instituição escolar. Assim, percebe-se que Educação Indígena e Educação Escolar Indígenas são partes de um entrecruzamento, onde escola e comunidade constituem um todo harmônico capaz de conduzir os(as) estudantes a apropriação e reafirmação de sua identidade. Baniwa (2006, p. 129) destaca que

A educação escolar indígena refere-se à escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global.

Abaixo visualizamos a representação imagética das escolas nas aldeias do povo Xukuru, que embora reproduza através do prédio a estrutura física que determina o Estado, os modos de utilização do espaço confrontam a lógica homogeneizante de produção, sistematização e transmissão do conhecimento.

---

<sup>4</sup> O toré é uma dança circular, realizada pelo povo Xukuru, em que todos(as) do povo coletivamente se unem, com muito respeito, em uma grande circunferência, para compartilhar as aspirações e entoar os cânticos que evocam a presença e a força do Encantamento. Assim, o “Toré é uma crença de origem muito especial, que faz o povo indígena acreditar que estamos mais próximos do nosso pai Tupã” (Xukuru, 1997, p. 41).

Fotografia da Escola Indígena Memby



Fonte: A autora (2023)

Os professores(as) são agentes que atuam como interlocutores entre os estudantes e os saberes, vale salientar que todos(as) agem como sujeitos(as) na produção do conhecimento, nesse sentido, constantemente os papéis são invertidos, trocados, subvertidos a fim de gerar aprendizagens significativas que tenham como foco a reafirmação das suas histórias de (re)existências. Nesse caso, o professor(a), apesar de uma formação inicial enrijecida, cuja matriz curricular não possibilitou a relação dialógica entre as distintas epistemologias, enfrenta os ditames coloniais na tensão que faz quando introduz os saberes territoriais, identitários, ancestrais, ambientais e comunitários que circundam os seus contextos de vida.

São os diferentes agentes da escola que dão significações *outras* para essa instituição, pois ao estarem escola e comunidade imbricadas, as práticas que são específicas da comunidade passam a ser marca registrada nos corredores e nos espaços coletivos da escola, por sua vez, a função que cabe a ideia concebida de escola passa a ser assumida também pela comunidade que entende que é

responsabilidade de todos contribuir para o desenvolvimento de um ensino que dê continuidade ao projeto de povo e de sociedade que se pretende consolidar.

Fotografia da Dança do Toré no Pátio da Escola



Fonte: A autora (2023)

Os tipos de conhecimento que ganham forma na escola podem ser nomeados como tradicionais, ou seja, aqueles que estão diretamente relacionados as histórias e vivências do povo, mas que se somam a outros pertencimentos ao tratarem de etnias racializadas e contextos sócio-culturais diversos, a exemplo dos negros(as), quilombolas, ciganos(as), ribeirinhos(as), de modo que as relações étnico-raciais sejam estruturantes na promoção de uma educação intercultural, como dialoga(Walsh, 2007, p. 34), ao tratar da interculturalidade como“(…) proyecto-compromiso político, ético y epistémico, que buscan armar fuerzas decoloniales aliadas y que se dirigen hacia la construcción y movilización de poderes, seres, saberes, sociedades y mundos muy distintos”. Ainda assim, os conhecimentos europeus também são tratados, visto que o contato impôs a necessidade de conhecer as formas europeias de contação da história, para lutar contra elas através da ocupação de

papeis determinantes na sociedade, para que seja possível a reposição dos sujeitos(as) nas narrativas da história.

O sentir a pesquisa também nos apontou as heranças coloniais ainda latentes nas práticas docentes, discentes, comunitárias, escolares e curriculares, como construtos da modernidade que se solidificaram com o colonialismo/colonialidade e ainda imperam sobre as escolas e os territórios, gerando permanentes tensionamentos entre a educação que se pretende específica, diferenciada e intercultural, com o modelo de educação “branca”, universal e colonial.

Contudo, as experiências tecidas com os(as) sujeitos(as) Xukuru nos conduziram a compreensão de que a tomada de consciência do lugar de opressão e subalternização relegados com os massacres coloniais e que permanecem engendrados nos saberes e fazeres docentes é o primeiro grande passo para a materialização da transformação das realidades que ainda se encontram amarradas nas colonialidades, haja visto que, os processos educativos são encarados pelo povo como o caminho para a continuidade e fortalecimento da cultura e identidade étnica.

## Referências

BANIWA, Gersen dos Santos Luciano. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília/DF, Novembro de 2006. ISBN 978-85-60731-16-9.

DELEUZE, Gilles e PARNET, CLAIRE. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistemica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). Libro: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires/Argentina. setembro 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra/Pt: Almedina, 2009.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da Autoetnografia na Pesquisa Sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, Colonialidad y Educación. *Revista Educación y Pedagogía*, vol. XIX, núm. 48, mayo-agosto de 2007.

XUKURU. *Projeto Político Pedagógico das Escolas*. Plantando a Memória do Nosso Povo e colhendo os frutos da nossa Luta. Lideranças e Professoras e professores Xukuru. Assessoria: Centro de Cultura Luiz Freire. Povo Xukuru do Ororubá, 2005.

XUKURU. *Xukuru filhos da mãe natureza: uma história de resistência e luta*. Eliene Amorim de Almeida (Org.). Autoria Lideranças e Professoras e professores Xukuru. Assessoria: Centro de Cultura Luiz Freire. Povo Xukuru do Ororubá, Olinda, Novembro de 1997.

## O pensar-fazer educação pela arte

Gabriela Cipriano Guerra

A cartografia mudou a forma de me perceber no mundo. Ela me auxiliou a entender como me coloco dentro do mundo, auxiliou a entender como o interpreto, como me relaciono e como gosto de criar possibilidades para o mundo. Não que eu já não possuísse esses artifícios antes, mas, eles não eram legitimados, não eram reconhecidos, pois fui adaptada a pensar, a raciocinar, a sentir, a escrever, a pesquisar de forma mais técnica, burocrática, quadrada.

A cartografia (Passos, Kastrup, Escóssia, 2009) como prática se torna movimento-vivência que revela novos territórios existenciais, isso impacta diretamente no meu corpo pesquisante, no meu corpo atuante que busca elaborar e sintetizar saberes culturais, mais ainda, no meu corpo brincante que visa compartilhar e vivenciar memórias do meu povo agreste. Sou brincante e pesquisante de reisado e é essa a história de amor que será retratada aqui.

Cartografia é condução. A cartografia (Passos, Kastrup, Escóssia, 2009), propõe ser uma prática de um plano coletivo de forças em variação. É necessário vivenciar a experiência não com referências interpretativas e imposições, por isso a construção dentro do coletivo, dentro do acompanhamento diário e próximo aos saberes que deseja compreender. Ao fazer parte do grupo de Reisado Sementes de Luz eu entendo a necessidade e urgência da transmissão dos seus saberes, a necessidade do resgate de uma tradição rica e que modifica a completude de um ser. Entendo a necessidade de proteger a tradição e a ancestralidade, compreendo que é preciso preservar a memória e as lições de vida para a constituição do coletivo cultural, esse é um movimento de educação sem limites.

Assim cartografar apresenta-se como um movimento de transformação de vidas. Eis então o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, a conexão de redes, que se dá a quem experimenta e propõe encontros para tais acontecimentos. O caminho cartográfico propõe movimentos de territorialização, desterritorialização, assim resgata territórios culturais esquecidos, e busca-se construí-los através dos seus próprios saberes. (Rolnik, 2011). Caminhar pela cartografia, é a possibilidade de aprofundar-se na percepção das coisas pela experiência do deixar vir e ouvir o outro, trazendo este processo para a arte e a educação de maneira poética. Minha pesquisa do mestrado e agora proposta de vida, pretende trazer os movimentos capturados pelos protagonistas na vivência das manifestações do reisado, tanto em oficinas realizadas pelo grupo, quanto em projetos desenvolvidos por ele, tanto nas suas apresentações ou nas salas de aula quando forem convidados.

Os saberes do meu grupo de reisado vem se revelando e se aprimorando a cada vivência, a cada apresentação, a cada encontro com públicos diversos e sedentos por nos verem, geralmente são públicos de zonas rurais, de sítios, onde costumavam acontecer essas apresentações no passado. Por isso é tão importante para o nosso grupo estar atento e vivenciar esses processos, por isso estou tão atenta a registrar e coletar, por isso estou tão atenta a transmitir esses saberes nas salas de aulas em que eu adentrar. Nesse processo de escrivência, os saberes do indivíduo e do coletivo já fazem parte de uma coisa só, se tornam uno, estão aqui, só esperando serem transmitidos através dos corpos que vibram.

Em meio a tantas complexidades acerca do processo de ensino-aprendizado como adotar uma abordagem ou mecanismo que eleve e estimule uma boa assimilação de aprendizagem? Uma assimilação que despreza a dor, os sacrifícios, a pressão. É possível uma assimilação de aprendizagem humana através do prazer? O que o ensino da arte-educação nos tem a dizer?

Cá estou eu, vivendo e contando, uma experiência riquíssima e lindíssima dentro do programa de mestrado em educação contemporânea na Universidade Federal de Pernambuco no

campus do Agreste. Tudo começa com o meu desejo de registrar e salvaguardar os saberes e memórias dos grupos de reisado que existiam aqui em Caruaru-PE, minha cidade atual. O reisado é uma manifestação cultural, é um coletivo de pessoas que brincam, tocam, dançam. Através dos seus corpos festejam a cultura popular, celebram a fé popular. É um espetáculo da cultura popular, pois é um misto de expressão de teatro, música, dança, poesia que são elementos da arte, revela-se enquanto uma brincadeira que tem uma origem muito antiga.

No passado, existiam vários grupos de reisados que moldaram e construíram a história desse povo agreste, hoje essa tradição vem se perdendo, seus saberes ficaram guardados com seus antepassados. No entanto, acompanho o trabalho de um profissional arte-educador, que é também mestre de reisado aqui em Caruaru-PE, esse grupo de reisado é o Reisado Sementes de Luz, o qual eu faço parte. Ele vem se amadurecendo e incorporando saberes e estudos através de trocas com outros reisados da região do agreste pernambucano.

O profissional arte-educador aplica como metodologia na sala de aula com crianças o brinquedo popular que é o reisado, seus passos, seus ritmos, suas cores, sua magia e tradição. Esse trabalho, como era de se esperar, foi deixando resultados surpreendentes.

Nas crianças foi despertado o desejo de buscarem sua ancestralidade, a terem conhecimentos sobre as vivências dos seus antepassados, começaram a ter outras relações com a didática de ensino, passaram a levar os saberes aprendidos dentro da sala de aula para suas casas e ainda sensibilizaram seus pais nessa busca e nesse contato com a história dos seus antepassados. Relembrar essa memória faz parte da constituição e formação do ser individual, eleva seus pensamentos e sentidos.

Ao me dar conta desse trabalho gigante, eu só queria acompanhar de perto e fazer parte dessa grandiosidade, registrar, mostrar para o mundo possibilidades de ensino-aprendizagem através do coletivo, através, de tradições, através de afetos. Por fazer parte do grupo de reisado eu já tinha noção da sua

grandiosidade, mas ao me deparar com o brinquedo como metodologia me abriu portas que até hoje tem me impressionado.

Comecei a cursar o mestrado em 2025 pesquisando o reisado, dentro da perspectiva de compreender os saberes do reisado, quando consideradas as experiências individuais e coletivas adquiridas em convivências com outros grupos de reisado em Pernambuco. Além disso, buscava evidenciar a representação social do reisado enquanto movimento popular e educador, e refletir sobre o lugar das memórias, das sensibilidades e dos imaginários individuais e coletivos no processo de incorporação das práticas educativas estético-culturais do reisado.

Iniciei as disciplinas do programa e já me deparo com leituras e abordagens metodológicas mais humanitárias, com abordagens sensíveis, plurais. Me deparo com uma turma diversa, cheia de indivíduos particulares, mas todos com o sonho de transformar o mundo através da educação. Eu que vim da formação em Direito, ambiente mais burocrático, técnico, enrijecido, jamais imaginaria que poderia existir um campo mais flexível, sensível e humano de se pensar e de fazer pesquisa. Jamais imaginaria ser possível escrever teses e dissertações através do coração, só conhecia a escrita fechada, quadrada, racional e técnica do direito. E escrever com o coração e pelo coração, escrever através dos sentidos do corpo, pelas vibrações do corpo é o que me faz ser quem eu sou hoje. Encontrar no programa de pós-graduação um lugar para desaguar saberes através da escrita sensível foi a maior riqueza, produzir e construir saberes sensíveis tem sido minha maior realização.

Uma disciplina específica nos tocou desde do início, foi a “Tópicos Atuais em Educação I – Clichê, caos e arte: diferença e resistência com os cotidianos”. Digo desde do início porque ela foi aquela disciplina que nos tirou o sono, testou a nossa paciência, arriscou o jeito de trabalhar em grupo, desafiou a nossa forma de pensar. Essa disciplina abriu brechas, rios, cavou desvios, dúvidas, muitas dúvidas, tudo isso só em encontros online. Eis que passamos uma semana imersos de forma presencial, depois das leituras propostas pelo professor era a hora do debate e de

apresentarmos nossas atividades avaliativas, as nossas performances artísticas, aquela que nos tirou o sono, nos causou inúmeras dúvidas e conflitos em grupos. No entanto, o resultado foi bem diferente do caminho, a sensibilidade, os discursões e o planejamento do professor já tinha sido bem articulado e planejado, ele sabia o que estava fazendo. Só não sabia que iria se surpreender com seus alunos.

Através da arte, através da sensibilidade o professor nos ensinou que é possível pensar e fazer educação através dos afetos, fugir das resistências dos cotidianos que nos sugam, que nos aprisionam, nos tensionam. Através da arte, de signos artístico ele nos ensinou que é possível usar o caos para combater os clichês que nos aprisionam. Todos que vivenciaram aqueles dias foram tomados por uma grande emoção. Foram encontros pessoais, passeios ao passado, curas antigas, foi esperança e possibilidades para o presente e futuro.

Além das disciplinas, já iniciei meu estágio de docência. O estágio, era uma fase temida por mim, existia muitos medos, inseguranças, receios. No entanto, a certeza do que eu venho construindo e caminhando, somado a segurança e os sinais que o programa de mestrado em educação contemporânea passa pra mim me impulsionaram a seguir de cabeça erguida. Meu orientador do mestrado é professor do curso de Design da disciplina de Estética e plástica, por isso fui desenvolver o meu estágio junto com essa turma. É uma turma interativa, participativa, diante as dificuldades por falta de interesse dos alunos que já observei em outras turmas anteriormente.

O estágio tem sido prazeroso por isso, por conta dessas trocas, porque estou aprendendo em lugar bem diferente da minha área de formação inicial, mas tem sido prazeroso principalmente por perceber que através de signos da arte é possível desenvolver um pensamento crítico da sociedade. Antes de tomar essa consciência vivia na ignorância reproduzindo e acreditando que a única maneira eficaz de desenvolver uma aprendizagem era pela razão, pela lógica científica e desconsiderava outras perspectivas de

assimilação de conhecimento. Não me foi apresentado outras abordagens, nem eu estava atenta a percebê-las, apesar de ser uma pessoa muito sensível. Mas, nunca é tarde para se aprender.

No estágio de docência chegou o momento em que eu deveria ministrar minha aula, e eu só desejava levar meu grupo de reisado para abrilhantar a aula e transmitir seus saberes. O texto que me foi proposto para trabalhar foi “Arte-educação pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem triangular de Ana Mae Barbosa, ela é uma educadora brasileira, pioneira em pós-graduação em ensino de Arte.

Ana Mae desenvolveu uma abordagem triangular onde considera três elementos principais: o artista, o espectador e a obra de arte. O objetivo é promover uma compreensão mais ampla e participativa, incentivando o envolvimento ativo de todos os envolvidos no processo artístico. Assim, a abordagem busca desenvolver a criatividade, a sensibilidade e o pensamento crítico dos estudantes, tornando a experiência artística mais dinâmica, criativa e conectada com a realidade de quem aprende. Essa abordagem é composta por três elementos principais: o fazer, o pensar e o contextualizar, que juntos formam um triângulo que orienta a prática pedagógica.

Pensando em articular a aula, pensando em como desenvolver o pensamento crítico dos estudantes, que já é uma luta pessoalmente minha, visto que, também sou professora da rede estadual do estado de Pernambuco, e desejo munir meus alunos com instrumentos e mecanismos para que eles sejam capazes de se emanciparem e se desenvolverem nessa sociedade tão desigual. Então quis sistematizar as ideias do texto para a aula, através de elementos artísticos que elevassem o senso crítico dos estudantes.

Para conduzir minha aula me apoiei na frase extraída do texto “A arte-educação é necessária para a formação de indivíduos mais plenos.” Foi minha base de sustentação e legitimação.

Ana Mae se tornou minha aliada, ela propõe estimular a consciência dos alunos em sermos indivíduos colonizados. Eu como professora de história, busco a todo tempo influenciar e estimular os alunos a pensar sobre os prejuízos e como as marcas

da colonização ainda estão presentes nos dias de hoje, como essas marcas nos constituem, nos dizem sobre o nosso povo. A nossa estética e modelos de produção de arte tem marcas dessa colonização degradadora.

O barroco brasileiro encomendado pelos senhores, foram produzidos principalmente pelos escravos, foi nosso primeiro signo cultural nacional, mas com a invasão cultural da França, com a Escola neoclássica, o barroco passou a ser símbolo de distinção social. Percebe-se que, com a abordagem triangular é possível evidenciar e contextualizar criticamente as estratégias sociais de controles e manipulações.

Em arte-educação a Proposta Triangular, que até pode ser considerada simplificadora comparada com os parâmetros das nações centrais, tem correspondido à realidade do professor que temos e à necessidade de instrumentalizar o aluno para o momento em que vivemos, respondendo ao valor fundamental a ser buscado em nossa educação: a leitura, a alfabetização (Barbosa, 1995).

Para Paulo Freire o indivíduo é mergulhado em experiências de vida da infância a vida adulta. Portanto, é preciso vivenciar para aprender quem você é, qual a sua história. A educação popular incide a partir da realidade do povo e vai agir na construção da formação crítica dos indivíduos. A educação popular valoriza a questão cultural, essa valorização contribui no desenvolvimento do indivíduo dentro da sociedade.

Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora (Barbosa, 1995). Por isso minha luta continua sendo a emancipação de indivíduos, agora por meio também da arte-educação. Pela arte como expressão e pela cultura na operação ensino-aprendizagem, para valorizar a arte local e o incentivo à expressão individual.

Tais análises e experiências me afirmam enquanto agente capaz de conduzir e continuar com essa luta, tais análises e experiências permitem abrir novos horizontes para alunos/crianças/jovens/educandos em formação e em vivências, em

experiências de mundo, seres que habitam corpos reais, corpos que devem sentir e vibrar, e verdadeiramente viver.

Desejar ser professora cartógrafa é pensar e criar experiências-aprendizados. É pensar quais composições de linguagem favorecem condução, estimulação de aprendizagens. É pensar como as intensidades que percorrem meu corpo podem encontrar os corpos que pretendem compreender-contagiar. É criar novos sentidos.

Conduzi minha aula do estágio dentro dessas perspectivas, utilizei meu grupo de reisado como esse decodificador cultural para a libertação e emancipação, porque ele conta nossa história, nossa ancestralidade, nossa cultura, porque o reisado é um fazer artístico coletivo, e por conta das suas potencialidades do ver.

As cores, os sons, o encanto do reisado é manifestado e depositado de forma sensorial nos corpos de quem admira, brinca, participa, reverbera. São elos que unem os participantes, os componentes, os promovedores e expectadores, elos que uniram comunidades, famílias, trabalhadores e agricultores passados.

Além do texto proposto pelo meu professor do estágio, para sustentar e embasar minha aula, eu trouxe ensinamentos de Deleuze, sobre sua percepção acerca da aprendizagem humana. Utilizei o texto “PROUST-DELEUZE: do aprendizado da vida ao aprendizado da arte”. Deleuze tem uma célebre frase que diz: “A arte é o destino inconsciente do aprendiz”. A ideia filosófica apresentada por Proust e Deleuze consiste em explicar que o pensamento depende de um encontro com alguma coisa que força a pensar, a procurar o que é verdadeiro, e isso não vem através da inteligência. Essa força vem do caminhar, vem das paixões que se descobrem pelo caminho. Somente pela arte, na sua potência de atormentar, de interrogar vitalmente é que compete à busca da verdade. A verdade se descobre no acaso, pela força do pensar que acontece através da paixão descoberta.

Através da conversa entre os textos apresentei aos alunos novas formas de pensar a assimilação da aprendizagem humana, em contraste com aquela assimilação racional, lógica e dolorosa.

Estimulei o debate através da construção de palavras chaves sobre o texto, sobre a apresentação do meu grupo de reisado, palavras chaves relacionadas a campos sensoriais, estimulando os alunos a pensar além do racional. A pensar através do corpo que vibra. Por isso a escolha por levar o grupo de reisado, por conta da sua potencialidade do ver, do transmitir, do vibrar.

Desenvolver e pensar o reisado para se conquistar uma educação de qualidade e inclusiva, afim de promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, é necessário, pois o reisado é um ambiente de educação popular sem precedentes, vivenciar suas práticas é fortalecer a memória e as novas formas de criação de saberes e perspectivas de ancestralidade, tradição e contemporaneidade. A memória e identidade do povo de Caruaru-PE, principalmente das zonas rurais onde predominavam essas práticas culturais devem ser resgatadas para darem sentido à sua coletividade. A construção do indivíduo deve ser moldada através das referências dos seus ancestrais pois dão sentido ao seu ser, deve-se ser lembrado e vivenciado para que a cultura popular ganhe força.

Assim, pensar uma educação estético-cultural possibilita o reconhecimento das representações sociais do reisado na constituição dos saberes dos indivíduos em sua completude individual e social. Torna-se possível a produção de resultados de aprendizagens relevantes e eficazes, garantindo a promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável. Fortalecendo, dessa maneira a autonomia e a coletividade que se faz presente nas práticas educativas do reisado. O ser atuante e conhecedor da sua história viabiliza a convivência na sociedade, viabiliza a narração das suas histórias e origens, viabiliza a autenticidade das suas tradições.

O reisado como expressão cultural emerge como uma manifestação enraizada na tradição local, desdobrando-se como um legado vivo que transcende a mera expressão artística,

honrando a ancestralidade dos nossos saberes, fortalecidas e fortalecidos pelas músicas, danças, gestos, passos, instrumentos.

Ao assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, os integrantes dos grupos de reisado têm mais autonomia para dizer e contar nossas tradições. Assim, partindo da perspectiva do reisado a reprodução dos seus saberes vai transformar diretamente a realidade social dos indivíduos da nossa região, através da construção de um valor cultural. É preciso valorizar os processos culturais dentro da nossa região, capacitar e emancipar os agentes culturais passados e presentes.

Por isso, através das minhas percepções e experiências pessoais no processo de assimilação do ensino-aprendizado vi que é possível sim, aprender e se emancipar através da arte-educação. A vivência me mostrou a importância de aprender com a conexão-corpo-estímulos e me fez pensar quais outros campos de aprendizagens sociais poderiam ser transformados através desse saber.

Por isso, meu compromisso social agora, é tornar-me uma professora-brincante-cartógrafa-popular que vive/ensina por meio de experiências-aprendizados elaborados pelo corpo que vibra.

## Referências

BRANDÃO, Theo. *O reisado alagoano*. 2ª edição. Alagoas. Editora Edufal, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. *Comunicação e Educação*, São Paulo, 21: 59 a 64, jan./abr. 1995.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. São Paulo: Editora 34, 2022.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução Hélder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARIAS, Rafael Rolim. *Reis coroados: um olhar sobre a brincadeira do reisado discípulos de mestre Pedro*. Universidade Federal da Bahia Escola de Teatro – Escola de Dança Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador, 2011.

FILHO, Kleber Prado e Teti, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, nº38, p.45-59, jan./jun.2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa*. 74ª edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer Teoria e Prática em Educação Popular*. 4ª Edição, Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda, 1993.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica Cartografias do Desejo*. 4ª Edição, Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda, 1996.

LARROSA, Jorge. *Tremores Escritos sobre experiência*. 1ª edição, São Paulo, Autêntica Editora, 2015.

MOURA, Márcia. *Pedagogia da reverência à cultura popular*. Recife-PE, Editora Sesc Revice, 2023.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental Transformações contemporâneas do desejo*, 2ª reimpressão, Porto Alegre, RS, Editora da UFRGS. PASSOS, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Org.). *Pistas do Método da Cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre – RS, Editora Sulina, 2009.

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó; FILHO, Luís Massilon da Silva; CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mário de Faria. Cartografia e imaginário: encruzilhadas teórico metodológicas nos territórios da pesquisa em educação. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo (SP), v.11, n.28, p. 908-927, set./dez. 2023.

SORDI, Regina Orgler. Proust-Deleuze: do aprendizado da vida ao aprendizado da arte. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 61, n. 3, 2009.



A obra problematiza os modos de escrita acadêmica herdados do discurso hegemônico da modernidade, ainda presente na Educação, ao apostar em diferentes estéticas escriturísticas, potencializando as vidas de estudantes do PPGEduc/CAA/UFPE, que re-existem em poéticas da imanência ao criarem outros possíveis quando afirmam uma dimensão ético-estético-política para o *pensarfazer* a pesquisa em Educação.